



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
PROGRAMA DE MESTRADO**

LALO NOPES HOMRICH

**AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DA EDIÇÃO NO
TELEJORNALISMO: UMA ANÁLISE SOBRE AS
REPORTAGENS NA COBERTURA DOS
ATENTADOS EM SANTA CATARINA
(2012 – 2014)**

**Florianópolis
2015**

LALO NOPES HOMRICH

**AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DA EDIÇÃO NO
TELEJORNALISMO: Uma análise sobre as reportagens na
cobertura dos atentados em Santa Catarina (2012 – 2014)**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Jornalismo da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda
Emerim

**Florianópolis
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor
Maiores informações em:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Lalo Nopes Homrich

**AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DA EDIÇÃO NO
TELEJORNALISMO: Uma análise sobre as reportagens na
cobertura dos atentados em Santa Catarina (2012 – 2014)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de junho de 2015.

Prof. Dr. Francisco José Castilhos Karam
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cárilda Emerim
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Jeana Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Fabiana Piccinin
Universidade de Santa Cruz do Sul

AGRADECIMENTOS

Com muito amor agradeço, principalmente, a minha mãe, Adriane Nopes por me inspirar a buscar conhecimento na academia, onde encontrei muitas respostas ao longo destes dois anos.

Ao meu pai, Carlos Augusto Homrich Filho, ao meu irmão Caetano Nopes Homrich, aos meus avós, Nelson e Jeanete Nopes por acreditarem na importância desse projeto para minha carreira como jornalista.

As minhas grandes amigas Luciana Corrêa e Talita Rosa e ao meu amigo Fernando Bastos estarem perto e dividirem comigo esse período da minha vida.

A minha orientadora, Cárlica Emerim por todos os ensinamentos e lições, pelo carinho e dedicação, fundamentais para minha formação como um pesquisador em telejornalismo.

Ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e à CAPES que me ofereceram não apenas a oportunidade, mas também todo o suporte necessário para que eu pudesse desenvolver este trabalho da melhor maneira possível.

As emissoras RIC TV Record, RBS TV e a Polícia Militar de Santa Catarina por disponibilizarem os materiais necessários para a realização desta pesquisa.

E também, a Deus por me dar forças e pensamentos positivos para concluir esse ciclo tão intenso, que é o mestrado.

Mais uma face do mesmo eu!
Maria Gadú

RESUMO

A dissertação tem como objeto de estudo a edição das reportagens televisivas produzidas no interior de uma cobertura com vistas a compreender as funções discursivas da edição neste tipo de produto televisual. Para tanto, sistematiza a cobertura realizada por dois telejornais regionais de Santa Catarina, exibidos em tevê aberta para todo o Estado, o RBS Notícias da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS TV) o RIC Notícias, da Rede Independência de Comunicação (Ric Record SC), sobre as quatro ondas de atentados a ônibus e delegacias ocorrida entre os anos de 2012 e 2014 e o julgamento dos envolvidos. Estas ondas se caracterizaram por ataques criminosos contra ônibus, sedes de delegacias, residências de agentes, policiais e até mesmo de civis. A pesquisa analisou em profundidade a Quarta Onda, de setembro a outubro de 2014 que, segundo a Polícia Militar, contabilizou 115 ocorrências ao longo de 33 dias de atentados, somando 15 horas de exibição de material produzido pelas duas emissoras catarinenses em 53 telejornais. Para tanto, selecionou 18 reportagens, nove de cada telejornal, sobre as quais empreendeu um percurso de análise que contempla descrição geral, descrição interna e análise (geral, interna e comparativa) buscando estabelecer categorias específicas sobre a edição de reportagens em cobertura televisiva. Os fundamentos teóricos desta dissertação recorrem a Teoria do Jornalismo que se preocupa com os critérios de noticiabilidade e modelos de produção articulada com os preceitos da Semiótica Discursiva, para compreender as funções que a edição assume neste processo produtivo da reportagem televisiva no interior de uma cobertura.

Palavras-chave: Telejornalismo; Edição; Cobertura Televisiva; Funções Discursivas; Atentados em Santa Catarina.

ABSTRACT

The dissertation has as an object of studying the television news report editing produced inside of a coverage focusing on the understanding the discursive functions of editing in this type of television spring. In order to, it systemizes the coverage performed by two regional news broadcast of Santa Catarina, exhibited on open channel to the whole state, RBS Notícias da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS TV) and RIC Notícias, da Rede Independência de Comunicação (Ric Record SC), about the four attack waves to the buses and Police precincts occurred between 2012 and 2014 and the trial of the evolved ones. These waves were known by criminal attacks against buses, police precincts, police officers' houses, agents, and even citizens. The research analyzed deeply the Fourth Wave, from September to October 2014 which, according the Military Police Department counted 115 attacks along 33 days of the attempt, summing up 15 hours of broadcasting of the produced material by the two channels of Santa Catarina on 53 TV News. To do so, it selected 18 news reports, nine ones of both TV news, about which engaged a long path of analysis that covers general description, internal and external, (general, internal and comparative) reaching to establish specific categories about the news report editing on television coverage. The theoretical fundaments of this dissertation heads up to the Journalism Theory which concerns with the criteria of noticeability and the models of production webbed with the precepts of Discursive Semiotics, to understand the functions that editing assumes in this productive process of television broadcast inside of a coverage.

Keywords: Telejournalism; Editing; Television Coverage; Discursive Functions; Criminal Attempts in Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Espelho RBS Notícias.....	119
Figura 2: Espelho RIC Notícias	120
Figura 3: Frames de decupagem do RBS Notícias.....	134
Figura 4: Frames de decupagem do RIC Notícias.....	168
Figura 5: Frames movimentos óticos RIC Notícias	211
Figura 6: Frames movimentos óticos RBS Notícias	211
Figura 7: Frames movimentos mecânicos RBS Notícias	211
Figura 8: Frames movimentos mecânicos RIC Notícias	212

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Conceitos de edição 1	069
Tabela 2: Conceitos de edição 2	071
Tabela 3: Categorias de análise	101
Tabela 4: Sistematização dos Programas	110
Tabela 5: Cobertura RBS Notícias: Primeira Onda de Atentados	110
Tabela 6: Cobertura RIC Notícias: Primeira Onda de Atentados	111
Tabela 7: Primeira Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	111
Tabela 8: Cobertura RBS Notícias: Segunda Onda de Atentados	111
Tabela 9: Cobertura RIC Notícias: Segunda Onda de Atentados	112
Tabela 10: Segunda Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	112
Tabela 11: Cobertura RBS Notícias: Terceira Onda de Atentados	112
Tabela 12: Cobertura RIC Notícias: Terceira Onda de Atentados	113
Tabela 13: Terceira Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	113
Tabela 14: Cobertura RBS Notícias: Julgamento dos Atentados	113
Tabela 15: Cobertura RIC Notícias: Julgamento dos Atentados	114
Tabela 16: Julgamento dos Atentados: Total da Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	114
Tabela 17: Total de Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	114
Tabela 18: Cobertura RBS Notícias: Quarta Onda de Atentados	115
Tabela 19: Cobertura RIC Notícias: Quarta Onda de Atentados	115
Tabela 20: Quarta Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	116
Tabela 21: Sistematização do RBS Notícias da Quarta Onda.....	117
Tabela 22: Sistematização do RIC Notícias da Quarta Onda.....	118
Tabela 23: Sistematização dos resultados	222

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	018
1 PERSPECTIVAS DA EDIÇÃO	029
1.1 PERCURSO HISTÓRICO DA EDIÇÃO	029
1.1.1 Na Fotografia	032
1.1.2 No Cinema	036
1.1.3 Na Televisão	041
1.2 EDIÇÃO E TECNOLOGIA	047
1.3 DAS ROTINAS DE UM TELEJORNAL AO LUGAR DA EDIÇÃO	052
1.4 SOBRE O CONCEITO DE EDIÇÃO	058
2 PRECEITOS DA ANÁLISE SEMIÓTICA EM EDIÇÕES TELEJORNALÍSTICAS	073
2.1 O PROCESSO DISCURSIVO DAS MÍDIAS	078
2.2 O PROCESSO DISCURSIVO DA EDIÇÃO NO TELEJORNALISMO.....	080
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DAS EDIÇÕES	092
3.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO	103
3.2 SISTEMATIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	109
3.3 ANÁLISE DOS TELEJORNAIS E DAS REPORTAGENS SELECIONADAS.....	119
3.3.1 Análise Geral do RBS Notícias.....	121
3.3.2 Análise Geral do RIC Notícias	125
3.3.3 Análise Geral Comparativa dos Telejornais.....	129
3.3.4 Análise Interna do RBS Notícias.....	133
3.3.5 Análise Interna RIC Notícias	168
3.3.6 Análise Interna Comparativa dos Telejornais.....	202
CONCLUSÕES	205
REFERÊNCIAS	224

INTRODUÇÃO

A presença da TV na vida dos brasileiros ainda é muito forte como mostra a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em 2012, pois, aponta que o número de domicílios particulares que têm pelo menos um aparelho de televisão supera os que têm geladeira. Em 2011, 59,4 milhões de lares tinham televisão (96,9%), entretanto, o número de casas que tinham geladeira era de 58,7 milhões (95,8%)¹.

O perfil dos telespectadores continua sendo composto em sua maioria por mulheres (53%) e 47% são do público masculino. A faixa etária que mais consome produtos televisivos é entre 20 e 29 anos, seguida pelos indivíduos com 30 a 39 anos. O alcance da televisão nas regiões do Brasil está organizado da seguinte forma: a região que mais possui aparelhos de televisão é a Sudeste, presente em 97,7% das residências; seguida pela região Sul (96,8%), Centro-oeste (95, 4%), Nordeste (91, 6%) e Norte (88,3%). (MÍDIA DADOS, 2011)

Isso reforça que apesar do crescimento de outras mídias a situação das empresas de televisão segue bastante confortável no país, e não apenas por ser a mais privilegiada na divisão das verbas publicitárias com 63% dos investimentos por ano, mas pelo aumento de seu consumo, que cresceu 15% entre os anos 2000 e 2010. (MÍDIA DADOS, 2011)

Levando em consideração a história do meio, pode-se dizer que a importância da produção televisiva nacional deve-se ao fato de que a mídia se desenvolveu extraordinariamente desde o seu surgimento no Brasil, em 1950, principalmente no âmbito das produções ficcionais, com telenovelas e minisséries, referência no mundo e exportada para diferentes países, frequentemente premiadas pela qualidade técnica e de conteúdo. Mas se, por um lado, o entretenimento conseguiu aprimorar-se e buscar alternativas para permanecer no foco de interesse da população brasileira, influenciando gerações com modismos, trejeitos e trazendo debates sociais pelas suas produções; de outro, o jornalismo de televisão permaneceu fiel as suas origens, restrito a alguns paradigmas e sem mudanças significativas e/ou relevantes ao longo dos anos. Mas, é impossível negar que o telejornalismo brasileiro tem grande influência sobre a sociedade desde o início.

¹ Dados sobre estas pesquisas recentes podem ser acessados no site <http://www.ibge.gov.br/>

Muito embora vários telejornais tenham feito história e, marcado o imaginário coletivo como o Repórter Esso (TV Tupi/SP); o telejornal brasileiro que trouxe grandes inovações, inclusive no modo de selecionar e editar as notícias foi, segundo Maia (2007), o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo de Televisão, que estreou em 1969. Este foi o primeiro telejornal a ser transmitido ao vivo em rede nacional para todo o país, buscou inspiração no modelo norte-americano de produção, construiu um padrão que alia tecnologia e comportamento menos opinativo em relação aos repórteres e apresentadores; sendo pioneiro também, ao apresentar reportagens a cores, mostrar imagens via satélite e em tempo real de acontecimentos nacionais e internacionais. Criado por uma equipe chefiada pelo jornalista Armando Nogueira, o JN é o mais antigo telejornal brasileiro ainda no ar, e não por acaso, seu modelo acabou sendo adaptado e assumido por outras emissoras brasileiras, tornando-se referência na condução dos telejornais, principalmente os noturnos.

Como bem aponta Pereira Jr (2009), a televisão, em particular o telejornalismo, ainda ocupa um lugar central na sociedade brasileira como um espaço de mediação entre os fatos do cotidiano e o mundo das notícias. Diante desta constatação, torna-se cada vez mais importante conhecer e estudar a fundo os processos produtivos da televisão brasileira, principalmente do telejornalismo, não só pela sua influência enquanto veículo de imagens e repercussão imediata, mas também, pelas estreitas relações que ele vem estabelecendo com a sociedade ao longo de seus mais de 60 anos. Entretanto, devido às transformações e convergências com outras mídias, os modelos hegemônicos estão sendo questionados e novas formas de apresentação vêm sendo cobradas pelo grande público, de diferentes emissoras.

Estamos vivendo o momento mais emocionante para o jornalismo desde o advento da televisão. E a era da internet está apenas começando. Em 2025, a maioria das pessoas no Reino Unido provavelmente irá escolher os seus programas de televisão pela internet. Em 2030, possivelmente, todo mundo agirá assim. A antena de TV terá o destino da máquina de escrever. (HARDING, 2015)²

² Artigo *O futuro do jornalismo, na visão da BBC*, disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/grandepequenaimprensa/_ed838_o_futuro_do_jornalismo_na_visao_da_bbc/

A afirmação do jornalista James Harding, da Corporação Britânica de Radiodifusão, BBC com sede em Londres, apresenta um desafio: compreender os rumos que a televisão está tomando. Desde 2014, a empresa se propôs a olhar para a indústria de notícias como um todo, e “você pode muitas vezes acabar parecendo um bobo ao tentar prever o futuro. Este exercício, no entanto, não é de prever a próxima década, mas de se preparar para ela” (HARDING, 2015). Desta forma, por verificar a necessidade de repensar os rumos de uma mídia que permanece forte, e também, por perceber que sobre a televisão no Brasil ainda há raras pesquisadas em profundidade, que surgiu o interesse em estudar este meio. Para tanto, foi escolhido um dos principais processos de construção de notícia nos telejornais que é a **edição** de reportagens, ferramenta fundamental para o funcionamento da linguagem televisiva, que além de ser um processo técnico pode ser também, um processo ideológico, pois, as diferentes possibilidades e modos de **editar** têm se constituído num poderoso artifício na construção de informação que articula a linguagem da imagem e os significados oriundos da cultura e da sociedade.

Embora o jornalismo reconheça a edição como um processo básico do seu fazer, pouco se dedica a compreendê-la a partir de sua capacidade de potencializar a informação na produção diária de um telejornal ao vivo e em tempo real. Em outra direção, nas redações, sobra muito pouco tempo para a discussão sobre os assuntos que foram veiculados ou a forma de abordagem realizada, pois a partir do encerramento do telejornal a equipe (produtores, editores, repórteres) já parte para o planejamento e a produção do programa do dia seguinte. Nas redações das emissoras comerciais é comum o estabelecimento de uma rotina desenfreada, ininterrupta de produção, o que dificulta uma avaliação mais cuidadosa sobre os conteúdos.

Considerando a edição um processo complexo, o presente trabalho visa aprofundar o olhar sobre a edição no telejornalismo, buscando compreender as funções que ela assume na construção da reportagem para televisão, principalmente aquela que se faz ao longo de uma grande cobertura.

Na revisão bibliográfica sobre o tema verificou-se que são poucas as publicações³ que se dedicam a tratar este assunto, e quando

³ Observou-se que há três tipos de publicações acadêmicas que tratam da edição: 1) os manuais de produção que sistematizam o modo de editar o material audiovisual – ensinam como a partir da gravação aquele material pode

fazem, abordam aspectos técnicos (nos manuais que indicam como fazer e em quais equipamentos); discutem as possibilidades ideológicas do processo, porém sem relacionar com elementos externos à narrativa e à possibilidade televisiva; ou ainda, tratam como um processo puramente operacional e manipulatório, sem evidenciar a natureza de seu sistema de organização. Outra constatação que foi percebida nesta etapa, refere-se ao próprio conceito de edição que embora tão comum à produção televisiva ainda não recebeu uma definição conceitual mais aprofundada.⁴

Sobre a **edição** em jornalismo, Pereira Jr (2009, p. 35) compreende como “*o processo de construção de uma narrativa audiovisual a partir da fase de montagem, de onde a notícia toma a forma de um produto*”. Isso implica, como se diz no jargão jornalístico, escolhas, cortes e emendas que resultam numa narrativa fragmentada, a partir do trabalho dos editores na manipulação e na exploração das imagens, estabelecendo uma estrutura definida para manter a atenção da audiência interativa do começo ao fim da reportagem. Ao selecionar os assuntos que serão divulgados e, organizá-los em blocos, os editores partem para a escolha das estratégias de edição em cada uma das matérias, assim, “(...) o objetivo dos editores é encontrar a continuidade narrativa para a imagem e para o som e refinar os planos visuais e sonoros que criarão a ênfase da narrativa”. (PEREIRA JR, 2009, p. 3).

Para Meirelles e Coutinho (2011) a **edição** é a etapa do fazer jornalístico, finalizadora na construção narrativa, é nela que se cria sentido e, dessa forma, envolve grande responsabilidade já que possibilita às distorções.

Mas, antes mesmo de editar o material para ser veiculado, o processo de produção de uma reportagem em televisão exige que se faça uma seleção sobre o que será noticiado, o que também pode ser compreendido como edição. Partindo da ideia de *seleção e combinação* advindas do dicionário e de *processo de construção de uma narrativa* (PEREIRA JR, MEIRELLES e COUTINHO) pode-se perceber que a

ser organizado de forma analógica ou digital, que programas de edição são utilizados e quais os passos básicos para esta produção -; 2) estudos e análises sobre os conteúdos dos produtos editados que em sua maioria remetem a compreensão da manipulação ideológica sobre esses conteúdos; 3) estudos técnicos que incluem a edição como um simples processo de produção e a sua análise recorre a eficácia ou a eficiência da tecnologia empregada na edição daquele produto.

⁴ A questão dos conceitos de edição será detalhada no capítulo um.

edição inclui selecionar o fato a ser recoberto de acordo com o veículo; depois desta seleção, opera ainda outras duas ações, emprega um tratamento discursivo e, através da organização narrativa (a edição das imagens) monta um produto audiovisual (caso da televisão) que possa narrar (para quem não esteve presente) de forma que seja compreendido (pelos receptores) o quê e como ocorreu, o que será noticiado.

O **processo de seleção**, de acordo com Zunczik (2002), equivale a restringir o volume de informações escolhendo os assuntos que merecem ser publicados; trata-se de uma ação comumente realizada por profissionais de comunicação que decidem quais os acontecimentos, fatos e informações devem ser noticiados, resultando num produto que contribui para construir junto à sociedade, a imagem sobre as coisas do mundo. Lage (2003) ressalta a importância deste processo, que o autor define como planejamento da edição, pois as matérias são produzidas (desde a escolha/seleção da pauta) a partir de enfoques específicos determinados com antecedência, passando por critérios complexos de avaliação. No entanto, há um fator maior que prevalece sobre os outros: quanto um assunto marca o dia ele se torna prioridade do telejornal devido à factualidade, uma das principais características do jornalismo que busca sempre algo novo para noticiar. Sousa (2002, p. 42) aponta que os meios “*selecionam a informação, de acordo com uma grelha interpretativa que valoriza determinados acontecimentos em detrimento de outros*”, optando, na maioria das vezes, pelo que é mais factual.

Deste modo, fica evidente que o processo de edição num programa de televisão se torna complexo, pois envolve não só a parte de finalização de uma reportagem para a sua exibição (determinada principalmente pela qualidade técnica do material produzido), mas também vários outros processos anteriores. Entre as escolhas que interferem diretamente na edição de um material em televisão está o critério de noticiabilidade. Segundo alguns autores, os fatores determinantes para a **seleção e divulgação** de uma notícia/informação podem ser elencados fundamentalmente como novidade, ineditismo e relevância (GROTH, 2011; LAGE, 2003; NOBLAT, 2008 e TRAQUINA, 2005). Sobre estes critérios, Lage (2003) complementa que as decisões de produção e edição de uma reportagem são desenvolvidas a partir de fatos geradores de interesse, abordados a partir de certa perspectiva editorial, pois não se trata apenas de acompanhar o desdobramento de um evento, mas explorar suas implicações, levantar antecedentes, investigar e interpretar.

Selecionados os assuntos, parte-se, então, para a produção da pauta, que posteriormente será executada por um repórter. Só depois de colhido o material pela equipe de reportagem é que se torna possível saber como será estruturada a notícia dentro do telejornal (devido à quantidade de fontes e de informações), podendo ser construída em formato de reportagem. No entanto, até a reportagem ser exibida ela precisa ser montada, onde são escolhidas as falas dos entrevistados, as imagens e o discurso textual que será empregado na mesma.

A partir destas considerações, para que seja possível compreender os processos que envolvem a edição de reportagens em um telejornal, esta pesquisa vai deter-se nas coberturas de dois telejornais catarinenses (RBS Notícias e RIC Notícias) sobre as ondas de atentados criminosos, principalmente, contra ônibus e bases policiais, ocorridas entre nos anos de 2012, 2013 e 2014.

Segundo relatórios da Polícia Militar de Santa Catarina, disponibilizados para a realização deste trabalho, a primeira onda de atentados ocorreu entre os dias 12 e 19 de novembro de 2012 (com 69 ocorrências em 19 municípios); a segunda onda de atentados de 30 de janeiro de 2013 a 7 de março de 2013 (com 114 ocorrências em 37 municípios); a terceira onda de atentados entre os dias 20 e 28 de maio de 2013 (com 15 ocorrências em 8 municípios); a quarta onda de atentados entre os dias 26 de setembro e 28 de outubro de 2014 (com 115 ocorrências em 32 municípios) e, finalmente, o julgamento dos envolvidos em alguns desses atos entre 9 e 18 de setembro de 2013 (quando 98 pessoas foram acusadas por participação nos crimes, sendo considerado este o maior julgamento da história no Estado).

Nos cinco períodos, os ataques ganharam grande notoriedade no noticiário local e, pelo impacto e violência, também no noticiário nacional, afinal, foram centenas de ônibus incendiados (principal alvo) em várias cidades catarinenses, fato nunca antes registrado no Estado, quiçá em outro Estado do país. Durante os atentados o transporte público, nos municípios afetados, trabalhou com horário reduzido e com escolta policial, prejudicando milhões de usuários que dependem dos coletivos. O comércio também sofreu perdas, pois as lojas foram fechadas mais cedo devido à violência. As ondas de ataques atingiram ainda bases das polícias civil e militar, escolas, além de carros e casas de agentes que sofreram disparos de armas de fogo, feitos pelos criminosos.

A escolha deste tema se deu justamente pela complexidade dos acontecimentos, pois, foram episódios que movimentaram a

sociedade, a polícia, o governo e também as facções criminosas em Santa Catarina por quase dois anos. O motivo para os crimes, segundo denúncia dos próprios envolvidos, se deve à atual situação do sistema prisional do Estado, que classificam como ineficiente, irregular e que viola as leis dos direitos humanos, de acordo com os detentos, que supostamente seriam os mandantes dos crimes.

Outro fator relevante para a escolha do tema, refere-se a facilidade do pesquisador ter acesso ao material de pesquisa, por trabalhar há três anos na RBS TV, e já ter trabalhado na RIC TV Record, emissoras analisadas, pois, atua na setor de telejornalismo local há sete anos. O intuito foi trazer para o universo acadêmico, reflexões que no dia a dia da profissão não são possíveis de serem realizados, devido à dinâmica produtiva.

Além disto, os impactos gerados pelos acontecimentos não se deu somente nos âmbitos já citados, uma vez que, a imprensa em geral, principalmente as emissoras locais de televisão, se propuseram a cobrir os acontecimentos de forma diferenciada das tradicionais, sobretudo na primeira onda de atentados. A emissora RBS TV, afiliada da Rede Globo em Santa Catarina, por exemplo, comprou coletes a prova de balas para as equipes de reportagem usarem durante a produção das matérias. Um equipamento que nunca foi utilizado antes, pois viu-se necessidade de proporcionar uma maior segurança aos profissionais, devido a grandiosidade dos acontecimentos, mesmo procedimento tomado pela RIC TV Record, afiliada da Rede Record em Santa Catarina.

De um modo mais amplo, ao se analisar esta cobertura, percebeu-se a relevância do objeto de pesquisa, visto que reúne diferentes critérios de noticiabilidade apontados pela Teoria do Jornalismo, portanto um importante acontecimento para discutir os processos televisivos contemporâneos, principalmente edição, devidos a sua abrangência, ao interesse das mídias no assunto, bem como os fatores sociais.

Nesta perspectiva, a dissertação se propõe a trabalhar com o seguinte **PROBLEMA DE PESQUISA**: Quais são as funções discursivas da edição no processo de construção de reportagens em coberturas telejornalísticas? Isso porque, como dito anteriormente, a compreensão da edição no telejornal, mais especificamente numa cobertura, parte do pressuposto de que muito desta prática se constitui de escolhas operacionais necessárias durante a elaboração de um programa televisivo.

Para responder essa questão, tendo em vista à hipótese elencada, foi utilizado como **OBJETO EMPÍRICO** às coberturas telejornalísticas de dois telejornais catarinenses sobre os atentados ocorridos entre os anos de 2012 e 2014: o RBS Notícias, produzido pela RBS TV (Rede Brasil Sul) em Santa Catarina e o RIC Notícias, produzido pela RIC TV Record (Rede Independência de Comunicação) em Santa Catarina.

Como as únicas empresas de televisão que trabalham com sistemas de arquivo (em Santa Catarina) e que poderiam disponibilizá-los foram a RIC TV Record e a RBS TV, assim, operacionalmente, definiu-se por estudar o material produzido pelas duas emissoras. Já a escolha dos telejornais RBS Notícias e do RIC Notícias se deu pela importância deles para a grade geral das emissoras, pois são apresentados em horário nobre (à noite), pela audiência e também pelo fato de terem feito uma cobertura mais completa do objeto estudado.

Para chegar à definição do **CORPUS** foi mapeado o número de programas exibidos pelos dois telejornais nos cinco períodos diferentes (na primeira, na segunda, na terceira, na quarta onda de atentados e no julgamento dos envolvidos nesses atos) chegando ao número de 165 telejornais produzidos pelo RIC Notícias e pelo RBS Notícias, neste período. Dos 165 telejornais foram observados 53 deles, sendo 24 RIC Notícias e 29 RBS Notícias, correspondentes à quarta onda de atentados, pois é a única onda em que a RIC Record dispõem dos arquivos completos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Dos 53 telejornais, analisados de forma geral, foram produzidas 827 laudas sobre diferentes assuntos, das quais, 81 laudas tratavam de assuntos específicos sobre a cobertura da quarta onda de atentados nos dois telejornais (totalizando 2 horas, 1 minuto e 23 segundos de produção). Assim, das 81 laudas foram selecionadas, para a análise de forma interna nesta pesquisa, 18 laudas que correspondem a 9 reportagens de cada emissora⁵.

Disposto o objeto empírico e o *corpus*, a pesquisa tem como **OBJETIVO GERAL** analisar as reportagens exibidas pelos dois telejornais escolhidos para compreender as funções discursivas que a edição assume no processo de construção de coberturas telejornalísticas durante os atentados em Santa Catarina. Os **OBJETIVOS ESPECÍFICOS** propostos para atender o objetivo da pesquisa, remeter a três procedimentos: a) discutir os conceitos de edição no jornalismo e

⁵ O detalhamento do processo analítico do *corpus* será apresentado no capítulo dois.

no telejornalismo; b) rever a Teoria do Jornalismo articulada com os preceitos da Semiótica Discursiva; c) analisar e verificar os efeitos de sentido produzidos pela edição de reportagens em coberturas telejornalísticas.

Visando dar conta destes objetivos, o método atualizado foi de caráter empírico dedutivo (metodologia interpretativa), articulado com os preceitos da Semiótica Discursiva, de inspiração francesa, decorrente principalmente, dos estudos de Algirdas Julien Greimas e Louis Hjelmslev, para compreender as relações que dão sentido a edição, ou seja, *o que ela diz e como faz para dizer o que diz*⁶. Segunda, Lúcia Santaella (1983, p.15), Semiótica “*é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis*”. Winfried Nöth (1995, p.19), também corrobora com esta acepção e complementa que “*a semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura*”. Pode-se compreender, então que, a investigação que tenha como base a Teoria Semiótica ocupa-se de abordar:

(...) virtualmente todas as áreas do conhecimento envolvidas com as linguagens ou sistemas de significação, tais como a linguística (linguagem verbal), a matemática (linguagem dos números), a biologia (linguagem da vida), o direito (linguagem das leis), as artes (linguagem estética) etc. (PRATES, 2000, p. 01)

Diante do exposto, para realizar a análise proposta foi utilizado um processo definido como **decupagem**. Decupagem é o processo de decomposição de materiais audiovisuais, que permitem entender como funciona a organização dos objetos, divididos nesta pesquisa em dois momentos: decupagem geral e decupagem interna. A decupagem geral analisa a organização do programa como um todo, observa como o programa está inserido no texto televisivo (ou seja, a programação) e a sua organização, possibilitando, a partir da observação dos espelhos dos telejornais exibidos durante a cobertura dos atentados. A decupagem interna mostra parte desse todo, examinando características mais específicas, ou seja, os elementos que compõem uma reportagem.

⁶ A teoria que embasa a pesquisa será apresentada no capítulo dois.

Para construir os elementos de análise, (apresentados no capítulo três) partiu-se do processo produtivo para a construção de um material audiovisual: imagem, som, texto e grafismo, e a estrutura de organização desses elementos. Mais especificamente, analisa as primeiras categorias referentes ao ponto de vista da imagem, como, cor, ângulo, composição dos objetos em cena, enquadramento e luz; do ponto de vista do som, o tom, a intensidade, a ausência (silêncio), trilha sonora (sobe som ou baixa som), tipo de som (grave, agudo, alto, baixo, etc.); do ponto de vista do texto, o que diz e como diz; do ponto de vista do grafismo: o que mostra e como mostra e do ponto de vista da estrutura de organização, a divisão interna do material – reportagem (off, sonoras, passagem) e cortes (corte seco, com efeito, sem cortes, etc.).

Na decupagem geral estes elementos (que a semiótica define como mecanismos expressivos) foram observados de forma mais quantitativa prevendo verificar quais, com e com que frequência aparecem no material analisado. Na decupagem interna serão analisados em profundidade os elementos elencados, relacionando todos os sistemas em jogo. Para dar conta deste propósito, seguiu-se verificar os pressupostos apresentados nos livros técnicos do fazer televisivo, como também os que tratam da linguagem e da gramática cinematográfica.

Para tanto, esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo discute a edição no jornalismo de televisão, apresentando sub-capítulos que recorrem a um processo cronológico e tecnológico: a edição e a sua importância, a edição no cinema, a edição na TV e no telejornalismo, as mudanças no processo de edição, entre outros assuntos relacionados, a partir de textos de autores como Sergei Eisenstein (1949), Iluska Coutinho (2003), Maria Izabel Oliveira Szpacenkopf (2003), Vizeu Pereira Junior (2009), Dancynger (2003) e etc.

O segundo capítulo procura delimitar a articulação entre a Teoria Semiótica e a gramática televisiva. O fio condutor do capítulo perpassa as abordagens discursivas do jornalismo e da mídia em geral, encontradas principalmente nos trabalhos de Algirdas Greimas (1969) e Louis Hjelmslev (1967), articulando com autores mais contemporâneos como Eliséo Veron (1983, 2003, 2004), Patrick Charaudeau (1996, 2003, 2009), Elizabete Duarte (2004), François Jost (2011), entre outros.

No terceiro capítulo apresenta-se o percurso metodológico de análise empregado neste trabalho, apontando como se deu a seleção do corpus e como foram construídas as etapas e as categorias da análise. Na

sequência, analisam-se as especificidades dos telejornais e das reportagens selecionadas.

No final serão relacionadas às considerações finais de cada etapa da análise em relação às funções que a edição assume nas reportagens. É importante ressaltar que não se trata de um fechamento sobre o tema que se acredita extremamente importante de ser discutido sobre diversos outros âmbitos no qual esse trabalho enfatiza apenas um deles.

1 PERSPECTIVAS DA EDIÇÃO

Abrir e fechar os olhos, falar ou calar-se, ouvir ou não ouvir. O que parece, a princípio, apenas ações ou reações humanas pode ser compreendido, também, como um processo de escolha que, num aspecto bem específico pode ser aproximado à noção da palavra edição. Quando se está diante de uma situação qualquer, fechar os olhos ou virar o olhar nos permite entender de modos diferentes à cena apresentada. Isto porque estas ações do olhar constituem-se em fragmentos do todo que está sendo exibido, vivenciado ou apresentado a nossa frente.

Esta situação pode, *grosso modo*, ser comparada ao processo de edição, que se define por selecionar e organizar o que se vê. Pode-se vivenciar ou sentir as coisas do mundo empregando algumas ferramentas cerebrais que permitem escolher ações e emoções, tais como o desejo, a vontade, a necessidade, a obrigação, o medo, enfim, tantos outros sentimentos que ficam marcados no registro emocional. De qualquer modo, a ideia da escolha e da seleção parece inerente a este processo. Se estes processos estão ligados aos atos comuns do cotidiano, parece fácil definir a sua função e atuação em outros âmbitos, como na imprensa, por exemplo. Mas não é bem assim.

O conceito de edição, fundamental a esta dissertação, será tratado neste primeiro capítulo, apresentado por um percurso histórico e etimológico, na perspectiva de se compreender como o processo de editar está presente na história da imprensa desde o seu surgimento mais concreto, na imprensa escrita, até migrar para outras formas de produção midiática. Na sequência, se trará à discussão alguns conceitos dispostos por diferentes autores e, por último, o trabalho pretende rever um conceito sobre a edição em telejornalismo, tentando apresentar uma organização do processo para se compreender cada fase da edição dentro deste fazer.

1.1 PERCURSO HISTÓRICO DA EDIÇÃO

Foi na pré-história, segundo Caldeira (2002) que o homem começou a desenvolver técnicas de comunicação, além da fala, dos gestos, da escrita, etc., deixando mensagens nas paredes de cavernas. Apesar de ser uma técnica simples, com esse tipo de representação, trocavam mensagens, passavam ideias, transmitiam desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas. Mas

se pode intuir que esse simples ato constituía um tipo de edição, pois as figuras retratadas faziam parte da vivência e da experiência daqueles homens que supostamente não registravam o todo de sua existência, mas as experiências mais marcantes que ficavam em suas lembranças.

Foi somente na antiga Mesopotâmia, hoje Oriente Médio, que a escrita foi elaborada e sistematizada. Por volta de 4000 a.C, os sumérios (povo da época) desenvolveram a escrita cuneiforme usando placas de barro, técnica que deu origem ao alfabeto. Depois, os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo que deu origem ao papel, na África. Mas o papel, tal como conhecemos hoje, surgiu na China no início do século II e sua importância, emerge no final da Idade Média com a expansão do comércio europeu, quando ele se tornou um produto essencial para a administração pública e para a divulgação literária, que caminhava ainda a passos lentos. Mas a grande virada ocorreria em 1397, na Alemanha, quando Johann Gutenberg inventa a tipografia, um processo de impressão móvel que permitia a reprodução em série de manuscritos e a confecção de livros e jornais de forma industrial, embora rudimentar. A partir daí o mundo não seria mais o mesmo.

O novo contexto permitiu a montagem dos textos para que coubessem nos espaços tipográficos e moldes dos maquinários da época. Neste processo já se apresentava ações de edição do ponto de vista técnico, como também do ponto de vista da condução das narrativas, visto que, era possível aumentar ou diminuir o tamanho dos textos; possibilitando também, alterá-los na tentativa de deixá-los mais bem redigidos ou, mesmo, mudar/direcionar a sua interpretação. Primeiramente, uma manipulação pragmática e, posteriormente, ideológica. Assim começa a surgir, de forma profissional, à imprensa e os primeiros jornais do mundo. Nos séculos XVIII e XIX, os líderes políticos tomaram consciência do grande poder que os jornais poderiam ter para influenciar a população, com isso investiu-se na proliferação dos jornais de facções e jornais partidários, na Europa e nos Estados Unidos.

No livro “História do Jornalismo no Brasil” (2007) são destacados alguns fatores socioculturais que, segundo Marques de Melo (1973) tornaram o produto impresso dispensáveis em largo período da história colonial, enquanto em outros países o jornal impresso já era um sucesso. São eles: 1. A natureza feitorial da colonização, 2. O atraso das populações indígenas, 3. A predominância do analfabetismo, 4. A ausência de urbanização, 5. A precariedade da burocracia estatal, 6.

Incipiência das atividades comerciais e industriais, 7. O reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos.

Para se ter uma ideia, o primeiro jornal impresso no país foi a *Gazeta do Rio de Janeiro* lançado em 10 de março de 1808. O jornal, segundo Romancini e Lago (2007), proclamava-se não oficial, mas era certamente oficioso, pouco voltado à crítica e à realidade local, o que não interessava era editado ou jogado fora. Não por acaso desaparece em 1821, quando começa a ser publicado o *Diário do Governo*. Outro jornal pioneiro do Brasil foi o *Correio Braziliense*, fundado em junho de 1808, que era impresso em Londres, sem submeter-se à censura. Assim, de acordo com os autores, é esta publicação que se deve um real pioneirismo em termos de jornalismo no país, e é frequente o destaque dado a Hipólito da Costa como o “primeiro jornalista brasileiro” – ainda que existam controvérsias.

Entende-se, portanto, que a edição faz parte da natureza da profissão jornalística, que em princípio, feito somente com os textos escritos e que, posteriormente, passa também a existir na imprensa para outras formas, como as imagens, que foram inseridas ao longo dos anos.

Merece destaque, no contexto da modernização da imprensa no Brasil, o surgimento do periodismo, em particular o satírico, que começou a usar ilustrações, no segundo reinado. De acordo com Romancini e Lago (2007), antes que melhorias técnicas permitissem a reprodução de fotografias, os jornais ilustrados traziam imagens, não somente caricatas, mas também a representação realista de pessoas e fatos, bem como, mapas e paisagens, utilizando gravuras em metal, xilografia, e principalmente, litografia, que é a cópia de fotografias em pedras litográficas, por meio da qual se reproduzem imagens, como as de tropas de combate, por exemplo.

Foi com o incremento das máquinas e com a capacidade criativa do homem em utilizá-las, que realidade e ficção passaram a ficar cada vez mais difíceis de serem distinguidas, e essa evolução trouxe as imagens para a imprensa. A partir de 1880, a fotorreportagem passa a se desenvolver com a melhoria na sensibilidade dos filmes, permitindo os instantâneos e a construção de máquinas fotográficas de manejo mais prático, com mais mobilidade, dinamizando uma maior integração entre textos e imagens. A capacidade dada pelos homens às máquinas permitiu transformar luz em imagens, que eram reproduzidas no papel junto com textos; depois, fizeram estas imagens movimentarem-se, primeiramente no cinema e, depois, na televisão. Neste contexto está o jornalismo que, de acordo com Boni (2009), já surgiu em um universo

mediado por aparelhos, e sempre se serviu deles para contar fatos e repassar as informações.

Desta forma, nos itens a seguir, apresenta-se o percurso histórico da fotografia, do cinema e da televisão para se compreender como a edição foi se inserindo nas mídias visuais, construindo a percepção que se tem atualmente da TV.

1.1.1 Na fotografia

Pouco se imagina, atualmente, como seria viver sem as plataformas geradoras de imagens. Máquinas fotográficas, televisão, celular, computador, tablets, telas, são algumas ferramentas que permitem aos homens ver cenas e acompanhar coisas que não poderia se não fosse por esses aparelhos.

Pensemos quantas coisas aprendemos ou sabemos apenas por representações, por coisas que vimos através da televisão, por exemplo. São lugares, linguagens, comidas, uma variedade de elementos que foram adquiridas pela sociedade sem fazer parte da cultura local, seduzidos por uma imagem que foi mostrada, apresentada.

A sensação de estar sendo preenchido por informações novas, que vão muito além da rotina de cada um, fez o homem, praticamente, se tornar dependente dessas ferramentas. A fala permite a relação pessoal, com ela seria possível saber sobre o mundo apenas pela ótica de vizinhos, parentes e amigos, pessoas que conhecemos. Com as imagens, o ser humano passou a ter acesso a coisas que antes nem poderia pensar existir, passou a ver um mundo novo.

As imagens começaram a ser reproduzidas nas cavernas, como mostrado anteriormente, no entanto a profissionalização veio com a arte, com a pintura que acompanha o ser humano por toda a história. Ainda que durante o período grego clássico não tenha se desenvolvido tanto quanto a escultura, foi uma das principais formas de representação dos povos medievais, do Renascimento até o século XX.

A partir do século XIX com o crescimento da técnica de reprodução de imagens, na Revolução Industrial, a pintura de cavalete perdeu o espaço que tinha no mercado. Os artistas da época eram usados inclusive pelo jornalismo impresso. Eram esses profissionais que desenhavam e representavam acontecimentos mostrados nas folhas de reportagens, o que deixou de existir com a chegada da foto.

No começo da fotografia, vários elementos da arte pintada eram empregados a ela, o principal era a utilização da câmara escura,

também usada pelos artistas Renascentistas. Conforme descreve Risson (2002), a câmara era uma grande caixa capaz de abrigar um homem em seu interior, com um pequeno orifício em uma de suas faces, permitindo a visualização de qualquer objeto iluminado que fosse posto diante dela, com isso era possível obter a imagem projetada como modelo para pinturas. A máquina fotográfica pode-se afirmar é o resultado do esforço de mecanização dessa câmara escura.

A primeira máquina de foto foi apresentada na Academia de Ciências e Artes de Paris em 1839, chamada de Daguerreotipo, em homenagem a Louis-Jacques Mandé Daguerre, um dos grandes pesquisadores da área, juntamente com Joseph-Nicéphore Niépce. Enquanto o daguerreótipo ultrapassava fronteiras e se tornava uma verdadeira mania na Europa e nos Estados Unidos o pesquisador inglês Henry Fox Talbot divulga outro invento relacionado à área da imagem, o Calótipo, um tipo de procedimento que permitia a criação de um negativo da imagem.

O que havia sido um problema para Niépce é visto por Talbot como a possibilidade de se gerar uma matriz que pudesse dar origem a cópias de imagens. Surgia, assim, a chance de produzir imagens em série, desta forma, criava-se a estrutura básica que iria nortear os conceitos de fotografia e, também da manipulação de imagens. Tendo em vista, o seu importante papel no universo dos meios de comunicação, a apropriação da foto pelo jornalismo torna-se um dos capítulos mais importantes da história da imprensa. Grande parte da força da fotografia advém do caráter simulatório da visão, quando as imagens passam a ser usadas como forma de “mostrar” os fatos.

Segundo Sousa (2002) a fotografia já foi encarada quase unicamente como o registo visual da verdade. Foi nesta condição que foi adotada pela imprensa. Hoje, segundo Sousa já se chegou à noção de que a fotografia pode representar e indiciar a realidade, mas não registrá-la, nem ser o seu espelho fiel. Apesar do potencial informativo da fotografia, os editores de jornais resistiram durante bastante tempo na utilização de imagens fotográficas. Esses editores desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica, e também consideravam que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante.

Baynes (1971) sugere que o aparecimento do primeiro tablóide fotográfico, o *Daily Mirror*, em 1904, marca uma mudança conceptual: as fotografias deixaram de ser secundarizadas como

ilustrações do texto para serem definidas como uma categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita. Hicks (1952) vai mais longe e considera que essas mudanças, ao promoverem a competição na imprensa e o aumento das tiragens e da circulação, com os consequentes acréscimos de publicidade e lucro, trouxeram a competição fotojornalística e a necessidade de rapidez, que, por sua vez, originaram a cobertura baseada numa única foto, exclusiva e em primeira mão — a doutrina do *scoop*. As mudanças nas convenções jornalísticas também fomentaram a investigação técnica em fotografia. A investigação levou ao aparecimento de máquinas menores e mais facilmente manuseáveis, lentes mais luminosas, filmes mais sensíveis e com maior grau de definição da imagem. (SOUSA, 2002 p. 13)

Neste contexto, na Alemanha, ocorre o nascimento do fotojornalismo moderno. Após a Primeira Guerra, floresceram nesse país as artes, as letras e as ciências e este ambiente repercutiu-se na imprensa. Assim, entre os anos vinte e os anos trinta do século XX, a Alemanha tornou-se o país com mais revistas ilustradas. A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo.

A atividade do fotojornalismo passou por várias transformações ao longo da história e também por várias fases, como aponta Sousa (2002). O autor afirma que os conflitos do pós-guerra representaram um terreno fecundo, sobretudo no que respeita às agências de notícias. Por volta dos anos sessenta, na segunda “revolução” do fotojornalismo, a concorrência aumentou na comunicação social, acentuando os aspectos negativos das concepções do jornalismo sensacionalista de que ainda se notavam indícios. Tal fato terá provocado, gradualmente, o abandono da função sócio integradora que os *media* historicamente possuíam, em privilégio da espetacularização e dramatização da informação. Ainda, de acordo com Sousa (2002), no fotojornalismo, esta mudança incrustou-se mais no privilégio dado à “captura do acontecimento sensacional” e na “industrialização” da atividade do que na reflexão sobre os temas, as novas tecnologias, as pessoas, os fotógrafos e os sujeitos representados. Mas as mudanças sucedem-se a um ritmo vertiginoso, e, cada vez menos anos medeiam entre as “revoluções” na atividade. Para exemplificar,

pode-se situar no início dos anos noventa uma nova vaga transformadora no domínio fotojornalístico. A terceira "revolução" liga-se, sobretudo, as possibilidades da manipulação e geração computacional de imagens. Assim, entre as questões de ética e deontologia das imagens publicadas na imprensa, a manipulação digital de fotografias passou a ser a mais debatida. Agora, no atual momento das mídias, vê-se muito a participação de fotos amadoras nos jornais impressos e até mesmo na televisão, enviadas pelo público.

No novo contexto de digitalização aparece, também, a edição. Antes somente os textos eram editados em detrimento de interesses pessoais e empresarias, no entanto, com a foto no computador e com os recursos gráficos modernos, ficou mais fácil manipular imagens e distorcer informações visuais, acrescentando ou tirando elementos que comprovassem uma realidade, mesmo que subjetiva.

Langford (2003) é um dos teóricos que defende técnicas para conseguir evidenciar a qualidade da imagem. Segundo ele, refere-se principalmente ao tipo de sombra produzida pelo objeto iluminado – dura ou suave - e depende, também, do tamanho da fonte em relação à distância a que o objeto se encontra. Esses efeitos podem ser obtidos através do manuseio da própria máquina fotográfica, no entanto, muitos profissionais passaram a usar ferramentas computacionais para conseguir a qualidade desejada, o que passou a influenciar na percepção do público sobre a imprensa, já que os escândalos da utilização inadequada das fotos não foram poucos.

Polêmicas à parte, a fotografia passou a integrar a vida humana, principalmente como marco de acontecimentos pessoais e sociais. Kossoy (2003) diz que “fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior” (KOSSOY, 2001, p. 156).

Desta forma, como mostrado, desde o surgimento da foto no século XIX várias transformações foram evidenciadas. No entanto, em paralelo a esses acontecimentos, da introdução da fotografia no jornal impresso, outros pesquisadores buscavam ir além e desafiaram transformar a imagem, até então parada, em movimento. Foi então que começou a surgir o cinema.

1.1.2 No cinema

Além do fortalecimento do jornal impresso e da fotografia, outras formas de comunicação também foram desenvolvidas no século XIX, como o cinema. Em 28 de dezembro de 1895, no Salão Grand Café, em Paris, os Irmãos Lumière fizeram uma apresentação pública dos produtos de seu invento, ao qual chamaram Cinematógrafo. O filme exibido *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat* causou comoção nos 30 e poucos presentes, a notícia se alastrou e, em pouco tempo, este fazer artístico conquistaria o mundo, e faria nascer uma indústria multibilionária.

O ilusionista francês, Georges Méliès é um marco desta época. Ele começou a exibir filmes em 1896, quando ganhou uma "filmadora", por isso, é considerado pioneiro em alguns efeitos especiais. Cabe ressaltar que, quando o filme foi realizado a montagem não existia. Os primeiros produtos cinematográficos duravam menos de um minuto e podiam ser tão simples como *A saída dos operários das Usinas nas Lumière* (1895) ou *A chegada do trem na estação* (1895) de Meliés.

No Brasil, o cinema também foi introduzido antes de 1900. No entanto, a estruturação do mercado exibidor de cinema no país aconteceu entre 1907 e 1910, quando o fornecimento da energia elétrica no Rio de Janeiro e em São Paulo passa a ser mais confiável depois da inauguração da Unida de Ribeirão de Lajes. Em 1908 já havia 20 salas de cinema no Rio de Janeiro, boa parte delas com suas próprias equipes de filmagem. Algumas produções brasileiras também começaram a ser feitas neste período.

O que é surpreendente, de acordo com Dancynger (2003), é que em apenas 30 anos os princípios da montagem clássica foram desenvolvidos. No entanto, no nascimento do cinema, mudo ainda, a continuidade, o trabalho de direção e a ênfase dramática em sua relação com a montagem não eram sequer consideradas. As câmeras eram posicionadas sem qualquer relação com a composição da imagem ou com a emoção. A iluminação não obedecia nenhuma intenção dramática, mesmo nas cenas interiores. A luz, a posição e o movimento de câmera não eram variantes na equação fílmica. O fundamental, segundo o autor, era a atuação e o ritmo, os planos contavam uma ação, mas não da maneira como conhecemos hoje. Apenas com o trabalho de Edwin S. Porter, a montagem passou a ter uma finalidade estrutural. Para Dancynger (2003) Porter começou a utilizar em 1903 uma

continuidade visual que tornava seus filmes mais dinâmicos. Ele descobriu a possibilidade de conseguir mais dinamismo em seus filmes através da organização de planos e de uma narrativa.

O pai da montagem cinematográfica no sentido moderno é D. W. Griffith. Seu aporte abrange toda uma gama de procedimentos: a variação de planos para criar impacto, incluindo o grande plano geral, o close-up, inserts e o travelling, a montagem paralela e as variações de ritmo. Logo, não é surpreendente que, em 1918, Griffith e suas inovações de montagem influenciassem cineastas de todo o mundo. Na União Soviética foi objeto de vários estudos em função de suas experimentações técnicas, assim como de suas ideias sobre a sociedade. Dancynger (2003) diz que embora todos os cineastas soviéticos fossem profundamente influenciados por Griffith, eles também se preocupavam com a função dos filmes na luta revolucionária. Pudovkin, por exemplo, tentou desenvolver uma teoria da montagem que permitisse ao cineasta ultrapassar a clássica montagem intuitiva de Griffith e encontrar um processo formal que pudesse transmitir ideias através de narrativas. Pudovkin defende que o plano é como um tijolo da construção fílmica e que o material, ao ser ordenado, pode gerar qualquer resultado desejado. Segundo o autor, da mesma forma como o poeta usa as palavras para criar uma percepção da realidade, o diretor de cinema usa os planos como seu material bruto, construindo um sentido. Ainda, segundo Dancynger (2003), Eisenstein foi o segundo grande nome entre os cineastas russos. Ele escreveu bastante sobre suas ideias cinematográficas e ensinou uma geração de diretores russos.

Com conhecimento do teatro e desenho, Eisenstein tentou reunir as lições de Griffith e de Karl Marx criando uma experiência única para o público. Começando com *A greve* (1924), Eisenstein experimentou teorizar sobre a montagem como um choque de imagens e ideias. O princípio da dialética era particularmente útil para os temas relacionados com os acontecimentos pré-revolucionários e revolucionários. Os primeiros objetos de Eisenstein foram as greves e as revoluções de 1905 e 1917. (DANCYNGER, 2003, p. 19)

A teoria da montagem criada por Eisenstein é composta por cinco tipos: métrica, rítmica, tonal, atonal e intelectual. Resumidamente, a montagem métrica refere-se a duração de cada um dos planos. A

montagem rítmica relaciona-se à continuidade visual entre os planos. Na montagem tonal, as decisões da montagem buscam estabelecer uma característica emocional da cena, o que pode mudar durante a sequência. Já a montagem atonal, segundo autor, conjuga as montagens métrica, rítmica e tonal manipulando o tempo do plano, ideias e emoções a fim de conquistar o efeito desejado na plateia. E a montagem intelectual trata da inserção de ideias em uma sequência de grande carga emocional. Essas teorias aparecem no livro *A forma do filme*, de Sergei Eisenstein, publicado em 1949, um ano depois de sua morte. De acordo com Eisenstein, a montagem foi estabelecida pelo cinema soviético como o nervo do cinema.

Os primeiros diretores conscientes, e nossos primeiros teóricos do cinema, consideravam a montagem uma forma descritiva em que se colocam planos particulares um após o outro, como blocos de construção. O movimento dentro desses planos-blocos de construção, e o conseqüente comprimento das partes componentes, era então considerado ritmo. Um conceito totalmente falso. Isso significa a definição de um determinado objeto apenas em relação a natureza de seu rumo externo. O processo mecânico de divisão se tornaria um princípio. Não podemos descrever tal relação de comprimento como ritmo. Disto resultam relações métricas em vez de rítmicas, tão opostas umas as outras quanto o sistema métrico mecânico de Mensendieck em relação à escola orgânico-rítmica de Bode, no diz respeito a exercícios corporais. De acordo com esta definição, compartilhada até por Pudovkin como teórico, a montagem é o modo de se desenrolar uma ideia com a ajuda de planos únicos: o princípio “épico”. (EISENSTEIN, 1949, p. 52)

Mas, se Eisenstein significa, para a teoria da montagem, a reformulação da realidade a fim de levar a população a apoiar a revolução, Dziga Vertov defendia, com veemência, que apenas a verdade documentada poderia ser honesta o bastante para levar à verdadeira revolução. Por isso se costuma dizer que, em relação à montagem, Vertov está mais alinhado à história do filme experimental do que a história do documentário. Em termos de ideias, ele é um dos

precursores do cinema verdade, um movimento que esperou o desenvolvimento técnico da Segunda Guerra Mundial. Passado cerca de trinta anos desde o início do cinema, a tecnologia é novamente usada para acrescentar nas produções cinematográficas e surge um elemento fundamental de informação: o som. Dancynger (2003) explica que para usar o som no filme, várias barreiras tecnológicas tiveram de ser superadas. Os problemas envolviam o sistema de gravação, a qualidade e as características do microfone, a sincronização da câmera e do som e a amplificação sonora.

No processo de produção, os microfones usados para gravar o som deviam ser suficientemente direcionais, a fim de que as vozes e a música não fossem abafadas pelo som ambiente. Também era necessária a sincronização do processo. A câmera filmando a imagem e o disco gravando a voz ou a música deveriam estar em sincronização contínua para que, em playback, a imagem e som pudessem ter uma relação direta e constante de um com o outro. Esse sistema devia sustentar-se para que durante a projeção o som do disco e a imagem estivessem sincronizados. No sistema sound-on-film, o leitor do som deveria estar localizado no projetor para que ele lesse precisamente o instante quando a imagem correspondente estivesse passando sob a luz do projetor. Finalmente, como o filme era projetado em um auditório ou teatro, o sistema de ampliação deveria ser bom o bastante para que o som fosse claro e, na medida do possível, não distorcer. (DANCYNGER, 2003, p. 40)

Desde os anos 50, recursos tecnológicos permitem que áudio e imagem estejam juntos, porém separados de forma que as escolhas da edição em ambos possam se processar livremente, como é feito, também, no telejornalismo. Dancynger (2003) ainda afirma que o fato de o cinema e o rádio serem os mais populares meios de comunicação da década de 1930 está relacionado com a questão de o cinema e a televisão serem os meios mais populares atualmente. Na área econômica, os decretos de 1947 (legislação antitruste que levou os estúdios a dispensarem os teatros que eles ganharam) e a crescente ameaça da televisão indicaram que a inovação ou, pelo menos, a novidade, poderia ajudar a recapturar o mercado do filme. Segundo o

autor, como foi o caso da chegada do som no final da década de 1920, as inovações tiveram considerável impacto em como os filmes eram montados e os resultados tendiam a serem conservadores inicialmente e inovadores posteriormente.

De acordo com Dancynger (2003), nenhuma mudança do pós-guerra na indústria do entretenimento foi tão profunda quanto a que ocorreu com a chegada da televisão. Não apenas a televisão ofereceu uma diversão caseira para o público, corroendo o público tradicional do cinema, como também exibindo filmes nos anos 60. Apresentando dramas ao vivo, séries semanais, shows de variedades, noticiários e esportes, a televisão revolucionou os padrões de exibição, os temas, a reunião de talentos e, eventualmente, como os filmes eram montados.

Talvez o maior triunfo da televisão tenha sido seu sentido de imediatismo, uma qualidade ausente no cinema. O filme era conscientemente construído, enquanto a televisão parecia acontecer diretamente em frente ao espectador. Esse sentido foi garantido pela apresentação de eventos jornalísticos assim como pela exibição de ficções ao vivo e shows de variedades. Isso também foi sustentado pela função da televisão como meio de publicidade. Não apenas os atores eram usados em anúncios, como os próprios anúncios – um comercial de um minuto ou menos – vieram para concretizar os valores do entretenimento. Programas jornalísticos, comerciais e como eles eram apresentados (particularmente o sentido de imediatismo e seu ritmo) foram as influências que mais fortemente afetaram a montagem cinematográfica. (DANCYNGER, 2003, p. 153)

Desta forma, pode-se dizer que, os avanços da década de 1950, os experimentos tecnológicos e as técnicas de documentário forneceram o contexto para a influência da televisão e do teatro nos anos 60 e 70. Sendo assim, considera-se, então, que os meios de comunicação se complementam. O cinema é um avanço da fotografia, e trouxe ferramentas para a televisão se profissionalizar, já a televisão, com suas características, mostrou ao cinema como ser real e imediato, ao mesmo tempo. No próximo item será apontada a história da televisão, como ela surgiu e quais as influências que a transformaram na mídia mais popular até hoje.

1.1.3 Na televisão

Falar de edição em televisão parece muito natural, pois a sua popularização no senso comum está intimamente ligada às práticas de produção televisual, afirma Emerim (2015). Ainda, segundo a autora, “a edição só começou a ser utilizada na televisão depois da chegada do videotape que permitiu o desenvolvimento paulatino de técnicas e efeitos especificamente do televisivo, ou seja, da edição pensada para a natureza videográfica da tevê” (EMERIM, 2015, p. 67). A montagem que assemelha-se ao processo de edição, mas não se trata da mesma coisa, era utilizada na época que a televisão usava filmes em película para capturar imagens e precisava literalmente recortar e colar os fotogramas de forma bem manual. A exibição destes filmes na tevê muitas vezes sofriam com pulos de imagens e de cortes mal “costurados”, sendo que a técnica de montagem era feito num aparelho chamado moviola que exibia o filme numa tela e permitia o recorte dos fotogramas e sua colagem com outro trecho. Mas, antes mesmo de se falar destas questões, é preciso recorrer a própria história da televisão para entender alguns processos.

Tradicionalmente, atribui-se a invenção da televisão a John Baird, que, em 1925 fez a primeira demonstração de uma imagem televisual, em Londres, na Inglaterra. Segundo Jost (2007) essa data, porém, interessa pouco em relação ao processo que vai da realização do procedimento à sua institucionalização midiática. Contrariamente ao que possa levar a qualquer tipo de retrospectão, uma nova mídia não encontra de pronto seu lugar entre as outras já instauradas, como aponta o autor:

O acesso ao estatuto de mídia, em geral, passa por lutas ou alianças. Se o telefone está na origem do imaginário da invenção, a constituição da mídia passa por diversas aproximações com outros tipos de espetáculos ou mídias já existentes, como atestam as diversas denominações: sala de cinema a distancia (sem fio), cinema domestico (sem fio), receptor som-imagem, fala televisionada, atualidades televisionadas e sala de cinema e de televisão (Elsner [1990], 2003, p. 31). Cada um desses nomes encontra sua origem nas condições de difusão ou no conteúdo dos programas dessa televisão nascente. (JOST, 2007, p. 43)

Assim, tecnicamente, a televisão aparece como um complemento do rádio, com frequência chamada, nos anos 30, de TSF, isto é, telefone sem fio, sem imagem. Nestas condições, não causa surpresa que a nova mídia tenha o andamento de uma fala tele-visada. Mas seu lugar de projeção aproxima-se de outro espetáculo: o cinema, como foi apontado anteriormente.

Os aparelhos receptores individuais são, no início, pouco numerosos, e sua tela é muito pequena, o que faz com que a recepção das emissões torne-se pública: faz-se fila para passar diante da minúscula tela de um aparelho colocado em uma sala. Depois, a televisão transforma-se em um espetáculo que reúne o público em um mesmo lugar. (JOST, 2007, p. 43)

O novo dispositivo assemelhava-se bastante com uma sala de cinema à distância (sem fio). Esse parentesco foi ainda mais forte na Alemanha, onde a televisão foi recebida nas salas de cinema que continham até 800 espectadores (Berlim). Em suma, segundo Jost (2007), a televisão é, em sua origem, o que se poderia chamar de intermedia: longe de se afirmar como uma mídia independente, com propriedades únicas e insubstituíveis, ela faz a síntese de técnicas e de espetáculos já existentes. Uma mídia só se constitui verdadeiramente como tal a partir do momento em que passa do estado de novidade técnica ao de elaboração de programas.

Desse ponto de vista, é a partir dos anos 30 que começa esse processo para a televisão, em velocidades distintas segundo os diferentes países. As primeiras difusões experimentais ocorreram em 1929, na Alemanha e na Inglaterra; em 1932, na França; e em 1950, no Brasil. (JOST, 2007, p. 44)

De acordo com Prado (1996) a segunda guerra mundial seguiu por algum tempo a difusão da televisão na Europa. Enquanto isso nos Estados Unidos, a rede NBC, única existente, já possuía 107 emissoras por todo o país. Cada uma delas com programação e produção próprias, pois não havia satélite, nem videotape. O perfil era diferente: enquanto na Europa havia subsídios governamentais e utilizava-se televisão com finalidade educativa, nos EUA ela já cresceu como negócio. No Brasil a televisão também surgiu com essa característica:

Em fevereiro de 1949, o empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, dono dos Diários Associados, cadeia nacional de jornais e emissoras de rádio, resolveu ter uma TV. Assis Chateaubriand, um homem de negócios, via no veículo que surgia mais uma fonte de lucro e também de ampliação de poder. Por isso optou pela rede americana como base para compra e aprendizagem. Adquiriu, por cinco milhões de dólares, mais de trinta toneladas de equipamentos e no dia 18 de setembro de 1950 estava no ar a PRF-3 TV, canal 3. A primeira transmissão, restrita a São Paulo, contou com o característico jeitinho brasileiro. Entre outros detalhes, esqueceu-se que ninguém tinha monitores e o que fosse transmitido não teria audiência. O contrabando de 200 aparelhos, poucos dias antes, resolveu o problema. (PRADO, 1996, p. 13)

No mesmo ano, a PRF-3 TV, passou a se chamar TV Tupi. A programação era transmitida das 18 horas e, obviamente, ao vivo. Era como um laboratório, já que não existiam especialistas na área. Por isso, nomes do teatro, do cinema, do rádio e do jornal foram convidados a trabalhar no veículo e, mesmo com todas as dificuldades a criatividade garantiu a qualidade do começo da TV no Brasil. Manuel Carlos, um dos dramaturgos No livro *Autores: Histórias da teledramaturgia* (2008), um dos maiores escritores de novela do país, Manoel Carlos conta como foi o início da televisão no país:

É interessante dizer que, nessa época, não havia contrato como há hoje. As pessoas eram chamadas para prestar serviço como ator, diretor, produtor, autor, tudo junto. Eu, por exemplo, nunca fui contratado na *Tupi*. A televisão era muito divertida nessa época. Como tudo era ao vivo, aconteciam coisas ótimas. Havia sempre aquele espírito pioneiro, de quem estava fazendo tudo pela primeira vez. Era um desafio para todo mundo, porque se conhecia muito pouco sobre o que era possível fazer. (GLOBO, 2008 p. 48)

Nesta década outros empresários começaram a investir em televisão e além da TV Tupi (1950) foram criadas também as emissoras Paulista (1952) e Record (1953) em São Paulo; Tupi Rio (1955) e Excelsior (1959) no Rio de Janeiro e Itacolomi (1956) em Belo Horizonte. Depois de algum tempo, segundo técnicos do rádio fizeram treinamento nos Estados Unidos e, aos poucos, a TV foi melhorando, se impondo e se transformando e enfatizando cada mudança através de um modo diferenciado de publicizar estes feitos e reverter em capital cultural para o próprio meio. Foi na Tupi que nasceu os primeiros programas consagrados da televisão como *O Céu é o Limite*, a primeira telenovela, *Sua Vida me Pertence*, além do primeiro telejornal como aponta Maia (2007):

O primeiro telejornal da TV brasileira, de acordo com Paternostro (1999), foi Imagens do Dia que estreou no mesmo ano em que nasceu a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Com estilo textual herdado do rádio e locução em off 1, Rui Resende, que era produtor, locutor e redator das notícias, apresentava as notas de imagens gravadas sem som e em preto e branco, gravadas muitas vezes em película. O noticiário durou aproximadamente um ano, quando deu lugar ao Telenotícias Panair, que também durou pouco tempo. Um dos primeiros telejornais a fazer sucesso na TV foi o Repórter Esso, na TV Tupi de São Paulo, que ficou no ar entre 1953 a 1970. (MAIA, 2007, p. 14)

No início da TV Aberta, os anunciantes, geralmente, colocavam o nome da empresa nos programas patrocinados, como é o caso do Repórter Esso, lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho. Pontualmente, às 20 horas, entrava no ar a famosa abertura do noticiário: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”. O telejornal ganhou uma versão carioca no ano seguinte apresentada Gontijo Teodoro. A partir daí, de acordo com Paternostro (1999), o telejornalismo começou a esboçar linguagem e narrativa própria: texto mais objetivo, apresentador enquadrado no plano americano, preocupação editorial no tratamento das notícias e horário fixo para entrar no ar. (MAIA, 2007). De acordo com Rezende (2001) a primeira transmissão interestadual veio num jogo de futebol em 1956, quando o técnico Reinaldo Paim conseguiu fazer a

cidade de São Paulo assistir Brasil e Itália direto do Maracanã, no Rio de Janeiro.

No entanto, uma das principais evoluções tecnológicas, senão a principal, que aumentou consideravelmente a qualidade da programação foi o videoteipe. Ele chegou ao Brasil no começo dos anos 60 e possibilitou ao país assistir, com dois dias de atraso, as vitórias de seleção brasileira na Copa do Mundo do Chile. O grande avanço para os telejornais viria somente no final da década de 60, quase 20 anos depois do surgimento da televisão.

Até o momento, repórter e cinegrafista saíam para gravar com 100 pés de filme, o que significava de 3 a 4 minutos para registrar os fatos, e não podiam errar. Depois de relevado o filme eram extraídos os melhores momentos, e numa edição semelhante a do cinema, uniam-se as principais partes da reportagem com fita adesiva transparente. Por essas limitações a edição era simples, com conversas diretas entre repórteres e entrevistados sem a utilização de técnicas específicas da TV. (PRADO, 1996 p. 15)

A partir disso as reportagens e outros tipos de produtos (antes exibidos ao vivo) foram sendo substituídos pelos produtos e programas gravados, até mesmo aqueles que poderiam manter-se ao vivo, pela sua natureza diferenciada e criativa (EMERIM e CAVENAGHI, 2012). A gravação e a edição de vídeo permitiu ocultar os erros que ocorriam frequentemente nas emissões televisivas. No entanto foi com o surgimento da TV Globo no Rio de Janeiro, em 1965, do empresário Roberto Marinho que a história da televisão brasileira passa a mudar. Ele, que se dedicou décadas ao jornalismo impresso e ao rádio (ROMANCINI e LAGO, 2007), comprou a TV Paulista entrando no principal mercado comercial do país. Adquiriu também emissoras em todas as regiões (inclusive a RBS TV que será analisada nesta dissertação) e criou uma linguagem única: o padrão global com tecnologia de ponta para a época.

Tudo isso somente foi possível graças a um acordo com a empresa norte-americana Time-Life, que facilitou o investimento em novos equipamentos importados dos Estados Unidos. Desta forma, o padrão Globo de qualidade era fortemente influenciado pelo padrão norte-americano, com a preocupação de fazer televisão usando toda a sua força, ou seja, explorando o potencial das imagens, coisas que ainda

não se fazia no Brasil, especialmente no telejornalismo. Foi com a chegada de novas tecnologias, como as câmeras portáteis e os editores eletrônicos, que surgiu o Jornal Nacional. A exigência era a perfeição e a grande mudança estava nas entrevistas, pois até esse momento, as histórias eram levadas ao ar sem grande participação dos envolvidos.

De acordo com Maia (2007) o Jornal Nacional estreou no dia primeiro de setembro de 1969, sob a apresentação de Cid Moreira e Hilton Gomes e com duração de meia hora. Com apenas quatro anos de vida e em fase de amadurecimento, a TV Globo apostou no novo sistema de micro-ondas da Embratel e fez o primeiro programa simultaneamente transmitido para várias cidades brasileiras através de suas afiliadas.

A partir do começo da década de 70, os telejornais da Globo passaram a servir de modelo para todas as demais emissoras, num reconhecimento da eficiência. Com esse sucesso cresceu a necessidade também de as empresas adquirirem equipamentos cada vez mais modernos, além de aumentar o número de profissionais especializados, modificando assim o modo de fazer TV. Segundo Coutinho (2011), teria sido a emissora que eliminou a improvisação e imprimiu o ritmo da notícia na televisão brasileira. Sobre o padrão norte-americano o autor cita Squirra, que responsabiliza a Rede Globo pela implantação da mais elaborada técnica de produção e edição de telejornais no Brasil visto até hoje.

A partir da aproximação dessa rede dos padrões administrativos e de produção norte-americanos, a Central Globo de Jornalismo passou a refletir sobre os modelos adotados e produziu seus 'Encontros de Telejornalismo', que eram textos produzidos pelos jornalistas da rede e que foram editados pela sucursal de São Paulo, a partir de 1980. Em seguida, esta pequena apostila foi aperfeiçoada e deu origem ao 'Manual de Telejornalismo', publicado em 1985. (SQUIRRA, 1993, p.25, *apud* COUTINHO, 2011, p. 4)

Desta forma, pode-se dizer que foram estas influências que transformaram o fazer jornalístico no formato visto hoje. A televisão, como percebe-se, nasceu com as características de transmissão ao vivo e foi bebendo em outras fontes até se profissionalizar, muito disso, deve-se ao desenvolvimento tecnológico e à possibilidade de edição de

produtos telejornalísticos. Depois dos apontamentos históricos sobre o surgimento da edição dos meios de comunicação, no próximo item serão discutidos os processos de produção de um telejornal, a fim de tentar aproximar a discussão sobre a função da edição em coberturas telejornalísticas.

1.2 EDIÇÃO E TECNOLOGIA

Quem viveu nos primeiros 30 anos da televisão no Brasil certamente lembra que um dia as imagens eram transmitidas apenas nas cores branco e preto, a qualidade não era das melhores, as cenas pulavam na tela, não tinham grande definição e o som também deixava a desejar. Mesmo depois que as imagens passaram a ser transmitida a cores, a situação tecnológica pouco evoluiu. A partir dos anos 2.000 essa realidade mudou no país. Tanto é que alguns especialistas dizem que a invenção da TV digital é uma das maiores, se não a maior, evolução tecnológica da televisão desde a sua criação. Suplantou a substituição do filme pelo vídeo, a chegada da cor à imagem e o invento do videoteipe.

Segundo Souza e Piveta (2011) a imagem saída de uma TV Digital foi transmitida, pela primeira vez para a TV aberta, nos Estados Unidos. Em dezembro de 1998 os americanos já podiam comprar o aparelho de TV Digital, ou um conversor chamado set-top boxes (um aparelho que, instalado na televisão, permite a conversão do sinal analógico em sinal digital), e desfrutar as novidades trazidas por esta plataforma comunicacional. Cada país tem a opção de adotar o modelo tecnológico que lhe convier e o Brasil preferiu uma junção da técnica desenvolvida por pesquisadores brasileiros da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal da Paraíba com o sistema japonês Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial (ISDB-T). Assim, o sistema adotado no país, desde 2007, é o ISDBTB, também denominado SBTVD - Sistema Brasileiro de Televisão Digital.

Para entender essa mudança é preciso compreender o padrão de transmissão que reinou absoluto por várias décadas. Toda a produção televisiva em filme e vídeo utilizou uma mesma tecnologia: o sinal analógico. A denominação analógica diz respeito a uma frequência que viaja no espaço através de uma onda eletromagnética, mas que pode sofrer interferência de outras frequências já que a TV analógica forma a imagem e o som de modo contínuo. Por isso é comum imagens com contornos borrados, fantasmas, chuviscos, ruídos, distorções na cor e até

interferências provocadas por outros equipamentos ou veículos ligados que estejam próximos à TV, problemas eliminados com a televisão digital. Ainda falando sobre questões técnicas, é importante ressaltar a forma de transmissão.

Entre os meios de transmissão disponíveis (terrestre, satélite e cabo) a TVD no Brasil adotou o sistema Terrestre - os sinais digitais são transmitidos no ar por ondas de radiofrequência e necessitam de antenas e receptores apropriados para a sua recepção. Segundo os engenheiros de telecomunicações, esse tipo de transmissão permite aproveitar parte da infraestrutura existente. Bom para as cerca de 500 emissoras geradoras de TV e para as dez mil retransmissoras que não precisarão trocar todos os equipamentos para transmitir o sinal digital. A mobilidade é outra característica da TV digital. A capacidade de poder ver televisão através de um mini-televisor, de receptores USB para micros ou de um celular, por exemplo, não é novidade. No sistema analógico isso também era possível. O diferencial é que agora a imagem tem alta qualidade e não sofre qualquer alteração, mesmo quando o aparelho receptor está em movimento – diferentemente do que ocorria com a imagem analógica. (SOUZA e PIVETA, 2011, p. 4)

Dentro de muitas emissoras brasileiras foi preciso driblar crises econômicas para não ser ultrapassada pela tecnologia. Quando o desenvolvimento de uma tecnologia altera o equipamento, na maioria das vezes modifica-se também a forma de trabalho. O aparelho utilizado no sistema de edição em vídeo se constituía de duas máquinas de reprodução de vídeo interligadas que ocupavam uma sala de cerca de dois metros quadrados. A chamada ilha de edição, como apontado anteriormente.

A fita bruta, trazida pelas equipes de reportagem, era colocada em uma máquina. A fita de edição, que recebia o áudio do repórter, os trechos selecionados de entrevistas e as imagens escolhidas, ocupava o outro equipamento. Para executar a tarefa de editar havia sempre dois profissionais: o editor que comandava a edição e o editor de imagens que operava essas duas máquinas. No sistema digital a edição toma outra dimensão física. O espaço de trabalho é bem menor, se concentra

em uma tela de computador. Tudo o que o editor precisa está a um mouse de distância. Em muitas empresas o editor de texto passou também a editar as imagens, fazendo as duas funções.

Souza e Piveta (2011) descrevem algumas das dificuldades enfrentadas na adaptação desse novo sistema de edição: No sistema analógico a imagem contava a sequência da história: o que aconteceu primeiro, o que veio depois, como foi a finalização. Era uma espécie de filme que surgia nas telas das ilhas de edição com um simples comando do play que deixava a fita ‘correr’ e apresentava a ordem gravada das cenas. Nos cliques digitais a primeira impressão é de total fragmentação. O editor pode ver o primeiro clipe, pular para uma das últimas cenas, retroceder ao início, ver uma imagem gravada no meio da produção. Ou seja, a lógica, a sequência do material, pode ser alterada. Ao mesmo tempo, se o editor não deixar a imagem ‘correr’ clipe por clipe na ordem em que foram produzidos, ele não terá a noção do todo, como tinha na edição analógica, linear.

Sobre esse processo Canelas (2010) diz que a edição linear de vídeo exige uma maior planificação por parte do editor, na medida em que é mais difícil fazer modificações na versão editada. O trabalho linear significa seguir uma ordem (uma linha) do princípio ao fim. Por seu lado, a edição não-linear de vídeo tenta romper com essa estrutura ao não seguir uma ordem estabelecida.

Desta forma, o editor de vídeo tem a necessidade de visionar o material audiovisual em bruto para poder definir quais os planos que vai utilizar, bem como a ordem que estes terão no produto final. Este aspecto, o do acesso ao material audiovisual em bruto, é uma das grandes diferenças entre os dois sistemas de edição. Concordando com esse pensamento Cromoco e Lage (2001) dizem que a edição não-linear digital tem como características principais a gravação digital e o acesso imediato a cada ponto desejado – a não-linearidade.

Segundo Pereira Jr (2009) a designação *edição não linear digital* significa que o projeto de edição e seus componentes, as imagens, os planos, os movimentos de câmera, os sons podem ser tratados em qualquer ordem e também reordenados facilmente, da mesma forma que manipulamos as palavras em um processador de textos. Com esse procedimento é possível também ter uma visão global e detalhada da matéria que se está montando na tela do computador. Tecnicamente, segundo Souza e Piveta (2011), mudaram-se também os termos:

Quando a equipe de reportagem termina a produção e traz o material de volta para a redação não entrega uma fita e sim um disco, semelhante a um CD. Este disco não é colocado diretamente em uma máquina para ‘rodar’. Ele é ingestado. Significa dizer que ele é deixado nas mãos de um funcionário do departamento de engenharia da emissora; o responsável por disponibilizar toda a produção contida no disco para os computadores da redação. Esta operação demora alguns minutos – tudo depende da quantidade de imagens e de entrevistas contidas nele. Na sequência o editor tem acesso a toda produção e começa a editar o material. Na redação da fita magnética o processo de edição se resumia à edição linear; cada trecho da reportagem precisava ser editado na ordem sequencial. Uma entrevista, por exemplo, não poderia ser inserida na reportagem já editada a não ser que se fizesse uma cópia desta matéria para outra fita até o ponto em que se desejava colocar a entrevista. Depois da nova fala inserida era necessário copiar, para esta mesma fita, o restante da reportagem editada. Nas redações que já estão digitalizadas ou em processo de digitalização a edição é a não-linear. Tudo é feito diretamente no computador e dá ao editor a possibilidade de inserir qualquer elemento da reportagem em qualquer ponto da matéria e a qualquer momento, sem que para isso precise fazer cópias desta reportagem ou haja perda de qualidade. (SOUZA e PIVETA, 2011, p. 6 e 7)

O sistema digital trouxe ao telejornalismo um dinamismo e uma versatilidade nunca antes experimentados. Como o próprio equipamento é mais ágil, já que os computadores têm processadores rápidos e é grande a capacidade de armazenamento de dados, a edição de uma reportagem também passou a ser mais veloz. Outra vantagem deste sistema é que o editor pode ter o auxílio de outros profissionais. No momento em que a produção da equipe de reportagem é ingestada pela engenharia e disponibilizada nos computadores a redação inteira pode ter acesso ao conteúdo do disco em outros computadores.

O fato de vários jornalistas estarem vendo as imagens ao mesmo tempo em que o editor daquela reportagem está editando o

material também diminuem as possibilidades de passar algum erro de informação. E ainda é preciso levar em consideração que dois editores podem trabalhar no mesmo material simultaneamente; um editando do meio para o fim, o outro editando o começo – situação comum nos dias de muita correria dentro de uma redação em que minutos fazem a diferença entre a reportagem ir ou não ao ar.

Os sistemas digitais, segundo Pereira Jr (2009), possibilitam ao editor além de uma flexibilidade de criação no tratamento e na construção de imagens, e de uma economia de tempo e dinheiro, uma integração de materiais procedentes de diferentes meios e formatos (vídeos, fotos, imagens analógicas digitalizadas, imagens e áudios digitais feitos por telespectadores, etc), uma preparação para a convergência digital e a eliminação quase que total da perda de qualidade das imagens (cópias). Ainda segundo o autor usar tecnologia para construir imagens técnicas é uma prática tradicional na edição de telejornais, o novo é que o processo tecnológico é digital, a imagem ao ser *reduzida* a uma combinação de algoritmos aumenta *exponencialmente* a capacidade de manipulação e põe fim às limitações de construção da realidade apresentadas pela tecnologia analógica. Nesse sentido é possível afirmar que constrói um real *mais real* do que a própria realidade, porém sua referência continua sendo o cotidiano, a realidade.

De acordo com Boni (2009) com as novas características da televisão em alta definição e suas enormes telas a imagem televisiva se aproxima daquela característica de dimensionamento mais sensível na perspectiva da percepção. Ou seja, o público tem capacidade de se sentir mais próximo dos fatos em exibição até porque ficam mais visível e perceptivo as texturas, os efeitos de edição, os erros e imperfeições. Um paradoxo com a tela enorme e a alta definição da imagem que, ao mesmo tempo permite “limpar” a produção das imperfeições mas também as esmaga. Do ponto de vista da edição, as montagens e efeitos de corte que antes poderiam passar despercebidos nesta nova condição podem aparecer mais ou não. A compreensão desta nova condição através dessas imagens vai depender do “mergulho” do espectador no universo exibido pelos editores, nas imagens de espetáculo apresentadas diante dos olhos.

No próximo tópico, será apresentado alguns apontamentos sobre a produção de um telejornal numa emissora de televisão com vistas a compreender o lugar da edição neste processo.

1.3 DAS ROTINAS DE UM TELEJORNAL AO LUGAR DA EDIÇÃO

Para compreender a edição do telejornalismo é preciso entender como funciona a produção e a rotina de um telejornal e como é construída uma reportagem. A edição é percebida desde o surgimento da pauta até a veiculação final, pois antes de uma reportagem ir ao ar passa por diversos processos e profissionais diferentes, cada um com um olhar novo sobre o mesmo assunto.

A experiência profissional permite dizer que em muitas emissoras, a produção do telejornal começa no dia anterior com uma reunião entre chefias, editores e repórteres, em que se traçam o perfil do que será veiculado, ou seja, as pautas do dia seguinte com as informações obtidas até o momento sobre o assunto e como ela pode ser produzida de acordo com a linha editorial da emissora e do produto.

Neste processo, a edição está presente no telejornalismo desde o início da construção de um programa, na escolha dos assuntos que serão abordados (agenda setting) e nas ferramentas disponíveis para a elaboração do mesmo. Para este trabalho as etapas telejornalísticas foram divididas em tópicos. Observando cada uma delas é mais fácil identificar onde os profissionais da redação atuam e como eles podem influenciar na construção da reportagem.

Em relação a edição, pode-se explicitar os processos produtivos nos quais a edição aparece em funcionamento: a edição da pauta, a edição do pré-espelho e do espelho, a edição da notícia, a edição na decupagem, a edição de texto, a edição de imagens, a edição da edição e a edição na apresentação. Pode-se compreender, então:

- a) **A edição da pauta:** Depois de definidos os assuntos que irão ao ar no dia seguinte ou no próprio dia, agora eles devem ser produzidos. A pauta é a orientação aos repórteres transmitida pelo profissional responsável por pensar de que forma a matéria será abordada no programa, as fontes que falarão e as cenas/imagens para a construção de uma reportagem. Esse trabalho inclui também o objetivo, o enfoque que deve ser dado, as informações sobre o assunto e o encaminhamento a ser seguido pela equipe. É o pauteiro/produtor quem checa e marca os endereços, os horários e a possibilidade da presença de personalidades em determinados lugares. Ele também é responsável por marcar entrevistas quando necessário e até por pedir pesquisas ao arquivo que auxiliem o

repórter na execução do trabalho. É o pauteiro/produzidor quem delimita o assunto, ou seja, edita o enfoque da reportagem. Outra responsabilidade é receber e avaliar os releases que chegam à redação. Release é um tipo de material produzido por assessorias de imprensa e produtoras avisando datas de eventos, de entrevistas coletivas e etc., divulgando o que for de interesse deles ou das pessoas que contrataram o serviço, gerando muitas vezes pautas para os telejornais. Os pauteiros/produtores também devem ficar atentos à *rádio-escuta*, antenados em outros canais de televisão, rádio e internet, além de delegacias, bombeiros e hospitais para saber se algo factual (que não estava programado) aconteceu, como acidentes, congestionamentos, incêndios, atentados, e etc. Esses factuais normalmente torna-se prioridade, e equipes de reportagem acabam sendo destinadas ao local para cobrir o assunto. Resumidamente as pautas incluem a indicação do assunto/tema, a abordagem sugerida, as possíveis fontes, o deslocamento e o prazo de produção, os equipamentos necessários, entre outros.

- b) **A edição do pré-espelho:** O pré-espelho é um esboço de como será o programa, podendo ser feito no dia seguinte, ou no mesmo dia que o telejornal vai ser transmitido pelo editor-chefe ou editor-executivo. Ele dá ideia de paginação e de como o produto será executado de acordo com o tempo destinado para ele. Em muitas empresas o pré-espelho acaba não sendo feito, parte-se para o espelho diretamente.
- c) **A edição do espelho:** No dia do programa, com a pauta definida e marcada, o editor-chefe faz o espelho, ou seja, um projeto do que será produzido e colocado no ar. A partir do olhar do editor-chefe, ficam definidos os assuntos prioritários, a ordem das matérias, o tempo que cada matéria terá no programa, onde serão inseridos os comerciais e a qual assunto cada profissional se dedicará. O espelho é fundamental na organização e no andamento produtivo do programa e precisa ser distribuído em todo o setor da redação para que a equipe tenha noção geral do que vai ao ar. Não existe fórmula única para mostrar o espelho, que varia de emissora para emissora e também de acordo com as necessidades do editor-chefe e de cada telejornal, mas as informações são basicamente as mesmas: o formato de cada assunto escolhido (reportagem/VT, Nota Coberta, FQ (só imagens), nota pelada, boletim, ao vivo,

etc.), o tempo que cada assunto terá, o repórter que fará determinada matéria, o editor responsável por determinada matéria e o tempo total do telejornal. Esse espelho muda até mesmo durante a veiculação do telejornal. Se algo considerado importante acontecer durante o programa o editor chefe pode colocar o assunto no mesmo, derrubando, como se diz no jargão jornalístico, outro tema.

- d) **A edição da notícia:** Com a pauta pronta e com o tempo de cada reportagem definido é hora de ir para a rua buscar e comprovar a informação. O repórter é a célula básica de todos os veículos de comunicação. É ele quem vai atrás da notícia, testemunha os fatos e conta para os telespectadores. Por essa razão ser repórter exige muita maturidade. Ele deve ter fontes, ser imparcial, ouvir todos os lados e preparar um material informativo, sem opinião. Depois de pegar a pauta da redação ele deve ir aos locais marcados e construir a história de acordo com os relatos que ouviu e com o que viu. A reportagem é construída basicamente da interação entre o repórter e o cinegrafista, profissional responsável pelas imagens e que também deve estar por dentro do assunto. O repórter também deve estar em conexão direta com o seu editor de texto na redação, um conversando com o outro sobre o andamento da material. Se o repórter precisar, o editor de texto tem que organizar os arquivos, as artes e checar informações, sempre questionando tudo. Além da edição das pautas, como se falou anteriormente, a reportagem começa a ser editada já na rua. Os questionamentos dos repórteres aos entrevistados são a comprovação dos fatos, são eles que justificam o assunto e explicam os acontecimentos. Desta forma o repórter precisa estar atento, pois é responsabilidade dele saber o que perguntar e também descobrir coisas novas sobre o assunto.
- e) **A edição na decupagem:** Colhido o material na rua, de volta à emissora, é hora de montar a reportagem. A primeira coisa que os editores de textos devem fazer quando recebem o material do repórter é a decupagem, ou seja, o mapeamento do que se tem em mãos para saber como o material poderá ser montado através de um roteiro com marcações. Trabalho que muitas vezes é feito pelos próprios repórteres no carro, a caminho da redação. Normalmente, num telejornal factual, os editores de textos não tem tempo para fazer isso, pois o material chega, quase sempre, perto de ser

exibido. No entanto o processo de decupagem em programas que não são diários é um excelente caminho para a qualidade do produto final. É na decupagem que o editor de textos assiste ao que foi produzido e faz anotações, marca em que ponto está cada imagem, entrevista, enfim, todas as gravações feitas na rua pelo repórter e cinegrafista. A decupagem ajuda muito, tanto para correr menos riscos de deixar informações importantes de fora, quanto para o editor encontrar rapidamente o que quer. Um processo onde a edição também aparece, pois são nestas marcações que o repórter ou editor de textos anota as partes das entrevistas e as imagens que consideram interessante entrar na reportagem.

- f) **A edição de texto:** Visto o que foi gravado na rua, encaminhadas as artes e os arquivos solicitados pelo repórter é hora de finalizar o texto (no telejornalismo é feito uma espécie de roteiro, onde o repórter coloca a estrutura da reportagem a partir de uma decupagem simples) para começar a edição. É nesse momento que é feita a lapidação das informações, pré-definindo como será a reportagem antes de ir para a ilha de edição, com base no texto. Se não der tempo de voltar para a emissora por causa de outra demanda o repórter e seu editor de texto devem conversar por telefone, passar o texto por telefone e um motoboy levar a fita ou disco (ou outro meio onde foi gravado o material) para a redação. Neste momento são selecionadas as respostas, passagens, imagens, enfim, o que será mostrado ao telespectador. Os responsáveis pela edição são os editores de textos, acompanhados pelos editores de imagens. O editor de textos é, obrigatoriamente, um jornalista e tem autonomia para montar a reportagem, é quem define como a matéria vai ser estruturada e que trechos das respostas devem ser aproveitados. O editor de texto escolhe as sonoras que serão usadas, casando o texto do repórter com as falas dos entrevistados para dar um sentido.
- g) **A edição de imagens:** Passado o texto, gravado o off pelo repórter, é hora de montar a matéria. A edição é feita num local chamado ilha de edição, normalmente junto à redação. Lá ficam os equipamentos técnicos necessários para a montagem de uma matéria. A quantidade e sofisticação dependem das condições e do tamanho de cada emissora, já que com o desenvolvimento da tecnologia a cada dia são produzidas aparelhagens melhores e de

alta precisão. Esse ambiente também é frequentado por repórteres, que acompanham a edição do material, conversando com os editores de textos e de imagens. O editor de imagens é o profissional que opera os equipamentos, e como o próprio nome diz, fica responsável pela seleção e qualidade das imagens veiculadas dentro do formato pré-estabelecido pelo editor de textos. Não existe uma regra para montar a reportagem, o que define isso, normalmente é a linha editorial de cada telejornal e também o tempo disponível para o assunto. Na edição linear, no computador, o editor de imagens corta os offs deixando-os separados por off1, off2, off3 e quantos tiverem. Assim que limpos e conferidos o editor de textos começa a escolher onde vai encaixar as sonoras (entrevistas) e a passagem (parte onde o repórter aparece), normalmente seguindo aquele roteiro feito pelo repórter. Montado o esqueleto da matéria o editor de imagens deve cobrir os offs, escolhendo as melhores imagens. Ele deve casar o texto com as cenas, sugerindo mudanças se achar necessário e se achar que são poucas imagens também deve pedir que o editor de textos providencie material de arquivo. Este trabalho de escolher as cenas é fundamental para a construção da reportagem, pois é por essas imagens que o público vai conseguir ver o que aconteceu. Os editores devem lembrar sempre que as imagens devem corresponder ao que foi dito no off, procurando usar tomadas curtas (vai do estilo de cada editor também), com ângulos diferentes, para que o telespectador não fique entediado. Entra nesta parte também a importância da decupagem. Se o editor de textos sabe onde está determinada cena pode ajudar o editor de imagens a montar essa estrutura, deixando o material mais harmônico e com sentido. Se for necessário o editor de textos deve pedir artes para o núcleo de criação, que é o setor responsável pela ilustração e o editor de imagens deve a encaixar no off correspondente. Muitas vezes esse recurso é utilizado em reportagens que precisam de auxílio de gráficos para explicar melhor os dados ou mesmo uma reconstituição. Outro ponto importantíssimo durante a edição de imagens é o som da reportagem. Na edição, mixa-se o som do off com o áudio captado pelo cinegrafista. Esses sons, usados num volume baixo, são chamados de BG (background), na linguagem jornalística. Outro recurso sonoro que pode ser utilizado na edição é o sobe som. É o momento em que o editor escolhe um trecho do material bruto

captado pelo cinegrafista para ajudar na construção narrativa, por exemplo, uma banda tocando. Se a linha editorial permitir a reportagem pode ser “trilhada” com músicas e, não, com som ambiente. No entanto, essa escolha deve ser bem pensada, pois deve combinar com o assunto da reportagem. Uma trilha mal escolhida pode acabar com todo o trabalho de construção da matéria, dando uma interpretação diferente sobre determinado tema. Embora se encontre edição em todos os outros processos de elaboração de uma reportagem, é na edição de imagens que ela aparece com mais clareza, pois é ali que todos os elementos jornalísticos destacados anteriormente se encontram.

- h) **A edição da edição:** Depois de montada a reportagem o editor de textos e o editor de imagens devem conferir todo o material. Os editores precisam agora prestar muita atenção no que foi feito, analisando criticamente as imagens escolhida, observando os áudios, os possíveis erros de concordância na narração do repórter, vendo também se as sonoras estão bem encaixadas, se a iluminação esta adequada, se o repórter ficou bem na passagem e o que pode ser melhorado. Se perceberem falhas devem mudar o material. Os erros podem ser na narração, na imagem, como na informação mesmo, por isso deve estar por dentro do assunto. Se não tiver como refazer deve cortar o material, mas nunca deixar passar um erro. Essa informação pode ser dada em nota pelos apresentadores, quase sempre encontra-se um outro jeito para evitar problemas com fontes ou mesmo distorções de informações. Assim que pronto, se puder, o editor-chefe do telejornal deve olhar a matéria e aprovar junto, para ver se esta de acordo com o esperado e se não falta nenhum dado.
- i) **A edição da apresentação:** Aprovada a matéria o editor de imagens pode enviar a mesma para o sistema onde será rodada ao vivo na switch de produção por um outro operador. Nas emissoras onde esse processo ainda não existe a reportagem é gravada em um disco ou uma fita para ser exibida. A matéria foi aprovada, mas o trabalho do editor de textos continua. Ele deve colocar dentro da lauda específica da reportagem, dentro do espelho, o nome e o cargo correto de cada entrevistado, o off onde será creditado o nome do cinegrafista e todas as informações necessárias para que o operador de caracteres consiga creditar corretamente cada uma das

pessoas que aparecem na reportagem, inclusive o repórter. Outra função do editor de textos é colocar nesta mesma lauda o tempo da reportagem e a deixa final da mesma para que o operador de TP, que passa através de um sistema o texto a ser lido pelos apresentadores, consiga saber o ponto exato em que termina a reportagem, assim como toda a equipe técnica. Feita essa parte operacional o editor de textos ainda deve pensar na cabeça, que é o texto lido pelos apresentadores, uma das partes mais complexas da edição. Neste momento o editor de textos deve buscar algo atrativo que chame a atenção do telespectador para assistir a reportagem até o final. Ela deve ter informação e ser criativa ao mesmo tempo, é a parte em que os apresentadores vendem o assunto. Feita a cabeça é hora de pensar na reportagem como um todo, se faltou alguma coisa deve-se fazer uma nota pé na reportagem, quase sempre é a posição de alguém que não foi ouvido ou não se pronunciou durante a execução da mesma. A nota pé é o texto lido pelo apresentador assim que a reportagem termina.

Passados todos esses processos pode-se dizer que a edição foi concluída⁷. Nunca se sabe ao certo se tudo foi realizado perfeitamente, pois cada editor de texto, cada editor de imagem, cada repórter trabalha de um jeito diferente, o importante neste caso é fazer um trabalho isento, seguindo as regras previstas nos manuais de telejornalismo com ética. No entanto, muito se discute sobre o processo de realização deste trabalho, pois alguns teóricos dizem que o poder de escolher o que vai entrar ou não torna a função da edição discutível sobre o ponto de vista ideológico, tanto por parte dos profissionais, como das empresas, já que é na edição segundo Szpacenkopf (2003) que a notícia é fabricada. Neste contexto estão incluídas as rotinas produtivas de telejornal, as regras próprias de cada emissora, as censuras internas, externas e as internalizadas.

1.4 SOBRE O CONCEITO DE EDIÇÃO

O termo função é fundamental para este trabalho e para desenvolver um percurso mais conceitual recorre-se a trabalho já desenvolvido por Emerim (2012; 2014) que parte dos princípios da metodologia de análise advinda da Semiótica Discursiva que desconstrói um objeto até sua unidade mínima para entender seus modos de

⁷ As definições trazidas nessa etapa do trabalho não correspondem às categorias de análise que serão apresentadas posteriormente no terceiro capítulo.

funcionamento. Ressalta-se, também, que este percurso aproxima-se do que se define como Engenharia Reversa, um modo de descobrir a função e a operação de objetos e sistemas através da análise de sua estrutura externa e interna, utilizando-se como técnica a desconstrução deste objeto ou sistema. Essa técnica ou processo é o fundamento da aplicabilidade da metodologia proposta por Emerim desde 2001, em diferentes trabalhos, articulando e empregando com o suporte teórico da Semiótica. A Engenharia Reversa vem sendo difundida em diferentes suportes como livros, sites ou blogues, com seus princípios disponibilizados para o público de forma aberta, sem que se tenha, de fato, uma origem definida ou mesmo algum teórico que reivindique sua conceituação ou escopo metodológico. Muito embora em várias publicações na internet⁸ ela aponte a origem destes estudos no campo militar em períodos de guerra. Mas, para Emerim, ela vem sendo compreendida como uma técnica de pesquisa que ajuda a potencializar e a justificar a escolha do ponto de partida da etimologia da palavra para entender o uso e a função de um termo ou palavra no objeto e na própria pesquisa. Sendo assim, para se compreender, de fato, o uso de um termo ou palavra, é preciso, sob a égide destes princípios, partir da origem do próprio termo para perceber suas aplicações e operacionalidades.

Em relação ao termo **FUNÇÃO** faz-se necessário discutir e ponderar, com mais vagar, sobre suas outras compreensões. Etimologicamente, o termo origina do latim, *functio-ōnis, fungor, functus sum, feris, fungi* e suas definições mais consensuais são **uso, prática, trabalho, execução, cumprir, exercer, exercício de órgão ou aparelho** (CUNHA, 2010, p.304), como já se apontou antes, noções ligadas a utilidade no sentido de funcionamento.

Se se recorrer aos dicionários, a palavra função assume nada menos do que 15 grandes definições, em campos semânticos diferentes tais como na Biologia, na Álgebra, na Matemática, na Física, na Gramática, na Linguagem, na Química, enfim. Numa observação mais geral, as definições e/ou aplicabilidades do termo podem ser agrupados em três grandes acepções: *no sentido utilitário ou instrumental; no sentido organicista ou numa acepção lógico-matemática* (GREIMAS e COURTÉS, s/d, p. 197). Desdobrando melhor estas, pode-se ainda organizar como **atividade natural** (característica ou atividade de

⁸ Alguns links nos quais é possível conhecer o conceito e a aplicabilidade da **Engenharia Reversa** estarão disponíveis na bibliografia, em espaço diferenciado.

sistema, órgão, operações executadas num ou por um ser vivo - Biologia, Neurolinguística, Química, etc.); como **ofício** (cargo, emprego, trabalho, atividade – Profissões; Atividade braçal ou intelectual, etc.); como **engrenagem** (serventia, desempenho, relação entre, papel que assume – Linguística, Gramática, Matemática, Física, Álgebra, etc.); como **reunião social** (junção, solenidade, festa, espetáculo, apresentação circense – Popular, Folclórico, Gíria, etc.).

O campo semântico que interessa discutir mais aprofundadamente é o da gramática e da linguística, por ser este o âmbito do trabalho em desenvolvimento. Para a linguística, a partir do Dubois et al (1975), partimos das Funções da Linguagem (ou seja, *os diversos fins que se atribuem aos enunciados, ao produzi-los*; pag. 295) e, fundamentalmente, compreende-se por função:

(...) o papel representado por um termo (fonema, morfema, palavra, sintagma, etc.) na estrutura gramatical do enunciado, sendo cada membro considerado como participando do sentido geral desta. (DUBOIS et al, 1975, p. 294)

Para a Glossemática, função define-se por um conceito muito próximo ao que se aplica na Matemática, sendo *toda a relação entre dois termos* e, na Gramática Gerativa, a função é *a relação gramatical que os elementos de uma estrutura (as categorias) mantêm, entre si, nesta estrutura* (DUBOIS et al, 1975, p. 295).

Como se pode ver, embora ele se permita a ser empregado em diferentes aplicabilidades, mantém-se ligado, de forma mais natural, ao entendimento de **utilidade, funcionamento**, e é exatamente neste aspecto que ele interessa ao presente trabalho. Ao se pensar na edição de imagens na televisão ou no telejornalismo, propõe-se observar exatamente como estas imagens estabelecem relação com os outros elementos em jogo na cena televisiva (som, enquadramento, postura e comportamento dos repórteres, composição, enfim), ou seja, que funções esta edição, este ato de unir, desunir, montar e desmontar as cenas do real podem assumir neste processo de construção de sentido da reportagem na televisão.

Diante do exposto, esta pesquisa vai assumir a **noção de função** como aquele **elemento cujo uso se destina a algo (no âmbito da utilidade)** que, articulada com a noção de discurso (ou discursivo), entendido aqui como **o espaço, o lugar onde se produz o sentido** (Emerim: 2012, p. 54), responde a um *conceito operacional de função*

discursiva. Desta forma, por **função discursiva** assume-se o conceito operacional de ser **aquela funcionalidade, utilidade ou uso** de um **elemento** (neste trabalho da **edição**) em direção a uma **ação que ocorre** no **interior** do **discurso** (EMERIM, 2012).

Como se pode perceber até este item da Dissertação, o termo edição, por comportar significados de diferentes áreas do conhecimento, parece extremamente complexo e, também, difícil de ser definido *a priori*, necessitando de um percurso de estudos de seu significado e de sua unidade mínima. Afinal, limitar características para o mesmo já não seria uma edição de suas especificidades empregadas à comunicação? *Grosso modo*, editar é o trabalho de transformar o material bruto captado pelo repórter e pelo cinegrafista no produto final que irá ao ar. É retirar o excesso, corrigir os erros e deixar o trabalho com o visual limpo e correto. Mas é preciso pensar, com mais vagar sobre este termo e a sua importância no telejornalismo.

Diante desta necessidade, a dissertação recorre a um estudo ainda inédito, produzido por Emerim (2015), que é fruto de uma pesquisa⁹ que vindo sendo desenvolvida desde 2011, junto ao Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFSC e ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Assim, conforme aponta à autora, o termo *edição* está relacionado a vários processos, mas o mais comum é o da montagem. Pensar edição como montagem torna o seu significado mais produtivo e operacional se for colocado em relação às técnicas e práticas do jornalismo, principalmente, àquelas desenvolvidas especificamente **para e pela** televisão.

Em tevê, como já se falou, editar é juntar recursos televisivos para transmitir uma informação, ou seja, unir som com imagem através de uma narrativa específica da área, normalmente, construída em formato de reportagem. A equipe de televisão assume o lugar dos “olhos das pessoas” sobre determinados acontecimentos, o problema, muitas vezes é que cada um tem uma interpretação diferente sobre os fatos e para que se possa ter um objetivo compreendido, ou seja, a informação sobre uma mesma notícia, sendo ela mais próxima de sua história ou de como os fatos ocorreram, é preciso empregar recursos que permitam esta verossimilhança com o real. Por este motivo que Emerim (2015)

⁹ A referida pesquisa foi desenvolvida por EMERIM, no projeto Telejornalismo em Florianópolis: história e modos de produção, entre 2011 e 2014 e cujos resultados serão disponibilizados em publicação já no prelo, com data de lançamento prevista para 2015.

aponta a edição como elemento crucial deste processo, mas, alerta que, é exatamente a sua potencialidade que permite à ação oposta, ou seja, buscar tanto o retrato fiel da realidade que ela (edição) acaba se constituindo num elemento do não real, do ficcional (para não entrar aqui na seara da falsidade).

Assim, no telejornalismo, fundamentalmente, a edição está diretamente ligada às perguntas de base de toda e qualquer produção jornalística, ou seja, O que é notícia?, O que é o mais importante?, O que o público quer saber?, Como contar essa história?, O que mostrar para contar melhor esta história?, O que deixar de fora?, etc. Dilemas cotidianos do jornalismo e que na maioria das vezes não é considerado em meio ao processo extremamente veloz estabelecido pelos fluxos produtivos da industrialização da notícia.

Aliás, esta concepção não é tão nova ou tão contemporânea, pois desde o surgimento da sociedade industrial estas discussões e complexidades em torno do jornalismo de modo geral já se fazia presente nos estudos e preocupações dos intelectuais. Genro Filho (1987) já apontava um direcionamento de se perceber a especificidade do jornalismo exatamente pela sua intrínseca relação com o fazer produtivo. Com o desenvolvimento dessas forças produtivas e das relações capitalistas, o mundo se torna cada vez mais integrado e interdependente e essa imediaticidade do mundo, potencializada em diferentes efeitos, envolve uma esfera cada vez maior e constitui um sistema que se torna progressivamente mais complexo e articulado. Segundo o autor, isso traz duas consequências básicas: a procura de mais informações e, pelo fato de que tais informações não podem ser obtidas diretamente pelos indivíduos, surge a possibilidade de uma indústria da informação. Assim, os veículos de comunicação, como a imprensa, o rádio, a fotografia, o cinema, a TV, etc., trouxeram consequências profundas para as formas de conhecimento e comunicação até então existentes.

Para compreender a influência deste contexto, Genro Filho (1987) empregou uma distinção entre jornalismo e imprensa considerando a imprensa, o corpo material do jornalismo, o processo técnico (que tem sua contrapartida na tecnologia do rádio, da TV, etc e o impacto tecnológico que emprega em seus produtos); e, por jornalismo, a modalidade de informação que surge sistematicamente destes meios para suprir certas necessidades histórico-sociais que expressam uma ambivalência entre a particularidade dos interesses empresariais e a universalidade do social em seu desenvolvimento histórico.

Especificamente em relação a televisão Genro Filho (1987) aponta que, em função de suas qualidades técnicas, a produção televisual permite ao telespectador (ao corpo social) aproximar-se da meta que é ter de novo a totalidade do mundo sensível através de uma imagem ao alcance da mão, o sonho sem estar dormindo, sem estar sonhando.

A TV, certamente, não faz das pessoas aquilo que quer, mas acentua e aprofunda aquilo que as pessoas já são. As imagens da TV oferecem o brilho que falta ao cotidiano cinzento da alienação, sem exigir esforço da atenção ou do pensamento, como uma propriedade que é usufruída de modo desatento, na forma de aparências que se projetam. A "linguagem das imagens", que dispensa a mediação conceitual, é mais primitiva que a das palavras. Por isso, ela favorece - tendo em vista a maneira como se insere a TV no capitalismo - o irracionalismo e a ilusão sobre o mundo. A voz que fala através dela é o discurso da imediaticidade, do mundo presente como algo natural e eterno, como uma espécie de voz do "espírito objetivo". (GENRO FILHO, 1987)

Esta afirmação vai ao encontro dos pensamentos em artigo publicado por Emerim e Cavenaghi (2012) que aponta que desde o surgimento da televisão no Brasil, a partir de 1950, estreias de novos programas (novelas, programas de auditório, *talkshows*, seriados ou filmes) mobilizam a sociedade transformando isso num evento midiático e social, assim como os produtos resultantes da produção de jornalismo. Ou seja, o jornalismo assume também um papel de publicizar também o ficcional e, aqui, se torna uma estratégia ou um modelo de narrativa que permite apagar a fronteira entre o real e o ficcional na produção televisiva.

Dentro desse contexto, Genro Filho (1987) diz que no jornalismo, a impressão de uma reprodução fragmentária da realidade é forte porque as informações são configuradas pelo ângulo da singularidade. No entanto, o relacionamento é real e efetivo e subjaz à forma autônoma em que são apresentadas as notícias e reportagens. O conteúdo das informações, dada pela particularidade e pela universalidade que dela se projeta, implica um profundo relacionamento entre as diversas matérias - formalmente fragmentadas - de uma mesma

edição, de um mesmo veículo e, inclusive, dos veículos em seu conjunto.

Por outro lado, Sponholz (2009) acrescenta que o jornalismo obedece às mesmas regras dos processos de conhecimento em geral. Como qualquer outro tipo de processo de conhecimento, não consegue espelhar a realidade porque este processo é sempre perspectivo, seletivo e construtivo. Ela segue as mesmas regras que um ser humano obedece para entrar em contato com a realidade, só alguns aspectos do mundo exterior são absorvidos.

Assim, Gomes (2009) aponta o jornalismo como uma atividade integralmente afetada pela norma da veracidade. A notícia, o produto específico dessa atividade, ganha em geral forma verbal de um enunciado declarativo, de uma descrição ou de uma narrativa sobre eventos reais. A opinião e a análise – espécie de argumentação sobre fatos reais e sobre a interpretação deles -, subproduto do jornalismo, é também um tipo de ato linguístico essencialmente comprometido com uma pretensão de verdade. Não há notícia sobre a qual não se imponha legitimamente uma obrigação de veracidade; alias, só é notícia um ato verbal que comporte uma pretensão de ser verdadeiro.

Ponte (2005) coloca que não se pode deixar de situar o jornalismo como lugar de seleção e de construção desse acervo de conhecimentos, entre as escolhas do que é dito e do que é silenciado, de quem participa ativamente na definição do conhecimento e de quem é ausentado desse processo. Interessa também a percepção dos esquemas tipificadores para circulação de conhecimentos e as formas que o discurso jornalístico se articula para produzir uma interpretação semanticamente coerente.

Neste cenário é que começam as discussões mais aprofundadas sobre edição. Szpacenkopf (2003) diz que o telejornal é um espetáculo constituído de informações “perceíveis”, já que toda notícia pressupõe uma luta contra o tempo para não se tornar obsoleta, velha e sem valor mercadológico. Neste espetáculo, o começo e o fim da tarefa estão muito próximos um do outro, o passado é atualizado no presente, seja pelas imagens ou pela linguagem com os verbos no tempo presente. O telejornal faz parte da lógica do espetáculo, está referenciando a lógica da comunicação midiática, e como tal, submetida a leis próprias.

Segundo Maia (2007), o fundamento principal da atividade de edição nos noticiários é transformar os acontecimentos numa história com princípio, meio e fim. O objetivo é fornecer uma representação

sintética, breve, coerente e significativa à construção do relato noticioso. No entanto, estudar edição nos telejornais não é uma missão fácil, pois a função prática dessa atividade no jornalismo divide opiniões por parte de estudiosos. Muitos afirmam que editar, como aponta Maia (2007), é uma ação produtiva, necessária no dia a dia da profissão, no entanto, outros autores afirmam que editar vai além de escolher sonoras e imagens, é uma ferramenta poderosa e que possibilita distorções.

Sobre os processos de produção e edição do telejornal, Szpacenkopf (2003), defende que além da edição técnica, característica das atividades telejornalísticas – que implica operações como corte, colagem, colocação de narrações, voz em offs, passagens ect. - existe outra chamada montagem branca. O poder de olhar e de fazer olhar dá poder ao olhar que decide, seleciona, monta, corta, edita o que irá ao ar. O poder exercido pelas pessoas responsáveis pela produção e edição do telejornal obedece a regras e contratos que vão desde os de leitura até os que envolvem interesses políticos, econômicos e mesmo os da emissora.

Segundo Szpacenkopf (2003), a edição de um telejornal atende a leis próprias, além das específicas e técnicas envolvidas na montagem. Estas leis são fundamentais para decidir que fato é mais favorável para ser transformado em notícia, como está será divulgada, como será construída, quando irá ou não ao ar. A decisão sobre o que vai ser noticiada muda em função da época, dos interesses econômicos e políticos, da linha desenvolvida no telejornal, etc. Aprofundando a discussão sobre edição, o autor aponta que as informações que fazem parte de um telejornal, por exemplo, podem falar mais do que aquilo que é apresentado, atendendo a interesses reais ou supostos do espectador e trabalhados de forma sugestiva. A edição de um telejornal, segundo a autora, supõe o conhecimento do que deseja aquele que vai assisti-lo. A própria escolha, o maior ou menor destaque dado às notícias, é uma forma de posicionar o olhar, conferindo poder a determinados acontecimentos e/ou pessoas, para que sejam olhados por espectadores que, afinal, são também “olhados” via índice de audiência.

Assim, supõe-se um saber não só sobre o que, como e quando informar, mas, sobretudo a respeito do que o espectador deseja ser informado, supõe-se saber sobre o seu interesse, ao mesmo tempo que este interesse vai sendo fabricado. O telejornal olha, faz-se olhado, mostra onde está, mas o espectador, ao olhá-lo não sabe para onde o telejornal vai, nem para onde quer dirigi-lo.

Mesmo assistindo do lado do espectador, o poder de querer ou não determinadas notícias, o poder de fazer ver é muito mais impositivo. Desta forma, é mais plausível supor que o espectador não sabe para onde o telejornal o leva do que supor que o telejornal não tenha a pretensão de leva-lo por algum caminho. As vezes o mais importante não é tanto o que esta sendo mostrado, mas o que ficou de fora, o que não aparece, o que só esta inserido nas entrelinhas, o que não teve imagem. (SZPACENKOPF, 2003, p. 147 e 148)

Boni (2009) acredita que ao fazer a edição de imagens, o jornalista que ocupa a função de editor acredita dominar a máquina. Pode fazer com as imagens milhares de coisas diferentes, alterando as características sensíveis da representação. Pode mudar as cores, as tonalidades, pode acelerar ou adiantar e com os computadores é capaz de executar operações infinitamente mais complexas. Para o editor a construção é dele, foi elaborada por ele e, cada vez, se parece mais com os elementos do mundo sensível, dado o aperfeiçoamento da tecnologia. Isto chega a um tal ponto de se pensar que não há tanta diferença entre as imagens da simulação e as da realidade, até porque as reais também podem ser alteradas para satisfazer as necessidades do profissional. Se ele quer as cores mais vibrantes, se pretende os fatos mais lentos ou se a intenção é que aconteçam mais rapidamente, tudo depende apenas de programá-los para aquilo que oferece o sistema. Essas imagens podem ter sido captadas na hora em que o fato aconteceu, mas podem ser alteradas como quiser o editor. Aparece aí a “tentação” de esquecer o fundamento principal de mostrar os fatos o mais próximo de sua história de acontecimento (ocorrência) em favor da estética e da consequente audiência que pode ser alcançada.

Para Pereira Jr (2009), a edição é compreendida como o processo de construção de uma narrativa audiovisual a partir da fase de montagem, de onde a notícia toma a forma de um produto jornalístico¹⁰. Isso implica em escolhas, em que os editores operaram, a partir da manipulação e da exploração das imagens, estabelecendo uma narrativa que deve apresentar uma unidade para manter a atenção da audiência interativa do começo ao fim da reportagem. Ao escolher as reportagens

¹⁰ Em tempo, montagem para Pereira Jr é o mesmo que editar embora ele utilize aqui no sentido mais amplo, refere-se a todo o processo de montar o material.

e organizá-las em blocos, os editores, de acordo com Pereira Jr (2009), partem para a escolha das estratégias de edição de cada uma das matérias. Citando outros autores ele diz que:

De acordo com Dancyger (2007) o objetivo dos editores é encontrar a continuidade narrativa para a imagem e para o som e refinar os planos visuais e sonoros que criam a ênfase da narrativa. Não é possível mostrar tudo o que foi gravado, é preciso tecer o fio condutor dos acontecimentos, a trama dos fatos (TUCHMANN, 1983) de forma sintetizada, sendo que a unidade da matéria provém do texto *off* narrado pelo repórter ou apresentador. O tempo do telejornal é curto, a edição é marcada por um *deadline* e a sequência dos acontecimentos, assim como se deram, pode ser longa e tornar as reportagens e a narrativa do telejornal entediante. (PEREIRA JR, 2009, p. 3)

A produção de um telejornal é um processo do qual fazem parte operações como pauta, pesquisa, planejamento, edição, acompanhamento etc. Uma fato externo, seja ele gravado pela emissora ou entregue a ela via gravação por um cinegrafista amador, é acolhido pelos processos inerentes ao telejornalismo, que olham, que o fazem olhar, que o mostram acompanhados de vozes, seja a do apresentador, do âncora ou mesmo de um jornalista, ao vivo ou em *off*. O fato passa a existir, vira acontecimento, através do olhar acompanhado da voz, ou seja, do discurso midiático televisivo produzido por imagens e vozes.

Para Meirelles e Coutinho (2003) a edição é a etapa do fazer jornalístico que é finalizadora da construção narrativa, pois nela se estabelece o sentido e, dessa forma, envolve grande responsabilidade, já que possibilita distorções. Como explica:

(...) a alquimia final, na qual os elementos capturados na reportagem ganham unidade e sentido, é operada na edição do VT, da matéria ou reportagem que vai ao ar, uma atividade que reúne o editor de texto, jornalista, e o editor de imagens, radialista. (MEIRELLES e COUTINHO, 2003, p. 167).

A edição, então, como todas as outras etapas do telejornalismo, envolve uma grande responsabilidade, afinal, inserir (ou

não) uma fala em um contexto diferente daquele na qual foi dita, utilizar-se de recursos audiovisuais para criar uma compreensão diferente do que ocorreu realmente, modificar imagens, exagerar são todos atos e decisões que podem comprometer a informação e, de quebra, prejudicar o jornalismo. Sem mencionar os preceitos éticos que podem ser maculados. Seguindo a proposição de Meirelles e Coutinho (2003), uma série de cuidados devem ser tomados por parte do editor, pois a regra manda que ele construa uma reportagem atrativa e interessante, mas, principalmente, que seja ética, clara e que respeite o interesse público, mas isso depende muito da edição escolhida, pois é na edição que se torna visível o resultado final que envolveu toda a equipe de telejornalismo, como pondera a autora:

(...) o telejornalista lida com a necessidade de ordenar o aparente caos da fita bruta, em que imagens, entrevistas, passagens e o áudio do off são gravados de forma cuja lógica está ligada ao momento de captação dos registros e não à sua estrutura narrativa. Alia-se a isso a questão do tempo disponível, a possibilidade de alteração das informações até o momento de exibição, as diferenças em qualidade e adequação das entrevistas/depoimentos coletados e ainda a linha editorial do telejornal, e mesmo a marca ou padrão estilístico e/ou político da emissora em que aquele programa está inserido. (MEIRELLES e COUTINHO, 2003, p. 167).

Depois de se mostrar a importância da edição no processo e sua função mais comum no contexto da produção televisual jornalística, a dissertação parte para explicitar uma discussão mais efetiva sobre o conceito de edição e de como este trabalho irá compreender e analisar este processo.

Nessa direção, retomando o que já se apresentou na introdução, a palavra **edição**, originária do latim *editio*, tem como definição mais comum pelo dicionário Aurélio (1986), ser a *seleção e combinação de materiais gravados ou filmados para feitura de um filme, programa, videoclipe, etc, ou montagem*. Ao se debruçar na busca de um conceito operacional sobre este termo, Emerim (2015) recorreu as diferentes definições que estavam disponíveis na bibliografia desde aquelas previstas em dicionários mais tradicionais, passando pelos

manuais de produção televisual e algumas publicações entre livros, teses e dissertações que se preocuparam em tematizar a edição.

E, como resultado, muitas das conceituações encontradas pela autora são voltadas para a publicação de material impresso e, raríssimas para o campo da imagem em movimento. Entre estes, alguns termos são interessantes de serem trazidos à discussão, tais como, a repetição de um evento, o conjunto de exemplares de uma publicação reproduzida mais de uma vez, o conjunto de exemplares de uma mesma tiragem, etc., com mais de 47 modalidades fundadas em diferentes preceitos que podem funcionar, por ter conceito mais abrangente, para qualquer tipo de produto. E, para sistematizar o trabalho, Emerim (2015) sistematizou uma tabela descrevendo as principais definições encontradas da bibliografia já referida em parágrafo anterior:

Tipos de edição	Descrição
Edição extraordinária	Edição extra
Edição fac-similiar	Edição que produz um testemunho por meios mecânicos, como por exemplo, a fotografia ou a fototipia, edição mecânica.
Edição fraudulenta	A que é feita sem assentimento do autor ou do detentor dos direitos autorais: edição espúria, edição pirata.
Edição integral	Edição não abreviada ou não expurgada, ou que representa um texto só então integralmente estabelecido.
Edição interpretativa	Edição de texto cuja tradição está limitada a um único testemunho.
Edição limitada	A construída de reduzido números de exemplares, usualmente numerados.
Edição paleográfica	A que transcreve fiel e exatamente um manuscrito, respeitando-lhe a grafia, pontuação, etc., e colocando em colchetes os acréscimos julgados necessários.
Edição popular	Edição compacta em papel barato, de certos textos publicados para grande divulgação.
Edição príncipes	A primeira edição de um livro, edição príncipe.
Segundo edição	Fig. Pessoa muito semelhante a outra, física e/ou psicologicamente.
Edição completa	Aquela que compreende todas as obras de um autor.
Edição corrente	Edição comum, feita para o grande público, e que contem o texto puro e simples da obra.
Edição crítica	A que é elaborada a partir da coleção de diversos testemunhos, e que visa a estabelecer a última vontade do autor, no que respeita a forma originária da mensagem transmitida, edição exegetica.

Edição de arte	Edição de livro que se caracteriza pelo esmero da produção gráfica e pela valorização dos elementos visuais.
Edição de bibliófilo	A que se destina a colecionadores, impressa em papel de qualidade, geralmente ilustrada, de tiragem reduzida e exemplares numerados e , quando possível, assinados pelo autor, ilustrador.
Edição de bolso	Edição de livro de bolso
Edição definitiva	Aquela cujo texto, foi pelo autor, considerado definitivamente estabelecido, edição original.
Edição de luxo	Edição impressa em papel de alto preço, em formato quase sempre grande e com margens amplas, as vezes compostas com tipos especiais, ornada de ilustrações e não raro suntuosamente encadernada.
Edição de VT	Montagem final de um programa em videoteipe.
Edição diamante	A de formato minúsculo, impressa com tipos de ínfimo corpo.
Edição digital	Ato ou efeito de editar por meio de recursos computacionais.
Edição diplomática	A que, lançando mão dos caracteres tipográficos convencionais, reproduz a lição de um texto com extrema fidelidade, sem corrigir eventuais erros, sem introduzir pontuação ou quaisquer outros traços inexistentes no documento a ser editado.
Edição documentária	A que visa a tornar o texto editado o mais fidedigno possível, para permitir seu uso por especialistas, como no caso das edições diplomáticas e fac-similares.
Edição eletrônica	Ato ou efeito de editar por meios eletrônicos, sem que se manuseie ou corte fisicamente o material gravado.
Edição especial	A que difere da edição corrente de uma publicação em virtude de melhorias introduzidas no projeto básico. Número de uma publicação periódica com matérias dedicadas a determinado tema ou acontecimento.
Edição espúria	Edição fraudulenta
Edição exegetica	Edição critica
Edição expurgada	Aquele de que se eliminaram as passagens tidas como inconvenientes por motivos políticos, éticos e religiosos.
Edição extra	Edição de um jornal, revista, informativo de radio e televisão, etc. dada a público em caráter extraordinário, em virtude de acontecimento inesperado, e excepcional; edição extraordinária; edição especial.

Fonte: Material de Pesquisa de EMERIM (2015)

Tabela 1: Conceitos de edição 1

Depois disso, a autora reorganizou estas definições e estruturou em categorias, definição da categoria e agrupou em tipologias, a partir de que poderiam ser suas aproximações.

Categoria	Definição	Tipos de Edição
Modos de fazer	Unem-se ou diferenciam-se pela técnica do fazer ou o modo de fazer a edição	Edição Fac-similar; Edição de VT; Edição Digital; Edição Eletrônica, Edição de Arte
Público a que se destina	Ligam-se pelo modelo de produção cujo objetivo é orientar o material para que possa ser consumido por um determinado público; (podem trazer características de elementos constitutivos de natureza do material a ser empreendido ou do conteúdo desenvolvido)	Edição Paleográfica, Edição Diplomática, Edição Popular, Edição Corrente, Edição Bibliófilo
Mercadológica	Visa a venda do produto; uma editoria especial; definido; destinado	Edição limitada, Edição Integral, Edição Princeps, Edição Completa, Edição de Luxo, Edição de Bolso, Edição Diamante
Funtiva	Pela função que assume ou produz ao ser apresentada	Edição Fraudulenta, Edição Expurgada, Edição Interpretativa, Edição Extra, Edição Especial, Edição Extraordinária, Edição Crítica, Edição Exegética, Edição Documentária

Fonte: Material de Pesquisa de EMERIM (2015)

Tabela 2: Conceitos de edição 2

Alguns conceitos como estes podem ser empregados na televisão, em especial no telejornalismo, principalmente, os relacionados à categoria *modo de fazer*. Mas, este será objeto de estudo e análise a ser

apresentado no próximo capítulo. Antes deste estudo, porém, vale reiterar que esta dissertação se propõe a entender e mapear a edição no interior das reportagens e, para isso, compreende por **edição** como **o processo de organiza as imagens e o som dentro de um material audiovisual bem como o mantém em conexão com o todo (o programa e o espaço midiático) no qual está inserido**. Sendo assim, ao se propor a analisar a **função discursiva da edição** no interior da reportagem vai se dedicar, também a observar os outros espaços nos quais a edição se faz presente e, por fim, compreender quais funções, nestas diferentes etapas, a edição assume no discurso televisivo.

2 PRECEITOS DA ANÁLISE SEMIÓTICA EM EDIÇÕES TELEJORNALÍSTICAS

Lá inclusion de un plano o una fotografía determinada en un programa o en una información, y incluso a niveles de reportage y, si se apura un poco, a nivel de programa, incluídos respectivamente en un reportagen, em un programa e en una programacion, que se manifesta como especializado en un tema o perteneciente a una cadena de televisión o a una televisión estatal o privada, etc., significa que la representación de dicho elemento incluído, adquiere ya um determinado valor o uma determinada intención o significación. (HERREROS, 1978, p.132)¹¹

Como se mostrou, pode-se dizer que a edição está presente em todas as etapas da construção de uma notícia no jornalismo. Como se apontou anteriormente, ela começa na escolha do assunto, passa pela elaboração do material a ser divulgado, independente da mídia, da linguagem, dos elementos adicionados até se tornar pública, acessível para a sociedade. A edição está presente, inclusive no que foi deixado de fora, no que não foi mostrado, ou seja, as partes que não foram escolhidas pela equipe que a produziu a reportagem. Por isso é fundamental estudar com mais aprofundamento suas implicações no telejornalismo.

O formato das edições jornalísticas está diretamente ligado com alguns fatores da rotina profissional. O fluxo desenfreado de produção nas redações e a necessidade de trazer sempre algo novo, no menor prazo possível, faz com que pouco se tenha tempo para refletir sobre o formato pelo qual as notícias são produzidas e transmitidas. O

¹¹ A inclusão de um plano ou uma determinada fotografia em um programa ou informações, e até mesmo níveis de reportagem e, se não se apressar um pouco, no programa, incluindo uma reportagem respectivamente, em um programa e em uma agenda, que se manifesta como um especialista em um tópico ou uma cadeia pertencente para uma parte da televisão estatal ou privada, etc., significa que a representação desse elemento incluído, adquire um determinado valor ou certa intenção ou significado.

modelo, usado nos últimos quarenta anos pelas emissoras de televisão, é passado para cada nova geração de jornalistas, partindo de um formado pré-estabelecido e multiplicado como uma fórmula eficaz.

Se vive um período de críticas contundentes contra a televisão e sua produção exageradamente voltada para o consumismo, o sensacionalismo e a superficialidade, inclusive no telejornalismo. Até mesmo as universidades e suas televisões insistem em ensinar e repetir as fórmulas já desgastadas de produzir e transmitir programas e notícias. (BRASIL, 2012, p.10)

De certa forma, a imposição de um *modo de fazer* tornou os profissionais previsíveis e a repetição “que funciona” diminuiu a capacidade de aproveitar as ferramentas de edição em prol da linguagem da televisão, ao vivo e em tempo real, potencializando sua especificidade, mostrando coisas novas, com outra abordagem. Noutro aspecto, porém, é preciso ressaltar, os interesses empresariais e mercadológicos que as emissoras prospectam em seus negócios, em suas trocas comerciais.

Todas essas considerações impactam no processo de edição dos programas de televisão, mas depois do advento da internet as novas formas de comunicação trouxeram desafios ainda maiores para a edição tradicional na TV. A força da internet, segundo autores como Brasil (2011), faz pensar o futuro dos noticiários alternativos em relação às propostas dos grandes veículos. A multiplicidade de telejornais na rede, de acordo com ele, cria grandes oportunidades para a experimentação de novas narrativas audiovisuais que já estão sendo aplicadas ao telejornalismo universitário na internet, por exemplo.

Internet é um meio e uma linguagem essencialmente jovem. Suas características democráticas e muitas vezes até meio rebeldes se tornam um apelo forte e significativo para a mobilização dos jovens. O telejornal universitário na rede procura estabelecer valores informativos ao mesmo tempo que aperfeiçoa estratégias inovadoras de mobilização e interação com o seu público. (BRASIL, 2011, p. 14)

Sendo assim, o presente capítulo vai trabalhar os preceitos teóricos que embasam essa dissertação e ajudam a compreender os processos de edição, utilizando a Semiótica Discursiva articulada com a Teoria do Jornalismo, aquela mais ligada ao campo da pragmática. A intenção é identificar o tom das reportagens esmiuçando detalhes talvez nem percebidos pelos profissionais que a fizeram, mas que estão presentes na narrativa do telejornal digerida por milhares de telespectadores que de alguma forma acreditam no que estão vendo, ouvindo e sentindo. Assim, ao longo deste capítulo se apresenta os fundamentos conceituais que norteiam o percurso metodológico e as análises empreendidas.

Nesta perspectiva, para analisar o conteúdo discursivo das edições em coberturas telejornalísticas vão ser levados em consideração os processos usados por teóricos para analisar filmes (no cinema) que, *grosso modo*, dizem que analisar um filme significa decompor um filme.

Embora não exista uma metodologia universalmente aceite para se proceder a análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre, pois a conceitos relacionados à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da análise é, então, o que explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe interpretações. (PENAFRIA, 2009, p. 1)

Este tipo de análise considera, antes de tudo, o filme como um relato e leva em conta, principalmente, o tema do filme. A aplicação deste processo, segundo Penafria (2009), implica, em primeiro lugar identificar o tema do filme (este filme é sobre?), que no caso desta pesquisa já é sabido: são os atentados. Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do material tendo em conta o que o produto diz a respeito do tema, observando o texto (sua estrutura), as imagens e os sons (meio de expressão) (BARDIN, 2009), possíveis de serem identificados a partir da Semiótica Discursiva.

A noção de discurso empregado para a Semiótica, segundo Joly (2006), é abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto interno, considerando seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. De fato, um signo só é “signo” se “expressar ideias” e se provocar na mente daquele ou daqueles que percebem uma atitude interpretativa. Neste sentido o semiótico, por exemplo, tem o propósito de ver se existem categorias de signos diferentes, se esses diferentes tipos de signos tem uma especificidade e leis próprias de organização e processos de significação particulares.

Para Santaella (2012), semiótica é a ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido, mas poucos trabalhos se dedicam a compreender essas funções na edição de reportagens.

A semiótica é uma disciplina recente nas ciências humanas, surgiu no início do século XX e não usufrui, portanto, da “legitimidade” de disciplinas mais antigas como a filosofia, e ainda menos a das ciências ditas “puras”, como a matemática ou a física.

Apesar de já mais claro, muito ainda se confunde a semiótica com a semiologia. Apesar de os dois nomes serem fabricados a partir do termo grego *semeion*, que quer dizer “signo” apresentam diferenças. A semiótica é de origem americana e é o termo canônico que designa a semiótica como filosofia das linguagens. Já a semiologia é de origem européia e é mais compreendida como o estudo de linguagens particulares (imagem, gestos, teatro, etc.). Seus grandes precursores são o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1858-1913) na Europa e o cientista Charles Peirce (1839-1914) nos Estados Unidos. Saussure partiu do princípio que a língua não era o único “sistema de signos que exprimem as ideias” que usamos para nos comunicar. Portanto, imaginou a semiologia como uma ciência geral dos signos a ser inventada, dentro da qual a linguística, estudo semântico da língua, estaria em primeiro lugar e seria, no caso, seu campo de estudo. Ele empenhou-se em observar as unidades constitutivas da língua: em primeiro lugar, os sons e os fenômenos, desprovidos de sentido, depois, as unidades mínimas de significação: os monemas (o equivalente das palavras) ou signos linguísticos. Tendo em seguida estudado a natureza do signo linguístico, Saussure descreveu-o como uma entidade psíquica de duas faces indissociáveis que uniam um significante (os sons) a um significado (o conceito).

Mesmo com uma estrutura comum, nem por isso os signos são idênticos: uma palavra não é a mesma coisa que uma fotografia, nem que uma roupa, nem que um cartaz de auto-estrada, nem que uma nuvem, nem que uma postura etc. E contudo, todos podem significar algo além desses mesmos e constituir-se, então, em signos. (JOLY, 2006, p. 35)

Já Peirce tentou pensar desde o início uma teoria geral dos signos (semiotics) e em uma tipologia, muito geral, que obviamente compreende a língua, mas está inserida em uma perspectiva mais ampla e relativizada por ela. Um signo tem uma materialidade percebida com um ou vários sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), ou tocá-lo ou ainda saboreá-lo. Para Peirce, um signo é algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade. Joly (2006) diz que o mérito dessa definição é mostrar que um signo mantém uma relação solidária entre pelo menos três pólos (e não apenas dois como em Saussure): a face perceptível do signo, “representamen”, ou significante; o que ele representa, “objeto” ou referente; e o que significa, “interpretante” ou significado. Embora os signos sejam múltiplos e variados todos tem uma estrutura comum que implica na dinâmica tripolar, que vincula o significante ao referente e ao significado. Desta forma, pode-se afirmar, que o acesso ao mundo só é dado por mediação sgnica. Um processo que Santaella (2012) explica como:

O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder, se representar, substituir uma outra coisa, diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 2012, p. 90)

Em outro livro Santaella (2010, p. 5) aponta que “a teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo em que elas são engendradas, nos procedimentos e

recursos nela utilizados”. Permite também captar seus vetores de referenciabilidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo o processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz.

Considerações estas que estão diramente relacionadas com a produção de conteúdo nos meios de comunicação, que nada mais são do que a representação recortada de uma realidade específica difundida em determinado discurso.

2.1 O PROCESSO DISCURSIVO DAS MÍDIAS

Depois do século XX (pós-revolução industrial) as invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens (a fotografia, o cinema, os meios de impressão gráfica, o rádio, a TV, as fitas magnéticas etc.) povoaram o cotidiano com mensagens e informações (SANTAELLA, 2012). Para se ter uma ideia das transmutações que estão se operando no mundo, basta lembrar que, um simples apertar de botões, imagens, sons, palavras invadem a casa e chegam, de forma quase que direta, mais ou menos como chega a água, o gás ou a luz.

A autora ainda aponta que todo fenômeno de cultura só funciona porque é, também, um fenômeno de comunicação, e que todos estes só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.

Sendo assim Charaudeau (2009) coloca que a perspectiva básica da comunicação considera o seguinte esquema: um emissor transmite uma mensagem a um receptor, como se esse receptor fosse capaz de assimilar tal mensagem exatamente da maneira como ela foi emitida. Ou seja, um fala, o outro escuta e compreende. Do ponto de vista das análises do discurso, esse esquema foi desmontado: não há mais a separação entre emissor e receptor, nem a sequência “um fala e o outro escuta” porque ambos estão, ao mesmo tempo, realizando um processo de significação. Ambos estão gerando sentidos (um enquanto fala, outro enquanto escuta) e não há qualquer garantia de que terão como resultado a mesma mensagem. Assim, o ato de comunicação se torna “uma troca entre duas instâncias: a de produção e de recepção” (CHARAUDEAU, 2009 p. 23). Observa-se que a utilização do termo

“troca” no lugar de “transmissão” faz toda a diferença para a compreensão do conceito de discurso: um processo de construção do sentido e não de transmissão de um pensamento ou uma mensagem.

Tratado diversas vezes como uma espécie de sinônimo de texto e fala Christofolletti (2000) coloca que o discurso não é nenhuma coisa nem outra:

Definido por Pêcheux (1969) como “efeito de sentido entre locutores”, o discurso não é senão a língua colocada em funcionamento, em sua operatividade, na construção de sentidos, de sujeitos, de verdades. A língua – o código e suas regras – serve de base material para os mais diversos processos discursivos se articularem, significando e ressignificando. Por processo discursivo, Pêcheux (1975, p.161) quer se remeter ao “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinónímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos em uma formação discursiva dada”. (CHRISTOFOLETTI, 2000, p. 47)

Dando sequência ao pensamento, Pêcheux (2009) compreende o discurso a partir de formações ideológicas. No caso do Estado ele diz que instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas, que ao mesmo tempo, possuem um caráter regional e comportam posições de classe: os objetos ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de servir deles” - seu sentido, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem -, o que se pode comentar dizendo que as ideológicas praticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia.

A formação do discurso é explicada por Pêcheux (2009) a partir do momento no qual o sujeito subordinado à verdade de seu discurso se torna progressivamente fonte desse discurso, enquanto um nó de necessidades, de temores e de desejos, se caracterizando discursivamente por tomadas de posição a favor de certas palavras, formulações, expressões etc., contra outras palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos. Nesta perspectiva o autor se inspira em Lacan (1966, p. 508) que diz que “o sujeito, se ele já pode parecer escravo da linguagem, o seria tanto mais de um discurso – em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde o seu nascimento – quanto se assim o fosse

sob a forma de seu nome próprio”, ou seja, o discurso muda de acordo com o meio em que o sujeito está inserido. Foi de afirmações como esta que ele preocupou-se em verificar a ligação entre as circunstâncias do discurso – que ele denominou condições de produção – e o seu processo de produção. Foucault também explica como se dá a formação do discurso:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1969, p.43)

Sobre o discurso Greimas e Landowski (1986) separa em dois tipos: de um lado o discurso da descoberta, todas as vezes em que a função do destinador tende a se objetivar em uma figura distinta da do sujeito discursante, de outro lado, discurso do questionamento reflexivo, quando o sujeito enunciativo se faz seu próprio destinador.

Para eles o discurso em ciências humanas, longe de ser linear, aparece como desenvolvendo-se em vários níveis ao mesmo tempo, os quais, embora reconhecíveis como dotados de uma autonomia formal, interpenetram-se, sucedem-se e apoiam-se uns aos outros, garantindo, assim, a solidez e a progressão do procedimento de vocação científica.

Nesta linha Verón (1980) afirma que o discurso é um fenômeno social à parte e constitui um dos “vínculos” mais importantes de produção de sentido no interior de uma sociedade. Se assim é, parece difícil, segundo ele, que os linguistas possam ir muito longe em seu programa sem recorrer as leis constitutivas do social. Partindo para o conceito ele diz que o discurso é sempre uma mensagem situada, produzida por alguém e endereçada a alguém.

2.2 O PROCESSO DISCURSIVO DA EDIÇÃO NO TELEJORNALISMO

Ao se definir telejornalismo como objeto de análise, é preciso considerá-lo um lugar de produção e circulação de sentidos, que,

segundo Benetti (2007), empreende um discurso dialógico, colocando em negociação, sujeitos diferentes e repertórios discursivos diferentes.

Desta forma, pensando o jornalismo como um gênero dentro dos discursos secundários (ideológicos) que circulam em comunidades culturais organizadas (artísticas, científicas, sócio-políticas), de natureza mais complexa que os discursos primários ligados a experiências concretas, cujas características absorvem e assimilam, pode-se dizer que há uma inter-relação entre os gêneros: se os discursos secundários vão absorver e assimilar conteúdos dos discursos primários, estes, por sua vez, alteram-se e assumem um caráter especial quando entram em gêneros secundários, perdem a sua relação imediata com a realidade concreta (PONTE: 2005). Esta perspectiva já estudada por Bakhtine é pertinente, segundo a autora, no estudo do discurso do jornalismo, onde se vê circular com alguma frequência gêneros primários como provérbios ou máximas, textos relativamente estáveis e de um autor coletivo, desinserido do seu contexto e transferidos para novos contextos. Fazem-no com especial eficiência pragmática que devido à mobilização cúmplice do leitor, que reconhece facilmente o seu conteúdo e o insere no seu novo contexto, quer também devido ao seu tom sentencioso.

Podemos também reconhecer no jornalismo um discurso reportado: “faz-se para uma terceira pessoa, há um destinatário efectivo das palavras reportadas” (Bakhtine, 1929: 164), o que coloca a proximidade ao outro visada pelo jornalismo. É uma relação decisiva, entendido este outro em duplo sentido, de promotores e actores interessados e intervenientes na informação, por outro lado, e leitores comuns sem acesso nem controlo sobre a acção reportada, por outro. (PONTE, p. 26, 2005)

Levando em conta as particularidades do jornalismo, Ponte (2005) considera ser de alargar esta definição ao contexto das suas condições de produção, nomeadamente das relações entre jornalistas e fontes, promotores e protagonistas da informação a fim de mobilizar para o estudo da noticiabilidade a nível de seleção, do tratamento e da apresentação dos acontecimentos e atores sociais.

Também mobilizadora para o estudo do discurso do jornalismo, designadamente para o conceito de consonância, um dos

valores-notícias que afetam a seleção e a organização das notícias, é a perspectiva de que os enunciados criam sempre algo de novo, de não reiterável, pela combinação única entre as formas linguísticas que os compõem e os aspectos extra-verbais da situação. Outro conceito importante neste contexto é o estilo.

De acordo com POnTe (2005) a atenção aos contextos de produção de estilos, aos diferentes gêneros e as suas realizações constitui assim uma inovação metodológica, situando a enunciação como a unidade básica de análise do discurso empregado. A enunciação alarga a linguagem ao seu contexto, em sentido situacional e cultural: de onde se fala e para quem se fala, o que está para trás e o que está por detrás.

Já a televisão, especificamente, segundo Jost (2007), utiliza a sintaxe da montagem cinematográfica, notadamente a montagem paralela, que entrelaça várias séries narrativas para exprimir a simultaneidade. Com efeito, na reportagem ao vivo, o realizador tem a possibilidade de passar de uma câmara à outra, de aproximar os espaços divididos e de reforçar a convicção do telespectador de que ele está em toda a parte ao mesmo tempo.

Levando a discussão para o texto televisivo, Emerim (2010) aponta que é compreendido como unidade de sentido, produto da semiose, isto é, da *função contraída entre expressão e conteúdo, podendo utilizar-se das mais diversas substâncias para sua expressão*. Busca-se entender o que o texto *diz e como* faz para dizer o que diz.

O texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto da comunicação– e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quando dos fatores contextuais ou sócio- históricos de fabricação dos sentidos.(BARROS, 1990, p. 07) (apud EMERIM, 2011, p. 2)

A autora traz para a discussão Eliseo Verón e Patrick Charaudeau que afirmam que é no texto que se materializam os efeitos de sentido pretendidos pelos enunciadores. As regras concernentes às gramáticas de produção e de reconhecimento descrevem operações que assinalam o percurso dos sentidos nas matérias significantes – os textos – nas quais, segundo Verón, deixam **marcas** que permitem a sua

reconstrução, recuperadas pelas marcas inscritas na superfície material. As mensagens televisivas estão organizadas na tela como **textos**, *imagens rasgadas em linhas e escritas através de unidades mínimas de imagem ou pixels* (MACHADO:1996, p. 138-139).

Desta forma, para que se possa analisar o texto televisivo, segundo Emerim (2011) é necessário considerá-lo no contexto em que se insere: o dos textos midiáticos televisivos.

Por *textos televisivos* compreendem-se aqueles objetos culturais, frutos da produção midiática em geral, cuja natureza é complexa e híbrida. Trata-se de textos que se utilizam de várias linguagens para sua expressão, articulados pelos meios técnicos de produção e circulação das mensagens televisivas que funcionam como linguagens que sobredeterminam esses diferentes sistemas de significação (DUARTE: 2004). Assim, eles se organizam pela apropriação de diferentes gramáticas de formas de expressão resultando numa trama de linguagens, gramáticas, gêneros, sub-gêneros e formatos. (EMERIM, 2010, p. 3)

Ainda segundo Emerim (2010), do ponto de vista da recepção, dois aspectos caracterizam o **discurso televisivo** enquanto processo comunicacional: 1) os efeitos de verdade que produz: o que aparece na mídia já carrega em si a ideia do *acabado, do pronto* e, portanto, do verdadeiro, do real; 2) o estatuto da credibilidade de que goza: a fluidez constante de sua apresentação confere a construção midiática marcas de credibilidade, pois não se tem acesso ao seu processo de produção. A credibilidade, ou o efeito dela, estrutura-se nestas bases, pois aos telespectadores é apresentado um mundo quase real, sem marcas que o diferenciam daquilo que ele vivencia no cotidiano. O efeito de credibilidade é reforçado pelo ao vivo e pela simultaneidade entre acontecimento e relato.

Com o desenvolvimento do Telejornalismo e da própria televisão a autora diz que foi possível descobrir, paulatinamente, as potencialidades e as restrições dos meios técnicos de produção e circulação das mensagens e do próprio suporte televisivo, que foram se constituindo nas regras da gramática televisiva. A partir dessas regras, a televisão foi-se estruturando como uma linguagem específica que, embora se apropriando de condutas e formatos oriundos de outros meios, (como o cinema, com suas noções de plano, tomada, eixo de

gravação, cena, cenário, estúdio, sequências, entre outras), deles se diferencia pelo seu próprio desenvolvimento tecnológico. Aliás, é nessa perspectiva que existe uma íntima relação entre as linguagens e os meios técnicos, determinada pelos estreitos vínculos que se estabelecem entre eles e que, inegavelmente, interferem na execução e desenvolvimento dos produtos.

Desta forma, de acordo com Emerim (2010, p, 5), a linguagem televisual se compreende “tudo aquilo que refere aos termos técnicos ou culturais que possam estabelecer uma gramática de ações ou usos em televisão”, sendo, por exemplo, os planos, as mudanças de velocidade, a iluminação, a edição, os enquadramentos, as regras produtivas, etc.

Ao longo dos anos, segundo a autora, foram-se constituindo as regras dessa gramática da produção televisual, fruto da inter-relação entre as linguagens empregadas, os meios e as condutas mercadológicas impostas pela própria televisão, considerando suas necessidades de lucro. Isto quer dizer que, para se empreender uma análise semiótica em telejornalismo, centrada no nível discursivo, é preciso considerar a especificidade de sua forma de produção técnica e a natureza de seus textos – programa, informações que neste trabalho estão explicadas no capítulo 3.

Sobre a compreensão do telejornal, Machado (2000) diz que talvez o principal problema seja o pressuposto bastante generalizado de que a função básica desse gênero televisual é informar (bem ou mal) sobre o que está acontecendo. Como esse é um pressuposto universalmente aceito, em geral as abordagens de telejornais se restringem a tentar verificar o grau de exatidão ou de confiabilidade da informação veiculada.

Segundo o autor, ao colocar em circulação e em confronto as vozes umas dentro das outras, o que faz mais exatamente o telejornal é produzir uma certa desmontagem dos discursos a respeito dos acontecimentos. Num certo sentido, podemos dizer que o telejornal é uma colagem de depoimentos e fontes numa sequência sintagmática, mas essa colagem jamais chega a construir um discurso suficientemente unitário, lógico ou organizado a ponto de ser considerado legível como alguma coisa verdadeira ou falsa.

As informações veiculadas nesse gênero televisual constituem, antes de mais nada, um processo em andamento. O telejornal, não o esqueçamos, é um programa realizado ao vivo, ainda que utilize material pré-gravado ou de arquivo, e em geral é

“fechado” poucos minutos antes de entrar no ar, ainda com as últimas notícias chegando à redação. Por mais que se queira ou se possa manipular as informações, elas chegam ao telespectador ainda não inteiramente processadas, portanto brutas, contraditórias, sem ordenação, sem acabamento final. (MACHADO, 2000, p. 100)

Machado (2000) ainda aponta que o fluxo telejornalístico inteiro não passa de outra coisa que uma sucessão de “versões” do mesmo acontecimento. A questão da verdade está, portanto, afastada do sistema significativo do telejornal, pois, a rigor, não é com a verdade que ele trabalha, mas com a enunciação de cada porta-voz sobre os eventos.

Por mais que o telejornal seja acusado de maniqueísmo ou comprometimento, na verdade, ele turva qualquer perspectiva clara dos acontecimentos, ele embaralha as razões dos lados em conflito, ele obscurece as fronteiras e promove a confusão dos argumentos, mesmo quando nomeadamente assume um das forças beligerantes. Ele colocada, em todo caso, a dificuldade de se tomar partido diante da complexidade dos interesses que vão sendo colocados em jogo, a medida que progride o fluxo das imagens e dos sons. Por não favorecer uma visão coerente e sistemática dos conflitos e por fazer multiplicar, por outro lado, imagens, opiniões, depoimentos que não se encaixam no quebra-cabeça final, o telejornal acaba por semear confusão ali mesmo onde, sob a rubrica da “informação”, deveria haver ordem, coerência e sistematização da notícia. (MACHADO, 2000, p. 112)

Sobre o processo de construção do discurso Machado (2000) diz que a primeira modalidade de movimento com que se pode trabalhar nos meios eletrônicos e digitais é aquela determinada pela edição. Por estar inserido num meio de natureza cinemática, o texto aparece ao leitor num fluxo temporal: cada uma de suas partes começa, se desenvolve e acaba em tempos determinados pela edição.

Em geral, segundo o autor, no meio eletrônico, não se expõe o texto inteiro ao leitor de uma só vez: ele pode ser apresentado aos

poucos, frase por frase, palavra por palavra, ou mesmo letra por letra. A tela não é um lugar confortável para se ler grandes volumes de textos, razão porque, até por adequação ao meio, a edição acaba sendo a melhor maneira de se construir um enunciado, parte por parte, ao longo de um certo intervalo temporal. Os cortes determinam, portanto, a duração do texto na tela e o ritmo imposto pela sucessão dos vários pontos textuais. A duração tem relação direta com a legibilidade do texto: ela pode ser tão curta que impossibilite a própria leitura, ou tão lenta a ponto do texto continuar a se impor ao leitor mesmo depois de terminada a leitura.

Se o texto permanecer na tela um tempo maior que o necessário para a leitura, duas razões podem ser evocadas para explicá-lo: ao se dar ênfase aos aspectos mais propriamente icônicos (textura, forma, cor) daquilo que se oferece na tela, bem como também aos recursos musicais ou vocais que estão sendo trabalhados na trilha sonora, ou então se espera do leitor alguma reação física para continuar. (MACHADO, 2000, p. 215)

Outra forma do texto ser apresentado na televisão é através do seu rolamento na tela, muito usado pela mídia para a exibição dos créditos. Ainda no que diz respeito ao movimento do texto, é preciso considerar a imensa gama de possibilidades de metamorfose que as palavras podem sofrer no televisor, como por exemplo, em sua estrutura interna (forma, cor, textura) que podem se transformar em outras palavras ou em outras imagens puras, sem referência verbal.

O autor ainda coloca que outra relação e outro movimento igualmente importante acontecem também no plano sonoro. Naturalmente, a mesma ambiguidade que existe entre palavra escrita e imagem ocorre também entre a palavra falada e o seu ambiente sonoro-musical.

No entanto, para falar de edição é preciso retomar uma discussão relevante sobre a televisão, fundada nesta noção comum de que a *tevé* é um meio essencialmente imagético e que, portanto, a imagem é mais importante que o som. Quase todos os manuais de produção televisiva, segundo Brasil e Emerim (2011), iniciam pelo provérbio chinês *uma imagem vale mais do que mil palavras*, ou seja, em uma reportagem a cena é mais eficiente na formação do discurso que a sua própria descrição.

No entanto, mesmo sabendo desta vantagem, ao analisar coberturas televisivas os autores, observaram como a imagem carece do som. Mesmo diante de cenas tão ricas, a televisão recorreu às palavras, e, mais ainda, na maioria das vezes, as imagens serviram para “ilustrar” as entrevistas ou *off’s*, pois era o que estava sendo dito que poderia construir a informação, dotar de sentido o acontecimento. (BRASIL e EMERIM, 2011, p. 12)

Sobre a relação entre imagens e palavras Santaella (2010) diz que há predomínio da complementaridade. Quer dizer, as mensagens são organizadas de modo que o visual seja capaz de transmitir tanta informação quanto lhe é possível, cabendo ao verbal confirmar informações específicas que o visual não é capaz de transmitir.

Ela complementa afirmando que há uma multiplicidade de relações possíveis entre fala e imagem. As principais dentre elas são as relações de complementaridade, dominância, redundância e discrepância. O cinema e o vídeo significam um grande salto nas relações espaço-temporais da palavra e da imagem. Com eles, tornou-se possível a simultaneidade na sucessão da fala e da imagem. A imagem passa ao mesmo tempo em que a fala transcorre. Por isso, na grande maioria dos vídeos a relação entre elas é de complementaridade. A imagem por diante dos olhos, enquanto a fala apresenta dados e complementa com informações aquilo que a imagem só pode mostrar.

Para esta pesquisa que tem como objetivo analisar a função discursiva que a edição assume no processo de construção de coberturas telejornalísticas vai-se utilizar os processos básicos de edição nos telejornais: o texto (escrito para ser falado), a imagem (da emissora ou de amadores), o som (do ambiente ou trilha musical) e o grafismo (recursos computacionais ilustrativos). Todos esses elementos juntos constituem uma reportagem, que ganha forma a partir de técnicas específicas de edição, como será apresentado no próximo capítulo. Segundo Dancynger (2003) o processo de edição pode ser dividido em dois estágios: 1) o estágio de juntar os planos em um primeiro corte e 2) o estágio em que o montador afina o primeiro corte, transformando-o no corte final.

Desta forma, para se compreender todos os passos discursivos da edição na televisão vai-se começar a reflexão a partir do sentido do texto. Segundo Emerim (2010) do ponto de vista da semiótica discursiva, o texto é objeto de estudo por excelência, objeto a ser descrito e interpretado, sendo concebido como espaço de dupla via entre produção e interpretação de sentidos.

No entanto, no livro *O texto na TV: Manual de telejornalismo* Paternostro (2006) aponta a diferença entre o texto do jornal impresso e do texto do telejornal. No caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter grande importância, já que “estamos trabalhando em um veículo no qual usamos o sentido da audição na transmissão da mensagem”. Desta forma, neste trabalho, será analisada a mensagem do texto a partir do que foi dito/falado/narrado pelos repórteres e apresentadores. Na televisão o prestígio da escrita e do texto documentado, frisado por Saussure permanece, pois a fácil visualização dos conteúdos produzidos pelas emissoras via internet, tornou os materiais telejornalísticos tão acessíveis à sociedade quanto os livros, por exemplo.

Sobre o conceito semiótico de imagem, Joly (1996) diz o emprego contemporâneo deste termo (imagem) remete, na maioria das vezes, à imagem da mídia. “A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que se critica e que, ao mesmo tempo, faz parte da vida cotidiana de todos é a imagem da mídia. Anunciada, comentada, adulada ou vilipendiada pela própria mídia, a “imagem” torna-se então sinônimo de televisão e publicidade.” (JOLY, 2006, p. 14)

Ainda de acordo com a autora um dos sentidos de *imago* em latim, etimologia de nosso tempo “imagem”, designa a máscara mortuária usada nos funerais na antiguidade romana. Essa acepção vincula a imagem, que pode também ser o espectro ou a alma do morto, não só à morte, mas também a toda a história da arte e dos ritos funerários.

Presente na origem da escrita, das religiões, da arte e do culto dos mortos, a imagem também é um núcleo da reflexão filosófica desde a Antiguidade. Em especial Platão e Aristóteles vão defende-la ou combate-la pelos mesmos motivos. Imitadora, para um, ela engana, para outro educa. Desvia da verdade ou, ao contrário, leva ao conhecimento. Para o primeiro, seduz as partes mais fracas de nossa alma, para o segundo, é eficaz pelo próprio prazer que se sente com isso. A única imagem válida aos olhos de Platão é a imagem natural (reflexo ou sombra), que é a única passível de se tornar uma ferramenta filosófica. Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode enganar

ou educar. Reflexo, pode levar ao conhecimento. (JOLY, 1996, p. 19)

Percebe-se então que estudar “imagens” é o desafio, pois desde a antiguidade há conflitos e discordâncias sobre suas funções e a forma de aplicabilidade para a sociedade como um todo. No entanto, para a realização deste trabalho vai se precisar atuar sobre os aspectos voltados a comunicação televisiva levando em consideração que “as imagens certamente são visualizações de fenômenos” (JOLY, 1966, p. 23) e acontecimentos que permitem uma observação direta e mais ou menos sofisticada da realidade.

Avançando as etapas, agora em direção ao som, Dancyger (2003) diz que na fase final da edição de som, a pontuação dramática e os elementos narrativos são centrais, mais voltados para o cinema, mas presentes também no jornalismo televisivo. Ele diz que “o diálogo, os efeitos sonoros e, ocasionalmente, a música são usados como recursos para unir as cenas. A transição é necessária para gerar continuidade quando mudanças de locação ou tempo estão envolvidas.” O autor ainda coloca que o papel do som é pontuar o significado durante o estágio final do processo de montagem, objetivo que pode ser estabelecer um ponto específico da cena ou pode ser enfatizar a ambiguidade da cena através da edição de um som particular. Desta forma, sobre o som, vai se buscar identificar os efeitos de sentido produzidos por ele durante as reportagens, tentando compreender o contexto em que foi inserido.

Já o grafismo, segundo Machado (2000), nasceu a partir do casamento da mídia com o computador, também conhecido como *television graphics*. Em televisão, denominam-se *graphics*, todos os recursos visuais (design gráfico, lettering, logotipos), em geral dinâmicos e tridimensionais, destinados a construir a identidade visual da rede, do programa ou dos produtos anunciados, bem como também as apresentações de créditos, as chamadas e toda sorte de elementos visuais que se sobrepõem as imagens figurativas captadas pelas câmeras. Em um telejornal pode ser usado, por exemplo, para compor a notícia a partir da utilização de mapas, reconstituições, esquemas, identificação de fontes, etc.

Sendo assim, esses preceitos semióticos são fundamentais para se conseguir compreender como se deu a cobertura dos atentados em Santa Catarina. Desta forma, o presente trabalho vai consistir em observar se existem categorias de signos diferentes, se esses diferentes signos têm uma especificidade própria de organização e como os processos de significação geraram interpretações a partir da estrutura

apresentada em formato de reportagem durante os episódios selecionados.

Para isso, é preciso refletir sobre os três grandes tipos de instrumentos propostos por Aumont e Marie (1993) para analisar edições, que são: a) instrumentos descritivos (destinados a paliar a dificuldade de apresentação e memorização); b) instrumentos situacionais (estado intermediário entre o objeto projetado e sua análise) e c) instrumentos documentais (apontam temas informacionais procedentes de fontes exteriores).

Assim, segundo Amiel (2007), pode-se dizer que a edição obedece a duas lógicas, que por vezes se opõem e outras se completam que são: planificação e colagem. Em inúmeros filmes contemporâneos, segundo o autor, faz-se uso de uma e outra; a primeira consiste principalmente no ordenamento das grandes estruturas narrativas e, a segunda, mais na disposição interna de certas sequências, ou seja, análise geral e interna, que serão aprofundadas, respectivamente, no capítulo seguinte.

Mas antes de partir para metodologia e aplicação da mesma vale ressaltar as palavras de Santaella (2010) quanto diz que é muito importante lembrar que, em todo ato de análise, “ocupamos a posição lógica do interpretante dinâmico, pois analisar também significa interpretar”. Uma análise só pode ser estudada, segundo ela, a partir do ponto de vista do analista. Este ponto de vista corresponde, na semiose, ao lugar do interpretante dinâmico. A diferença que vai entre uma interpretação analítica e uma interpretação intuitiva, muito embora a primeira não exclua a segunda, está na utilização que a análise faz das ferramentas conceituais que permitem examinar como e por que a sugestão, a referência e a significação são produzidas.

Saber que estamos na posição do interpretante dinâmico, ou seja, de uma interpretação singular é um indicador de um certo teor de humildade que deve sempre nos acompanhar, pois interpretações singulares sai sempre incompletas e falíveis. Mas é a consciência mesma da falibilidade que deve nos munir de energia e empenho para que a análise seja tão cuidadosa e escrupulosa quanto possível, o que implica um conhecimento seguro dos conceitos e de sua operacionalização analítica.” (SANTAELLA, 2010, p. 39)

Ao explicitar estas pressuposições quer dizer que este trabalho vai analisar o objeto considerando-o como um texto, neste caso, o texto televisivo composto por unidades como som e imagem, mas também por planos e enquadramentos, fluxo de encadeamento de imagens que se combinam através dos processos de edição. Portanto, a edição será estudada nesta dissertação como um elemento textual e que será subdividido e separado em diferentes unidades de sentido para a sua significação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DAS EDIÇÕES

Depois de apresentar nos capítulos anteriores as discussões sobre os conceitos de edição e as perspectivas teóricas que ajudam a compreender o objeto da pesquisa, neste terceiro capítulo será apresentada a análise propriamente dita. Desta forma, parte-se da proposta metodológica elaborada por Emerim (2010) que articula uma estrutura fundada nos preceitos da **Teoria Semiótica Discursiva** com elementos da **Teoria do Jornalismo**, principalmente, aqueles que dão conta da práxis do campo.

Num primeiro momento, observa-se o contexto no qual o objeto está inserido, relacionando-o ao espaço midiático, a emissora que o exhibe e a programação geral da mesma. Na sequência, debruça-se sobre sua estrutura e investe na comparação entre as emissoras do próprio objeto e, por último, analisá-o detalhadamente, recortando e aprofundando o olhar sobre uma de suas partes: a reportagem. Esse detalhamento emprega a ferramenta da **decupagem**, *grosso modo*, um processo de decomposição das reportagens estudadas que permite compreender as regras do fazer que enformam o produto televisual e sua estruturação interna. Conforme EMERIM (2010; 2011; 2012; 2014), propõe-se dois tipos de decupagem: a geral e a interna. A primeira propõe-se a apresentar a disposição que organiza o texto-programa como um todo, discutindo o histórico da emissora, do programa, o gênero que é representante, no caso, os telejornais; a segunda mostrar as partes integrantes desse todo, examinado as características internas e mais específicas das reportagens, com o objetivo de identificar as funções discursivas que a edição assume na construção das reportagens durante a exibição da cobertura dos atentados a ônibus e a delegacias de Santa Catarina nos anos de 2012, 2013 e 2014.

Partindo da articulação teórica proposta, ensaiou-se categorias para analisar os processos que envolvem as reportagens dividindo em análise geral (53 telejornais) e análise interna (18 reportagens). Utilizando a ferramenta da decupagem empregou-se a análise geral, a partir do espelho dos episódios, a estrutura formativa dos textos a serem observados. Em tempo, a Semiótica considera texto o espaço de estudo principal, e, assim, enfatiza a centralidade do texto nas análises, em específico, texto fotográfico, texto televisivo, texto vídeo-gráfico, etc. Embora essa imanência, a corrente pós-estrutural amplia a perspectiva e assume a importância de se considerar o contexto aos quais, estes textos

estão imersos e são produzidos. Tais pressupostos, fundamentam a metodologia aqui empregada. Retomando o trabalho, com base nas rotinas produtivas em telejornalismo e nas definições trazidas pelos manuais de produção, assim, estabeleceu-se grandes divisões e categorias que permitissem analisar o material a partir de sua forma enunciativa na televisão. Para tanto, as categorias que regem a metodologia de estudo são formadas pelos **Elementos Estruturantes** e pelos **Elementos Analisáveis**, distribuídos em quatro grandes etapas de análise, em amplitudes diferentes: 1) Análise Geral; 2) Análise Geral Comparativa; 3) Análise Interna e, 4) Análise Interna Comparativa. Mais especificamente, Elementos Estruturantes da Análise Geral e Elementos Analisáveis da Análise Geral; Elementos Estruturantes da Análise Geral Comparativa e Elementos Analisáveis da Análise Geral Comparativa; Elementos Estruturantes da Análise Interna e Elementos Analisáveis da Análise Interna; Elementos Estruturantes da Análise Interna Comparativa e Elementos Analisáveis da Análise Interna Comparativa. A seguir, a pesquisa apresenta estes elementos e como serão analisados no trabalho.

O primeiro termo a ser definido é o próprio conceito de telejornal, porque embora não seja um dos elementos estruturantes, é no interior dele que se localizam as reportagens que interessam ao estudo. As discussões mais conceituais em torno deste termo encontram-se em Emerim (2014) quando divide a compreensão entre uma proposta de entender o telejornal como um **formato** de um tipo específico de produção informativa televisual ou conceituando o tema a partir de sua **função** na grade televisiva, como se enfatiza abaixo:

(...) um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos por temas, geralmente exibido com horário, cenários e apresentadores fixos. (...) que reúne notícias que tenham repercussão e abrangência para um público eclético cujas temáticas selecionadas têm o objetivo de resumir os principais fatos e acontecimentos das últimas horas. (EMERIM, 2014, p. 104)

Na sequência, apresentam-se os Elementos Estruturantes da Análise Geral constituídos por: **bloco**, **tempo** e **anunciação**. Por **bloco** entende-se as partes em que o telejornal é dividido (bloco 1, bloco 2, bloco 3), pensados estrategicamente para atrair o público-alvo do

programa durante a exibição do mesmo. Tradicionalmente, a televisão brasileira se constituiu de forma comercial e os intervalos para anúncios publicitários eram realizados entre uma troca de cenário na televisão ao vivo. Com a chegada do *videotape* e as empresas de comunicação mantendo seus negócios a partir de patrocínios publicitários, enfatizaram-se estes intervalos que ganharam um espaço definido por lei e espalhados ao longo da programação. No telejornal, estes intervalos deram origem à divisão em bloco dos programas e, assim, o bloco tem a função de descansar o espectador da narrativa intensa sobre o real (trazida pelos telejornais), uma espécie de “respiro” perceptivo para que o telespectador tenha tempo para assimilar as notícias e retomá-las depois com maior interesse, como também permitir que os anunciantes que pagam pela manutenção da produção televisiva possam anunciar suas mercadorias e produtos, gerando lucro às emissoras.

Dentro desses blocos estão os conteúdos, divididos em laudas, que se referem a cada uma das páginas do espelho, com um assunto diferente que será abordado durante a exibição do telejornal. Aqui é necessário fundamentar melhor o termo *lauda* utilizado na produção televisiva. De acordo com Prado (1996) a *lauda* é o papel padrão em que são escritos os textos em jornalismo, oriundo do impresso e adaptados para outras mídias. Na televisão ele funciona também como *script*, que serve para os apresentadores se basearem para a leitura das cabeças e, principalmente, para a equipe técnica determinar os cortes de “ao vivo” e a entrada das reportagens no programa. Normalmente a *lauda* é dividida em duas partes: a da direita (utilizada para escrever o que o apresentador vai ler) e a da esquerda (onde são colocadas informações sobre imagens que entrarão no ar, incluindo os créditos (GCs) dos entrevistados).

O segundo Elemento Estruturante da Análise Geral é o **tempo** que está relacionado, justamente, pela importância que o tema ocupa na editoria. Nesta pesquisa, por exemplo, com o espelho, foi possível identificar se a reportagem sobre o assunto (atentados) foi a de maior duração (com mais dados e fontes, consequentemente) do telejornal, quanto tempo de produção foi destinado ao assunto em cada um dos dias analisados e se foi anunciada com frequência nas manchetes e nas passagens de blocos (a seguir 1 e a seguir 2) – elementos que compõem a categoria denominada de **anúncio ou anunciação**, o terceiro Elemento Estruturante da Análise Geral.

A seguir apresentam-se os Elementos Analisáveis da Análise Geral: **localização**, **produção** e **destaque editorial**, observados,

respectivamente, no bloco, no tempo das reportagens e na anúncio. Segundo os manuais de telejornalismo, se o assunto abrir o telejornal é porque ele tem peso no programa, se ele estiver situado no meio do telejornal, normalmente, é porque ele tem menos importância para a edição e, se estiver encerrando o programa, também significa que foi colocado nesta posição por ser considerado um assunto diferenciado devido a sua **localização**, primeiro Elemento Analisável da Análise Geral.

O segundo Elemento Analisável da Análise Geral se refere à **produção**, ou seja, o tempo destinado ao assunto dentro do telejornal e os investimentos em recursos diferenciados no produto final, ou seja, o tempo dedicado à construção de determinado material específico.

Segundo York (2004), Vilela e Villela (2010), Cruz Neto (2008), entre outros autores, todo telejornal começa com as manchetes do que será apresentado. As manchetes são frases rápidas, objetivas, com verbos fortes e lidas pelos apresentadores de forma dinâmica que anunciam os principais assuntos do telejornal. Ela deve prender o telespectador em frente à TV com uma prévia dos assuntos mais importantes e as notícias mais curiosas do dia. Esse conjunto de elementos se chama escalada ou manchetes, sendo que nesta pesquisa, vai-se utilizar apenas o termo manchete durante a categoria enunciação. Outro ponto de anúncio se reflete nas passagens de blocos. Como dito anteriormente, os telejornais são separados em blocos para a entrada dos intervalos comerciais. Ao final de cada um deles deve ser destacado um ou dois temas importantes que serão apresentados no programa com o objetivo de manter o telespectador interessado nas informações que se seguirão. Isso deve ser feito em uma lauda específica e pode ser simples, com apenas uma leitura do apresentador, ou ter um VT mais curto ou, ainda, um *teaser* (pequena passagem do repórter com a finalidade publicizar o aspecto diferencial da reportagem) que vai funcionar neste espaço como uma manchete ou propaganda sobre o tema. Ainda, deve obrigatoriamente chamar o que está por vir dizendo: “veja a seguir”, “dentro de instantes”, etc. Também poderão ser destacadas reportagens de outros blocos, principalmente se o assunto foi colocado propositalmente no fim para manter a atenção da audiência. Neste caso, usualmente se utiliza: “ainda hoje, “daqui a pouco”, ou algo semelhante. Todos esses elementos manchetes, passagens de bloco e encerramento integram o **destaque editorial**, terceiro Elemento Analisável da Análise Geral.

Nos Elementos Estruturantes da Análise Geral Comparativa incluem-se **continuidade** e **relevância** sendo que as duas são diretamente proporcionais, afinal, a manutenção do assunto em pauta permite compreender a sua **continuidade** e a **relevância** do assunto, por quantos dias foi a principal manchete, permitindo dimensionar a importância que o tema recebeu da empresa. Neste âmbito, os Elementos Analisáveis da Análise Geral Comparativa são a **permanência** e o **impacto editorial**. Respectivamente por **permanência**, compreende-se a condição de estar em constante desdobramento e por **impacto editorial** um efeito ou impressão deste acontecimento (por consequência os seus desdobramentos) no telejornal.

Os Elementos Estruturante da Análise Interna são **cabeça, off, sonora, imagem, passagem, som, grafismo, efeitos de edição e nota pé**. Todos esses elementos foram analisados partindo da decupagem descritiva das falas proferidas durante as reportagens analisadas, ditas pelos apresentadores, repórteres e entrevistados como também foram descritas cada uma das imagens incluídas na narrativa. Em relação aos elementos, o primeiro a ser descrito é o termo **cabeça** que se constitui no texto lido pelo apresentador para chamar determinada reportagem (ou vivo, ou nota coberta, etc.) no telejornal. Deve ser atrativa, pois é ela quem convence o telespectador a assistir o que vem na sequência (a reportagem, no caso). A cabeça é escrita pelo editor de texto, responsável pelo produto final que vai ao ar, e é uma peça fundamental para executar o propósito da emissora em informar determinado assunto sobre o ponto de vista editorial pré-estabelecido pela equipe de jornalismo. A função da cabeça, segundo PRADO (1996) é despertar a atenção do público e para este trabalho foram identificadas algumas estratégias utilizadas pelas emissoras.

Outro elemento é o **off**, que *grosso modo*, é o texto escrito e lido pelo repórter durante a matéria, o texto gravado pelo repórter sem que o rosto dele esteja no vídeo, enquanto as imagens mostram coisas ou pessoas relacionadas ao assunto abordado de forma objetiva e dinâmica. Em televisão, as formas de texto mais comuns são o *off* (texto lido pelo repórter e coberto com imagens), a passagem (texto falado pelo repórter no momento em que ele aparece na matéria), a cabeça (texto lido pelo apresentador para chamar a matéria) e, também, a nota-pé (texto lido pelo apresentador depois da exibição da reportagem para complementar com alguma informação). Vários autores, entre eles Paternostro (2006) apontam a importância do texto (*off*) que é tão relevante na televisão quanto no jornal, porém não se pode esquecer que no jornal impresso é

possível reler o que não foi entendido, na TV, se a ideia ficar perdida, *não for compreendida de primeira* a mensagem informativa não é transmitida.

Outro Elemento Estruturante da Análise Interna é a **sonora**, um recurso textual considerado na rotina do mercado de televisão o mesmo que entrevista. Na reportagem, as fontes que aparecem devem dizer apenas o necessário, cabendo ao editor cortar o que for dispensável. A entrevista é o meio pelo qual o repórter vai apurar informações que serão utilizadas na matéria e, na televisão, algumas informações servem para o repórter fazer o texto do *off* e sugestão de cabeça para os editores do programa. E, outras devem ser gravadas com o entrevistado para que seja exibida no interior da reportagem, pois servem para comprovar informações e trazer veracidade para o relato jornalístico. As classificações mais usais dos tipos de entrevistas que aparecem nos telejornais são entrevista coletiva (quando o entrevistado é submetido a vários repórteres de diferentes veículos de comunicação ao mesmo tempo), entrevista ocasional (entrevista realizada sem marcação prévia), entrevista dialogal (geralmente marcada com antecipação), entrevista ritual (é uma entrevista breve cujo principal objetivo é fazer com que o entrevistado fale na matéria e isso é muito mais importante até mesmo do que o conteúdo que ele vai falar), entrevista em profundidade (é uma entrevista que tem como objetivo a figura do entrevistado), entrevista temática (é a entrevista que aborda um tema sobre o qual o entrevistado tem condições de falar) e entrevista testemunhal (que é o relato de um entrevistado sobre algo que ele participou ou assistiu).

Dando sequência, parte-se para a explicitação de mais um Elemento Estruturante da Análise Interna, a **imagem**, compreendida em Semiótica como um signo interpretativo. Em reportagens televisivas os códigos visuais fazem parte da prática produtiva e estão reunidos em dois grandes grupos: os movimentos mecânicos e os movimentos óticos. Os movimentos mecânicos se subdividem em panorâmica, quando o movimento pode ser feito na horizontal (mais comum da esquerda para a direita e serve para dar uma visão geral do ambiente), na vertical (o movimento pode ser realizado de cima para baixo ou de baixo para cima e termina onde a força da maior imagem for maior) ou de forma inclinada (o movimento pode ser feito em qualquer lado, podem deverá determinar onde a força da imagem for maior) e o *travelling* (é realizado para passar a sensação de movimento). Já os movimentos óticos são usados para aproximação ou afastamento do objeto. Esses movimentos

são realizados com jogos de lentes chamados *zoom*. O movimento de aproximação é o *zoom-in* e o de afastamento é o *zoom-out*. Outros apontamentos sobre a imagem referem-se aos planos e aos enquadramentos utilizados no dia-a-dia na produção imagética de uma reportagem. Entre os mais tradicionais têm-se o plano geral (tomadas efetuadas a longa distancia e que servem para identificação do ambiente como um todo), plano médio (tomadas realizadas a média distância, cortando os excessos de imagens e que servem para identificar uma parte do ambiente), plano americano (quando se grava a imagem da pessoa da cintura para cima), *close* (é quando se enquadra a pessoa na altura do peito para cima), *big-close* (quando se enquadra o rosto da pessoa) e o plano detalhe (quando são gravadas cenas bem fechadas enfatizando de detalhes como a boca, o nariz ou os olhos, quando de pessoa ou traços, texturas ou formas quando de objetos).

A **passagem** é o quinto Elemento Estruturante da Análise Interna e é uma sequência da matéria, por isso o repórter precisa ter noção de como ela será montada. A passagem, geralmente, é gravada depois das entrevistas, pois assim o repórter já saberá o que o entrevistado declarou, levando em consideração o local que também transmite significados e informações. De acordo com o autor, existem três formas de entrada do repórter em uma matéria: no início, no meio ou no fim da matéria, chamada respectivamente de passagem de abertura, passagem intermediária e de encerramento. Ela pode ter a função de resolver diversas situações, como a equipe não estava presente no momento de um acontecimento, para divulgar números, para mudar de ambiente e também serve como assinatura do repórter, comprovando que ele esteve presente no local do fato.

O **som**, outro Elemento Estruturante, está diretamente relacionado com a imagem, pois toda a imagem de televisão é gravada com som ambiente que será utilizado nas reportagens, direto na câmera. No momento em que o repórter cinematográfico está gravando é importante lembrar que os sons estão sendo capturados concomitantemente, pois, para melhor aproveitá-los não deve ter conversas paralelas que possam interferir no BG (*background*), que é, na verdade, o som ambiente. A prática profissional neste campo permite afirmar que na hora da edição mixa-se o som do *off* com o áudio capturado ao fazer as imagens. Destaca-se que o áudio ambiente das sonoras (entrevistas) é capturado com o uso do microfone (ou bola, sorvetão, picolé – que são os direcionais) ou lapela (menor colocado junto à roupa dos entrevistados). Em relação ao áudio, utiliza-se também

o sobe-som (quando se aumenta o som ambiente e diminui de forma perceptiva, sem a fala de narração ou entrevista conjunta) e trilhas (quando se insere músicas nas reportagens). Um exemplo disso encontra-se em Prado (1996):

Por exemplo, o repórter fala da chegada do presidente e diz que foi recebido de forma festiva. Fez-se o sobe som da banda que estava tocando naquele momento e esse áudio fica por alguns instantes no ar. O mesmo pode acontecer em falas, gritos, torcidas, ronco de motores, palavras de ordem em passeatas, etc. Outro exemplo, o repórter tem a imagem de um assassinato com o som do tiro. Ele narra os fatos em off e a edição usa o sobe som depois de um alerta do repórter, e nesse momento veio o tiro fatal, aí sobe o som do tiro. (PRADO, 1996, pg. 52)

Outra técnica muito comum nas edições é colocar ao final das reportagens uma música (trilha) que acrescenta algo ao tema, passar uma mensagem ou ilustrar o que se apresentou, mas em reportagens jornalísticas mais sérias (tradicionais) é preciso ter cautela e bom senso sobre quando usar.

Outro Elemento Estruturante da Análise Interna é o **grafismo**, ou seja, todas as produções realizadas pelo núcleo de criação das emissoras na construção das reportagens, tais como fundo gráfico (fotos e imagens amadoras com imagens frisada da logo o telejornal) e arte (produzida normalmente para transmitir informações de números e destaques de texto).

Na montagem, por exemplo, o editor de imagens pode utilizar alguns efeitos na edição de uma reportagem, por necessidade ou para dar melhor acabamento. Nos Elementos Estruturantes da Análise Interna, os **efeitos de edição**, devem ser usados de forma a servir para os objetivos do programa e da informação, equilibrando seu uso para evitar o exagero. No dia-a-dia, entre os efeitos mais utilizados nas reportagens estão o *slow-motion* (utilizado quando se deseja reduzir a velocidade da imagem), o *fast-motion* (utilizado quando se deseja acelerar a velocidade da imagem), a fusão (uma espécie de interposição de duas imagens que serve para dar mais suavidade ao passar de uma imagem para outra), sombreamento (um recurso que serve para escurecer a imagem) e o mosaico (utilizado para esconder alguma imagem que esteja poluindo o vídeo).

O último Elemento é a **nota pé**, que é um comentário, informação adicional ou um complemento necessário de ser apresentado ao final da exibição da reportagem, geralmente lido pelo apresentador. Nesse caso é preciso escrever uma lauda a mais acrescentando o que for necessário para o apresentador ler ao fim da reportagem.

Diante do exposto, pode-se dizer que uma reportagem em televisão pode conter ou não, todas essas características, no entanto, o que determina seu uso é a forma em que ela é estruturada pelo repórter, pelo editor de texto e pelo editor de imagens. Por exemplo, várias passagens do repórter podem ser usadas numa mesma reportagem se isso for para ampliar e/ou aprofundar as informações; assim como uma edição que se utilize de várias imagens ou poucas imagens, muita inserção de elementos de arte ou poucos, enfim, é possível se planejar e executar várias formas de edição de uma reportagem em televisão e é, justamente esta reflexão, sobre esse processo, que motivou a realização deste trabalho.

Por último são analisados os **Elementos Estruturantes da Análise Interna Comparativa** que compreendem o **período**, o **objetivo** e o **conteúdo** e, no âmbito dos **Elementos Analisáveis da Análise Interna Comparativa** são **factuais, imediatas, frias, denuncia, serviço, entretenimento, política, economia, comunitária, esportiva, cultural e policial**.

Quanto ao **período**, as reportagens foram classificadas em: **factuais** (reportagens que devem entrar no telejornal no mesmo dia em que foram produzidas), **imediatas** (apesar de não terem um comprometimento tão grande com o tempo, se não forem usadas em um curto espaço de tempo, a situação pode se modificar) e **frias** (reportagens atemporais, também conhecidas como de gaveta).

Quanto os **objetivos**, as reportagens foram classificadas em: **denúncia** (são, geralmente, reportagens que mostram uma denúncia contra uma pessoa, órgão ou situação), **serviço** (são reportagens que divulgam alguma prestação de serviço para o público) e **entretenimento** (são, geralmente, culturais ou comportamentais).

Quanto ao **conteúdo**, às reportagens foram classificadas em editoriais tais como **política** (relacionadas com os poderes executivo, legislativo e judiciário, seja em nível municipal, estadual ou federal), **econômica** (relacionadas com economia, negócios e finanças), **comunitária** (que tem como objetivo ser porta-voz da comunidade), **esportivas** (que divulgam tudo o que acontece em relação ao esporte), **cultural** (que se referem à produção de cultura de diversos segmentos) e

policial (sobre os delitos previstos no Código Penal, como roubos, homicídios, sequestros, atentados, entre outros). Além desses assuntos, que são mais rotineiros, existem outros temas específicos como saúde, educação, meio ambiente, ciência, tecnologia e etc. que são abordados nos telejornais.

Para uma melhor compreensão desses elementos e execução da análise foi desenvolvida uma sistematização de todos os pontos que deveriam ser refletidos durante o processo de imersão no objeto selecionado, como aponta a tabela abaixo.

Análise Geral	
Elementos Estruturantes	Elementos Analisáveis
Bloco	Localização
Tempo	Produção
Anunciação	Destaque editorial
Análise Geral Comparativa	
Elementos Estruturantes	Elementos Analisáveis
Continuidade	Permanência
Relevância	Impacto editorial
Análise Interna	
Elementos Estruturantes	Elementos Analisáveis
Cabeça	Texto
<i>Off</i>	Texto
Sonora	Texto e imagem - Coletiva - Ocasional - Dialogal - Ritual - Profundidade - Temática - Testemunhal
Imagem	Imagem - Movimentos mecânicos (panorâmica e <i>travelling</i>) e movimentos óticos (<i>zoom-in</i> e <i>zoom-out</i>) - Enquadramento (plano geral, plano médio, plano americano, <i>close</i> , <i>big close</i> , detalhe)
Passagem	Texto e imagem
Som	Áudio e Imagem - Áudio ambiente - Sobe som - Música (trilha)

Grafismo	Imagem - Fundo gráfico - Arte
Efeitos de edição	Imagem - <i>Slow motion</i> - <i>Fast motion</i> - Fusão - Sombreamento - Mosaico
Nota pé	Texto
Análise Interna Comparativa	
Elementos Estruturantes	Elementos Analisáveis
Período	Factuais, imediatas e frias
Objetivo	Denúncia, serviço e entretenimento
Conteúdo	Política, econômica, comunitária, esportiva, cultural e policial

Fonte: autor

Tabela 3: Categorias de análise

Considerando o que foi apresentado afirma-se que todos esses Elementos serão utilizados para observar o **OBJETO EMPÍRICO** desta pesquisa que é a cobertura telejornalística do RBS Notícias (RBS TV SC) e do RIC Notícias (RIC Record SC) sobre os atentados, principalmente, a ônibus e a delegacias de Polícia Civil e Militar ocorridos em Santa Catarina nos anos de 2012, 2013 e 2014.

Partindo das observações sobre o Objeto Empírico definiu-se que o *CORPUS* da pesquisa são 18 reportagens e notas cobertas produzidas durante os 53 RBS Notícias (RBS TV SC) e RIC Notícias (RIC Record SC) exibidos na **Quarta Onda de Atentados** em Santa Catarina, entre os meses de setembro e outubro de 2014.

É importante esclarecer que para chegar se ao resultado que será apresentado ao longo deste capítulo foram utilizados espelhos (esboços do telejornal do dia) do RIC Notícias e do RBS Notícias, disponibilizado pelas emissoras para a realização desta pesquisa. Tais documentos retratam todas as ondas de atentados e, também, o julgamento dos envolvidos nos crimes. De posse deste material, foi possível decupar de forma geral e aprofundada todos os espelhos, o que permitiu comparar a cobertura dos atentados realizada pelas duas emissoras em estudo, com base nos relatórios da Polícia Militar, disponibilizados à dissertação de forma completa. Dados como o tempo destinado ao assunto, por dia, em cada telejornal, durante as ocorrências e o formato usado pela equipe do telejornal para divulgar a notícia foram

abstraídos do material, bem como a identificação do próprio acontecimento e de sua cobertura durante a sua ocorrência e em meio à divulgação de informações oficiais por parte das fontes oficiais.

É preciso reforçar que serão analisadas em profundidade apenas as reportagens selecionadas da **Quarta Onda de Atentados**, no entanto, para comprovar a relevância e da importância sobre o assunto foi empreendido um levantamento de todas as ondas, o que de pronto, permitiu verificar que a atuação dos criminosos contra a sociedade catarinense se tornou, praticamente, o principal assunto das manchetes dos telejornais nas datas em que ocorreram.

Vale reforçar que, por aplicar Análise Comparativa, a quarta onda foi escolhida por ser a única sobre a qual a emissora RIC Record tinha disponível os arquivos das reportagens produzidas pelo telejornal RIC Notícias. A RBS TV disponibilizou todos os arquivos que dispunha sobre as ocorrências, ou seja, a cobertura completa sobre as quatro ondas e o julgamento. A análise dos espelhos e dos relatórios da Polícia Militar mostrou que essa quarta onda foi a que apresentou o maior número de ocorrências e a segunda maior em tempo de duração na sociedade, ficando atrás, apenas, da segunda onda de atentados.

Em sequência propõe-se apresentar o histórico do tema, das emissoras e dos programas para analisar o espaço midiático no qual o assunto e os telejornais estudados estão inseridos.

3.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO

Em Santa Catarina, entre os temas que mais ganharam destaque na mídia e nos telejornais analisados, nos últimos dois anos, foram as ondas de atentados, principalmente, a ônibus e a bases policiais. Uma cobertura diferente, pois fatos nunca antes ocorridos no Estado entraram em pauta e ganharam ênfase.

O acesso aos números dos atentados comprovou o tamanho do problema. Os relatórios das ocorrências disponibilizados pela Polícia Militar de Santa Catarina mostraram quantos dias as ações se propagaram, o número e quais os tipos de ocorrências e, ainda, como as emissoras cobriram o assunto a partir dos dados divulgados pela Agência Central de Inteligência, responsável pela divulgação de informações para a imprensa antes, durante e depois dos atentados¹².

¹² As informações seguintes foram obtidas, também, por sites e jornais impressos de diferentes grupos de comunicação.

A **Primeira Onda de Atentados**, segundo a PM, foi do dia 12 de novembro de 2012 (segunda-feira) ao dia 19 de novembro de 2012 (terça-feira). De acordo com o relatório foram 69 ocorrências em 17 municípios catarinenses neste período e os crimes foram cometidos contra ônibus, viaturas, bases das Polícias Civil, Militar e DEAP, carros particulares e de policiais, entre outros. Na primeira onda de atentados três criminosos morreram em confronto com autoridades de segurança, quase 30 coletivos foram incendiados, houve mudança no transporte coletivo e nos horários das aulas, o comércio fechou mais cedo e o medo se instaurou pelas ruas das cidades atingidas. Depois de denúncias e investigação de maus tratos, superlotação e do número insuficiente de médicos nas penitenciárias, os ataques cessaram por ordem dos próprios bandidos.

No entanto, os ataques voltaram a se repetir dois meses depois, a partir do dia 30 de janeiro de 2013 (quarta-feira) quando iniciou a **Segunda Onda de Atentados**. Esta foi a mais longa, durou segundo a PM até sete de março (quinta-feira), ou seja, quase quarenta dias. Desta vez foram 114 ocorrências em 37 municípios do Estado. Os principais alvos foram os ônibus, quase 50 acabaram destruídos.

De acordo com o Governo de Santa Catarina os ataques partiram de ordens da mesma facção criminosa que promoveu os atentados em novembro de 2012. O motivo estaria relacionado à transferência de presos e o combate ao tráfico de drogas. O Serviço de Inteligência já havia feito um alerta à Secretaria de Segurança Pública sobre a possibilidade de novos ataques. Novamente, os ônibus passaram a ser escoltados pela polícia até os pontos mais críticos e a circular com horários reduzidos afetando a rotina daqueles que usam o transporte público como meio de locomoção e o comércio. Nesta onda o Governo também solicitou o apoio da Força Nacional para conter os atentados e foi feita também a transferência de criminosos influentes para prisões federais.

Já a **Terceira Onda de Atentados** foi mais leve e aconteceu dois meses depois da segunda, entre os dias 20 (segunda-feira) e 28 de maio de 2013 (terça-feira). Desta vez foram 15 ocorrências contabilizadas pela PM em oito cidades do Estado.

Mais de um ano depois as ocorrências voltaram a acontecer em Santa Catarina numa **Quarta Onda de Atentados** que se deu entre os dias 26 de setembro de 2014 (sexta-feira) e 28 de outubro de 2014 (terça-feira). Neste período foi registrada a maior quantidade de ocorrências em todas as ondas de atentados: 115 ataques. Por tanto, a

quarta onda foi a que contabilizou mais prejuízos, por isso será analisada em profundidade nesta pesquisa, além de ser a única onda com arquivos disponibilizados pela RIC Record, que não tem as reportagens das demais ocorrências. Durante a cobertura da mesma, (em outubro de 2014) 80 presos foram indiciados por participação nos atentados, todos já tinham passagens pelo sistema carcerário.

Para se ter ideia da importância social desses casos para o Estado, o julgamento sobre os atentados da segunda onda foi considerado o maior da história de Santa Catarina. 98 pessoas foram acusadas por participar dos atos entre em um julgamento que aconteceu entre os dias nove (segunda-feira) e 18 de setembro de 2013 (quarta-feira), no Complexo de Canhanduba, em Itajaí. Um sistema de segurança foi reforçado no local, com auxílio da cavalaria da PM e cachorros e dos réus, 22 foram ouvidos por videoconferência, pois haviam sido levados para outros presídios, como dito anteriormente. Todos os pedidos de revogação de prisão preventiva foram analisados pelo Ministério Público que condenou em maio de 2014 oitenta acusados por ataques em Santa Catarina e as penas somadas chegam a 1.049 anos.

Como se pôde perceber a série de violências no Estado (as ondas, os julgamentos, as prisões) esteve muito em pauta nos últimos anos e acabou exigindo um grande esforço dos meios de comunicação por se tratar de um assunto social forte e desafiador, pois foi um campo de atuação novo para a imprensa local não acostumada em cobrir grandes ações criminosas de atentados¹³.

Nesta pesquisa foi observada em profundidade a cobertura de dois telejornais, o RBS Notícias e o RIC Notícias, ou seja, a produção de conteúdo deles sobre os atentados, por isso é importante saber o histórico das emissoras e dos programas em que o objeto para se compreender o contexto em que foi apresentado a partir das características de produção da emissora e do telejornal.

Segundo o site do Grupo RBS, a RBS TV é pioneira no modelo regional de televisão no Brasil juntamente com a Rede Globo, sendo sua mais antiga e maior afiliada com 18 emissoras no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A maior rede regional de TV do País conta com uma cobertura de 98% dos Estados, atingindo 789 municípios e mais de 16,7 milhões de telespectadores. Com 15% da grade regional de programação, a RBS TV possui um modelo pulverizado de distribuição,

¹³ No *CORPUS* será apresentado em números como se deu a cobertura dentro dos telejornais analisados.

o que permite que o sinal chegue com maior qualidade a todas as regiões dos Estados. A RBS TV foi fundada no dia 29 de dezembro de 1962, quando entrou no ar a TV Gaúcha, canal 12 de Porto Alegre. Em 1967, a TV Gaúcha afiliou-se à Rede Globo.

A denominação RBS TV (**Rede Brasil Sul de Televisão**) passou a ser usada em 1979, quando entrou no ar a primeira emissora do Grupo em Santa Catarina: a TV Catarinense, que mais tarde passou a se chamar RBS TV Florianópolis. No dia 18 de outubro de 2008, a emissora ganha nova marca para a chegada da TV digital. A RBS TV Porto Alegre abriu seu sinal de TV digital no dia 4 de novembro de 2008, já em Santa Catarina, a televisão digital foi inaugurada no dia 5 de fevereiro de 2009, em Florianópolis e depois nas outras cidades onde tem filiais: Joinville, Blumenau, Joaçaba, Chapecó e Criciúma.

Na RBS de Santa Catarina são produzidos seis programas diferentes, todos seguindo o padrão instituído pela Rede Globo. Entre os considerados telejornais estão o Bom Dia Santa Catarina, transmitido de segunda a sexta-feira, das seis às sete e meia da manhã, antes do Bom Dia Brasil. O Jornal do Almoço veiculado de segunda a sábado do meio até meio dia e quarenta, um formato local do Jornal Hoje. E o RBS Notícias, telejornal foco deste estudo, produzido e transmitido de segunda-feira a sábado das sete e dez da noite até às sete e meia, considerado o Jornal Nacional de Santa Catarina, conseqüentemente o com maior audiência, devido ao horário de exibição. Nos dados da emissora não consta a data de estreia, no entanto, sabe-se que tem pelo menos 20 anos.

Basicamente, como o Jornal Nacional, o RBS Notícias divulga as principais notícias do dia, só que apenas no Estado. O telejornal, até início de 2015, se dividia entre blocos locais (apresentados para certa região) e blocos estaduais (apresentados para todo o estado), feitos em um determinado esquema de apresentação. A partir do início deste ano, passou a ser todo estadual, apresentado para todas as cidades de Santa Catarina, ao vivo da redação de Florianópolis, com contribuição de reportagens produzidas pelas praças no Estado. No entanto, é preciso ressaltar que, durante o período de análise, o mesmo ainda era exibido em blocos local e estaduais.

O RBS Notícias é o telejornal com maior audiência da RBS TV em Santa Catarina, tem cerca de quinze minutos de produção de conteúdo jornalístico, dividido em três blocos. O programa tem dois editores majoritários: o editor-chefe e também apresentador do programa (cargo que ocupa há pelo menos 15 anos) é o jornalista Fabian

Londero e, a jornalista Fabiana do Nascimento que é, também, apresentadora e editora, além de outros três editores.

De acordo a emissora em que é veiculado, os assuntos selecionados para serem recobertos pelo programa são escolhidos pelos critérios jornalísticos, tais como, a relevância da informação (o peso e o impacto), a abrangência, as fontes e, também, a qualidade técnica do produto a ser exibido (ou seja, as imagens e sons, que tem peso tão importante quanto o texto para a televisão), seguindo, é claro, a linha editorial que configura um telejornal noturno.

O telejornal é dividido em editorias, as quais definem o formato no qual a notícia será transmitida, podendo ser uma reportagem, uma nota coberta, um fora de quadro (FQ), um ao vivo, um boletim, uma arte ou, apenas, uma nota pelada. Essa decisão esta relacionada com a quantidade de informações e imagens capturadas conseguidas para veiculação do material, pois, quanto mais complexo o assunto e, mais conteúdo estiver disponível para o repórter ou editor, maior será o tempo destinado para o produto final na programação. Na rotina produtiva do programa RBS Notícias, a produção de jornalismo apura, agenda pela manhã os assuntos que serão pautados durante a tarde, realizam um levantamento dos temas que marcaram o dia para que estes sejam atualizados com informações novas pelos editores.

Assim que chega na redação e de posse das previsões e consultas prévias com os produtores, o editor-chefe monta o espelho com os assuntos que serão noticiados e cada editor fica responsável por um determinado material, preparando o que for possível agilizar para que o repórter, assim que chegar da rua, possa construir a reportagem a ser apresentada no telejornal.

Segundo o site do Grupo RIC, a **RIC (Rede Independência de Comunicação)** é uma rede de televisão regional brasileira, afiliada da Rede Record nacional, e sua sede principal fica em Curitiba, no Paraná, e suas emissoras e retransmissoras cobrem a totalidade dos estados do Paraná e Santa Catarina.

A emissora possuiu duas centrais, uma no Paraná, com três filiadas, e outra em Florianópolis, com cinco filiadas, que ficam nas cidades de Blumenau, Chapecó, Itajaí, Joinville e Xanxerê, totalizando 10 filiais.

No Paraná, de 1987 a 1995, foi afiliada à Rede Manchete, com o nome de TV Independência em Curitiba, litoral e regiões central, noroeste e oeste Paranaense, e TV Vanguarda na região de Cornélio Procópio e Londrina. Em Santa Catarina, a partir de 1989, foi afiliada do

SBT em Florianópolis e Chapecó com o nome de *TV O Estado*, sendo que a partir de primeiro de dezembro de 2000 com as emissoras de Joinville e Blumenau, para todo o estado, com o nome de *Rede SC*, até primeiro de fevereiro de 2008. Foi neste ano que o Grupo Petrelli rompeu com o SBT e anunciou afiliação à Rede Record de São Paulo, transmitindo a programação da rede de Edir Macedo.

A partir de janeiro de 2011, as emissoras da RIC em Santa Catarina passam a adotar a nomenclatura RICTV Record, sendo que, até o final de 2010, utilizavam a denominação *RIC Record*, para integração com a RIC TV no estado vizinho. E em agosto de 2011, todas as emissoras da RICTV Record em Santa Catarina mudam sua marca d'água, que antes era a logomarca com a palavra RIC, no canto inferior da tela. Com a mudança, a marca d'água passa para o canto superior direito da tela, apenas com a escrita "RICTV" estilizada, a fim de padronizar com as emissoras do estado do Paraná que já a usavam.

Em Santa Catarina a RIC produz dez programas. Entre os telejornais estão o SC no Ar exibido de segunda a sexta-feiras das sete e meias as noite e meia da manhã, o Jornal do Meio Dia veiculado de segunda a sábado do meio dia a uma e quinze da tarde, e o RIC Notícias, objeto deste estudo, transmitido de segunda a sexta-feira das oito as oito e quarenta da noite.

Um dos perfis que a emissora assumiu foi o de programas de jornalismo policial, voltado à cobertura de temas como a violência na região, os casos de polícia polêmicos e situações “bizarras” acontecidas com a população. Na grade da RIC tem o Balanço Geral SC que vai ao ar às sete horas da manhã, de segunda a sexta, e o Cidade Alerta também exibido de segunda a sexta-feira das seis e meia da tarde até as oito da noite.

O RIC Notícias, foco desta pesquisa, é um telejornal brasileiro exibido em horário disponível pela Record nacional a programação local de suas afiliadas e segue o padrão do Jornal da Record. No primeiro bloco são exibidas as notícias locais, ao vivo, direto das emissoras da RIC pelo Estado, já o segundo, terceiro e quarto bloco são transmitidos em rede estadual em um cenário com tapadeiras, que não é a redação. Atualmente é o único telejornal do estado de Santa Catarina que tem produção de um bloco local totalmente regional.

O RIC Notícias tem, basicamente, o mesmo formato do RBS Notícias, devido às características dos telejornais noturnos, busca informar os principais acontecimentos do dia. Diferente do telejornal da RBS, o RIC Notícias tem o primeiro bloco local e três blocos estaduais,

é mais longo, tem 15 minutos a mais, em média 30 minutos de produção diária. Atualmente ele é apresentado pelos jornalistas Rafaela Arns e Paulo Alceu. Na primeira onda, quem apresentava com Rafaela Arns era a jornalista Marta Gomes. Na segunda onda de atentados, acredita-se que por motivo de férias das âncoras, o jornalista Rodrigo Cardozo apresentou metade dos dias com Rafaela e a outra metade com Marta. Na terceira onda, no julgamento dos envolvidos e na quarta onda, Paulo Alceu já estava na bancada.

A operação é muito semelhante a do RBS Notícias, pela manhã são definidas as pautas e produzidas, à tarde, assim que a apresentadora e editor-chefe Rafaela Arns chega é montado o espelho, as ordens das matérias são pensadas e a responsabilidade dividida com outros três editores de textos que realizam o fechamento do telejornal.

Apresentado o Objeto Empírico parte-se agora para a sistematização do *corpus*, ou seja, como se chegou a partir da observação do espelho aos telejornais a as reportagens analisadas nesta dissertação.

3.2 SISTEMATIZAÇÃO DO *CORPUS*

Levando em consideração que o Objeto Empírico da pesquisa é a cobertura dos dois telejornais sobre os atentados em Santa Catarina foi preciso sistematizar o conteúdo apresentado pelos mesmos durante às ocorrências em cinco períodos diferentes, que correspondem aos fatos mais importantes sobre tema, para se chegar ao *CORPUS* que são 18 reportagens (9 de cada telejornal) produzidas no decorrer da quarta onda de atentados.

Na primeira tabela estão disponíveis as datas em que foram exibidos os telejornais durante as ondas. Para tanto se considerou que: 1) o RBS Notícias é exibido de segunda-feira a sábado e o RIC Notícias de segunda a sexta-feira; 2) somou-se os dias em que os dois telejornais foram exibidos durante os períodos dessas ocorrências policiais e do julgamento; 3) acrescentando-se um dia a mais depois do fim dos atentados, para se saber se o assunto continuou em abordagem nos veículos (um dos critérios de noticiabilidade discutido na conclusão deste trabalho).

Na primeira onda foram exibidos sete RIC Notícias e oito RBS Notícias; na segunda onda foram 28 RIC Notícias e 33 RBS Notícias; na terceira onda foram oito RIC Notícias e nove RBS Notícias;

durante os julgamentos foram nove RIC Notícias e dez RBS Notícias e na quarta onda foram exibidos 24 RIC Notícias e 29 RBS Notícias.

Ao todo foram exibidos, nestes cinco períodos diferentes, 76 RIC Notícias e, 89 RBS Notícias, totalizando 165 telejornais, como aponta mais especificamente a tabela abaixo.

Telejornal analisado	Primeira Onda	Segunda Onda	Terceira Onda	Julgamento	Quarta Onda	Total por telejornal
RIC Notícias	7 telejornais	28 telejornais	8 telejornais	9 telejornais	24 telejornais	76 telejornais
RBS Notícias	8 telejornais	33 telejornais	9 telejornais	10 telejornais	29 telejornais	89 telejornais
Total telejornais						165 telejornais

Fonte: autor

Tabela 4: Sistematização dos Programas

A partir da decupagem e observação dos espelhos foi possível identificar que deste cenário de 165 telejornais, em 114 foi abordado algum assunto referente ao tema durante esses cinco períodos de cobertura sobre os atentados em Santa Catarina entre os anos de 2012 e 2014.

Nas tabelas seguintes foram apontados os dias em que tiveram ocorrências policiais, os dias em que tiveram telejornais neste período, os dias em que o assunto foi abordado no telejornal, a quantidade de laudas sobre o assunto no telejornal e o tempo total da cobertura em cada um dos telejornais durante cada um dos períodos selecionados: **Primeira Onda de Atentados, Segunda Onda de Atentados, Terceira Onda de Atentados, Julgamento e Quarta Onda de Atentados.**

De acordo com o relatório da Polícia Militar na **Primeira Onda de Atentados** foram 69 ocorrências em nove dias. Destes nove dias, o RBS Notícias apresentou oito telejornais e em sete falou do assunto. Ao todo foram 25 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi de aproximadamente 35 minutos.

Cobertura RBS Notícias: Primeira Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 69	Total de cobertura: 07
Total de dias com ocorrências: 09	Total de laudas: 25
Total de telejornais: 08	Tempo de cobertura: 35min02segundos

Fonte: autor

Tabela 5: Cobertura RBS Notícias: Primeira Onda de Atentados

O RIC Notícias, na **Primeira Onda de Atentados**, apresentou sete telejornais e em seis falou do assunto. Ao todo foram 37 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi de uma hora e nove minutos.

Cobertura RIC Notícias: Primeira Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 69	Total de cobertura: 06
Total de dias com ocorrências: 09	Total de laudas: 37
Total de telejornais: 07	Total de cobertura: 68min49segundos

Fonte: autor

Tabela 6: Cobertura RIC Notícias: Primeira Onda de Atentados

Somados os dados dos dois programas, juntos, nesta **Primeira Onda de Atentados** foram 13 telejornais, 62 laudas e uma hora, 43 minutos e 51 segundos de produção sobre o assunto.

Primeira Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias
Total de produção: 1h43min51seg
Total de laudas: 62
Total de telejornais: 13

Fonte: autor

Tabela 7: Primeira Onda - Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Na **Segunda Onda de Atentados**, de acordo com os dados da Polícia Militar, foram 114 ocorrências em 37 dias. Destes, o RBS Notícias apresentou 32 telejornais, mas só em 22 falou do assunto. Ao todo foram 92 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi aproximadamente uma hora e trinta minutos.

Cobertura RBS Notícias: Segunda Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 114	Total de cobertura: 22
Total de dias com ocorrências: 37	Total de laudas: 92
Total de telejornais: 32	Tempo de cobertura: 90min11segundos

Fonte: autor

Tabela 8: Cobertura RBS Notícias: Segunda Onda de Atentados

O RIC Notícias, na **Segunda Onda de Atentados**, apresentou 28 telejornais e em 19 falou do assunto. Ao todo foram 68 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi de mais de uma hora e quarenta minutos.

Cobertura RIC Notícias: Segunda Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 114	Total de cobertura: 19
Total de dias com ocorrências: 37	Total de laudas: 68
Total de telejornais: 28	Total de cobertura: 101min46segundos

Fonte: autor

Tabela 9: Cobertura RIC Notícias: Segunda Onda de Atentados

Somados os dados dos dois telejornais, juntos, nesta **Segunda Onda de Atentados** foram 41 telejornais, 160 laudas e cerca de três horas e dez minutos produção sobre o assunto.

Segunda Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias
Total de produção: 3h11min57seg
Total de laudas: 160
Total de telejornais: 41

Fonte: autor

Tabela 10: Segunda Onda - Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Já na **Terceira Onda de Atentados** menos ocorrências foram registradas, 15 ataques em dez dias. Neste caso uma exceção, o primeiro atentado foi pela manhã então esteve presente nas coberturas dos telejornais no mesmo dia em que ocorreu. Desta onda, o RBS Notícias apresentou nove telejornais e em todos falou do assunto. Ao todo foram 16 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi aproximadamente 20 minutos.

Cobertura RBS Notícias: Terceira Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 15	Total de cobertura: 09
Total de dias com ocorrências: 10	Total de laudas: 16
Total de telejornais: 09	Tempo de cobertura: 20min29segundos

Fonte: autor

Tabela 11: Cobertura RBS Notícias: Terceira Onda de Atentados

O RIC Notícias, na **Terceira Onda de Atentados**, apresentou oito telejornais e em oito falou do assunto. Ao todo foram 21 laudas com algum tipo de informação sobre os atentados e o tempo total de cobertura foi quase 33 minutos.

Cobertura RIC Notícias: Terceira Onda de Atentados	
Total de ocorrências: 15	Total de cobertura: 08
Total de dias com ocorrências: 10	Total de laudas: 21
Total de telejornais: 08	Total de cobertura: 32min51segundos

Fonte: autor

Tabela 12: Cobertura RIC Notícias: Terceira Onda de Atentados

Somados os dados dos dois telejornais, juntos, na **Terceira Onda de Atentados** foram 17 telejornais, 37 laudas e 53 minutos e 20 segundos de produção.

Terceira Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	
Total de produção: 53min20seg	
Total de laudas: 37	
Total de telejornais: 17	

Fonte: autor

Tabela 13: Terceira Onda - Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Sobre o **Julgamento** dos envolvidos nos ataques foram 11 dias de trabalho, do início ao fim da sentença. Neste período o RBS Notícias foi exibido dez vezes e em sete telejornais informou sobre o assunto. Foram nove laudas sobre o julgamento e o tempo de cobertura passou de 11 minutos.

Cobertura RBS Notícias: Julgamento dos Atentados	
Total de cobertura: 07	
Dias de julgamento: 11	Total de laudas: 09
Total de telejornais: 10	Tempo de cobertura: 11min09segundos

Fonte: autor

Tabela 14: Cobertura RBS Notícias: Julgamento dos Atentados

Nos dias de **Julgamento** o RIC Notícias apresentou nove telejornais e em sete falou do assunto. Ao todo foram oito laudas com algum tipo de informação sobre o tema e o tempo total de cobertura foi de quase 18 minutos.

Cobertura RIC Notícias: Julgamento dos Atentados	
Total de cobertura: 07	
Dias de julgamento: 11	Total de laudas: 08
Total de telejornais: 09	Tempo de cobertura: 17min54segundos

Fonte: autor

Tabela 15: Cobertura RIC Notícias: Julgamento dos Atentados

Somados os dados dos dois telejornais, juntos, durante o **Julgamento** dos atentados foram 19 telejornais, 17 laudas e 29 minutos e três segundos de produção.

Julgamento dos Atentados: Total da Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Total de produção: 29min03seg

Total de laudas: 17

Total de telejornais: 19

Fonte: autor

Tabela 16: Julgamento dos Atentados - Total da Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Os dois telejornais juntos, na **Primeira Onda**, na **Segunda**, na **Terceira** e no **Julgamento** dos atentados abordaram quase oito horas sobre o assunto. A análise desses episódios renderia uma avaliação de quase 280 laudas e 90 telejornais, como mostrado na tabela abaixo.

Total de Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Total de cobertura: 07h48min11seg

Total de laudas: 276

Total de telejornais: 90

Fonte: autor

Tabela 17: Total de Cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

O mapeamento da **Quarta Onda de Atentados** foi separado, pois foram destes episódios que foram selecionadas as reportagens analisadas na dissertação. Serão apontadas agora, tabelas que demonstram como se deu a cobertura dos dois telejornais durante a **Quarta Onda**, escolhida para análise. Segundo o relatório da Polícia Militar em 33 dias de atentados, de 26 de setembro de 2014 a 28 de outubro de 2014, foram 115 ocorrências registradas. Para a análise, levando em consideração a questão da continuidade, optou-se em observar 34 dias, um a mais depois do fim dos atentados, de 26 de setembro de 2014 a 29 de outubro de 2014. Neste período foram exibidos 29 RBS Notícias, o total de produção de conteúdo chegou a quase sete horas e o número de laudas foi de 432. Observando os espelhos destes dias pode-se concluir que de 29 telejornais, em 17 o RBS Notícias destacou o assunto, o tempo de produção sobre o tema passou de uma hora e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 51 como mostra a tabela abaixo.

Cobertura RBS Notícias: Quarta Onda de Atentados	
Duração da quarta onda:	33 dias
Período da quarta onda:	De 26/09 a 28/10
Duração da análise:	34 dias
Período de análise geral:	De 26/09 a 29/10
Telejornais exibidos:	29 telejornais
Tempo de produção:	6 horas, 37 minutos e 56 segundos
Conteúdos produzidos:	432 laudas
Telejornais com cobertura:	17 telejornais
Tempo de cobertura:	1 hora , 4 minutos e 40 segundos
Conteúdos de cobertura:	51 laudas

Fonte: autor

Tabela 18: Cobertura RBS Notícias: Quarta Onda de Atentados

No mesmo período da **Quarta Onda de Atentados**, de 26 de setembro de 2014 a 29 de outubro de 2014, foram exibidos 24 RIC Notícias, o total de produção de conteúdo chegou a quase nove horas e o número de laudas (páginas do espelho) foi de 395. Observando os espelhos destes dias pode-se concluir que de 24 telejornais em 12 o RIC Notícias destacou o assunto, o tempo de produção sobre o tema passou de 55 minutos e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 30, como mostra a tabela abaixo.

Cobertura RIC Notícias: Quarta Onda de Atentados	
Duração da quarta onda:	33 dias
Período da quarta onda:	De 26/09 a 28/10
Duração da análise:	34 dias
Período de análise geral:	De 26/09 a 29/10
Telejornais exibidos:	24 telejornais
Tempo de produção:	8 horas, 51 minutos e 27 segundos
Conteúdos produzidos:	395 laudas
Telejornais com cobertura:	12 telejornais
Tempo de cobertura:	55 minutos e 43 segundos
Conteúdos de cobertura:	30 laudas

Fonte: autor

Tabela 19: Cobertura RIC Notícias: Quarta Onda de Atentados

Somados os dados dos dois telejornais, juntos, durante a **Quarta Onda de Atentados** foram exibidos 53 telejornais, destes, em 29 o RBS Notícias e o RIC Notícias abordaram o assunto, ou seja, mais da metade. Das 827 laudas produzidas pelos dois telejornais, 81 foram sobre os atentados. Levando em consideração o tempo de produção, das

mais de 15 horas de conteúdo, por cerca de duas horas o assunto foi destaque, como mostra a tabela abaixo.

Quarta Onda: Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias	
Telejornais exibidos:	53 telejornais
Tempo de produção:	15 horas, 28 minutos e 23 segundos
Conteúdos produzidos:	827 laudas
Telejornais com cobertura:	29 telejornais
Tempo de cobertura:	2 horas, 1 minuto e 23 segundos
Conteúdos de cobertura:	81 laudas

Fonte: autor

Tabela 20: Quarta Onda - Total da cobertura RBS Notícias e RIC Notícias

Desta forma, para se compreender como se deu cobertura da **Quarta Onda de Atentados** foram analisados de forma geral os 53 telejornais produzidos pelas emissoras neste período, focando principalmente, nos 29 telejornais (episódios) que tiveram alguma lauda sobre o assunto.

A partir deste levantamento foram desenvolvidas outras duas tabelas, uma do RBS Notícias e outra do RIC Notícias, onde foi possível identificar, quais reportagens seriam analisadas de forma interna nesta pesquisa, a fim de compreender a *função discursiva da edição em coberturas jornalísticas*. Com o mapeamento levantou-se as datas em que os dois telejornais produziram conteúdos sobre os atentados, e a partir disso os programas e as reportagens nos quais o assunto foi abordado pelos dois no mesmo dia para ser possível realizar uma análise comparativa. Nestes episódios, normalmente, mais de uma reportagem foi produzida, no entanto, para fazer uma análise comparativa entre os produtos, optou-se em escolher a reportagem mais longa da edição (que de acordo com o critério *noticiabilidade* na Teoria do Jornalismo evidencia a importância do assunto no telejornal) ou então, em um caso específico em que a reportagem não era a mais longa, mas era a principal do dia para o encaminhamento da cobertura.

Levando isso em consideração definiu-se que das quase 1 hora, quatro minutos e 40 segundos de produção do RBS Notícias sobre o assunto durante a Quarta Onda serão analisadas de forma interna nove (9) reportagens do telejornal, totalizando 22 minutos e 33 segundos de produção, como aponta a tabela abaixo.

Dias	Total de	Total de	Tempo de	Tempo	Reportagens
1	12	0	00:12:36	00:00:00	00:00:00
2	13	1	00:11:40	00:01:52	00:00:00
3	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
4	13	3	00:12:42	00:03:57	00:02:31
5	16	9	00:12:33	00:07:48	00:01:59
6	13	4	00:11:46	00:06:14	00:02:43
7	12	4	00:11:46	00:07:27	00:02:03
8	20	8	00:15:46	00:10:01	00:03:19
9	21	10	00:18:04	00:07:30	00:00:00
10	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
11	16	2	00:16:28	00:03:27	00:02:31
12	14	1	00:15:35	00:02:04	00:02:04
13	14	2	00:15:29	00:03:17	00:00:00
14	14	1	00:11:55	00:01:41	00:00:00
15	16	1	00:11:36	00:01:54	00:01:54
16	19	1	00:18:03	00:00:38	00:00:00
17	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
18	15	1	00:12:47	00:00:48	00:00:00
19	14	0	00:12:49	00:00:00	00:00:00
20	16	0	00:13:43	00:00:00	00:00:00
21	14	0	00:11:48	00:00:00	00:00:00
22	14	0	00:12:19	00:00:00	00:00:00
23	17	0	00:12:03	00:00:00	00:00:00
24	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
25	11	0	00:12:06	00:00:00	00:00:00
26	18	1	00:14:12	00:00:38	00:00:00
27	13	1	00:14:00	00:01:55	00:00:00
28	12	1	00:13:33	00:03:29	00:03:29
29	17	0	00:12:02	00:00:00	00:00:00
30	16	0	00:15:30	00:00:00	00:00:00
31	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
32	14	0	00:15:46	00:00:00	00:00:00
33	15	0	00:15:24	00:00:00	00:00:00
34	13	0	00:13:55	00:00:00	00:00:00
34	432	51	06:37:56	01:04:40	00:22:33

Fonte: autor

Tabela 21: Sistematização do RBS Notícias da Quarta Onda

Já o RIC Notícias, dos 55 minutos e 43 segundos de produção, foram observados em profundidade 23 minutos e 31 segundos de produção sobre a Quarta Onda, ou seja, nove reportagens sobre o assunto nos mesmos dias correspondentes, como aponta a tabela abaixo.

Dias observados	Total de laudas produzidas	Total de laudas sobre atentados	Tempo de exibição do telejornal	Tempo destinado aos atentados	Reportagens analisadas
1	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
2	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
3	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
4	15	3	00:24:34	00:04:59	00:01:56
5	17	3	00:22:54	00:05:53	00:02:56
6	16	4	00:20:39	00:07:55	00:02:55
7	17	3	00:21:07	00:05:02	00:03:03
8	19	7	00:27:44	00:11:31	00:03:30
9	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
10	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
11	23	3	00:26:21	00:03:36	00:01:58
12	19	4	00:27:24	00:06:48	00:02:52
13	19	1	00:27:55	00:01:20	00:00:00
14	17	0	00:21:16	00:00:00	00:00:00
15	15	1	00:20:05	00:01:52	00:01:52
16	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
17	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
18	16	0	00:19:30	00:03:14	00:00:00
19	17	0	00:21:34	00:01:04	00:00:00
20	16	0	00:22:23	00:00:00	00:00:00
21	18	0	00:21:25	00:00:00	00:00:00
22	14	0	00:21:02	00:00:00	00:00:00
23	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
24	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
25	15	0	00:18:58	00:00:00	00:00:00
26	14	0	00:19:28	00:00:00	00:00:00
27	18	0	00:22:46	00:00:00	00:00:00
28	15	1	00:19:38	00:02:29	00:02:29
29	16	0	00:19:22	00:00:00	00:00:00
30	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
31	0	0	00:00:00	00:00:00	00:00:00
32	18	0	00:28:53	00:00:00	00:00:00
33	18	0	00:28:34	00:00:00	00:00:00
34	23	0	00:27:55	00:00:00	00:00:00
	395	30	08:51:27	00:55:43	00:23:31

Fonte: autor

Tabela 22: Sistematização do RIC Notícias da Quarta Onda

Feitas essas observações, pode-se afirmar que serão analisadas comparativamente 18 reportagens exibidas nos dias 29/09, 30/09, 01/10, 02/10, 03/10, 06/10, 07/10, 10/10 e 23/10 pelo RBS Notícias e pelo RIC Notícias, nove de cada, durante a **Quarta Onda de Atentados** em Santa Catarina, ou seja, 56 minutos e quatro segundos de produção.

3.3 ANÁLISE DOS TELEJORNALS E DAS REPORTAGENS SELECIONADAS

Neste tópico será apresentada a **Análise da Quarta Onda de Atentados**, divididas a partir do processo de decupagem geral (telejornal) e decupagem interna (reportagens).

Para se chegar ao número de reportagens a serem analisadas internamente foram observados de forma geral os espelhos do RBS Notícias e do RIC Notícias (os exemplos nas figuras abaixo são dos espelhos de ambos os telejornais do dia 01/10/2014, sexto dia de atentado da Quarta Onda), onde foi possível mapear as reportagens que compõem o *corpus* desta pesquisa.

PAG	ANC 1	ANC 2	RETRANÇA	Fita	tCA	tVT	tTOT	tEST	REP	EDIT	GC	MODI	APV	TEMPO	FADE
6:54			BLOCO 1		0:00	0:00	0:00				OK	fabian_lo		00:00:00	00:00:00
	-binha	-fabian	Manchetes		0:27	0:00	0:30				OK	rundow		00:00:00	00:00:09
			FQ VIVO ONIBUS		0:00	0:00	0:00				OK	fabian_lo		00:00:30	00:00:39
			FQ LIXO		0:00	0:00	0:00				OK	fabian_lo		00:00:30	00:00:39
			FQ BALSAS		0:00	0:00	0:00				OK	lalo_hom		00:00:30	00:00:39
			VINHETA		0:00	0:10	0:10				OK	rundow		00:00:30	00:00:39
	-fabian	-binha	VIVO TICEN		0:59	0:00	0:59		sagaz	lalo	OK	rundow		00:00:40	00:00:49
			(**"lapa**")		0:00	0:00	0:00				OK	lalo_hom		00:01:39	00:01:48
			FECHA COMÉRCIO		0:00	1:08	1:08		sagaz	lalo	OK	rundow		00:01:39	00:01:48
	-fabian	-binha	NC LIXO ACUMULADO		0:08	0:23	0:31		NC	fabi	OK	rundow		00:02:47	00:02:56
	-fabian	-binha	FQ FOGO NO CARRO		0:16	0:00	0:16				OK	rundow		00:03:18	00:03:27
4:10	-binha	-fabian	1 Segue		0:08	0:05	0:13				OK	rundow		00:03:34	00:03:43
			FQTrânsito		0:01	0:10	0:10				OK	rundow		00:03:47	00:03:56
			BLOCO 2		0:00	0:00	1:59				OK	rundow		00:03:57	00:04:06
	-binha	-fabian	RIO DO SUL		0:09	1:41	1:50		blu	vivi	OK	viviane_a		00:05:56	00:06:05
	-binha	-fabian	FQ BALSAS ARRASTAD		0:27	0:00	0:27			fabi	OK	rundow		00:07:46	00:07:55
			("lapa")		0:00	0:00	0:00				OK	lalo_hom		00:08:13	00:08:22
			PREVISÃO		0:00	0:43	0:43			vivi	OK	rundow		00:08:13	00:08:22
	-fabian	-binha	2 Segue		0:12	0:00	0:12				OK	rundow		00:08:56	00:09:05
			FQ ATENTADOS		0:00	0:00	0:00				OK	fabian_lo		00:09:08	00:09:17
			BLOCO 3		0:00	0:00	1:57				OK	rundow		00:09:08	00:09:17
	-fabian	-binha	VIVO SALA SITUAÇÃO		0:14	1:10	1:24		joão	fabi	OK	rundow		00:11:05	00:11:14
	-binha	-fabian	ATENTADOS		0:12	2:31	2:43		edivaldo	nina	OK	rundow		00:12:29	00:12:38
7:50	-binha	-fabian	Encerra		0:02	0:23	0:25				OK	rundow		00:15:12	00:15:21
			FIM		0:00	0:00	0:00				OK	viviane_a		00:15:37	00:15:46

Fonte: RBS TV (2014)

Figura 1: Espelho RBS Notícias

(01/10/2014) RIC NOTÍCIAS

Início 19:10:00 Término 19:45:00

Bloco 01					Break 00:00		Total 00:09:55			
pág	tipo	retranca	repórter	editor	ed. imagem	ok	vt	cab.	total	apr.
01	MANC	MANCHETES					00:39	00:09	00:48	X
02	VIVO	VIVO TICEN	Iuri Grechi	Rafaela Ams			01:30	00:27	01:57	X
03	VT	VT PREJUÍZO COMÉRCIO	Iuri Grechi	Katia Baggio	X		01:53	00:00	01:53	X
04	FQ	FQ OOMCAP		Katia Baggio	X		00:00	00:22	00:22	X
05	FQ	FQ TOXINA MOLUSCOS		Katia Baggio	X		00:00	00:53	00:53	X
06	VIVO	VIVO PONTES					00:00	00:07	00:07	X
07	NC	NC FESTA ETNIAS		Katia Baggio	X		00:43	00:11	00:54	X
08	ASEG	1 A SEGUIR					00:10	00:12	00:22	X
09	VT	VT ENTIDADE HOSPITAL	Thiago Tocari	Rafaela Ams			02:32	00:07	02:39	
Bloco 02					Break 00:00		Total 00:05:38			
pág	tipo	retranca	repórter	editor	ed. imagem	ok	vt	cab.	total	apr.
09	FQ	FQ SUITE CHUVAS ALTO VALE		Giovana Silva			00:00	00:39	00:39	X
10	VT	PREVISÃO DO TEMPO		Giovana Silva	X		00:32	00:01	00:33	X
11	VT	VT SUITE ONDA DE ATAQUES	Rodrigo Cerdazo	Giovana Silva	X		02:44	00:11	02:55	X
12	VIVO	VIVO ATENTADOS JOINVILLE + FQ		Rafaela Ams			01:00	00:10	01:10	X
13	ASEG	2 A SEGUIR					00:10	00:11	00:21	X
Bloco 03					Break 00:00		Total 00:05:06			
pág	tipo	retranca	repórter	editor	ed. imagem	ok	vt	cab.	total	apr.
14	VT	VT BLOQUEADORES CELULAR +	Iuri Grechi	Rafaela Ams			03:02	00:05	03:07	X
15	COM	COM PAULO ALCEU BLOQUEADORES					00:30	01:28	01:58	X
17	ENCE	ENCERRAMENTO					00:00	00:01	00:01	X
tempo do jornal		total de break		total de mídia		produção				
20:39		00:00		00:15:25		00:20:39				

Fonte: RIC NOTÍCIAS (2014)

Figura 2: Espelho RIC Notícias

Na próxima etapa serão analisadas as 53 edições em que os telejornais foram exibidos de forma geral, separados por Análise Geral do RBS Notícias, Análise Geral do RIC Notícias e Análise Geral Comparativa, de acordo com as categorias apresentadas no início deste capítulo.

3.3.1 Análise Geral do RBS Notícias

Como apontado anteriormente, serão apresentadas agora reflexões sobre os espelhos do RBS Notícias durante a cobertura analisada.

Segundo o relatório da Polícia Militar a primeira ocorrência da quarta onda de atentados foi registrada na noite do dia 26 de setembro de 2014, uma sexta-feira, depois da exibição do RBS Notícias. Desta forma, em nenhum momento foi citado que um ônibus foi incendiado em Santa Catarina, iniciando a cobertura sobre o tema no dia seguinte, um sábado, no segundo dia de ocorrências.

No dia 27 de setembro, de acordo com a Polícia Militar, mais um ônibus foi incendiado. Observando o espelho foi possível identificar que dos onze minutos e quarenta segundos de exibição, em um minuto e cinquenta e dois segundos o tema foi abordado. Seguindo o modelo das categorias apresentadas para uma análise geral (lugar, tempo e anunciação) pode-se afirmar que a reportagem foi espelhada na abertura do terceiro bloco, de treze laudas produzidas em uma abordou o tema e foi chamada nas manchetes e na passagem de bloco 1 e 2.

No terceiro dia, oito ocorrências foram registradas, no entanto, nada foi abordado no RBS Notícias, pois no domingo o mesmo não é exibido.

O tema, atentados, só voltou a ser apresentado pelo telejornal no dia 29 de setembro. De acordo com a Polícia Militar seis ocorrências foram registradas nesta segunda-feira, e depois de uma sequência de crimes, efetivamente o telejornal abriu espaço para abordar o assunto. Foram produzidas, para esse episódio, três laudas exclusivas para o assunto: um FQ¹⁴, um vivo e uma reportagem. Isso totalizou três minutos e cinquenta e sete segundos dentro da edição de doze minutos e quarenta e dois segundos, ou seja, quase um terço do telejornal foi sobre o assunto (tempo). Sobre o lugar, pode-se afirmar que foi colocado um FQ na abertura do telejornal resumindo as ocorrências (chamando a reportagem completa), um vivo no terminal central de Florianópolis falando sobre a situação do transporte coletivo ainda no primeiro bloco e uma reportagem grande, a maior da edição, sobre o assunto, abrindo o bloco estadual (segundo bloco). Desta forma, segundo critérios de noticiabilidade observados pela localização no espelho, pode-se apontar

¹⁴ FQ significa Fora de Quadro e é usado para designar o momento em que cenas aparecem nos televisores enquanto repórteres e apresentadores anunciam informações ao vivo, sem edição de texto gravado.

que o tema ganhou destaque na editoria, além de ter sido chamado nas manchetes e no segue 1.

No quinto dia, 11 ocorrências foram registradas, e o RBS Notícias deu grande ênfase para o assunto, produzindo nove laudas sobre o tema. Um FQ abriu o telejornal, ainda no primeiro bloco teve um vivo no terminal central de Florianópolis sobre a situação dos ônibus e um FQ ao vivo do trânsito mostrando as consequências na saída da Capital por causa da onda de violência. O segundo bloco, estadual, focou totalmente neste assunto, com um vivo e três reportagens coladas (lapadas), uma na outra. Antes de encerrar a edição do telejornal, mais um vivo do terminal atualizando as informações. Praticamente toda essa edição do RBS Notícias foi sobre a quarta onda de atentados em Santa Catarina. De doze minutos e tinta e três segundos de produção, em sete minutos e quarenta e oito segundos destacou o assunto. Pelo espelho observa-se, ainda, que foi chamado o assunto na manchete e nas passagens de bloco (segues 1 e 2).

No sexto dia, 13 ocorrências e mais uma vez esse foi o principal assunto do RBS Notícias. Quatro laudas exclusivas sobre o tema foram produzidas: uma entrada ao vivo no primeiro bloco sobre a situação do transporte coletivo no terminal central de Florianópolis, um VT no primeiro bloco sobre a queda no movimento do comércio com a violência dos atentados, um vivo no último bloco no jornal na sala de situação onde os casos eram monitorados pela polícia militar e um VT grande sobre as ocorrências. Mais da metade do tempo de produção do telejornal, neste dia, foi destinado ao assunto. Foram seis minutos e catorze segundos sobre atentados e o telejornal tinha onze minutos e quarenta e seis segundos de produção. Pelo espelho observa-se que foi chamado o assunto na manchete e na segunda passagem de bloco (segue 2).

No sétimo dia de ocorrências, segundo a Polícia Militar, 13 crimes foram registrados e por mais uma edição o tema foi muito abordado no RBS Notícias. O jornal abriu com um vivo do terminal central de Florianópolis com informações sobre o transporte coletivo. De lá foi chamada uma reportagem sobre os atentados mais recentes. O segundo bloco (estadual) abriu com uma reportagem produzida que mostram presos mandando os atentados acontecerem e na sequência mais uma entrada ao vivo do terminal central atualizando as últimas informações. Praticamente todo o telejornal foi sobre esse assunto. Dos onze minutos e quarenta e seis segundos de produção, em sete minutos e

vinte e sete segundos o assunto foi discutido no telejornal, chamado na manchete com intensidade e na passagem do primeiro bloco (segue 1).

O que se observa pelos espelhos é que durante toda a semana esse foi o principal assunto do RBS Notícias e no oitavo telejornal, uma semana depois do início da quarta onda, novamente o tema foi à manchete de maior peso. De 20 laudas produzidas, em oito falou sobre o assunto, um pouco em cada um dos três blocos. Além disso, dos quinze minutos e quarenta e seis segundos de produção, em dez minutos e um segundo o tema foi abordado. Também foi chamado na manchete com intensidade e na passagem do primeiro bloco (segue 1).

No sábado, dia quatro de outubro, nono dia analisado, o RBS Notícias foi praticamente especial sobre o assunto. De 21 laudas produzidas, excluindo as manchetes, as passagens de bloco e o encerramento, em 10 o tema foi abordado. O segundo bloco (estadual), por exemplo, foi praticamente todo referente aos atentados com várias reportagens e entradas ao vivo da sala de situação, responsável pelo monitoramento dos casos. De dezoito minutos e quatro segundos de produção, sete e trinta foram destinados ao assunto. Pelo espelho do RBS Notícias, ainda, observa-se que o tema foi chamado nas manchetes e nas passagens de bloco (segues 1 e 2).

No décimo dia, domingo, o telejornal não foi exibido. Na segunda-feira, o assunto voltou a ser pauta, no entanto de uma maneira muito mais amena, pois outro assunto de destaque tornou-se prioridade para a edição: as eleições. Neste episódio o mais importante era informar sobre os candidatos eleitos a governador, deputados federais, estaduais, senadores e o cenário presidencial. Desta forma foi produzido um vivo na abertura do telejornal sobre a situação do transporte coletivo na Capital e um VT na abertura do segundo bloco atualizando os registros do fim de semana. De dezesseis minutos e vinte e oito segundos de produção, tratou da cobertura em três minutos e vinte e sete segundos, no entanto, pelo espelho observou-se que o tema foi chamado nas manchetes e na primeira passagem de bloco (segue 1).

No décimo segundo dia de cobertura, cinco ocorrências foram registradas e depois de alguns dias o RBS Notícias voltou a ganhar uma estrutura mais tradicional, menos editorializado, pois durante uma semana dedicou muito tempo aos atentados e depois as eleições. Neste dia, sete de outubro, apenas um VT sobre o tema estudado foi feito e abriu o terceiro bloco. Foram destinados dois minutos e quatro segundos a cobertura, sendo que o telejornal teve quinze minutos e trinta e cinco

segundos de produção. Pelo espelho pode-se dizer que o assunto foi chamado na manchete e em uma passagem de bloco (segue 2).

No dia décimo terceiro dia analisado, uma situação parecida a do dia anterior. Foram usados no telejornal um VT no primeiro bloco e um vivo na abertura do segundo bloco. De um total quinze minutos e vinte e nove segundos, dois minutos e dezessete segundos foram destinados ao assunto. Segundo o espelho nota-se que o assunto foi chamado na manchete e na passagem de bloco (segue 1).

A partir do décimo quarto dia, nove de outubro, percebe-se uma diminuição na cobertura devido ao fato de as ocorrências também terem diminuído. Neste dia, por exemplo, nenhuma ação criminosa foi registrada, mesmo assim, uma reportagem curta, de um minuto e quarenta e um segundos, foi exibida sobre o tema no bloco estadual. Pouco tempo considerando que o telejornal teve, neste dia, onze minutos e cinquenta e cinco segundos de produção. Pelo espelho só é possível saber que foi chamado na manchete.

No dia seguinte, seis ocorrências foram confirmadas pela PM e o telejornal produziu apenas uma reportagem sobre os atentados, exibida no bloco local, na abertura do mesmo, logo após as manchetes. Foi um minuto e cinquenta e quatro segundos de VT para onze minutos e trinta e seis segundos de produção. Pela localização sabe-se que o tema foi chamado apenas nas manchetes.

No décimo sexto dia de cobertura, um sábado, apenas um FQ de 38 segundos sobre um atentado foi destacado no telejornal. No dia, 12 de outubro, décimo sétimo dia de ocorrências nada foi abordado, pois era domingo e não teve RBS Notícias. Na segunda-feira apenas uma nota pelada (sem imagens), de 48 segundos, atualizando a situação foi lida pelos apresentadores. A partir desse dia observou-se uma queda brusca na cobertura sobre o tema, praticamente chegando ao esgotamento do assunto.

Depois disso, durante sete dias (do décimo novo dia de ocorrências ao vigésimo quinto dia de ocorrências), o telejornal não anunciou absolutamente nada sobre os atentados.

O assunto só voltou a ser pauta no dia 21 de outubro, no vigésimo sexto dia de ocorrências, e ainda foi colocado em uma posição de menos destaque: uma nota coberta de 38 segundos na metade do segundo bloco. Pelo espelho também não é possível saber se o tema foi anunciado na manchete e nas passagens de bloco, mas pelos outros assuntos abordados neste episódio, acredita-se que não. No dia seguinte, 22 de outubro, depois de nove dias, uma nova reportagem foi feita sobre

o assunto. Foi um VT de um minuto e cinquenta e cinco segundos para doze minutos de produção. Pelo espelho é possível ver que o assunto foi chamado na manchete e na passagem do bloco dois (segue 2).

No vigésimo dia de atentados, contabilizados pela Polícia Militar, um novo desmembramento das ocorrências voltou a tornar o assunto a principal manchete do RBS Notícias. No dia 23 de outubro, o delegado responsável pela investigação entregou a justiça o inquérito sobre a quarta onda de atentados no estado e ainda concedeu uma entrevista exclusiva ao telejornal, por isso, neste episódio, foi produzido um VT na abertura do segundo bloco (estadual) de três minutos e 29 segundos, sendo que o telejornal teve treze minutos e 33 segundos de exibição. Pelo espelho é possível ver que o assunto foi chamado na manchete e na passagem do bloco um (segue 1).

Depois deste dia em nenhum RBS Notícias, até o fim das ocorrências, 28 de outubro o assunto voltou a ser pauta. Como esse trabalho propõem-se a discutir a continuidade observou-se também o espelho do dia 29 de outubro, no entanto, o tema também não foi debatido na editoria. Desta forma, pode-se afirmar que dos 34 dias observados o RBS Notícias abordou em 17 telejornais alguma coisa sobre os atentados. Ou seja, em metade dos dias durante a continuidade das ocorrências monitoradas pelos órgãos de segurança pública. Fazendo uma estatística, pode-se concluir que o tema atentados foi abordado em cerca de 20% dos 29 telejornais exibidos neste período.

3.3.2 Análise Geral do RIC Notícias

Parte-se agora para a análise geral dos espelhos do RIC Notícias durante a Quarta Onda de Atentados.

Como dito, anteriormente, os atentados começaram no dia 26 de setembro de 2014, uma sexta-feira. Neste dia nada sobre o tema foi discutido no telejornal em análise, pois a ocorrência foi registrada depois da exibição do mesmo. No segundo e no terceiro dia estudado, respectivamente, sábado e domingo, o RIC Notícias não é exibido, desta forma o primeiro dia de cobertura sobre o assunto no telejornal se deu somente na segunda-feira, quarto dia com atuação dos criminosos em Santa Catarina, quando a Polícia Militar já havia registrado 16 ocorrências.

Assim como no RBS Notícias, levando em consideração as categorias de análise geral, foram observados os elementos: bloco, tempo e enunciação. Neste primeiro dia de cobertura o RIC Notícias

apresentou três formatos diferentes para abordar o assunto, um vivo, um VT e um comentário do apresentador sobre o assunto (que é âncora e comentarista). Destacando a categoria lugar, o vivo foi na abertura do primeiro bloco sobre a situação do transporte coletivo no terminal central de Florianópolis, o VT na abertura do segundo bloco sobre as ocorrências dos atentados e um comentário sobre assunto também no segundo bloco.

Apesar de o assunto ser polêmico o telejornal não abriu mão de outras matérias que, aparentemente, já estavam produzidas para destinar mais tempo ao tema, mesmo assim tocou no assunto por quatro minutos e cinquenta e nove segundos, sendo que o total de produção neste episódio foi de vinte e quatro minutos e trinta e quatro segundos. Pelo espelho não é possível saber se o assunto foi chamado na manchete e nos segues, mas pela relevância do assunto, acredita-se que isso tenha ocorrido.

No quinto dia de cobertura, 30 de setembro de 2014, mais nove ocorrências foram registradas. Para abordar o assunto, o RIC Notícias produziu uma entrada ao vivo na abertura do primeiro bloco sobre a situação do transporte coletivo no terminal central de Florianópolis, um VT no final do terceiro bloco sobre as ocorrências dos atentados e um comentário sobre assunto para encerrar o telejornal, praticamente a mesma estrutura do dia anterior. Neste episódio o assunto foi destaque por cinco minutos e cinquenta e três segundos de um total de vinte e dois minutos e cinquenta e quatro segundos de produção e pelo espelho não é possível saber se o tema foi chamado nas manchetes e nos segues, mas pela relevância do assunto, acredita-se que isso aconteceu.

No programa seguinte, dia primeiro de outubro, a cobertura no telejornal ganhou força. Foram feitas uma entrada ao vivo no primeiro bloco sobre a situação do transporte coletivo no terminal central de Florianópolis, um VT no primeiro bloco sobre a queda no movimento do comércio com a violência dos atentados, um VT no segundo bloco do jornal sobre as ocorrências do dia e um vivo de Joinville sobre os atentados no norte do estado. Somando o tempo de cada uma dessas laudas percebeu-se que mais de um terço do tempo de produção do telejornal, neste dia, foi destinado ao assunto. Foram sete minutos e cinquenta e cinco segundos de cobertura sobre os atentados e o telejornal teve vinte minutos e trinta e nove segundos de exibição.

Se considerar que o VT Bloqueadores Celular e o comentário de Paulo Alceu sobre o assunto, que não tem ligação direta com os atentados, mas que são sobre segurança, pode-se afirmar que o telejornal

teve quase quinze minutos destinados para a questão da violência no estado. Pelo espelho não é possível saber se o assunto foi chamado na manchete e nos segues, mas pela quantidade de tempo designado ao assunto, novamente, acredita-se que isso tenha ocorrido.

No sétimo dia de cobertura, uma quinta-feira, o RIC Notícias apresentou sobre o tema: um vivo de abertura do telejornal atualizando a situação do transporte coletivo da Capital, o terceiro bloco abriu com uma reportagem sobre o assunto e na sequência um FQ sobre as mudanças no transporte coletivo de Blumenau. Apesar de o assunto ser polêmico o telejornal não abriu mão de outras matérias que, aparentemente, já estavam produzidas, mesmo assim tocou no assunto cinco minutos e dois segundos, sendo que tinha vinte e um minutos e sete segundos de produção. Pelo espelho não é possível saber se o assunto foi chamado na manchete e nos segues, mas pela relevância do assunto, acredita-se que sim.

Na sexta-feira, uma semana desde o início dos atentados, o RIC Notícias produziu sete laudas sobre o assunto. Uma FQ na abertura do telejornal sobre a situação do transporte coletivo na Capital, um FQ sobre os ataques em Lages, e no segundo bloco (estadual) três VTS sobre o assunto, um vivo e um comentário. Todos em posição de destaque. Neste dia mais um terço do telejornal foi sobre o assunto: de vinte e sete minutos e quarenta e quatro segundos de produção, onze minutos e trinta e um segundos foram voltados para a cobertura dos atentados, no entanto, pelo espelho mais uma vez não foi possível saber se foi chamado durante as manchetes e as passagens de bloco.

Nos dois dias seguintes, sábado e domingo, 19 ocorrências foram registradas pela Polícia Militar, no entanto como o telejornal não é exibido no fim de semana a cobertura só teve sequência na segunda-feira, dia seis de outubro, no décimo primeiro dia da nova onda de atentados, com uma nota pelada lida pelos apresentadores na abertura do telejornal sobre a situação do transporte coletivo em Florianópolis, uma NC sobre a operação nas rodovias no terceiro bloco e um comentário no terceiro bloco. Com isso, pode-se afirmar que o assunto ganhou pouco destaque nesse episódio e que outros assuntos tiveram bem mais proporção. De vinte e seis minutos de produção, se tocou no tema em três minutos e trinta e seis segundos e novamente a categoria enunciação não pôde ser analisada.

No décimo segundo dia de cobertura notou-se pelo espelho que o RIC Notícias falou bastante sobre o assunto. Produziu uma nota na abertura do telejornal, no primeiro bloco, duas reportagens no segundo

bloco, além de um vivo. Nesta edição foram divididos os assuntos em dois VTs. Quanto ao tempo, foram seis minutos e quarenta e oito segundos de cobertura para vinte e sete minutos e vinte e quatro segundos de produção total. Neste dia também não foi possível saber ao certo que o tema foi chamado nas manchetes e nos segues, mas pela observação de outras categorias acredita-se que sim.

No outro dia o telejornal produziu apenas um vivo no quarto bloco sobre o assunto de um minuto e vinte segundos, sendo que teve vinte e sete minutos e cinquenta e cinco segundos de produção. Já no episódio seguinte, o tema, pela primeira vez, desde o início da quarta onda de atentados, não foi sequer citado.

No décimo quinto dia de ocorrências uma NC foi apresentada no RIC Notícias sobre o tema. A Nota Coberta teve um minuto e cinquenta e dois segundos de cobertura para um total de vinte minutos e cinco segundos de produção e estava localizada no terceiro bloco, com pouco destaque. A cabeça lida pelos apresentadores anunciou, inclusive, que a cobertura sobre o tema iria perder força no telejornal devido às informações oficiais da polícia, quando colocou que *“a terceira onda de atentados em Santa Catarina completou hoje duas semanas e o número de ataques chegou a cem. A polícia registrou uma queda nas ocorrências e afirmou que a situação está sendo controlada com ações dentro e fora do sistema prisional”*.

Realmente foi isso que aconteceu: nos doze dias seguintes não teve nenhuma emissão sobre o assunto no telejornal. Os atentados só voltaram a ser pauta, depois do dia dez de outubro, décimo quinto dia de ocorrências, no dia 23 de outubro, vigésimo oitavo dia desde o início dos casos, no entanto, isso só ocorreu devido a um fato novo, que foi uma entrevista coletiva concedida pelo delegado responsável pelas investigações dos ataques que indicou 80 envolvidos por participação nos crimes.

Depois deste dia o tema não foi mais abordado no RIC Notícias, encerrando assim a cobertura do telejornal sobre a quarta onda de atentados que chegou ao fim, efetivamente, segundo a Polícia Militar, cinco dias depois. Observando um episódio a mais do fim das ocorrências, dia 29 de outubro, como proposto, notou-se que os atentados, realmente, não foram mais destaque, eliminando por vez a teoria da continuidade, um dos critérios de noticialidade, utilizado como hipótese para essa pesquisa.

3.3.3 Análise Geral Comparativa dos Telejornais

A decupagem dos espelhos proporcionou algumas análises importantes, como por exemplo, saber que o RBS Notícias foi o primeiro telejornal a abordar o tema analisado durante a cobertura da quarta onda de atentados. Isso ocorreu, pois como é exibido no fim de semana, o telejornal conseguiu realizar o registro das ocorrências que aconteceram na sexta-feira (primeiro dia de ocorrências) e no dia de exibição, sábado (segundo dia de ocorrências). Além disso, pelo espelho, notou-se que a reportagem sobre os atentados foi a maior reportagem do telejornal neste dia (sábado), abriu o terceiro e último bloco, ou seja, foi colocada em um lugar de destaque e foi chamada na manchete e nas passagens de bloco. No terceiro dia de atentados, domingo, nenhum dos dois telejornais são exibidos, desta forma, só voltou-se a cobertura do assunto na segunda-feira, dia em que os noticiários voltam à programação.

Foi nesta segunda-feira (29 de setembro de 2014), efetivamente, que os telejornais começaram a apresentar uma sequência de reportagens sobre o tema. O RBS Notícias, por exemplo, mesmo tendo menor tempo de exibição e apresentando apenas uma reportagem, dedicou mais tempo ao assunto. O RIC Notícias também destinou uma equipe de reportagem para cobrir o tema, no entanto, por ser o tempo do telejornal mais longo, percebeu-se também que o programa não investiu com tanta força no assunto. Fez uma reportagem e não detalhou fatos do fim de semana, mesmo não tendo tocado no assunto até então. O diferencial do RIC Notícias foi a participação do comentarista que deu peso aos atentados no telejornal.

No dia seguinte uma situação semelhante na cobertura. O RBS Notícias, de 11 laudas, abordou o assunto em mais da metade do mesmo, mas o destaque do RIC Notícias ficou por conta do comentário editorial do apresentador.

A partir do dia primeiro de outubro de 2014, sexto dia de ocorrências, nota-se que o RIC Notícias começa a valorizar mais a cobertura, destinando mais tempo do telejornal ao tema e produzindo mais reportagens. O RBS Notícias, nessa semana, elegeu esse como o assunto principal e isso refletiu na quantidade de matérias, que tomaram conta de mais da metade do programa – mesma situação observada no dia seguinte. Em dois de outubro, praticamente todo o RBS Notícias foi sobre esse assunto. Dos onze minutos e quarenta e seis segundos de produção, em sete minutos e vinte e sete segundos o assunto foi

discutido no telejornal. Já o RIC Notícias não abriu mão de outras matérias que, aparentemente, já estavam produzidas, apesar de ter mais tempo de exibição.

Seguindo o fluxo editorial da semana, o RBS Notícias, na sexta-feira, oitavo dia de atentados, produziu oito laudas sobre o assunto, um pouco em cada um dos três blocos. Neste dia, mais um terço do RIC Notícias também foi sobre o assunto. De vinte e sete minutos e quarenta e quatro segundos de produção, onze minutos e trinta e um segundos foram voltados para a cobertura dos atentados.

Pela análise geral, observou-se que o grande destaque para a análise comparativa desta cobertura aconteceu no sábado, dia quatro de outubro, quando o RBS Notícias ancorou praticamente todo o telejornal da sala de situação da Polícia Militar, onde o número de ocorrências era monitorado. Ao vivo, o repórter Edivaldo Dondossola chamou várias reportagens, notas cobertas e fez entrevistas, dando peso ao assunto, dividindo a apresentação com a âncora Fabiana do Nascimento que também chamou algumas reportagens no estúdio. Aos sábados, como não é exibido, o RIC Notícias só voltou à cobertura na segunda-feira. E no domingo nenhum dos dois telejornais também é produzido.

A partir deste momento da cobertura alguns fatores aparecem e o tema começa a perder força editorial: são os critérios de factualidade, ineditismo e relevância. No domingo foram às eleições para presidente da república, governador, deputados federais e estaduais e senador, fazem com que esse assunto (eleições) torna-se o mais importante do dia e não mais os atentados, como vinha acontecendo. No RBS Notícias, por exemplo, de dezesseis minutos e vinte e oito segundos de produção, tratou da cobertura do tema estudado em três minutos e vinte e sete segundos. Já o RIC Notícias, de vinte e seis minutos de produção, tocou no assunto em três minutos e trinta e seis segundos. Desta forma, pode-se dizer que o grande assunto deste episódio foi o novo cenário político do estado e do país, sendo este, o primeiro tema mais forte, desde o início dos atentados a fazer com que o mesmo deixasse de ser a principal manchete.

No dia seguinte, sete de outubro de 2014, o critério tempo é um dos assuntos que precisa ser considerado nesta análise comparativa. O RIC Notícias voltou a ter mais tempo de exibição por conta do fim do horário eleitoral e isso fez com que o mesmo tivesse mais tempo para continuar a cobertura dos atentados. Foram produzidas uma nota na abertura do telejornal, no primeiro bloco, duas reportagens no segundo

bloco, além de um vivo, diferente do RBS Notícias que produziu apenas uma reportagem sobre o assunto.

Nos dois próximos dias de atentados, oito e nove de outubro, o RIC Notícias não produziu nada referente aos atentados, já o RBS Notícias, nestes dois dias fez duas reportagens e um vivo, no entanto, com menor tempo e destaque que nos episódios anteriores.

Percebe-se então, que na segunda semana de cobertura, o RBS Notícias continuou tratando do tema todos os dias (desde o início da cobertura), diferente do RIC Notícias que voltou a exibir algo sobre os atentados três dias depois, e sem muita ênfase, apenas com uma nota coberta. No sábado, dia 11 de outubro, o RBS Notícias produziu um FQ sobre o tema e na segunda-feira uma nota pelada.

Desta forma, pode-se concluir, analisando os espelhos, que o RBS Notícias falou sobre os atentados em todos os telejornais que exibiu durante aos primeiros 18 dias de cobertura (interrompida apenas aos domingos que não é exibido), diferente do RIC Notícias que não é exibido nos finais de semana e que por alguns episódios, neste período, não produziu materiais sobre o assunto.

A partir do dia décimo novo dia de atentados, com uma queda no número de ocorrências, o assunto, por vez, deixou de ser uma pauta fundamental para as editoriais, chegando, praticamente, ao esgotamento da cobertura.

O RBS Notícias, por exemplo, só voltou a cobrir algo sobre os atentados oito dias depois. Nos dias 21, 22 e 23 de outubro, produziu uma nota cobertura e dois VTS. Já o RIC Notícias só voltou ao assunto no dia 23 de outubro (ficou 13 dias sem falar em atentados). Neste episódio, o vigésimo oitavo dia desde o início dos atentados, os depois telejornais produziram uma reportagem sobre a conclusão do inquérito com o nome dos envolvidos nos ataques. Foi apenas por causa do fator *factualidade* que o assunto voltou a ser pauta. É comprovado isso, pois durante os próximos dias, até o fim dos atentados, segundo a Polícia Militar, no dia 28 de outubro de 2014, nenhum dos dois telejornais produziu algum conteúdo sobre o tema estudado, ou seja, dos 33 dias de crimes os programas abordaram o assunto apenas nas duas primeiras semanas, depois deixou de ser destaque.

Fazendo um balanço comparativo entre os dois telejornais, conclui-se que entre os dias 26 de setembro de 2014 e 29 de outubro de 2014 foram exibidos 24 RIC Notícias, e 29 RBS Notícias, ou seja, o telejornal da RBS TV, por ser exibido aos sábado pôde tratar o tema como uma continuidade maior. O total de produção de conteúdo do RBS

Notícias chegou a quase sete horas e o número de laudas (páginas do espelho) foi de 432. Já o total de produção de conteúdo do RIC Notícias foi de quase nove horas e o número de laudas (páginas do espelho) foi de 395. Deste total o tempo de produção do RBS Notícias sobre o tema passou de uma hora e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 51. Já o RIC Notícias destacou o assunto por 55 minutos e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 30. Neste quesito também se percebe que o RBS Notícias, mesmo tendo menos tempo de exibição, produziu mais conteúdos sobre o tema.

Agora, levando em consideração as categorias de empregadas a esta análise geral pode-se afirmar que o RBS Notícias, apostou mais editorialmente no assunto, como se percebe observando o **tempo** das reportagens exibidas. As questões referentes a **anunciação** (destaque editorial) e aos **blocos** (localização/paginação) foram semelhantes. Ambos os telejornais, quando produziram conteúdo sobre o tema consideraram este de grande valia, chamando nas manchetes e nas passagens de bloco, valorizando o material a ser exibido. Dos conteúdos, notou-se pelas retrancas (nomes dos VTs), foram voltamos muito para o serviço a população sobre os horários dos ônibus e do comércio afetadas pela violência e também resumos sobre os crimes mais recentes. Neste cenário, o que surpreendeu foi o fato de a emissora RIC Record tratar mais em seus programas assuntos policiais, no entanto, durante a análise notou-se que essa percepção não correspondeu ao conteúdo produzido pelo RIC Notícias neste período, que tratou do assunto com menos intensidade que o telejornal da concorrência.

Essa observação proporcionou uma melhor compreensão de dois critérios que podem ser avaliados diante de uma análise geral de cobertura, que são: **continuidade** (permanência) e **relevância** (impacto editorial). Como já dito no meio desta análise comparativa, o RBS Notícias tratou do assunto como cobertura, não deixou de destacar o assunto nas duas primeiras semanas de ocorrências, abrindo mão do tema, apenas quando os crimes deixaram de acontecer com tanta intensidade. Neste ponto, o RIC Notícias, por menos dias abordou a objeto estudado. Os motivos editoriais (relevância) não são possíveis de serem identificados, mas podem ser percebidos através da estrutura apresentada pelos telejornais durante sua produção e exibição. Sendo assim, conclui-se que o tema atentados ganhou grande ênfase nos noticiários de horário nobre em Santa Catarina, como forma de alertas e informar a população, cada um com uma especificidade diferente.

No entanto, para compreender as funções discursivas da edição, durante a cobertura de cada um dos telejornais estudados, parte-se, enfim, para a análise interna das reportagens selecionadas.

3.3.4 Análise Interna do RBS Notícias

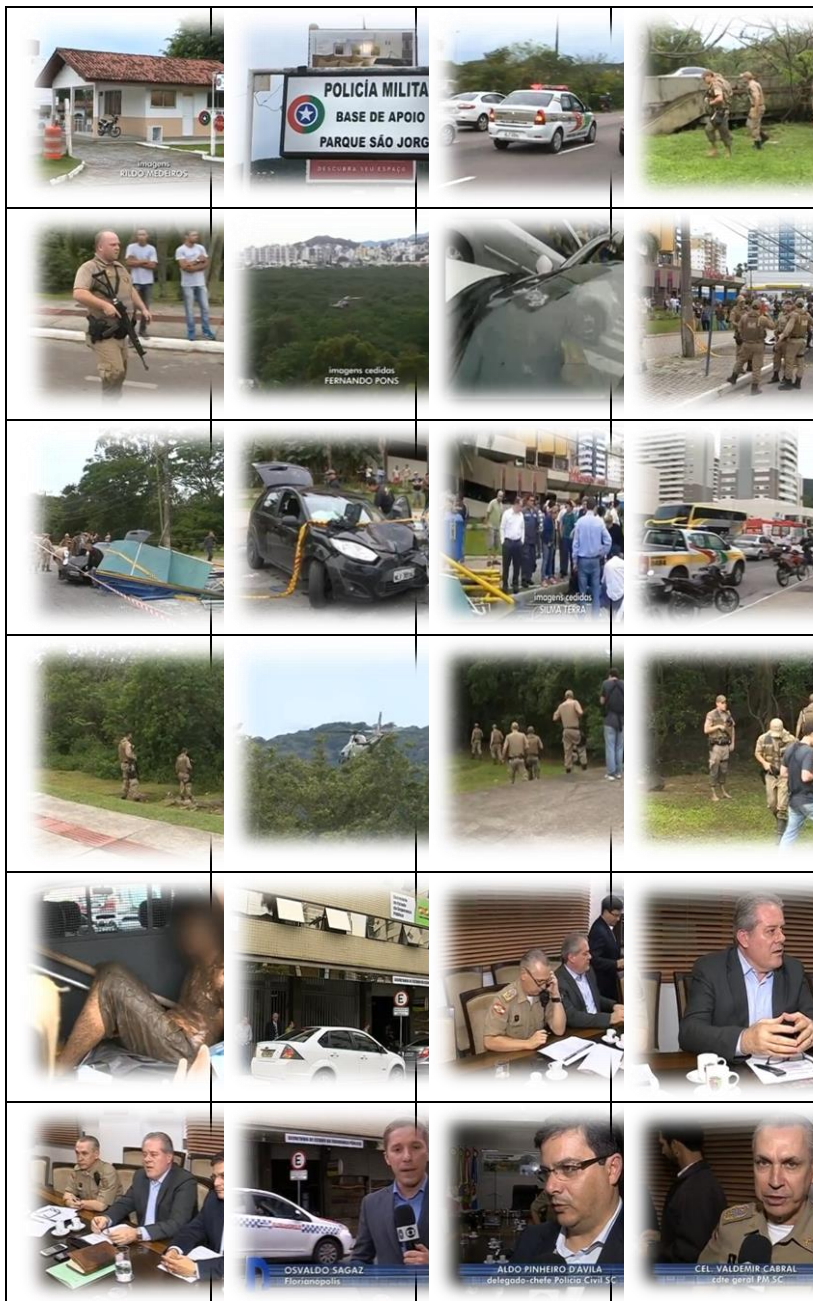
A análise interna desta pesquisa começa apresentando o detalhamento das nove reportagens selecionadas do RBS Notícias produzidas durante a quarta-onda de atentados em Santa Catarina. Para tanto serão utilizadas as categorias já explicadas: cabeça, off, sonora, imagem, passagem, som, grafismo, efeitos de edição e nota pé, cada uma com divisões internas, também mencionadas anteriormente.

Todas as reportagens foram estudadas a partir de uma observação minuciosa das imagens (*frames*), no entanto, para que se tenha um resultado mais completo do objetivo da pesquisa, que é compreender *as funções discursivas da edição*, no trabalho será apresentado um exemplo detalhado de decupagem interna das imagens, e na sequência, a decupagem dos textos das demais matérias.

A primeira matéria analisada em profundidade do RBS Notícias foi exibida no dia 29 de setembro de 2014, uma segunda-feira, sendo esta a segunda reportagem produzida sobre atentados pelo telejornal noturno do Grupo RBS desde o início das ocorrências (26 de setembro de 2014). Neste dia, dentro do programa, foram planejados ainda sobre o assunto um FQ e uma entrada ao vivo do Terminal Central de Florianópolis, ambos no início do primeiro bloco.

A reportagem, cujo decupagem vai ser apresentada agora, estava no espelho com a retranca: Vt Atentados, tinha dois minutos e trinta e um segundos de duração, incluindo o tempo da cabeça, e estava localizada na abertura do segundo bloco, estadual. Ela foi construída para contar a história de um atentado que, segundo a cabeça lida pelos apresentadores, “assustou a população” e também para atualizar as estratégias da cúpula de segurança pública do estado para conter o aumento das ocorrências.

Como mostra a tabela seguinte, construída a partir da decupagem das imagens, pode-se afirmar que durante a edição da REPORTAGEM UM a ser analisada foram utilizados 25 frames. Observe.



Imagens RILDO MEDEROS

POLÍCIA MILITAR
BASE DE APOIO
PARQUE SÃO JORGE
DESCUBRA SEU ESPAÇO

Imagens cedidas
FERNANDO PONS

Imagens cedidas
SILVIA TESSA

OSVALDO SAGAZ
Florianópolis

ALDO PINHEIRO D'AVILA
delegado-chefe Polícia Civil SC

CEL. VALDEMIR CABRAL
1º tenente PM SC



Fonte: RBS TV (2014)

Figura 3: Frames de decupagem do RBS Notícias

Avaliando essa cenas se observa que as cinco primeiras imagens foram utilizadas para cobrir o off 1, a imagem seguinte é um sobe som, as próximas 15 imagens ilustram o off 2, o frame 22 é a passagem do repórter, e os frames 23, 24 e 25 são sonoras.

Desta forma, a estruturação da reportagem se deu da seguinte maneira: Off 1, Sobe som, (corte seco), Off 2, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Sonora 3.

A matéria foi construída em movimento, juntando todos os elementos que compõem uma reportagem telejornalística e por isso, além de decupar as imagens, nesta pesquisa, também foi preciso decupar o texto, para entender como se deu o “casamento” entre sons e cenas. Observe, abaixo, a descrição do texto da primeira reportagem analisada do RBS Notícias.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabian Londero):

Segurança pública em alerta! O governo do estado já determinou reforço no policiamento em diversas regiões depois que onze atentados foram registrados desde o fim de semana.

Apresentador 2 (Fabiana do Nascimento):

O último ataque, em plena luz do dia, movimentou a polícia e assustou moradores hoje à tarde na capital.

Narração repórter 1 (Osvaldo Sagaz):

*Off 1: A confusão começou depois que bandidos dispararam contra esta base da PM (**imagem 1**) no bairro Parque São Jorge (**imagem 2**). Eles foram perseguidos pelos policiais (**imagem 3**) até o bairro Itacorubi (**imagem 4**) e houve troca de tiros em plena rua (**imagem 5**). Este morador registrou a ação...*

*Sobe som: “acabaram de efetuar dois disparos, olha o policial aqui embaixo” (**imagem 6**)*

Off 2: *Oito disparos atingiram a viatura. (imagem 7) durante a fuga (imagem 8), os criminosos perderam o controle do carro onde estavam (imagem 9) e invadiram este ponto de ônibus (imagem 10). Duas mulheres foram atropeladas e foram encaminhadas para o hospital em estado grave (imagem 11). A ação assustou os moradores e parou o trânsito em toda a região (imagem 12). Depois do acidente os bandidos fugiram a pé para o mangue do Itacorubi (imagem 13). O helicóptero da PM (imagem 14) e mais de 150 policiais (imagem 15) participaram das buscas (imagem 16). Dois homens foram capturados (imagem 17). À tarde, uma reunião na secretaria de segurança (imagem 18) definiu estratégias para evitar novos ataques (imagem 19). Os motivos de mais esta onda de violência (imagem 20) também já estão sendo apurados (imagem 21).*

Passagem 1 (Osvaldo Sagaz - Florianópolis): *A cúpula da segurança publica já tem uma linha de investigação. Essa terceira onda de atentados em menos de dois anos, teria sido motivada por grandes operações feitas, tanto pela polícia civil como pela policia militar. (imagem 22).*

Sonora 1 (Aldo Pinheiro D’Avila – delegado-chefe da Policia Civil de SC): *A policia civil já esta estruturada. Nós já temos “know how” das vezes anteriores. Já temos todo o planejamento estratégico, para esse tipo de atuação. Então o que nós temos que fazer agora é aguardar a o deslinde da investigação para que em pouco tempo a gente possa dar a resposta que a sociedade esta esperando (imagem 23).*

Sonora 2 (Coronel Valdemir Cabral – Comandante-geral da PM de SC): *Com essas ações criminosas, nós vamos intensificar o policiamento em pontos sensíveis, além disso nos vamos trazer um efetivo a mais, usando sargentos que ainda estão em formação para que nos possamos formar duplas para fazer escoltas de ônibus através de viaturas caracterizadas. esperando (imagem 24).*

Sonora 3 (Cesar Grubba – sec. De Segurança Pública de SC): *A polícia está preparada, tem dado a resposta, vai dar uma resposta cada vez mais efetiva, com viaturas, policiais militares, polícia civil. Nós vamos dar uma resposta a essa criminalidade, sem sombra de duvida (imagem 25).*

A partir dessa estrutura (construída para perceber o que se vê quando o texto é narrado), pôde-se fazer uma observação mais aprofundada da REPORTAGEM UM do RBS Notícias levando em

consideração cada uma das categorias desenvolvidas para essa pesquisa. Em tópicos serão apresentadas cada uma delas. Veja.

Cabeça: As cabeças do RBS Notícias normalmente são curtas, tem aproximadamente 15 segundos e neste caso não foi diferente. O primeiro apresentador falou no texto que o estado determinou reforço no policiamento depois de vários atentados, transmitindo a ideia de força por parte do estado, que está em alerta para controlar a situação. Já o segundo apresentador, seguindo o modelo tradicional de cabeça (ensinado pelos manuais de telejornalismo), chamou o assunto mais recente, que normalmente dá início a reportagem. Nesta parte foram usadas às palavras “movimentou” e “assustou”, dando um sentido mais cinematográfico ao trabalho de busca pelos autores da ação, de certa forma comum em reportagens policiais.

Off: A edição de texto seguiu nesta reportagem o formato dos telejornais “*hard news*”, como é considerado o RBS Notícias. O primeiro *off* foi sobre o atentado mais recente, com uma linguagem policial, identificadas a partir de palavras como “*bandidos*”, “*perseguidos*” e “*troca de tiros*”. O único elemento que dividiu o *off* 1 do *off* 2 foi um pequeno sobe som. Desta forma, logo na sequência, a narração do repórter recomeçou e continuou a falar da operação policial mais nova, no entanto, entre as frases, houve algumas informações paralelas que dificultaram a compreensão da reportagem. Por exemplo, uma frase do *off* 2 dizia “*Duas mulheres foram atropeladas e foram encaminhadas para o hospital em estado grave*”. A frase seguinte era “*A ação assustou os moradores e parou o trânsito em toda a região*” e na sequência “*Depois do acidente os bandidos fugiram a pé para o mangue do Itacorubi*”. Essa estrutura, tanto textualmente, como visualmente, dá uma quebra na narrativa dos acontecimentos, devido a introdução de informações desnecessárias para o contexto, como a situação do trânsito, por exemplo. O final do *off* 2 destacou uma coletiva da cúpula de segurança do estado que definiu “*estratégias para evitar novos ataques*” e também deu força às ações do estado com a frase “*os motivos de mais esta onde de violência também já estão sendo apurados*”.

Sonora: Todas as sonoras usadas na reportagem foram gravadas logo depois da coletiva de imprensa dentro da Secretaria de Segurança Pública. O repórter, para construir o VT, buscou passar informações oficiais do estado sobre as estratégias de segurança que estavam sendo

planejadas. O primeiro a falar na reportagem foi o delegado-chefe da Polícia Civil de Santa Catarina Aldo Pinheiro D'Avila que afirmou que “já temos todo o planejamento estratégico, para esse tipo de atuação”, e que em pouco tempo dariam “a resposta que a sociedade esta esperando”. Colada com esta, na sequência foi usada a sonora do Comandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina Coronel Valdemir Cabral que também afirmou que “vamos intensificar o policiamento em pontos sensíveis, além disso nos vamos trazer um efetivo a mais”, demonstrando que ações estavam sendo feitas. Por fim, também lapada com as sonoras anteriores, foi utilizada uma declaração do secretário de Segurança Pública de Santa Catarina, que encerra a reportagem dizendo que “nós vamos dar uma resposta a essa criminalidade, sem sombra de duvida”, ou seja, a partir dessas falas selecionadas pode-se afirmar que o RBS Notícias buscou transmitir posicionamentos oficiais sobre a questão dos atentados, enquadrando as mesmas na categoria de entrevista temática.

Imagem: As imagens estão casadas com o texto, e evidenciam as palavras do repórter durante os *offs*. Avaliando essa cenas pode-se afirmar que as cinco primeiras imagens, utilizadas para cobrir o *off* 1, foram feitas com movimentos óticos, para transmitir uma sensação mais cinematográfica das ações policiais, evidenciando como aconteceram as buscas pelos autores dos crimes. O sexto frame identificado é a imagem de um cinegrafista amador que mostra um helicóptero sobrevoando residências e policiais trabalhando na ação. As próximas quatro imagens são do local do crime, onde as mulheres foram atropeladas, e na imagem seguinte, mais um vídeo amador feito poucos minutos depois da ocorrência, que evidenciam que a emissora teve contato com o material produzido pelo público. O frame 12 é uma cena do trânsito, mostrando os reflexos dessa operação para o fluxo da cidade, o que ficou deslocado na construção da narrativa. As outras cinco imagens seguintes são do desfecho do trabalho policial, mostrando que os agentes de segurança conseguiram encontrar os criminosos, transmitindo um tom de sucesso. Depois disso, as próximas quatro imagens são da secretaria de segurança pública e da coletiva de imprensa da cúpula de segurança do Estado, com movimentos mais mecânicos, transmitindo sensação de formalidade, bem diferente do início da reportagem.

Passagem: A passagem do repórter foi gravada em frente à Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina, na Capital e reforça que a “*cúpula*

da segurança pública já tem uma linha de investigação”. O texto da passagem continua afirmando que “*Essa terceira onda de atentados em menos de dois anos, teria sido motivada por grandes operações feitas, tanto pela polícia civil como pela polícia militar*”. Um dos problemas identificados durante quase toda a cobertura foi a utilização do termo *terceira onda de atentados*, pois na verdade esta foi a quarta onda de atentados. Até o presente momento o telejornal afirmava em textos de repórteres e na cabeça a informações errada. A imagem da passagem também seguiu o formato mecânico de movimento, mostrando o repórter em plano médio, com a fachada da secretaria ao fundo, dando a entender, novamente, que a informação que ele estava falando foi obtida dentro daquele local ou com fontes daquele local.

Som: A reportagem não foi trilhada, seguindo o padrão habitual de telejornais noturnos, principalmente da Rede Globo, de não usar esse recurso em matérias factuais. Apesar disso foi valorizado um sobe som de um vídeo amador que acrescenta informação a narrativa (não é sonora, mas comprova que um morador presenciou a ação).

Grafismo: Neste caso o grafismo foi utilizado apenas como fundo padrão dos materiais que não foram produzidos pela RBS TV, uma estratégia da emissora para deixar claro que a baixa qualidade não foi produzida pela mesma, que a imagem é de celular e não uma câmera profissional. Esse fundo gráfico é semelhante a vinheta do telejornal e está atrás dos vídeos amadores que apareceram, neste caso, em dois momentos desta reportagem, identificadas no frame 6 e no frame 11, inclusive com os nomes das pessoas que gravaram e enviaram para a produção do telejornal.

Efeitos de edição: Para manter uma linguagem mais séria durante a reportagem foi utilizado apenas o corte seco como efeito de edição, nenhum *Slow motion*, nenhum *Fast motion*, nenhuma Fusão, nenhum Sombreamento e nenhum Mosaico.

Nota pé: Nesta reportagem não teve nota pé.

Com esse mapeamento pode-se chegar a uma conclusão previa de que esta foi a primeira reportagem do RBS Notícias com fontes oficiais sobre a quarta onda de atentados. Outro ponto observado foi a preocupação editorial com o fator *ineditismo*, focando apenas nas

ocorrências mais recentes. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra tanto em denúncia, como em serviço e o **conteúdo** foi policial, principal foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa.

A segunda reportagem analisada, é do dia 30 de setembro de 2014, uma terça-feira, e como acabado de mencionar, também foi construída com uma linguagem policialesca. Neste dia, o RBS Notícias produziu um grande conteúdo sobre os atentados, nove laudas, destas, três eram reportagens. Todas estavam localizadas no espelho no segundo bloco, estadual, no entanto, para essa pesquisa, apenas a maior delas vai ser estudada em profundidade. Desta forma, a REPORTAGEM DOIS, estava retrancada como Vt Ataques, teve um minuto e cinquenta e nove segundos de duração e foi construída com o propósito de atualizar as ocorrências mais recentes. Uma curiosidade desta reportagem é o fato de não ter cabeça, pois a mesma estava no meio de um VT que tinha antes e um VT que vinha depois, uma grudada na outra, dando continuidade à narrativa sobre o assunto, sem a presença dos apresentadores. Para que se entenda como foi construída a edição das imagens e dos textos, observe a decupagem da matéria. Tendo em vista que nas próximas análises não serão apresentados os *frames* das imagens, vai ser usada uma descrição em negrito para que se tenha uma ideia do que foi visto pelo público enquanto o texto era narrado pelo repórter.

Narração repórter 1 (Osvaldo Sagaz):

Off 1: *Desde a noite de ontem (imagem 1 - amadora dos bombeiros apagando um ônibus que pegava fogo) onze ataques (imagem 2 - de um ônibus queimado) foram registrados no estado (imagem 3 - de um portão do tiro) em apenas dez horas (imagem 4 - fachada de um ônibus incendiado). Em Tijucas cinco ônibus do transporte público foram incendiados (imagem 5 - passeio mostrando os cinco ônibus incendiados). Moradores e funcionários (imagem 6 - dos ônibus queimados) ainda conseguiram evitar (imagem 7 - dos ônibus queimados) que outros doze veículos fossem queimados (imagem 8 - dos ônibus queimados). (FADE) Em Navegantes, no Vale do Itajaí, além do ônibus queimado os passageiros ainda foram assaltados (imagem 9 - amadora de uma multidão envolta do ônibus, minutos após a ação). (FADE) Em Itapema três adolescentes (imagem 10 - de um ônibus queimado) de bicicleta jogaram um coquetel molotove dentro de*

um veículo (imagem 11 - do mesmo ônibus queimado). Em nenhuma das ações houve feridos (imagem 12 - do ônibus queimado). (FADE) Atentados também contra policiais (imagem 13 - de uma rua com carros passando). Em Chapecó a casa de um sargento da polícia militar (imagem 14 - fechada da fachada da casa) foi atingida por pelo menos três tiros (imagem 15 - aberta da fachada da casa), por pouco o policial não foi atingido (imagem 16 - da lateral da casa). (FADE) Já em Gaspar, dois homens que estavam numa moto (imagem 17 - de uma casa) atiraram pelo menos seis vezes (imagem 18 - de uma mão segurando capsulas de munição) contra a residência de um outro policial militar (imagem 19 - da lateral da casa). A casa estava vazia (imagem 20 - da casa). (FADE) Em Florianópolis (imagem 21 - da garagem de uma empresa de ônibus) nem o atraso dos ônibus (imagem 22 - da garagem de uma empresa de ônibus) que saíram das garagens duas horas depois do horário normal impediu os ataques (imagem 23 - de um ônibus saindo da garagem). No sul da ilha (imagem 24 - da base da PM) essa base da polícia militar no bairro Campeche foi atingida por catorze tiros (imagem 25 - passeio mostrando os tiros na parede). Os disparos foram feitos por dois criminosos (imagem 26 - da parede baleada) que estavam numa moto (imagem 27 - de um portão de madeira baleado). No bairro tapera esse ônibus que se preparava para fazer a primeira linha do dia foi abordada por dois homens que atearam fogo no veículo (imagem 28 - amadora de bombeiros apagando o fogo com fundo gráfico do telejornal). A fumaça escura pode ser vista de longe (imagem 29 - de uma câmera que pegou a fumaça no fundo). E a polícia civil estuda a relação de armas (imagem 30 - do delegado no fundo com várias armas e munições sobre uma mesa na frente) de alto poder de fogo apreendidas na Grande Florianópolis com os atentados (imagem 31 - de uma arma na mesa). Foram apreendidos um fuzil usado em guerras (imagem 32 - focada no fuzil) e três pistolas importadas de uso restrito das forças armadas (imagem 33 - das pistolas), além de oito carregadores (imagem 34 - dos carregadores). Quatro pessoas foram presas em flagrante nessa operação (imagem 35 - das armas), monitorada pela Deic (imagem 36 - das armas).

Sonora 1 (Akira Sato - delegado Deic): *Estamos atuando com todo nosso efetivo, nestas ocorrências, da mesma forma que das outras oportunidades. A resposta virá, a resposta será dada, tenho certeza. (imagem 37 - sonora gravada dentro da Deic)*

A partir dessa estrutura (Off 1, com fades em cada mudança de cidade, (corte seco), Sonora 1), construída para perceber o que se vê quando o texto é narrado, pôde-se fazer uma observação mais aprofundada da REPORTAGEM DOIS do RBS Notícias a partir das 37 imagens utilizadas:

Cabeça: Essa reportagem não teve cabeça, pois como já colocado anteriormente, o vt estava no meio de duas reportagens, inviabilizando a possibilidade de estudar a função da mesma neste episódio.

Off: A reportagem foi construída apenas com um off e seguiu o formato “*hard news*” de noticiar. A estrutura do texto foi construída para informar as ocorrências mais recentes sobre os atentados.

Sonora: A única entrevista gravada foi com o delegado da Deic, que se posiciona dizendo que a polícia vai dar uma resposta rápida à sociedade. Dentro das categorias de análise de entrevista essa fala dele pode estar enquadrada em diferentes tipos, podendo ser dialogal, ritual e temática.

Imagem: As imagens estão casadas com o texto, e evidenciam as palavras do repórter. Nesta reportagem foram usados em alguns momentos imagens amadoras dos momentos em que os fatos citados ocorreram. Uma forma de valorizar a participação com o público e mostrar que, mesmo que a reportagem, não estivesse no local, naquele momento, o Grupo RBS teve acesso ao material que comprova determinada ação.

Passagem: Não foi utilizada passagem nesta reportagem.

Som: A reportagem não foi trilhada, seguindo o padrão habitual de telejornais noturnos, principalmente da Rede Globo, de não usar esse recurso em matérias factuais. Não teve sobre som, somente áudio ambiente.

Grafismo: Nesta reportagem o grafismo foi utilizado apenas como fundo padrão dos materiais que não foram produzidos pela RBS TV.

Efeitos de edição: O que muito chamou a atenção nesta reportagem foram os efeitos de edição definidos por transição foram usados em determinadas imagens para mudar de uma cidade para outra. Este é um

efeito comum e tem o objetivo de dar sentido as mudanças de assunto, muito comum em lapadas de notícias ou giros de notícia.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé nesta reportagem.

Considerando as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade. Sobre o **objetivo** entende-se que a reportagem se enquadra como serviço e o **conteúdo** foi policial.

A terceira reportagem a ser analisada em profundidade do RBS Notícias estava retrancada como Vt Atentados, teve dois minutos e quarenta e três segundos e encerrou o telejornal do dia primeiro de outubro de 2014, uma quarta-feira, atualizando as informações sobre as ocorrências. Neste dia foram produzidos sobre o assunto mais um Vt e dois vivos, no entanto, como apontado na metodologia, a reportagem mais longa é a que foi escolhida. Antes da análise das categorias, observe o texto e a descrição das imagens da REPORTAGEM TRÊS.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabiana do Nascimento):

Além do medo, a onda de ataques em Santa Catarina mais uma vez vai mudar a rotina da volta para casa hoje na Capital.

Apresentador 2 (Fabian Londero):

Por segurança, os ônibus do transporte coletivo não devem circular novamente esta noite.

Narração repórter 1 (Edivaldo Dondossola):

Off 1: O passageiro já embarca no ônibus (imagem 1 - de passageiros subindo no ônibus) acompanhado daquele sentimento. (imagem 2 - de dentro do ônibus, como se fosse a visão de um passageiro)

Sonora 1 (Wesley Almeida – garçom): A gente sai de casa com esse medo, né. Então sempre ficamos de olho aberto, mas não adianta. (imagem 4 - sonora gravada no terminal)

Sonora 2 (Nadir Gonçalves – saladeira): A gente sai de casa de manhã, não sabe se volta, se vai ter que ir a pé ou de carona. (corte/fusão) Correndo para cá, correndo para lá, é hiper difícil. (imagem 5 - sonora gravada no terminal)

Off 2: Na Capital, representantes da prefeitura (imagem 6 - da reunião), dos trabalhadores do transporte (imagem 7 - da reunião) e das empresas de ônibus (imagem 8 - da reunião) passaram a tarde discutindo e planejando como o transporte iria funcionar (imagem 9 -

da reunião). *Mas a imprensa não pode acompanhar o diálogo (imagem 10 - da reunião), porque a reunião foi a portas fechadas. (imagem 11 - da porta fechando)*

Sobe som: **(barulho da porta sendo fechada)**

Off 3: *Depois de quase duas horas veio a decisão (imagem 12 - da reunião). O serviço só funciona até às sete da noite (imagem 13 - da reunião), depois os ônibus param. Segundo o sindicato, esta foi a forma encontrada para garantir a segurança dos trabalhadores (imagem 14 - em movimento, saindo do terminal para dentro da sala onde aconteceu a reunião).*

Sonora 3 (Dionísio Linder – Sind. Trabalhadores): *Se nós não botar limite, vai ter pessoal rodando até as onze, meia noite, pessoal vai querer ter ônibus para ir embora, tem que ter data para o comércio fechar, shopping fechar e os funcionários podem ir embora. (imagem 15 - sonora gravada depois da reunião)*

Off 4: *A secretaria de mobilidade urbana (imagem 16 - da reunião) queria estender o horário, mas foi voto vencido (imagem 17 - da reunião).*

Sonora 4 (Vinicius Coffferri Dir. Planejamento – Sec. Mobilidade Urbana): *Nós pretendíamos avançar mais as nossas operações. (corte/fusão) Fomos um pouco decepcionados com essa negociação, mas foi um entendimento, vamos respeitar esse entendimento. (imagem 18 - sonora grava depois da reunião)*

Off 5: *A onda de violência (imagem 19 - noturna do que parece ser cenário de um crime) já chegou a todas as regiões de Santa Catarina (imagem 20 - de um ônibus incendiado). Hoje pela manhã, em Criciúma, familiares e colegas (imagem 21 - de policias carregando o caixão) se despediram do agente penitenciário assassinado na frente de casa (imagem 22 - de policias segurando o caixão). Luiz Carlos Dal Agnol foi morto com três tiros na noite de segunda-feira (imagem 23 - foto dele com fundo gráfico do telejornal). Em Balneário Camboriú, o carro de um policial militar também foi alvo de criminosos. Cerca de vinte tiros foram disparados (imagem 24 - foto do carro com fundo gráfico do telejornal). Em Joinville, que ainda não tinha registrado ataques, a noite também foi tumultuada (imagem 25 - passeio mostrando uma garrafa de cerveja e o ônibus parcialmente incendiado). Bandidos atearam fogo (imagem 26 - de dentro do ônibus, com poucos danos) em um ônibus lotado de passageiros (imagem 27 - do ônibus ao fundo e uma viatura da polícia na frente). Horas depois, um outro ônibus (imagem 28 - amadora mostrando o ônibus em chamas, sem*

fundo gráfico do telejornal), desta vez vazio, também foi incendiado (**imagem 29** - do ônibus todo queimado).

Passagem 1 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Pouco antes da meia noite, também em Joinville, um homem foi morto durante um confronto com a PM. Segundo a PM, Agostinho da Silva, de 42 anos seria integrante de uma facção criminosa que atua dentro dos presídios. Um outro suspeito ficou ferido e está internado no hospital.* (**imagem 30** – gravada no centro de Florianópolis)

Off 6: *Esta semana a justiça teve acesso a uma carta escrita por detentos do presídio de São Pedro de Alcântara, e fazem um alerta em tom de ameaça: o presídio é uma bomba relógio* (**imagem 31** - off todo coberto com arte da carta, com destaque de texto e fundo gráfico do telejornal).

A partir desta decupagem pode-se observar a estrutura de edição da REPORTAGEM TRÊS dividida em 31 imagens: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Sonora 2 (com fade de edição de partes), (corte seco), Off 2, (corte seco), Sobe som, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 4 (com fade de edição de partes), (corte seco), Off 5, (corte seco), Passagem 1, (corte seco) e Off 6.

Cabeça: A cabeça não anuncia que vai resumir também as últimas ocorrências, mas começa dando o serviço sobre a situação do transporte coletivo, pois é com esse gancho que começa a reportagem.

Off: Seis offs foram usados na edição da reportagem. Um falando sobre o sentimento dos passageiros com os ataques. Três falando sobre a reunião. Um resumindo os ataques e o último um destaque de texto sobre uma carta em tom de ameaça por parte dos criminosos. Percebe-se que está reportagem foi produzida para resumir um pouco de todas as informações que se tinha sobre o assunto.

Sonora: Quatro sonoras foram usadas na edição da reportagem. Duas enquetes falando sobre a situação de insegurança, uma sonora do sindicato e uma da prefeitura contrapondo o que foi discutido na reunião. Seguindo a descrição das categorias de entrevista, consegue-se afirmar que as enquetes foram feitas de forma ocasional, já as duas fontes oficiais foram usadas por serem rituais, ou seja, com o objetivo

de fazer com que o entrevistado fale na matéria e isso é muito mais importante até mesmo do que o conteúdo que ele vai falar.

Imagem: As imagens estão de acordo com as informações do texto e correspondem com o que foi narrado pelo repórter. No off 2, por exemplo, enquanto se falava da reunião, só foram usadas imagens da reunião para cobrir o off.

Passagem: A passagem do repórter, nesta matéria, foi utilizada para suprir a necessidade da falta de imagem, ou seja, passou uma informação que não poderia ficar de fora, e que ao mesmo tempo a emissora não conseguiu acompanhar no momento em que aconteceu.

Som: Foi utilizado um sobe som para justificar uma informação (de que a imprensa não podia acompanhar a reunião) e áudio ambiente na reportagem. Neste caso, o sobe som reforçou a ideia de que o Grupo RBS esteve lá, foi impedido de entrar na reunião, e mesmo assim esperou para ter as informações para passar ao público.

Grafismo: Foi usado fundo gráfico durante as fotos que não foram feitas pelo Grupo RBS e uma arte de destaque de texto dando detalhes sobre a carta enviada por criminosos para cobrir o ultimo off, produzida pelo núcleo de criação da emissora.

Efeitos de edição: Além do corte seco, que foi o elemento de edição mais usado nesta reportagem, em duas sonoras foi utilizado o recurso de fusão para colar partes de entrevistas da mesma fonte, sem precisar que ele concluísse todo o raciocínio. Esse tipo de efeito de edição é empregado para ganhar tempo na reportagem e selecionar exatamente o pedaço da sonora que o editor escolheu.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé nesta reportagem.

Desta forma, reforçando a ideia anterior, percebe-se que a reportagem foi construída tecnicamente de uma forma bem estruturada, sem falhas na edição e o tom da mesma não foi opinativo, mas passou, nas entrelinhas, a poder da emissora diante do público, reiterando uma aproximação com o mesmo, no momento em que a sua narrativa se coloca como os “olhos” da população. Agora, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o

que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra tanto em denúncia, como em serviço e o **conteúdo** foi policial, principal foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa.

A REPORTAGEM QUATRO, retrancada como Vt Atentados, foi exibida no dia dois de outubro de 2014, uma quinta-feira, teve dois minutos e três segundos de duração e estava localizada no primeiro bloco do RBS Notícias, bloco local. Neste episódio, excepcionalmente, a reportagem mais longa sobre o tema não foi à analisada, pois a com maior duração tratava de um fato isolado, e não das ocorrências em si. Além dessas duas reportagens, o telejornal produziu ainda sobre o assunto dois vivos. O Vt analisado não tem cabeça, pois foi chamado por um repórter, justamente em um dos vivos, mas observe o texto da matéria.

Narração repórter 1 (Osvaldo Sagaz):

Off 1: *Este foi o terceiro dia seguido de reuniões (imagem 1 - da reunião) para definir os horários dos ônibus (imagem 2 - da reunião) na Capital durante a noite (imagem 3 - da reunião). As mudanças, segundo a polícia, (imagem 4 - da reunião) são para garantir a segurança dos usuários (imagem 5 - da reunião) e dos trabalhadores do transporte público (imagem 6 - apoio do coronel que fala na sonora seguinte).*

Sonora 1 (Cel. James Amaral – Polícia Militar): *A atenção da polícia militar são todas, indistintamente. A nossa preocupação é que todas saiam e cheguem em segurança nos seus locais. (imagem 7 - sonora gravada dentro da sala de reunião)*

Off 2: *Amanhã os ônibus voltam a circular as seis horas (imagem 8 - de ônibus entrando no terminal) e uma nova reunião a tarde (imagem 9 - de pessoas caminhando no terminal) vai definir como será a operação no fim de semana (imagem 10 - de pessoas no terminal). As medidas são para evitar que a população (imagem 11 - de ônibus) fique exposta aos riscos de atentados (imagem 12 - de ônibus). Das nove horas da noite de ontem (imagem 13 - do dia anterior de ônibus no terminal sendo escoltados) até as quatro da madrugada (imagem 14 - do dia anterior de ônibus no terminal sendo escoltados), dezesseis ocorrências foram registradas (imagem 15 - de um ônibus circulando na rua). No sul do estado, em Criciúma, a polícia registrou uma tentativa de incêndio (imagem 16 - foto com fundo gráfico do telejornal do banco de um ônibus) num ônibus escolar (imagem 17 - foto com fundo gráfico do telejornal com o ônibus em chamas). Em Balneário Rincão, outro*

ônibus também foi incendiado (imagem 18 - foto com fundo gráfico do telejornal de um ônibus já queimado). Na Grande Florianópolis, criminosos (imagem 19 - de um carro com tiro) incendiaram um carro e uma (imagem 20 - de uma moto) moto de policiais militares (imagem 21 - de uma moto). Ainda no norte da ilha, a casa de um agente prisional foi atacada a tiros (imagem 22 - aberta de uma rua, não identifica a casa). Em Palhoça a residência de dois policiais também foi alvo (imagem 23 - aberta de uma rua, não identifica a casa). Outros cinco disparos (imagem 24 - fechada de uma parece com disparos) foram feitos contra o centro administrativo, na Capital (imagem 25 - da fachada do centro administrativo). No litoral norte, em Camboriú, um homem ateou fogo num carro (imagem 26 - aberta e um carro com capô aberto, estacionado) que estava dentro do pátio do fórum da cidade (imagem 27 - fechada no motor do carro). Ele foi preso em flagrante (imagem 28 - do carro). Um caminhão (imagem 29 - de um caminhão com uma parte queimada) e um ônibus também foram incendiados (imagem 30 - de um ônibus com uma parte queimada) nesta madrugada, em Itajaí (imagem 31 - do ônibus incendiado por dentro), e disparos foram feitos (imagem 32 - de marca de tiro na parede) contra a casa de um PM (imagem 33 - de marca de tiro na parede). No vale, Blumenau registrou o primeiro atentado (imagem 34 - de cinegrafista amador do momento que bombeiros trabalhavam para apagar as chamas). O alvo foi um ônibus do transporte coletivo. Denúncias (imagem 35 - da frente do ônibus queimado) evitaram outro incêndio na cidade. Três suspeitos foram presos (imagem 36 - interna do ônibus queimado). E no norte do estado, uma base da polícia militar de Joinville (imagem 37 - em movimento da rua para a fachada da base militar) também foi alvo de bandidos (imagem 38 - de vidros estilhaçados no chão da base). Os quatro responsáveis (imagem 39 - de vidros estilhaçados no chão da base) foram presos (imagem 40 - de dentro da base). Em São Francisco do Sul, disparos foram feitos contra a residência de um PM e um veículo particular incendiado. Em Campos Novos, na serra, foi registrado um princípio de incêndio em ônibus (imagem 41 - fundo gráfico do telejornal, escrito: Atentado à casa de P.M., veículo particular incendiado, princípio de incêndio em ônibus).

Observando essa estrutura se percebe que a reportagem foi construída com 41 imagens da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco) e Off 2. Veja a análise da REPORTAGEM QUATRO.

Cabeça: A reportagem analisada foi chamada durante um ao vivo, por isso não foi possível estudar em profundidade o conteúdo da mesma.

Off: A reportagem foi construída com dois offs: off 1 e off 2. O primeiro destacou a definição da reunião sobre o transporte coletivo e o segundo um resumo das últimas ocorrências.

Sonora: Apenas uma entrevista foi utilizada na edição da reportagem. Foi uma sonora com da Polícia Militar falando sobre a segurança aos usuários do transporte coletivo, podendo ser enquadradas nas categoriais ritual e temática.

Imagem: As imagens estão de acordo com o texto e foram usadas no off 1 com cenas da reunião e no off com cenas das ocorrências.

Passagem: Nesta reportagem não foi utilizada passagem do repórter.

Som: Nesta reportagem também não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: Além de fundo gráfico do telejornal em fotos, neste dia foi usada uma arte com texto para descrever os atentados que a emissora não conseguiu imagem.

Efeitos de edição: Apesar de ser nomeada como reportagem, pode-se dizer que a montagem se deu como um giro de notícias, destacando ocorrências de várias cidades, no entanto, não foram utilizados efeitos de transição como *fade*, por exemplo, somente corte seco.

Nota pé: Nesta reportagem não foi utilizado nota pé.

A partir desta decupagem entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra tanto em denúncia, como em serviço e o **conteúdo**, com certeza, foi policial.

A REPORTAGEM CINCO do RBS Notícias a ser analisada foi exibida em uma sexta-feira, dia três de outubro de 2014, teve três minutos e dezenove segundos de duração e estava localizada na abertura do segundo bloco, estadual. Neste episódio, uma semana depois do

início das ocorrências, oito laudas foram produzidas dentro do telejornal sobre os atentados, no entanto, a reportagem mais longa, retrancada como Vt Atentados, é a que foi decupada, como pode ser observado abaixo.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabian Londero):

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, chegou em Florianópolis no fim da tarde. Ele veio a Santa Catarina para auxiliar a segurança pública na tentativa de conter a onda de atentados.

Apresentador 2 (Fabiana do Nascimento):

Ao todo já são sessenta e duas ocorrências. A última foi nesta tarde no norte do estado.

Narração repórter 1 (Edivaldo Dondossola):

Off 1: Um ataque em plena luz do dia (imagem 1 - de um ônibus em chamas). Hoje no meio da tarde, bandidos invadiram um ônibus em Joinville e mandaram motorista e os passageiros descerem (imagem 2 - abrindo de um ônibus em chamas). Depois botaram fogo no veículo (imagem 3 - do ônibus em chamas). O incêndio acabou atingindo uma casa (imagem 4 - dos bombeiros aparando as chamas do ônibus, mas pouco de vê da casa). Por sorte ninguém ficou ferido (imagem 5 - do ônibus em chamas). A noite também foi violenta (imagem 6 - de um disparo em um portão de ferro) em Santa Catarina (imagem 7 - de um tiro em um vidro). Em Lages, na serra (imagem 8 - da fachada de uma delegacia), bandidos dispararam (imagem 9 - de um tiro em um vidro) tiros contra a delegacia (imagem 10 - de um tiro em um vidro), a base (imagem 11 - da fachada da base) dos bombeiros (imagem 12 - de um portão de ferro com tiro) e um posto da PM (imagem 13 - da fachada do posto). Teve ataque também contra (imagem 14 - da fachada da delegacia a noite) uma delegacia de Joinville (imagem 15 - de estilhaços de vidro na frente da delegacia). Em Camboriú (imagem 16 - de cinegrafista amador de um caminhão em chamas) e em Chapecó, bandidos atearam fogo (imagem 17 - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas) em um caminhão e em um ônibus (imagem 18 - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas). Na Capital (imagem 19 - de um PM entrando em uma viatura), homens numa moto atiraram contra a casa de um PM (imagem 20 - fechada em uma sirene). Ninguém foi atingido (imagem 21 - fechada de um tiro em um vidro). A onda de violência já chegou a todas as regiões de Santa Catarina. Vinte e seis cidades registraram ocorrências até agora (imagem 22 - arte

com fundo gráfico do RBS Notícias, mostrando um mapa de SC em vermelho e vinte e seis pontos amarelos nas cidades onde as ocorrências foram registradas). *Neste vídeo divulgado pela polícia, PMs de Joinville e do Paraná aparecem fazendo uma oração antes de começar a ronda da madrugada (imagem 23 - de um cinegrafista amador mostrando a roda de oração durante a madrugada).*

Sobe som: Meu pai, pedimos que nos proteja, que nos oriente e cuida de cada um, porque afinal de contas, nós temos aqui famílias representadas, que nós chegemos ao final desse serviço da mesma maneira que começamos: são e salvos. (imagem 24 - continuação da imagem anterior, e tudo que foi dito pelo policial foi transcrito e aparecia na parte inferior do vídeo)

Off 2: Hoje, o governador em exercício convocou uma entrevista coletiva (imagem 25 - do governador entrando na sala da coletiva) para falar sobre os atentados (imagem 26 -do governador sentando na mesa da coletiva).

Sonora 1 (Nelson Schaeffer Martins – governador em exercício SC): O estado de Santa Catarina não é, nem pode ser e não será refém da criminalidade. (corte, mas sem fade) O Estado de Santa Catarina não está nas mãos dos criminosos. O estado de Santa Catarina está nas mãos das forças de estado. (imagem 27 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)

Off 3: O governador também falou sobre os motivos que estariam por trás dos ataques (imagem 28 - aberta da mesa que dava coletiva).

Sonora 2 (Nelson Schaeffer Martins – governador em exercício SC): O que está causando tudo isso é principalmente o sufoco econômico que nós impusemos à criminalidade no estado. (fade transparente e sutil) Essas organizações criminosas estão em situação econômica difícil e por isso essa reação agressiva, incompreensível e inaceitável por parte da criminalidade contra a nossa população e contra os nossos agentes, também. (imagem 28 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)

Passagem 1 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): Durante a coletiva, o governador em exercício confirmou a vinda do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo a Santa Catarina. O ministro se reúne agora à noite, com a cúpula de segurança do estado para discutir alternativas e táticas de enfrentamento a onda de violência. (imagem 29 - passagem gravada em frente ao centro administrativo do governo)

Off 4: Schaeffer disse ainda que nenhuma alternativa será descartada (imagem 30 - fechada no rosto do governador durante a coletiva), nem a

possível vinda (imagem 31 -de policias da força nacional caminhando a noite de costas) da força de segurança nacional (imagem 32 - da força nacional), como aconteceu na última grande onda de violência (imagem 33 - parece de cinegrafista amador, de vários policiais da força nacional reunidos. Neste momento aparece o selo de arquivo no lado direito do vídeo).

Sonora 4 (Nelson Schaeffer Martins – governador em exercício SC): *Peço a população catarinense que não se deixe levar por esse clima de terror e assombro. Nós estamos no controle da situação e cada ato haverá uma reação. Legítima, mas enérgica. Forte e rápida. (imagem 34 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)*

A partir desta decupagem pode-se afirmar que o VT foi construído em edição com 31 imagens da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Sobe som, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 3. Desta forma, para a compreensão desses processos, o que representa cada um, eles foram separados individualmente em categorias. Observe.

Cabeça: A cabeça desta reportagem passa quatro informações. Que o ministro veio para Santa Catarina. Que ele veio para auxiliar a segurança pública. Também informou o número de ocorrência e quando foi à última, dando gancho para o começo da reportagem.

Off: A reportagem tem quatro offs. O primeiro, grande, é um resumo das últimas ocorrências em várias regiões do estado. Os offs dois, três e quatro são sobre a entrevista coletiva do governador falando sobre o assunto, construídos para passar informações oficiais do governo.

Sonora: Na reportagem foram usadas três sonoras, todas do governador em exercício. Na primeira sonora ele fala sobre a força do estado, na segunda parte da sonora sobre o que motivou os ataques e o terceiro sobre a reação diante deste cenário, todas capturadas durante uma coletiva, onde o entrevistado é submetido a vários repórteres de diferentes veículos de comunicação ao mesmo tempo, se enquadrando nesta categoria.

Imagem: Foram usadas muitas imagens da RBS e muitas imagens de cinegrafista amador. Isso foi muito visto no off 1, quando se falou sobre

as ocorrências. As demais imagens foram as oficiais da emissora feitas durante a coletiva. Esse tipo de ação evidencia o relacionamento e a preocupação da TV em estar perto do público, mesmo que para isso tenha que abrir mão de certa qualidade.

Passagem: Na passagem o repórter confirmou uma informação passada pelo governador, de que o ministro viria para Santa Catarina. Essa parte poderia estar na fala do entrevistado, no entanto, editorialmente, se optou em o repórter assinar essa notícia.

Som: Foi usado um *sobe som* grande nesta reportagem, e em alguns trechos estavam mais altos do que o áudio dos offs. O uso desse recurso transmitiu o sentimento dos policiais que foram a campo combater a criminalidade, representando uma aproximação com a categoria, os colocando, de certa forma como heróis. Além disso, foi usando também áudio ambiente.

Grafismo: Na reportagem foi utilizada arte para mostrar as cidades do estado com ocorrências.

Efeitos de edição: A reportagem foi construída basicamente toda com corte seco, com alguns *fades* nas sonoras para editar as falas do governador, sem parecer que houvesse grande manipulação do discurso do mesmo.

Nota pé: Não foi utilizada, nesta reportagem, nota pé.

Com essa estrutura para observação do conteúdo da reportagem do RBS Notícias foi possível perceber a preocupação da emissora em transmitir informações oficiais do governo do estado, deixando claro que ações de combate a criminalidade estavam sendo feitas para que logo se voltasse a normalidade social. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra, principalmente, em serviço e o **conteúdo** foi construído com uma linguagem policial.

Dando sequência a análise interna serão apresentadas agora as observações sobre a REPORTAGEM SEIS, estudada em profundidade nesta pesquisa, exibida no dia seis de outubro de 2014, uma segunda-feira. A reportagem retrancada como Vt Atentados teve dois minutos e

trinta e um segundos de duração e estava localizada na abertura do segundo bloco, estadual. Além desta matéria, mais um vivo foi produzido sobre o assunto, no entanto, para se chegar a um resultado sobre as edições, observe a decupagem do Vt.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabian Londero):

A força nacional de segurança começa a atuar em Santa Catarina. Uma das ações é a montagem de barreiras nas divisas com estados e na fronteira com a Argentina.

Apresentador 2 (Fabiana do Nascimento):

Em onze dias, já são noventa atentados.

Narração repórter 1 (Edivaldo Dondossola):

Off 1: *A noite foi violenta (imagem 1 - de dois homens mexendo em um carro totalmente incendiado), principalmente no Vale (imagem 2 - de um vídeo amador de algo em chamas, que não dá para identificar, com fundo gráfico do RBS Notícias). (fusão com trilha de transição) Em Agrolândia (imagem 3 - foto de um ônibus em chamas com um mapa na esquerda da tela mostrando onde fica a cidade. Fundo gráfico do telejornal), três ônibus escolares da prefeitura foram incendiados (imagem 4 - foto de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal) no estacionamento do Parque de Exposições (imagem 5 - foto de um ônibus escolar em chamas com fundo gráfico do telejornal). (fusão com trilha de transição) Um cinegrafista amador registrou um outro atentado, desta vez em Itajaí. Quatro homens estouraram o portão do pátio da secretaria de obras da prefeitura e atearam fogo lá dentro (imagem 6 - de cinegrafista amador mostrando algo em chamas com fundo gráfico do telejornal e um mapa lateral mostrando onde fica a cidade). As chamas atingiram essa caminhonete (imagem 7 - da caminhonete queimada). O veículo era de uma empreiteira (imagem 8 - da caminhonete queimada). O fogo também queimou parte (imagem 9 - do caminhão queimado) desse caminhão da prefeitura (imagem 10 - do caminhão queimado). (fusão com trilha de transição)*

No sul do estado, mais ataques (imagem 11 - de uma casa queimada com mapa localizando a cidade na esquerda da tela). Em Tubarão, bandidos atearam fogo (imagem 12 - de um carro queimado) em um carro particular, que estava na garagem (imagem 13 - semelhante a do primeiro off, mostrando dois homens e um carro queimado). Depois que o fogo foi controlado, os criminosos voltaram (imagem 14 - passeio mostrando a casa e os estragos) e incendiaram a casa. Os

bombeiros foram chamados e ninguém ficou ferido (imagem 15 - passeio mostrando os estragos na casa). (fusão com trilha de transição) No norte, criminosos arremessaram um coquetel molotov contra este caminhão (imagem 16 - foto do caminhão queimado com mapa identificando a cidade de Guaramirim). O veículo, que estava carregado de madeira, teve a cabine destruída pelo fogo (imagem 17 - do caminhão queimado).

No mapa da violência, a Grande Florianópolis ainda lidera as ocorrências, com 44 ataques (imagem 18 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região da Grande Florianópolis, com o número de ocorrências). Depois vem a região norte, com 23 atentados (imagem 19 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só o norte, com o número de ocorrências). O Vale do Itajaí (imagem 20 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região, com o número de ocorrências) e o Sul registraram quinze ataques cada mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região, com o número de ocorrências. Na Serra, foram quatro registros (imagem 21 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região, com o número de ocorrências). O Oeste (imagem 22 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região, com o número de ocorrências) e Meio Oeste aparecem com dois ataques cada (imagem 23 - mapa com fundo gráfico do telejornal, destacando só a região, com o número de ocorrências).

Passagem 1 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): A Força Nacional de segurança, que chegou a Santa Catarina na madrugada de sábado, começa a atuar hoje aqui no Estado. Segundo o comando da tropa, esse tempo foi necessário para que os homens conhecessem o ambiente e colhessem informações importantes junto ao serviço de inteligência da polícia. (imagem 24 - passagem gravada em frente a sede do Ministério da Justiça)

Off 2: Em entrevista hoje a tarde, as autoridades informaram que os agentes vão atuar em dez barreiras fixas (imagem 25 - passeio mostrando toda a mesa da entrevista), montadas ao longo das divisas do estado e na fronteira com a Argentina (imagem 26 - mapa do google com vários nomes da cidade. Não é possível ler, pois há muitas informações). Haverá também barreiras móveis (imagem 27 - de apoio fechada no rosto) em locais não divulgados (imagem 28 - de três homens sentados na mesa da coletiva).

Sonora 1 (Major Barroso – Força Nacional de Segurança): Então, pode-se alternar a extensão da barreira, o perímetro da barreira, mas no

perímetro sempre da fronteira. (imagem 29 - sonora grava depois da coletiva)

Off 3: O número total de homens são foi informado (imagem 30 - de policiais fazendo a segurança no terminal central. Arquivo). Mas segundo a polícia rodoviária federal (imagem 31 - de um policial rodoviário segurando uma arma enquanto caminhões passam pela rodovia), este será o maior efetivo (imagem 32 - de vários policiais reunidos em uma rodovia) já empregado em uma operação desse tipo em Santa Catarina (imagem 33 - de vários policiais reunidos em frente a um posto da PRF).

Sonora 2 (Silvinei Vasques – Superintendente PRF/SC): Com certeza nós teremos excelentes resultados no nosso intento que é de prender criminosos, de recuperar bens oriundos de crimes, apreender contrabandos, drogas e armas. (imagem 34 - sonora gravada depois da coletiva)

Com essa decupagem pode-se perceber a estrutura em que a reportagem foi montada a partir de 34 imagens divididas em: Off 1 (com efeitos de edição), (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 3, (corte seco) e Sonora 2. A partir desse modelo pôde-se fazer uma análise individual das categorias observadas na REPORTAGEM SEIS.

Cabeça: A cabeça é uma continuidade da reportagem de sábado e passa quatro informações. Diz que a força nacional vai começar a agir, que uma das ações é a montagem de barreias. Outro apresentador informa quantos dias de atentados e outro a quantidade de ocorrências.

Off: São três offs na reportagem. O primeiro todo descrevendo as ocorrências, o segundo falando sobre a coletiva e o terceiro sobre as ações da força nacional.

Sonora: Duas sonoras curtas foram utilizada na construção da reportagem. O major da Força Nacional fala sobre a operação nas barreira e o superintendente da PRF fala sobre o objetivo desse trabalho, ambas se enquadrando nas categorias ritual e temática.

Imagem: Muitas imagens amadoras foram usadas nesta reportagem. No off 1 são muitos vídeos e fotos feitas pelo público. No off 2 basicamente cenas da coletiva com movimentos mecânicos e no off 3 imagens de

arquivo da atuação da polícia durante os dias anteriores produzidos com movimentos óticos, para transmitir uma narrativa mais cinematográfica ao texto.

Passagem: A passagem foi realizada para transmitir informações oficiais sobre as atividades que a Força Nacional tem realizado desde que chegou a Santa Catarina.

Som: Na reportagem foram usados pequenos sons, mas que não caracterizavam desmembramento do off, principalmente na descrição das ocorrências. Outro ponto de destaque neste Vt foi a utilização de trilha (efeito) durante a transição das ocorrências de cidade para cidade. Além disso, quase toda a matéria tem áudio ambiente, excesso nas artes.

Grafismo: Todas as imagens amadoras tinham fundo gráfico do telejornal e na construção da reportagem foram usadas duas artes produzidas pelo núcleo de criação da emissora.

Efeitos de edição: Nesta reportagem foram usados muitos efeitos de edição, principalmente para passar a ideia de transição de acontecimentos entre as cidades onde aconteceram as ocorrências, praticamente o mesmo formato empregado nos giros de notícias.

Nota pé: Não foi utilizado nota pé nesta reportagem.

Com essa estrutura percebe-se que o objetivo dessa reportagem foi atualizar informações sobre a quarta onda de atentados, focando, principalmente, nas ocorrências recentes e na atuação da Força Nacional. Desta forma, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra tanto em denúncia, como em serviço e o **conteúdo** foi policial.

A REPORTAGEM SETE foi exibida no dia sete de outubro de 2014 (terça-feira), estava retrancada no espelho como Vt Atentados, teve dois minutos e quatro segundos de duração, localizada na abertura do terceiro bloco, estadual, sendo a única emissão sobre o assunto no telejornal. Antes de partir para a análise, observe a decupagem do texto e a descrição das imagens.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabian Londero):

O governador Raimundo Colombo esteve hoje em Brasília com o ministro da justiça José Eduardo Cardozo, avaliando o enfrentamento à violência no estado.

Apresentador 2 (Fabiana do Nascimento):

De ontem para hoje foram quatro novos ataques.

Narração repórter 1 (Vanessa Moltini):

Off 1: De ontem pra hoje, o Vale do Itajaí (imagem 1 - passeio de uma escola com telhado queimado) registrou mais três atentados. Em Navegantes, bandidos colocaram fogo em duas escolas (imagem 2 - mostrando a escolada queimada). Nesta, as chamas (imagem 3 - da escola danificada) atingiram duas salas de aula. Móveis e livros foram queimados (imagem 4 - da escola danificada). Nesta outra, as chamas atingiram a biblioteca (imagem 5 - da biblioteca queimada) e destruíram os livros didáticos (imagem 6 - do telhado destruído pelas chamas). Imagens da câmera (imagem 7 - do telhado destruído pelas chamas) de segurança mostram o momento em que dois homens colocam fogo no local (imagem 8 - de uma câmara de monitoramento mostrando o momento da ação dos bandidos). Em Blumenau, às seis da manhã (imagem 9 - de um ônibus queimado), os criminosos incendiaram (imagem 10 - de um ônibus queimado) este ônibus. Dois homens encapuzados (imagem 11 - de um ônibus queimado) renderam o motorista e o cobrador (imagem 12 - de um ônibus queimado). Não havia passageiros na hora (imagem 13 - de um ônibus queimado). Um cinegrafista amador filmou o veículo em chamas. Os bombeiros chegaram logo depois e tiveram dificuldade para controlar o incêndio (imagem 14 - de um cinegrafista amador mostrando o ônibus queimado, mas não foi usado fundo gráfico do telejornal). Um carro que estava estacionado (imagem 15 - do carro com a lataria queimada) perto também foi atingido (imagem 16 - do carro com a lataria queimada). Joinville também registrou mais um atentado. Um micro-ônibus foi o alvo (imagem 17 - foto da roda de um ônibus queimada com fundo gráfico do telejornal).

Passagem 1 (Vanessa Moltini – Blumenau):

Os ônibus são os principais alvos desta onda de violência. Quarenta e um foram incendiados em doze dias de ataques. No total, a polícia militar contabiliza noventa e quatro atentados, em trinta e um municípios. (imagem 18 - passagem gravada no terminal de ônibus de Blumenau)

Off 2: *As ações para o combate dessa onda de violência estão sendo discutidas em Brasília (imagem 19 - do governador e ministro entrando na coletiva). O governador Raimundo Colombo (imagem 20 - fechada no rosto do governador) e o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso (imagem 21 - fechada no rosto do ministro) se reuniram hoje e decidiram manter a segurança reforçada. Se for necessário, mais apoio será enviado (imagem 22 - aberta fechando da coletiva nos dois que estão lado a lado).*

Sonora 1 (José Eduardo Cardoso - ministro da Justiça): *Neste momento a força nacional de segurança está apoiando a policia rodoviária federal nas estradas para que todas as saídas de Santa Catarina estejam submetidas a um rígido controle. (imagem 23 - sonora aproveitada da coletiva, não foi individual)*

Sonora 2 (Raimundo Colombo – governador SC): *A gente não vai baixar a guarda. A gente não acha que tá tudo bem. A gente não acha que não haja risco de que isso se fortaleça, mas estamos prontos para o enfrentamento, da forma que ele vier. (imagem 24 - sonora aproveitada da coletiva, não foi individual)*

Com a decupagem deste texto foi possível identificar que a reportagem foi construída da seguinte maneira, com 24 imagens: Off 1, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Sonora 2. Como proposto, cada um dos elementos que compõem a REPORTAGEM SETE, foi dividido em categorias, como apontado abaixo.

Cabeça: A cabeça da reportagem chama a reunião do governador com o ministro da justiça em Brasília e ainda fala a quantidade de ocorrências que aconteceram nas últimas horas.

Off: Dois offs foram usados na edição da reportagem. O primeiro resume as ocorrências e o segundo é sobre a coletiva do governador e do ministro em Brasília.

Sonora: Duas sonoras oficiais foram usadas na reportagem. A do ministro dizendo que estão apoiando Santa Catarina e a do governador falando que não vai baixar a guarda, ambas se enquadram na categoria entrevista coletiva.

Imagem: Dois offs cobertos com imagens. As cenas do off 1 são das ocorrências. Tem imagens feitas pela emissora, cedidas pela câmera de monitoramento e de cinegrafista amador, a maioria com movimentos óticos. O off dois todo foi coberto com cenas da coletiva feitas pela emissora, produzidas com movimentos mecânicos.

Passagem: A passagem, neste Vt, serviu para atualizar o número de ocorrência, sem que fosse preciso usar em off imagens de arquivo.

Som: Na reportagem não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: Foi usado fundo gráfico em dois momentos durante a reportagem. Nas imagens do circuito da escola, cedida pela direção da mesma e em uma foto da ocorrência de Joinville.

Efeitos de edição: Não foram usados outros efeitos de edição, além do corte seco.

Nota pé: Na reportagem não foi usado nota pé.

Com esse mapeamento pode-se chegar a uma conclusão de que este foi o principal Vt de uma praça produzido durante a cobertura da quarta onda de atentados pelo RBS Notícias. Agora, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra em serviço e o **conteúdo** foi policial.

Da mesma forma que na análise anterior, no dia 10 de outubro de 2014, uma sexta-feira a reportagem com a retransmissão Vt Prende e Solta foi a única emissão sobre o assunto no episódio. A REPORTAGEM OITO teve um minuto e cinquenta e quatro segundos de duração, estava localizada na abertura do telejornal (bloco local), e buscou atualizar informações sobre o número de envolvidos nos crimes presos, como pode ser identificado na decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabiana do Nascimento):

Já são cento e um atentados em Santa Catarina desde o início desta nova onda de violência.

Apresentador 2 (Fabian Londero):

Até agora setenta e seis pessoas foram detidas. Mas nem todas continuam presas.

Narração repórter 1 (Gabriela Machado):

Off 1: *Estas prisões na Capital (imagem 1 - com selo de arquivo de viaturas correndo nas ruas) foram marcantes (imagem 2 - com selo de arquivo de um homem dentro de uma viatura com o corpo coberto de lama). Dois homens tentaram se esconder (imagem 3 - com selo de arquivo de policias procurando os criminosos) no mangue (imagem 4 - com selo de arquivo de policias procurando os criminosos), depois de atirar contra uma base da PM (imagem 5 - com selo de arquivo da fachada da base da PM) e atropelar duas (imagem 6 - com selo de arquivo da parada de ônibus destruída) mulheres na fuga (imagem 7 - com selo de arquivo do carro e da parada destruídos). Mas os policiais prenderam outros suspeitos (imagem 8 - com selo de arquivo em um ônibus em chamas a noite). Foram 50 desde que os novos ataques recomeçaram. Sem contar os 24 menores apreendidos. Do total de 74 pessoas, 16 já foram soltas. Isso representa mais de 20 por cento dos casos (imagem 9 - arte com os números aparecendo).*

Sonora 1 (Ten. Cel. Claudete Lehmkuhl – chefe de comunicação PM/SC): *O ideal seria que essas pessoas fosse mantidas presas até para facilitar o trabalho de investigação. (fade/corte) Mas se estão sendo soltas nós também temos que entender que é porque a legislação permite. (imagem 10 - sonora gravada na sede da PM)*

Off 2: *O Delegado geral da polícia civil (imagem 11 - de apoio dele sentado em sua sala) que investiga todos os casos, concorda (imagem 12 - fechada no rosto dele).*

Sonora 2 (Aldo Pinheiro D'Ávila – delegado-chefe Polícia Civil SC): *Contra essas pessoas, eventualmente, no momento da prisão não se consegue provas suficientes para a manutenção da carcerário, então essas pessoas acabam sendo liberadas, mas permanece a investigação. (imagem 13 - sonora gravada dentro da sede da polícia civil)*

Off 3: *Mesmo com as brechas na legislação, a OAB faz sugestões ao estado (imagem 14 - passeio mostrando uma folha e subindo para o rosto do entrevistado). Este conselheiro acredita que as policias e o judiciário (imagem 15 - mostrando a repórter conversando com o entrevistado) podem se aproximar (imagem 16 - fechada no rosto do entrevistado).*

Sonora 3 (Leonardo Pereima Pinto – Conselheiro OAB/SC): *As autoridades policiais informando o poder judiciário, quando realizarem as prisões, acercando o histórico das pessoas que estão sendo detidas,*

exatamente para que o juiz possa decidir sobre a conveniência em manter aquela pessoa preso no decorrer do processo, ou não. (imagem 17 - sonora gravada em algum escritório)

Off 4: *Mesmo com a baixa na onda de ataques (imagem 18 - aberta mostrando um carro da PRF parado, fazendo fiscalização nas rodovias), a policia civil prevê ainda mais prisões para os próximos dias (imagem 19 - passeio da tela do computador com logo da policia civil em direção ao rosto do entrevistado).*

Sonora 4 (Aldo Pinheiro D'Ávila – delegado-chefe Polícia Civil SC): *A medida que as investigações estão evoluindo, a tendência é que outras varias prisões surjam no decorrer do tempo, em função das investigações que já estão em curso, em relação a cada uma dessas ações criminosas. (imagem 20 - sonora gravada dentro da sede da policia civil)*

A partir da decupagem das 20 imagens usadas na construção da reportagem pode-se dizer que a estrutura da edição foi composta por: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 4. Parte-se enfim para a análise das categorias da REPORTAGEM OITO.

Cabeça: A cabeça da reportagem diz o número de ocorrências desde o início dos atentados e o segundo apresentador noticia o número de detidos, mas que nem todos continuam presos.

Off: A reportagem foi construída com quatro offs. O primeiro cita uma ocorrência em que homens foram presos e depois aborda a situação atual. O off dois, três e quatro são basicamente contextualizações das falas dos entrevistados.

Sonora: Sobre as sonoras, quatro foram utilizadas, duas vezes o delegado-chefe da policia civil. Todas elas são as posições oficiais dos entrevistados sobre o motivo para a liberação dos presos, foco da reportagem. Desta forma, de acordo com as categorias de entrevistas, elas podem ser definidas como dialogal, em profundidade ou temática.

Imagem: As imagens utilizadas, no off um, por exemplo foram de arquivo, com movimentos óticos sobre os atentados, em planos médios, na maioria das vezes. Os offs dois e três são imagens de apoio dos

entrevistados e o off quatro, exceto um *take* que arquivo também utilizou esse recurso. Nos offs dos entrevistados a maior parte dos planos foram fechados, com movimentos mecânicos.

Passagem: Nesta reportagem não foi utilizado o recurso da passagem.

Som: Na construção da reportagem percebe-se apenas áudio ambiente, em nenhum momento há sobre som ou trilha.

Grafismo: Sobre recursos gráficos, no off, por exemplo, um foi feita uma arte pelo núcleo de criação para mostrar de forma mais clara a quantidade de presos e liberados. Nenhuma observação a mais sobre esse recurso de edição.

Efeitos de edição: Toda a reportagem foi montada apenas com a utilização do corte seco, sem outros efeitos de edição, exceto em uma sonora que foi utilizado com fade para juntar duas falas diferentes do entrevistado.

Nota pé: Nesta reportagem não foi utilizado nota pé.

Com uma queda no número de ocorrências percebe-se que atualizar a situação dos presos foi uma aposta do telejornal, que ao invés de falar dos atentados, focou nos reflexos da atuação da polícia e os problemas da lei para a punição desses crimes. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra tanto em denúncia, como em serviço e o **conteúdo** foi policial.

A REPORTAGEM NOVE, última a ser analisada do RBS Notícias, foi exibida no dia 23 de outubro de 2014, uma quinta-feira e apresentou uma novidade sobre a quarta onda de atentados: um inquérito com o nome dos indiciados por participação nos crimes. A reportagem teve 3 minutos e 29 segundos de duração e estava localizada na abertura do segundo bloco, estadual. A edição da matéria foi construída em formato de entrevista exclusiva como mostra a decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Fabian Londero):

Foi entregue hoje a justiça o inquérito sobre a terceira onda de atentados no estado. Todos os indiciados já tinham passagens pela polícia.

Apresentador 2 (Fabiana do Nascimento):

O delegado responsável apresentou alguns detalhes num entrevista coletiva, esta tarde. Mas antes conversou com o repórter Edivaldo Dondossola.

Narração repórter 1 (Edivaldo Dondossola):

Passagem 1 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis – Gravado em alguma sede da polícia civil da Capital): *O inquérito foi concluído ontem, e hoje já foi entregue a justiça. 80 pessoas foram indiciadas. (imagem 1 – Fade, vira para a câmera aberta onde mostra do delegado junto) Aqui ao meu lado está o delegado Procópio Batista da Silveira Neto, responsável por toda essa investigação. Delegado, o que já foi entregue a Justiça? 80 indiciados, como a polícia chegou até esses indiciados? (imagem 2)*

Segue boletim com sonora 1 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Olha, desde o início da divisão de investigação ao crime organizado, nós temos aí um grupo de monitoramento, de inteligência, que envolve todas as forças de segurança pública, inclusive a nível federal. (entra imagens de arquivo, com selo de arquivo) No momento que surge a necessidade de tomar uma medida mais enérgica (imagem 3 - de arquivo de um ônibus em chamas), o que foi feito, a gente já tem mais ou menos mapeado as pessoas onde estão e como vai agir (imagem 4 - de um ônibus queimado). (volta rosto dele) Isso facilita e faz-se a conclusão do inquérito com muito mais rapidez. (imagem 5)*

Passagem pergunta 2 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Para ouvir, para levantar todas essas informações foi um trabalho bastante complexo, não é? (imagem 6)*

Sonora 2 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *É um trabalho complexo, envolve todas as forças de segurança pública, acaba culminando a responsabilidade aqui com a divisão de repressão ao crime organizado, mas ela já possui os instrumentos e uma equipe que tem conhecimento para identificar esses criminosos. (imagem 7)*

Passagem pergunta 3 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Entre os envolvidos delegado, as lideranças já foram identificadas? (imagem 8)*

Sonora 3 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *As pessoas que foram responsáveis (imagem 9) (entra imagem de arquivo) por*

determinar os ataques (imagem 10 - de arquivo de um vídeo amador de um ônibus em chamas), as pessoas que repassaram as ordens (imagem 11 - de presos sendo pregos pelo braço por policiais). A maioria que praticaram esses ataques (imagem 12 - de um preso sendo colocado na viatura, reportagem do mangue) (volta rosto dele) foram identificadas (imagem 13).

Passagem pergunta 4 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Esses mandantes estavam dentro ou fora das prisões? (imagem 14)*

Sonora 4 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Boa parte dentro do sistema prisional, boa parte foi presa durante o procedimento de investigação, e alguns ainda se encontram soltos. (imagem 15)*

Passagem pergunta 5 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Entres os suspeitos, alguns deles já tinham participação nas ondas de violência anteriores? (imagem 16)*

Sonora 5 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Alguns só não tiveram participação relevante nas outras investigações e inclusive condenados até por participação em organizações criminosas, (imagem 17) (entra imagem de arquivo) mas é interessante ressaltar (imagem 18 - de presos virados de costas da delegacia), que dos oitenta, curiosamente, oitenta (imagem 19 - de presos virados de costas da delegacia) já tiveram passagem no sistema carcerário (imagem 20 - de presos virados de costas da delegacia) (volta rosto) não só de Santa Catarina, como de todo o país (imagem 21).*

Passagem pergunta 6 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Delegado, como o senhor faz essa leitura, deve ser até um pouco frustrante para a polícia, porque a polícia vai lá prende, a justiça condena com penas altas e de novo essas pessoas estão envolvidas nesses mesmos crimes, agora com novos executores dando ordem de dentro dos presídios. Qual a leitura que o senhor faz de tudo isso? (imagem 22)*

Sonora 6 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Os órgãos de segurança, seja civil, militar, Deap, os que participaram da operação, já tem conhecimento de onde se encontra o problema e o que fazer para resolve-lo, só que a origem dele foge do nosso campo de atribuição, a gente tem que resolver o problema da segurança, mas o origem dele tá em outro lugar.*

Pergunta Edivaldo no mesmo take mantendo a expressão do delegado: *A onde está a origem nesse momento?*

Procópio responde: *A origem é prisional. (imagem 23)*

Passagem pergunta 7 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Agora de novo esses oitenta envolvidos, se a justiça entender, mais mandados de*

prisão serão expedidos, mas a sociedade deve estar se perguntando: do que adianta prender, se de dentro da cadeia os criminosos continuam dando ordens e aterrorizando a sociedade? (imagem 24)

Sonora 7 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Uma solução tem que ser dada nesse segundo momento, revisto esse problema, e para solucionar a origem, nascedouro das organizações criminosas. (imagem 25)*

Passagem pergunta 8 (Edivaldo Dondossola – Florianópolis): *Para a gente finalizar delegado, por quais crimes eles devem ser responsabilizados?*

Sonora 8 (Procópio Batista da Silveira Neto – delegado): *Eles foram indiciados ali (imagem de arquivo) de forma majoritária em dois crimes (imagem 26 - amadora de arquivo de um ônibus em chamas): participação em organização criminosa (imagem 27 - de arquivo de monitoramento de homens incendiando uma escola)(volta rosto) e associação ao tráfico. (imagem 28)*

Passagem 9 com câmera aberta mostrando os dois: *Delegado, muito obrigado pela sua participação, pela sua entrevista aqui na RBS TV. Edivaldo Dondossola para o RBS Notícias. (imagem 29)*

Diante desta decupagem, observou-se que a reportagem foi estruturada com 29 imagens da seguinte forma: Passagem 1, Sonora 1 (com imagens de arquivo), (corte seco), Passagem 2, (corte seco), Sonora 2, Passagem 3, (corte seco), Sonora 3 (com imagens de arquivo), (corte seco), Passagem 4, (corte seco), Sonora 4, (corte seco), Passagem 5 (com imagens de arquivo), (corte seco), Sonora 5, (corte seco), Passagem 6, (corte seco), Sonora 6, (corte seco), Passagem 7, (corte seco), Sonora 7, (corte seco), Passagem 8 (com imagens de arquivo) , (corte seco), Sonora 8, (corte seco), Passagem 9. Parte-se agora para a análise da REPORTAGEM NOVE, a partir das observações das categorias.

Cabeça: A cabeça passa quatro informações. De que foi entregue o inquérito, que todos os indiciados já tinham passagens pela policia, que teve uma entrevista coletiva, mas que antes o delegado falou com a RBS TV. Passou o tom de exclusivo.

Off: A reportagem foi construída sem off, só com passagens e perguntas do repórter.

Sonora: O entrevistado respondeu nove perguntas diferentes. Em oito delas com troca de ângulos e uma pergunta sem corte. Dentro das categorias de entrevista, pode-se dizer que foi em profundidade, que é aquela entrevista que tem como objetivo a figura do entrevistado.

Imagem: Durante as respostas foram usadas imagens de arquivo para cobrir as falas. A maior parte delas com movimentos óticos. Já as imagens da entrevista em si, foram com movimentos mecânicos.

Passagem: Nesta reportagem a presença do repórter também foi muito importante, pois foi para ele que o entrevistado aceitou dar uma entrevista exclusiva, passando o tom de intimidade e poder entre as partes, dando a entender que um depende do outro.

Som: Na reportagem não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: Na reportagem nenhum recurso gráfico também foi utilizado.

Efeitos de edição: Durante a montagem da reportagem o único recurso gráfico utilizado foi o corte seco.

Nota pé: Na reportagem não foi utilizado nota pé.

A partir da observação da decupagem e da análise, percebe-se que dar tanto tempo de um telejornal de pouca duração significa que o assunto foi considerado importante para os editores do mesmo, ainda mais sendo uma entrevista exclusiva com o delegado responsável pelas investigações, encerrando desta forma a cobertura sobre a quarta onda de atentados no RBS Notícias. Levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou nessa cobertura foi a factualidade, sobre o **objetivo** de mesma, a reportagem se enquadra em denúncia, e o **conteúdo** foi policial, principal foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa, confirmando essa hipótese.

Feitas as observados sobre a Análise Interna do RBS Notícias, parte-se para o próximo item que é a Análise Interna do RIC Notícias.

3.3.5 Análise Interna RIC Notícias

Para dar continuidade a análise interna desta pesquisa apresenta-se a partir de agora uma observação detalhada das nove reportagens selecionadas do RIC Notícias produzidas durante a quarta-onda de atentados em Santa Catarina. Para tanto serão utilizadas, como feito na análise interna do RBS Notícias, as categorias já explicadas: cabeça, off, sonora, imagem, passagem, som, grafismo, efeitos de edição e nota pé, cada uma com divisões específicas, também mencionadas anteriormente.

Para que se tenha uma compreensão mais completa da análise vai ser utilizada como exemplo a decupagem da primeira reportagem estudada do RIC Notícias, exibida no dia 29 de setembro de 2014, segunda-feira. O VT foi o primeiro produzido pelo telejornal durante a cobertura. Como não se tem a exibição do programa no sábado e no domingo, e o início dos ataques se deu depois da exibição do telejornal na sexta-feira (26 de setembro de 2014), foi com essa reportagem que o assunto começou a ser abordado no telejornal noturno do Grupo RIC.

Neste dia o telejornal produziu três conteúdos sobre os atentados: um vivo, um comentário e uma reportagem. Como o foco desta pesquisa é estudar *as funções discursivas da edição* foi selecionado o único VT sobre o assunto neste dia que tinha com a retransmissão: Vt Suíte Ataques, com um minuto e cinquenta e seis segundos de duração, incluindo o tempo da cabeça, localizada na abertura do segundo bloco, estadual.

A reportagem foi construída, como se pode ver no quadro a baixo, com 18 imagens e contou a história do atentado mais recente, mas também atualizou um balanço do que aconteceu durante a quarta onda de atentados até o momento de sua exibição.





Fonte: RIC TV (2014)

Figura 4: Frames de decupagem do RIC Notícias

Avaliando essa estrutura pode-se afirmar que as três primeiras imagens foram usadas para cobrir o Off 1, a quarta imagem é uma sonora, as próximas cinco imagens compõem o Off 2, as imagens 10 e 11 são outras duas sonoras e a imagem 12 é a passagem do repórter. As imagens 13, 14, 15, 16 e 17 foram usadas na edição do Off 3 e a imagem 18, última, é uma sonora.

Desta forma, a estrutura da reportagem se deu da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 4.

No entanto, como a reportagem foi construída em movimento, juntando todos os elementos e por isso, além de decupar as imagens, nesta pesquisa, também foi preciso decupar o texto, para entender como se deu o “casamento” entre sons e cenas. Observe abaixo o texto da primeira reportagem analisada do RIC Notícias.

Cabeça:

Apresentador 1 (Paulo Alceu):

E agora a gente volta a falar sobre a terceira onda de ataques que atinge o estado desde 2012.

Apresentador 2 (Rafaela Arns):

A polícia reforçou o policiamento e também aumentou as investigações para evitar novos atentados. Mesmo assim mais uma ocorrência foi registrada hoje na Capital. Uma base da polícia militar foi alvo dos bandidos.

Narração repórter 1 (Rodrigo Cardozo):

*Off 1: Após os disparos os bandidos fugiram neste carro e depois de uma perseguição policial (**imagem 1**) bateu contra esse ponto de ônibus em frente ao Cepom na SC 404 (**imagem 2**). Houve troca de tiros (**imagem 3**).*

*Sonora 1 (Tenente Coronel Araújo Gomes – comandante 4 Batalhão Polícia Militar): Nós cercamos a região do mangue, aqui próximo ao cemitério do Itacorubi. Praticamente 150 policiais, 30 viaturas, helicópteros de várias unidades. E mais ou menos uma hora depois do primeiro incidente um dos suspeitos já foi preso. (**imagem 4**)*

*Off 2: Foi o décimo primeiro ataque em quatro dias (**imagem 5**). De lá para cá ônibus foram incendiados (**imagem 6**), postos de combustíveis, residenciais de policiais, prédios públicos (**imagem 7**), todos foram alvo dos marginais (**imagem 8**) numa série de atentados que assusta a população catarinense (**imagem 9**).*

*Sonora 2 sem crédito: Invés de melhorar, só piora. (**imagem 10**)*

*Sonora 3 sem crédito: Quando cheguei tinha notícia de Santa Catarina ser uma cidade tranquila, uma cidade muito boa de se viver, mas eu vejo hoje os cidadãos catarinenses preocupados com a violência, né. (**imagem 11**)*

Passagem 1 (Rodrigo Cardozo – Florianópolis): Esta é a terceira onda de ataques no estado desde o ano de 2012. Diante dessa situação, dessa quantidade nova de ocorrências a Secretaria de Segurança Pública do estado acendeu a luz vermelha e decidiu atuar em duas frentes: a primeira delas é o reforço nas investigações por parte da polícia civil,

porque é preciso saber se esses ataques estão ou não relacionados aos anteriores, e principalmente quem os está promovendo. (imagem 12)

Off 3: Em outra frente à polícia militar prometeu (imagem 13) reforço do policiamento, mais barreiras (imagem 14) e operações para manter a população em clima de tranquilidade (imagem 15). Haverá também (imagem 16) auxílio às empresas do transporte coletivo da Capital (imagem 17).

Sonora 4 (Tenente Coronel Claudete Lehnmkuhl - chefe de comunicação social PM SC): Fazendo o acompanhamento dos ônibus naquelas comunidades identificadas como de maior vulnerabilidade. (imagem 18).

A partir disso, pode-se fazer uma observação mais aprofundada da REPORTAGEM UM levando em consideração cada uma das categorias desenvolvidas para essa pesquisa:

Cabeça: A cabeça foi construída de uma forma a informar a população sobre algumas definições já tomadas pela cúpula de secretaria de segurança do estado diante dos acontecimentos. Um dos âncoras, no primeiro VT sobre o assunto no telejornal, já anunciou os crimes como “terceira onda de ataques”. O outro disse que mesmo com o reforço do policiamento e das investigações os crimes continuavam acontecendo.

Off: Como está foi a primeira reportagem do telejornal sobre as ocorrências, o texto dos offs foram informativos, construídos de uma forma genérica, sem focar em um caso específico. Tanto é que citou rapidamente a ocorrência mais recente no primeiro off, sem grande destaque ao fato. O off 2 foi um resumo das ocorrências. Analisando o texto, o que se percebe é que em certos momentos faltou informação, o repórter apenas disse que “ônibus foram incendiados, postos de combustíveis, residenciais de policiais, prédios públicos”, mas em nenhum momento disse quantos, por exemplo. O último off falou sobre as ações da polícia militar para manter a segurança da população, inclusive utilizando a palavra “tranquilidade”, como forma de amenizar o que estava acontecendo.

Sonora: A primeira entrevista conta como se deu a operação especificamente (gravada no lugar onde ocorreu), ou seja, é o comandante da polícia explicando a ação, uma entrevista testemunhal. Ele estava com o rosto sujo de barro, o que dava a entender que ele

participou da busca aos criminosos. As enquetes seguintes (sonora 2 e 3), gravadas no terminal central da cidade, foram selecionadas para mostrar o medo que a população estava passando durante os ataques e não foram marcadas com antecedência, desta forma podem ser enquadradas no tipo ocasional. No entanto, mesmo sem ter sido marcada, esse tipo de recurso faz parte do planejamento do repórter e do editor que escolheram mostrar esse lado da cobertura. Por fim a polícia novamente aparece na reportagem falando sobre a situação da segurança a população, gravada na sala de situação que monitorava os crimes, podendo se enquadrar em ritual, temática e de profundidade.

Imagem: As imagens estavam sincronizadas de acordo com o texto. No off 1, por exemplo, três imagens foram usadas, todas elas com movimento ótico, abrindo ou fechando em pontos específicos que quiseram ser mostrados. No off 2, por exemplo, falava de atentados a bases policiais, mas mostrava só um ônibus sendo incendiado. Neste off cinco imagens foram usadas, todas a noite e com movimentos óticos, passando a ideia de que a noite os crimes são mais frequentes. Não teve uma imagem de cinegrafista amador (público) e basicamente se usou na edição imagens de três momentos: ocorrência no Itacorubi, ônibus incendiado e sala de situação (no off 3) onde o foram utilizados movimentos mecânicos.

Passagem: As passagens do Grupo RIC, normalmente, são maiores e desta vez não foi diferente, teve quase 30 segundos de duração. No texto o repórter disse que *“esta é a terceira onda de ataques no estado desde o ano de 2012”*. Uma falha, pois na verdade esta foi a quarta onda de atentados. No texto, ele prosseguiu dizendo que *“Diante dessa situação, dessa quantidade nova de ocorrências a Secretaria de Segurança Pública do estado acendeu a luz vermelha e decidiu atuar em duas frentes: a primeira delas é o reforço nas investigações por parte da polícia civil, porque é preciso saber se esses ataques estão ou não relacionados aos anteriores, e principalmente quem os está promovendo”*, ou seja, dando a entender que os culpados seriam identificados.

Som: A reportagem não foi trilhada, seguindo o padrão habitual de telejornais noturnos. Também não tinha nenhum som. O único recurso utilizado foi o som ambiente capturado junto com as imagens e modulado durante a edição para ficar sob a narração do repórter,

passando a sensação de que ele gravou o texto no local dos acontecimentos.

Grafismo: Nenhum recurso gráfico foi usado na edição.

Efeitos de edição: Para manter uma linguagem mais séria durante a reportagem foi utilizado apenas o corte seco como efeito de edição, nenhum *Slow motion*, nenhum *Fast motion*, nenhuma Fusão, nenhum Sombreamento e nenhum Mosaico.

Nota pé: Nesta reportagem não teve nota pé, mas pelo espelho, percebe-se que na sequência teve um comentário de Paulo Alceu, que de certa forma, representa uma continuidade da cobertura dentro do telejornal.

Com esse mapeamento pode-se chegar a uma conclusão previa de que na primeira reportagem analisada o RIC Notícias produziu um VT introdutório sobre o assunto, sem destacar de fato as ocorrências anteriores, priorizando pela novidade. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** pode ser uma reportagem tanto de denúncia como de serviço e o **conteúdo**, foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa.

A segunda reportagem analisada do RIC Notícias, exibida no dia 30 de setembro de 2015, foi retrancada como Vt Suite Onda de Ataques, teve dois minutos e cinquenta e seis segundos de duração e estava localizada na metade do terceiro bloco, ou seja, foi anunciada, praticamente, durante todo o telejornal. Além desta emissão, foram produzidos ainda sobre o assunto, um vivo e um comentário de Paulo Alceu. O foco da REPORTAGEM DOIS foi atualizar a situação das ocorrências como pode ser identificado a partir da decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

A polícia prendeu, agora a pouco, três homens envolvidos no ataque a uma viatura em Itapema. O veículo foi incendiado.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Já são mais de vinte e três ataques registrados em todo o estado até agora.

Narração repórter 1 (Rodrigo Cardozo):

Off 1: *Duas determinações diferentes, dois pontos (imagem 1 - aberta do alto mostrando o terminal central de ônibus) de vista antagônicos e milhares de pessoas no meio deles (imagem 2 - em movimento mostrando um ônibus entrando no terminal do centro e pessoas caminhando).*

Sonora 1 sem crédito: *Se vive aterrorizado. Eu vim correndo da Palhoça, vou para o Ribeirão da Ilha e você vê minha situação. É assim que se encontra o brasileiro. (imagem 3 - sonora/enquete gravada dentro do terminal)*

Sonora 2 sem crédito: *Quem se dá mal é sempre a população. Sempre nós que nós lascamos com isso, né. Não temos nada a ver com isso, mas sempre nos lascamos. (imagem 4 - sonora/enquete gravada dentro do terminal)*

Off 2: *A prefeitura da Capital determinou (imagem 5 - de ônibus no terminal) o serviço normal de ônibus até as oito horas da noite (imagem 6 - de pessoas entrando no ônibus) e com horários reduzidos com escolta até a meia noite. Motoristas e cobradores, por outro lado, (imagem 7 - de pessoas caminhando no terminal) prometeram parar às seis e meia da tarde (imagem 8 - de apoio do entrevistado do sindicato).*

Sonora 3 (Deonísio Linder – Diretor Sintraturb): *É uma medida de segurança para a população e para os trabalhadores, porque na luz do dia é muito mais fácil de se defender, e se tiver algum evento novamente a segurança dos trabalhadores, com certeza, é maior para se locomover e se defender. (imagem 9 - sonora gravada, aparentemente, na sede do sindicato)*

Off 3: *A situação levou o executivo, trabalhadores, polícia militar e guarda municipal a uma reunião para definição de estratégias (imagem 10 - aberta de uma mesa de reunião com várias pessoas). O Sintraturb manteve a posição de parar as seis e meia e a prefeitura assinou com a realização (imagem 11 - do rosto de um homem que estava na reunião) com comboios escoltados por policiais militares (imagem 12 - de pessoas da prefeitura) e a adoção de frota mínima (imagem 13 - de PMs na reunião).*

Sonora 4 (Vinicius Coferrri – Diretor de Planejamento Sec. Mobilidade Urbana de Florianópolis): *Não é o melhor plano para nosso usuário, mas é que o pode ser executado com segurança. (imagem 14 - sonora gravada depois de reunião, aparentemente)*

Passagem 1 (Rodrigo Cardozo – Florianópolis): *A situação do transporte público da Capital gerou reflexos também no comércio de Florianópolis. Olha só, algumas delas, já começaram a fechar as portas*

mais cedo em função do aviso dado pelos trabalhadores de ônibus que o transporte coletivo pararia a partir das seis e meia da tarde. Tudo isso também é reflexo de mais um dia de ataques contra a população, contra coletivos, a prédios públicos e a segurança pública do estado. (imagem 15 - passagem gravada no centro da Capital)

Off 4: No sul do estado a casa de um policial (imagem 16 - da frente casa, com cenas cedidas pela praça com fundo gráfico) foi alvejada. Cinco (imagem 17 - da frente da casa com fundo gráfico) ônibus foram incendiados em Tijucas (imagem 18 - fechada de um ônibus incendiado com fundo gráfico). E uma base da polícia militar (imagem 19 - de dois ônibus incendiados com fundo gráfico) foi atacada (imagem 20 - rápida – rato – dos ônibus queimados com fundo gráfico) no bairro Campeche (imagem 21 - da fachada da base policial) no sul da ilha (imagem 22 - da marca de um tiro em um portão). No início da manhã este ônibus foi incendiado na comunidade da Tapera, também no sul da ilha. Durante a tarde em Itapema (imagem 23 - de cinegrafista amador mostrando os bombeiros apagando as chamas logo depois da ocorrência com fundo gráfico), no litoral norte (imagem 24 - da frente de um ônibus queimado) colocaram fogo em uma viatura policial (imagem 25 - de um policial civil com uma grande arma) que estava em uma oficina e logo depois do crime fugiram (imagem 26 - de policiais reunidos na rua). Em cinco dias de atentados (imagem 27 - de policiais conversando) em pelo menos dez cidades do estado (imagens 28 - de policiais na chuva com um cão farejador) foram registradas (imagem 29 - de um ônibus em chamas) vinte e três ocorrências (imagem 30 - da frente do ônibus em chamas). Para a polícia militar (imagem 31 - do terminal do centro a noite) a reação da criminalidade é uma resposta as frequentes operações nos morros e o sufocamento do tráfico de drogas (imagem 32 - de um ônibus em movimento sendo escoltado pela polícia). E tem por objetivo (imagem 33 - de uma viatura fazendo ronda no terminal) reduzir a credibilidade das instituições de segurança pública estadual perante a população catarinense (imagem 34 - de um ônibus sendo escoltado na rua).

Sonora 5 (Ten. Cel. Claudete Lehmkuhl – Chefe comunicação social PM/SC): Os órgãos de segurança estão todos mobilizados, integrados. É uma questão de tempo, a exemplo dos outros atentados, essas pessoas, essas organizações criminosas que estão por trás disso serem responsabilizadas e serem punidas de acordo com o previsto na lei. (imagem 35 - sonora grava da sede da polícia militar)

A partir dessa decupagem detalhada pode-se chegar a estrutura interna da REPORTAGEM DOIS, 35 imagem divididas em: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 4, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 5, cuja análise será apresentada agora.

Cabeça: A cabeça atualiza a informação mais recente sobre as ocorrências e diz quantos ataques foram registrados no estado até o momento. No entanto não dá o gancho para o primeiro off do VT, fugindo do padrão habitual de cabeças, pois a reportagem inicia falando sobre a situação do transporte coletivo da Capital.

Off: A reportagem foi construída com quatro offs. O primeiro off foi mais opinativo do que informativo, pois coloca a população no meio do impasse entre policiais e criminosos, uma afirmação que nenhuma fonte oficial concedeu. Uso da palavra “*antagônicos*” neste off também deixa uma reflexão sobre a linguagem, distante da repensada para os textos em televisão, cada vez mais próximos do público. O segundo e o terceiro off falam do impasse do transporte coletivo da Capital, motoristas e prefeitura com decisões diferentes sobre o assunto. E o quarto off é uma atualização das ocorrências mais recentes, descrevendo casos que aconteceram em Florianópolis e em outras regiões do Estado.

Sonora: Na reportagem foram usadas cinco sonoras: duas enquetes da população, uma sonora do sindicato dos trabalhadores, uma sonora da prefeitura e uma sonora da polícia. Cada uma das partes justifica a sua situação durante a cobertura. Dentro das categorias, pode-se afirmar que as duas primeiras são entrevistas ocasionais e as três últimas temáticas.

Imagem: Na edição da reportagem foram utilizados 35 frames diferentes de imagens. Tirando as sonoras e a passagem que foram divididas em outras categorias, as cenas usadas para cobrir os offs não estão em sincronia com os textos. Praticamente todas as cenas são substituídas durante a oração e além do mais não correspondem ao que está sendo narrado. Para dar um tom mais policialesco, quase todos os *takes* de imagens estão em plano médio, com movimentos óticos, com o *zoom* abrindo ou fechando em determinado ponto de foco.

Passagem: A passagem, nesta reportagem, foi utilizada para dar uma quebra no assunto anterior e assim destacar outra situação referente ao mesmo tema. O repórter aproveitou para fazer uma transição entre a polêmica envolvendo o transporte coletivo falando que isso gerou um reflexo no comércio e encerrou dizendo que o motivo de tudo isso é a continuidade das ocorrências, dando gancho ao off seguinte que era um resumo dos atentados.

Som: Na reportagem foi utilizado apenas áudio ambiente, não empregado em nenhum momento o recurso do sobre som.

Grafismo: Foi usado o fundo gráfico do telejornal para falar dos casos que aconteceram em outras cidades fora de Florianópolis e em um momento em que apareciam imagens de cinegrafista amador. Não se sabe ao certo qual foi a estratégia da edição em deixar o fundo gráfico em imagens das praças, provavelmente para disfarçar a qualidade inferior da câmera.

Efeitos de edição: A reportagem foi construída toda com corte seco. Não foram utilizados efeitos de edição para dar um tom mais cinematográfico a narrativa.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé nesta reportagem. A editoria entendeu que todas as informações estavam dentro da reportagem, e de fato, estavam.

Diante dessa situação pode-se concluir previamente que nesta reportagem o maior problema foi na utilização de imagens que não correspondem a narrativa do texto, sem ser possível compreender se são casos recentes ou de arquivo, por exemplo. Levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** pode ser uma reportagem de serviço e o **conteúdo** foi policial, durante toda a construção do Vt.

A REPORTAGEM TRÊS foi ao ar no dia primeiro de outubro de 2014, uma quarta-feira, com dois minutos e cinquenta e cinco de duração, no meio do segundo bloco, estadual. Neste episódio outras três laudas sobre o assunto foram produzidas, no entanto, foi esse Vt que trouxe ao público uma cobertura mais completa dos atentados recentes, como pode ser observado na decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

Depois de um início de conflito entre o sindicato dos trabalhadores no transporte coletivo e a prefeitura de Florianópolis, em relação ao horário de circulação dos ônibus, houve um acordo hoje à tarde.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Os coletivos vão parar mais cedo do que dez horas da noite, como queria a prefeitura.

Narração repórter 1 (Rodrigo Cardozo):

Off 1: Novo dia (imagem 1 - de pessoas passando as catracas do terminal), nova reunião, mesmos problemas. De um lado a prefeitura insistiu com ônibus escoltados pela PM (imagem 2 - da reunião) até às dez horas da noite. Do outro, (imagem 3 - da reunião) motoristas e cobradores bateram o pé e mantiveram a decisão de parar (imagem 4 - da reunião) as seis e meia da tarde. Desta vez, no entanto, (imagem 5 - da reunião) o encontro chegou a um denominador comum (imagem 6 - de arquivo).

Passagem 1 (Rodrigo Cardozo – Florianópolis): Após uma hora e meia de reuniões aqui na procuradoria geral, policia militar, guarda municipal, patrões, trabalhadores e a prefeitura da Capital do Estado, decidiram que os ônibus vão circular até as sete e meia da noite, e não até as seis e meia como aconteceu na terça-feira. A partir das sete horas da noite não haverá mais ônibus à disposição da população da Capital do Estado de Santa Catarina. Sistema deve voltar a operar às seis horas da manhã desta quinta-feira. (imagem 7 - passagem gravada dentro da sala onde a reunião aconteceu)

Sonora 1 (Deonísio Linder – diretor Sintraturb): Amanhã vai ter novas reuniões aqui, novas avaliações. Se não acontecer nada pode-se mudar, mas a princípio só pela manhã. (imagem 8 - sonora gravada no local onde a reunião aconteceu)

Sonora 2 (Vinicius Coffferri – diretor de operações Sec. Mobilidade Urbana Florianópolis): Não saímos cem por cento satisfeitos, a nossa pretensão era maior, era ampliar ainda mais essa operação, conseguimos avançar bastante do que foi feito ontem, nós vamos ter mais veículos do que ontem rodando. Horário de sete horas nos flexibiliza para ter vários horários atendendo e a partir disso poderemos ainda ter alguns horários com escolta e isso nos permite ter um atendimento muito melhor aos usuários do sistema. (imagem 9 - sonora gravada no local onde a reunião aconteceu)

Off 2: *No terminal de integração do centro o movimento foi intenso. Muita gente deixou o trabalho mais cedo (imagem 10 - de pessoas caminhando para entrar no terminal) para não ficar sem condução. A reação frente a nova paralisação no sistema do transporte (imagem 11 - de pessoas passando a catraca para entrar no terminal) coletivo foi imediata e dividida (imagem 12 - de uma mulher entrando no ônibus).*

Sonora 3 (enquete sem gc): *Se for para nossa segurança, eu concordo. (imagem 13 - sonora gravada no terminal)*

Sonora 4 (enquete sem gc): *Eu acho um absurdo, né. Porque o pessoal está saindo do emprego, precisa da condução e não temos. (imagem 14 - sonora gravada no terminal)*

Off 3: *No quinto dia de ataques em Santa Catarina (imagem 15 - de uma câmera mostrando dois homens andando em uma moto com fundo gráfico do telejornal) foram registradas ocorrências na Capital, e em outras cidades do estado (imagem 16 - de um homem dando disparos com uma arma na carona de uma moto, enquanto outro homem dirigia). Uma viatura e a casa de um policial militar foram alvejadas na Capital e em Balneário Camboriú (imagem 17 - em passeio mostrando um carro e indo para o muro de uma casa). Em Criciúma, no sul do estado, o corpo (imagem 18 - do velório, pessoas aplaudindo) do agente penitenciário, (imagem 19 - do velório) supostamente envolvido em ataques (imagem 20 - do velório) foi enterrado, sobre forte comoção (imagem 21 - de um policial fardado no velório) de amigos, parentes e da comunidade (imagem 22 - do velório). Até agora trinta e seis ataques foram registrados no estado (imagem 23 - de dois presos parece que são menores de idade). Dezesesseis pessoas foram presas, e oito adolescentes foram apreendidos (imagem 24 - de um preso caminhando, parece menor de idade). Para a chefe de comunicação (imagem 25 - do rosto do preso, que parece sem menor de idade) social da PM as prisões e as apreensões (imagem 26 - do rosto da chefe de comunicação da PM) são reflexos de uma estratégia que tem mostrado (imagem 27 - de policiais na sala de situação) resultados e que vai continuar (imagem 28 - de policiais trabalhando na sala de situação).*

Sonora 5 (Ten. Cel. Claudete Lehmkuhl – chefe centro de comunicação social PMSC): *Também tivemos várias ocorrências preventivas de ontem para hoje, ou seja, a polícia conseguiu antecipar a ação dos bandidos. Houve blitz, barreiras, e com isso acabou sendo pego pessoas transitando com combustíveis, armamentos e que possivelmente iam praticar um ato que a ação da polícia inviabilizou. (imagem 29 - sonora gravada dentro da sala de situação)*

Com essa estrutura pode-se compreender como se deu a edição da reportagem, construída com 29 imagens da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Sonora 4, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 5. Todos esses elementos podem ser observados separadamente na análise das categorias da REPORTAGEM TRÊS.

Cabeça: A cabeça passa informações sobre a reunião que definiu os rumos do transporte coletivo, sem citar que falaria das ocorrências. No entanto há uma contradição: um apresentador disse que houve acordo, e outro disse que a prefeitura queria uma situação diferente.

Off: O off 1 contextualiza o impasse entre as partes envolvidas no transporte coletivo, a passagem conta o que ficou definido, o off 2 é sobre o sentimento da população e o off 3 é sobre as ocorrências recentes e finaliza falando sobre as ações da polícia.

Sonora: Cinco sonoras foram utilizadas na reportagem. Praticamente as mesmas do dia anterior. A sonora 1 é com o sindicato, a sonora 2 com a prefeitura, uma contrapondo a outra. A sonora 3 e 4 são enquetes com a população, uma concordando e outra discordando da decisão e por fim, a sonora 5 é com a PM que defende as ações de combate a criminalidade. Desta forma, de acordo com as categorias, pode-se afirmar que as enquetes são entrevistas ocasionais e as outras temáticas.

Imagem: As imagens não estão de acordo com o que é narrado nos offs. As imagens do off 1 são da reunião. As imagens do off dois são do terminal. As imagens do off 3 são das ocorrências e da sala de situação da PM. No off 3, por exemplo, foram identificados alguns problemas: não é possível saber em quais cidades aconteceram as ocorrências e além disso, são mostrados alguns presos, que parecem menores de idade, sem o rosto borrado.

Passagem: A função da passagem, neste caso, foi para informar a decisão da reunião em que o repórter estava acompanhando, transmitindo dados oficiais sobre o serviço a população.

Som: Não tem sobre, só áudio ambiente.

Grafismo: Só foi usado fundo gráfico no início do off 3 quando aparecem cenas de uma câmera de vigilância, não capturada pela emissora.

Efeitos de edição: Toda a montagem das imagens se dá com corte seco, sem outros efeitos.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé.

Com a decupagem e análise desta reportagem consegue-se afirmar que a estrutura da mesma é muito semelhante ao dia anterior. A estrutura de edição foi praticamente igual, repetindo entrevistados e com novas enquetes que afirmam quase que a mesma coisa. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** o que mais pesou foi o serviço e o **conteúdo** foi policial.

Dando sequência à análise, a REPORTAGEM QUATRO, foi exibida no dia dois de outubro de 2014, teve duração de três minutos e três segundos e estava localizada dentro do espelho na abertura do terceiro bloco. Além do Vt Súite Onda Ataques, o telejornal exibiu outras duas laudas sobre o assunto, um vivo e um Fq, no entanto, será apresentada, como proposto, somente a decupagem da reportagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

E a gente volta a falar sobre os atentados que atingem o estado há quase uma semana. O grupo RIC recebeu há uma semana gravações feitas por facções criminosas, mas decidiu não veicular. Concluiu que o conteúdo faz apologia a essas organizações e incentiva atos de terrorismo.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Mas, um fato é evidente, a dificuldade em controlar as ações de quem já está preso, mas consegue articular o caos sem sair do lugar.

Narração repórter 1 (Iuri Grechi):

Off 1: *É um inimigo invisível que afronta e aterroriza (imagem 1 - de um ônibus queimado) a sociedade catarinense (imagem 2 - de uma parede com um tiro). Um inimigo (imagem 3 - de dentro de um ônibus parcialmente incendiado) covarde (imagem 4 - de um bando de ônibus queimado) que ataca e se esconde (imagem 5 - de cinegrafista amador*

de um ônibus em chamas). *E essa tática terrorista de guerrilha (imagem 6 - de um ônibus queimado) reduz a capacidade de resposta (imagem 7 - de um ônibus queimado) das forças policiais (imagem 8 - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas).*

Sonora 1 (César Grubba – secretário de segurança SC): *Nós não podemos estar, ocupar todos os espaços territoriais do estado de Santa Catarina. Não se sabe o momento, a hora e o local que pode acontecer. (fade branco) É o estado paralelo tentando se fixar. (imagem 9 - sonora gravada, aparentemente, no gabinete do secretário)*

Passagem 1 (Iuri Grechi – Florianópolis): *A madrugada de hoje foi a mais violenta. Da meia noite e cinco até às quatro e dez da manhã, um curto período, os bandidos realizaram sete ataques. Três deles em Florianópolis, mas também em Camboriú, Itajaí, Campos Novos. Foram alvos do crime organizado, ônibus, carros particulares e bases da polícia. Até agora já foram somados 52 ataques do crime a ordem pública de Santa Catarina. (imagem 10)*

Off 2: *Dez criminosos (imagem 11 - de bombeiros apagando chamas de um ônibus) já foram identificados pela polícia (imagem 12 - de bombeiros apagando chamas de um ônibus), mais de quarenta pessoas foram detidas (imagem 13 - do ônibus queimado), um dado assombroso. Muitas delas são (imagem 14 - do ônibus queimado) pessoas que recém saíram do sistema prisional (imagem 15 - de bombeiros apagando chamas de um ônibus).*

Sonora 2 (César Grubba – secretário de segurança SC): *O chefe do crime organizado, que está dentro do sistema, que não tem direito a saída temporária, ele pega um desses temporários para que cumpra a ordem do lado de fora sob pena de sofrer alguma coisa. Tanto é verdade, não vou dizer o município que ocorreu, mas nos tivemos um caso ontem que um desses agentes, se entregou, entregou a arma de fogo, dizendo que estava arrependido e que não ia cumprir a ordem da organização criminosa. (imagem 16 - sonora gravada, aparentemente, no gabinete do secretário)*

Off 3: *Dentro dos presídios (imagem 17 - de policiais nos presídios) os ordenadores das ações (imagem 18 - de presos no presídio) terroristas (imagem 19 - da fachada do presídio) que assolam Santa Catarina estão sendo (imagem 20 - da fachada do presídio) identificados (imagem 21 - da fachada do presídio). Neutralizar o seu poder (imagem 22 - da fachada do presídio), no entanto, é bem mais difícil (imagem 23 - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas).*

Sonora 3 (Coronel Claudete Hhulmann – comunicação Polícia Militar): *Vão ser tomadas todas as providências legais contra eles, só que, para numa pessoa que determina essa ordem, dentro do presidio e que já tem 30 anos de punição, ele responder outro processo e ele receber mais 15, mais 20 não vai fazer diferença nenhuma na vida dele.* (**imagem 24** - sonora gravada, aparentemente, na sala da coronel)

Off 4: *Ex-comandante da policia militar e atual consultor em segurança publica* (**imagem 25** - do rosto do entrevistado), *este coronel reformado diz que é preciso rever e atualizar* (**imagem 26** - de apoio do entrevistado) *a politica de ação das inteligências, capazes* (**imagem 27** - de apoio do entrevistado) *de interceptar e impedir as ações de facções criminosas* (**imagem 28** - de apoio do entrevistado).

Sonora 4 (Coronel Edson Souza – consultor em segurança publica): *é um fato que já tem ocorrendo com certa frequência desde 2012 e os órgãos de segurança publica já deveriam estar preparados, no sentido de obter, através dos seus serviços de inteligência ver a motivação e de onde sai esse tipo de ordens para praticas desses delitos. Porque na verdade as pessoas que estão praticando esses delitos hoje, são as pessoas que continuam diariamente praticando outros delitos.* (**imagem 29** - sonora gravada em uma sala que mais parece uma recepção)

Com essa decupagem chegou-se a estrutura do Vt dividida em 29 imagens: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Passagem 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 4. Agora será apresentada a análise da REPORTAGEM QUATRO.

Cabeça: A cabeça começa com uma justificativa da emissora em não divulgar um material que receberam. Mas chama a reportagem pelo gancho da dificuldade em controlar os criminosos.

Off: Foram quatro offs na construção da reportagem. O primeiro é um editorial sobre a ação dos envolvidos, o segundo sobre o perfil dos envolvidos, o terceiro sobre a ação dentro dos presídios e o quarto para contextualizar a sonora do especialista que apareceu na matéria. Nesta reportagem é preciso destacar o uso de algumas palavras adjetivadas que representam força para os ataques, como: *afronta, aterroriza, inimigo covarde, ataca, se esconde, tática terrorista de guerrilha*. Todas essas palavras foram narradas pelo repórter no off 1 e não são comuns, pois, de certa forma, são opinativas e não informativas.

Sonora: Foram usadas duas entrevistas oficiais, do secretário de segurança pública que falou duas vezes na reportagem e da coronel da PM, chefe de comunicação social. A outra sonora foi de um ex-comandante da PM que falou sobre as fragilidades das ações policiais. Neste contexto, categorizando as mesmas, elas podem ser enquadradas respectivamente em: temática, ritual e dialogal.

Imagem: As imagens dos offs 1, 2 e 3 são de arquivo, porque a reportagem não falou sobre as ocorrências recentes, isso estava em passagem. Apenas as imagens do off 4, que era apoio do entrevistado, eram novas, no entanto, pelo espelho e pelo material disponibilizado pela emissora para esta análise não é possível saber se as cenas foram utilizadas como arquivo, se não, podem ter dado a entender que as ocorrências não param, que estão cada vez mais fortes. Observando a reportagem percebe-se que a função das imagens durante a utilização dos arquivos foi de transmitir movimentos óticos, já durante o apoio do entrevistado, movimentos mecânicos, mais leves.

Passagem: Nesta reportagem a passagem foi utilizada para anunciar as ocorrências mais recentes, não se sabe o motivo, mas acredita-se que por falta de acesso as cenas necessárias para a construção de um off, sem deixar informações de fora.

Som: Sem sobe som, só áudio ambiente.

Grafismo: Não foi utilizado fundo gráfico, nem arte, em nenhum momento da reportagem.

Efeitos de edição: A edição da reportagem se deu apenas com corte seco, sem efeitos como fusão, por exemplo, comum quando há transição de desmembramentos diferentes dentro de uma mesma matéria.

Nota pé: Não foi utilizado nota pé nesta reportagem, pois não havia necessidade.

Nesta reportagem o que mais chama a atenção é a função dos offs, construídos de forma forte, com muitos adjetivos, fugindo da linguagem habitual dos telejornais noturnos preocupados em informações e não em transmitir julgamentos sobre fatos e ocorrências.

Levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** foi o serviço e sobre o **conteúdo** foi o policial.

A REPORTAGEM CINCO, que tinha como retransmissora Vt Coletiva Atentados, foi exibida no dia seguinte, sexta-feira, três de outubro de 2014, com três minutos e trinta segundos de produção e estava localizada no meio do segundo bloco, estadual. Neste episódio outras seis laudas sobre o assunto foram feitas, no entanto, só a decupagem do Vt analisado é que será apresentada.

Cabeça:

Apresentador 1 (Paulo Alceu):

Em coletiva concedida à imprensa hoje à tarde, o governador em exercício, Nelson Schaeffer Martins, garantiu que as eleições vão transcorrer em clima de tranquilidade.

E apesar das dezenas de atentados, como dissemos, são mais de setenta, Schaeffer afirmou que o estado não está fora de controle.

Narração repórter 1 (Iuri Grechi):

Off 1: As vésperas do final de semana de eleições presidenciais (imagem 1 - da mesa da coletiva), o governador do estado de Santa Catarina em exercício, o desembargador Nelson Schaeffer Martins (imagem 2 - fechada no resto dele), cercado por toda cúpula de segurança pública (imagem 3 - da mesa da coletiva, mesma imagem do primeiro take), se viu na conjuntura de assegurar que as eleições no estado (imagem 6 - fechada no rosto dele) serão seguras e que o poder (imagem 7 - de um ônibus queimado) não está na mão dos bandidos (imagem 8 - de um ônibus em chamas, a noite).

Sonora 1 (Nelson Schaeffer Martins – governador do estado em exercício): O estado de Santa Catarina não está nas mãos dos criminosos. O estado de Santa Catarina está na mão das forças de estado. (imagem 9 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)

Off 2: O primeiro foi o centro do poder catarinense (imagem 10 - passeio na frente da sede), a sede do governo da capital a ser atacada pelo crime e nessa madrugada (imagem 11 - de alguém segurando um projétil), a cidade do governador, (imagem 12 - da fachada de uma base policial) Lages, virou alvo (imagem 13 - da fachada da polícia civil). Três atentados (imagem 14 - aberta com policiais e viaturas em frente à base) para humilhar (imagem 15 - de um tiro em um vidro) a polícia

civil, militar (**imagem 16** - de um tiro em uma parede) e o corpo de bombeiros (**imagem 17** - de um tiro em um vidro).

Sonora 2 (César Grubba – secretário Segurança Pública):

Me sinto ofendido e não é só uma ofensa minha, pessoal, do secretário de segurança pública de Santa Catarina, mas de todas as forças de segurança do estado de Santa Catarina, o próprio estado democrático de direito. (**imagem 18** - sonora gravada, aparentemente, depois da coletiva)

Off 3: *Pelo menos vinte e seis cidades* (**imagem 19** - frisada de um bombeiro apagando chamas) *espalhadas pelo estado sofreram ataques. O que revela a capacidade de articulação estadual do crime* (**imagem 20** - arte mostrando em um mapa verde o número de ocorrências em cada uma das cidades). *Até agora foram mais de sessenta ocorrências, vinte e cinco ônibus incendiados* (**imagem 21** - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal) *e dezesseis residências* (**imagem 22** - de alguém segurando um projétil) *de agentes de segurança* (**imagem 23** - de um tiro em uma parede) *alvejadas* (**imagem 24** - de um tiro em uma parede). *Adolescentes formam a linha de frente* (**imagem 25** - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal) *dessa guerra, acompanhados por delinquentes* (**imagem 26** - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal) *com várias passagens pela polícia* (**imagem 27** - de cinegrafista amador de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal).

Sonora 3 (Coronel Cleudete Kuhlmann – comunicação PM): *Uma pessoa que é presa em flagrante, ela vai para a delegacia, a pedido de um advogado, ela pode ser liberada e responder o processo em liberdade, pagamento de multa, enfim, N alternativas. Com isso ela é liberada, ela vai praticando atos, vai sendo liberada, então precisa ser revisto que reincidente tem que ficar preso.* (**imagem 28** - sonora gravada, aparentemente, da sede da PM)

Off 4: *O governo tem insistido na tese de que não é a falta de estrutura* (**imagem 29** - de uma penitenciária) *nas penitenciárias que tem impossibilitado a ação articulada do crime* (**imagem 30** - de uma penitenciária). *A associação dos advogados criminalistas contesta* (**imagem 31** - de uma penitenciária).

Sonora 4 (Hélio Brasil – presidente Acrimesc): *Parece que as autoridades não estão visitando os presídios. Todos sabemos das precariedades que existem nos presídios, e a própria juíza da execução penal confirmou essas precariedades, então me parece que eles estão*

bem mal informados. (imagem 32 - sonora gravada, aparentemente, no escritório do advogado)

Off 5: A tese oficial defendida para justificar (imagem 33 - de uma viatura em uma rua com carros passando) a guerra urbana (imagem 34 - de um tiro em um vidro) que se que instalou em Santa Catarina é de que isso (imagem 35 - de policia na rua com uma viatura e um carro estranho, aparentemente fazendo uma abordagem) é resposta da bandidagem ao trabalho da policia (imagem 36 - de quatro viaturas circulando pela rua em comboio a noite).

Sonora 5 (Nelson Schaeffer Martins – governador em exercício SC): O que esta causando toda essa situação é principalmente o sufoco econômico que nós impusemos a criminalidade no estado. (imagem 37 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)

Off 6: Ainda assim o governador em exercício de rendeu (imagem 38 - amadora, com fundo gráfico do telejornal, de bombeiros apagando as chamas em um ônibus) aos fatos. Enquanto os criminosos foram livres para se comunicar (imagem 39 - da emissora de um ônibus sendo apagado, porém com fundo gráfico do telejornal), para planejar estratégias e agir de forma coordenada (imagem 40 - da emissora de um ônibus sendo apagado por bombeiros, porém com fundo gráfico do telejornal), ninguém esta a salvo (imagem 41 - da emissora de um ônibus sendo apagado por bombeiros, porém com fundo gráfico do telejornal).

Sonora 6 (Nelson Schaeffer Martins – governador em exercício SC): Como é que nos vamos evitar novos ataques? Nós estamos avançando nas investigações, nos estamos avançando na repressão, nos estamos perseguindo esses criminosos que provocam esses atentados, mas nos não podemos dizer a população que novos ataques não iram acontecer, isso não seria nem possível que nos afirmássemos.

(imagem 42 - sonora captura durante a coletiva, não foi sonora individual)

Com a decupagem se observou que a reportagem foi estruturada a partir de 42 imagens da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 4, (corte seco), Off 5, (corte seco), Sonora 5, (corte seco), Off 6, (corte seco), Sonora 6. Veja a análise da REPORTAGEM CINCO.

Cabeça: Nesta reportagem a cabeça passou quatro informações. Que teve coletiva de imprensa com o governador em exercício e que ele garantiu segurança nas eleições. O outro apresentador comunicou o número de atentados e que o estado, segundo o governador, não está fora de controle. Desta forma, neste caso, a função da cabeça foi para transmitir a força da atuação do estado no combate a criminalidade.

Off: Na construção da reportagem foram utilizados seis offs, a maioria com tom de julgamento e opinativo. O primeiro off foi sobre a afirmação do governador de que teria segurança nas eleições. Usou-se nesse off um termo muito formal: *conjugencia*. O segundo off foi um resumo dos atentados. Uma palavra chamou a atenção, disse que a polícia estava *humilhada*. No off quatro falou sobre o total de ocorrências e disse que adolescentes estavam na *linha de frente dessa guerra*, uma palavra forte para descrever a situação. No off quatro, fala sobre a situação dos presídios e afirma que o governo disse uma informação, mas está em off, não em sonora. No off cinco, explica que tudo isso é resposta ao trabalho da polícia, e novamente usa termos como guerra e bandidagem. O off seis é uma afirmação de que os bandidos estão livres e ninguém a salvo, no entanto, a sonora seguinte não diz isso, dando de impressão de falta de complementaridade entre as partes.

Sonora: Na reportagem foram usadas seis sonoras. Três vezes é o governador em exercício. Por ordem, a primeira sonora é do governador, que diz que o governo não está na mão dos criminosos. A segunda sonora é o secretário de segurança pública que se diz ofendido. Na sonora seguinte a coronel da PM fala sobre o problema de reincidência. Na quarta sonora, o presidente da associação dos advogados criminalistas fala sobre a situação dos presídios. Novamente o governador volta a falar sobre a atuação contra a criminalidade e por fim que não tem como afirmar se os ataques vão continuar ou não. Quanto as categorias de entrevista, as que o governador em exercício aparecem são consideradas coletivas, as outras podem ser rituais, de profundidade e temáticas.

Imagem: Foram seis offs de imagens também. O primeiro coberto com cenas da coletiva e de ônibus incendiados. Das três primeiras cenas desse off, duas foram repetidas, o que representa um erro grave de edição. No off dois foram usadas imagens das ocorrências recentes. No

off três, arte e imagens de arquivo. No off quatro imagens de arquivo de penitenciária e nos offs cinco e seis, imagens gerais de ocorrências antigas. Sobre as categorias de imagens, pode-se afirmar que as cenas de arquivo apresentam movimentos óticos, com uma linguagem mais cinematográfica, já as imagens da coletiva e de arquivos gerais de penitenciárias, por exemplo, os movimentos são mecânicos, mais parados.

Passagem: Nesta reportagem não foi utilizada na adição a passagem do repórter.

Som: Nesta reportagem também não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: Foi usada na reportagem arte mostrando um mapa das cidades com ocorrência e fundo gráfico em imagens amadoras e em dois *takes* de imagens produzidas pela própria emissora.

Efeitos de edição: Seguindo o modelo habitual dos telejornais noturnos, não foi identificada a utilização de efeitos de edição, além do corte seco.

Nota pé: Categoria não identificada na reportagem.

Mais uma vez, o que se observa, é a utilização de palavras em tom de julgamento nas reportagens, traço forte na linha editorial do Grupo RIC. A partir disso, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** pode ser uma reportagem tanto de denúncia como de serviço e o **conteúdo** foi policial, foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa até o momento.

A REPORTAGEM SEIS do RIC Notícias foi exibida no dia seis de outubro de 2014, uma segunda-feira, e foi apresentada em formato de Nota Coberta, retrancada como Nc Operação Rodovias, com um minuto e cinquenta e oito segundos de produção, localizada na abertura do terceiro bloco, estadual. Abaixo a decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

E mesmo com a força nacional em solo catarinense desde a madrugada de sábado, foram registrados novos atentados durante todo o final de semana. Já são noventa ocorrências em trinta e uma cidades.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Em uma coletiva agora a tarde entre a polícia e a força nacional ficou definida a montagem de barreiras nas rodovias catarinenses.

Narração repórter 1 (Não tem como saber quem gravou, é uma voz feminina. Parece da repórter Claudia Xavier, mas não foi creditado)

Off 1: Segundo (imagem 1 - da frente de uma viatura da PRF) a polícia rodoviária federal serão (imagem 2 - da frente de uma viatura da PRF) dez barreiras distribuídas pelo estado (imagem 3 - de carros circulando pela rodovia) para evitar a entrada (imagem aberta de um posto da PRF) de armas, drogas, e (imagem 4 - de carros circulando pela rodovia) foragidos em Santa Catarina (imagem 5 - de carros circulando pela rodovia). A força nacional que está no estado desde a madrugada de sábado (imagem 6 - aberta do avião da força nacional na pista do aeroporto), vai trabalhar em conjunto com as polícias estadual e federal (imagem 7 - de policiais da FN descendo do avião). Segundo o ministério da justiça (imagem 8 - de policiais da pista do aeroporto) a estratégia é montar um cinturão de segurança (imagem 9 - de vários policiais na pista do aeroporto) em solo catarinense (imagem 10 - de vários policiais na pista do aeroporto).

Sonora 1 (Silvinei Vasques – inspetor PRF): *Nessa operação aí nós elencamos seis rodovias estaduais que dão acesso tanto ao Paraná, quanto ao Rio Grande do Sul. E nós estaremos presentes nesses acessos, no mesmo norte desencadeado pela operação da PRF e Força Nacional. (imagem 11 - coberta com quatro imagens diferentes de carros circulando por rodovias)*

(imagem 12 - sonora gravada, aparentemente, na sede do ministério da justiça)

Off 2: A fiscalização (imagem 13 - de um porto) também vai se estender para portos (imagem 14 - de um porto) e aeroportos (imagem 15 - fechada de pessoas descendo de um avião).

Sonora 2 (Major Rui Barroso – Força Nacional de Segurança): *O prazo de permanência da força nacional é por período indeterminado. (core seco) No momento em que for operado, que nós formos para o terreno, nós teremos maior número de informações possíveis e*

consequentemente o trabalho será mais eficaz, e efetivo. (imagem 16 - sonora gravada depois da coletiva)

Off 3: Dados do último **(imagem 17 - de um ônibus em chamas)** relatório da polícia militar divulgados no final da tarde **(imagem 18 - fechada na roda de um ônibus em chamas)**, *apontam que até o momento (imagem 19 - de um ônibus queimado), trinta e nove ônibus foram incendiados (imagem 20 - de um ônibus queimado) em Santa Catarina (imagem 21 - de um ônibus em chamas) nesta terceira onda de ataques (imagem 22 - de um ônibus em chamas). Ontem à noite os bandidos colocaram fogo (imagem amadora 23 - de bombeiros apagando uma caminhonete em chamas, com fundo gráfico do telejornal) em três veículos que estavam estacionados (imagem 24 - amadora de bombeiros apagando uma caminhonete em chamas, com fundo gráfico do telejornal) no pátio da secretaria de obras de Itajaí (imagem 25 - amadora de bombeiros apagando uma caminhonete em chamas, com fundo gráfico do telejornal). Em Palhoça, na madrugada de domingo, dois homens em uma moto, fizeram disparos (imagem 26 - passeio da fachada do prédio com fundo gráfico do telejornal), contra o prédio (imagem 27 - fechando em um tiro na parede) de administração prisional (imagem 28 - de um tiro em um vidro). Com isso já são noventa atentados em onze dias (imagem 29 - da fechada do Deap). Quarenta e quatro pessoas foram presas (imagem 30 - de presos sendo transportados) e doze adolescentes (imagem 31 - de presos sendo transportados) apreendidos (imagem 32 - de presos sendo transportados).*

Desta forma pode-se considerar que a edição da Nota Coberta foi construída com 32 imagens, assim: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 3. Observe agora a análise das categorias na REPORTAGEM SEIS.

Cabeça: Na cabeça foram passadas quatro informações. A primeira que mesmo com a força nacional em território catarinense atentados estão ocorrendo. Depois fala a quantidade de ocorrências e quantas cidades atingidas. O outro apresentador fala sobre as ações decididas na coletiva de imprensa.

Off: O primeiro off é todo sobre como vai ser a operação. O segundo off também foca nos trabalhos e o terceiro off é sobre os atentados recentes.

Sonora: Duas sonoras foram usadas na reportagem. A primeira, com a PRF, é sobre a operação nas barreiras, e a segunda, com a Força Nacional é sobre os o trabalho de segurança contra os criminosos, ambas gravadas, aparentemente depois da coletiva. Dentro das categorias podem ser enquadradas como ritual e temática.

Imagem: Os três offs são praticamente todos com imagens de arquivo. No off 1, a reportagem mostrou a chegada da força nacional, pois como não tem o telejornal no sábado, as cenas eram inéditas. O off dois arquivo de portos e aeroportos e o off quatro arquivo também e cenas específicas de apenas duas ocorrências. Na categoria imagens, nesta Nota Coberta, há uma divisão entre, movimentos óticos e mecânicos, no entanto, a maioria foi feita em plano médio.

Passagem: Não foi utilizada passagem nesta reportagem.

Som: Não foi utilizado sobe som nesta reportagem, só áudio ambiente.

Grafismo: Foi usado fundo gráfico em um momento que mostrou uma imagem amadora, mas ficou depois em cenas feitas pela emissora. Não se sabe o motivo.

Efeitos de edição: Nesta reportagem o único efeito de edição foi o corte seco.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé nesta reportagem.

Observando a estrutura do conteúdo produzido, percebe-se que a emissora utilizou o material já existente na emissora para construir a Nota Coberta, fechada pela redação. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** foi o serviço e o **conteúdo** foi policial.

Já a REPORTAGEM SETE foi exibida no dia sete de outubro de 2014, uma terça-feira. Neste episódio foram feitas duas reportagens, uma nota e um vivo, no entanto, vai ser analisado o Vt Mais Ataques, de dois minutos e cinquenta e dois segundos, espelhado na abertura do terceiro bloco, cuja decupagem será apresentada agora.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

E mesmo com a redução na onda de ataques, novas ocorrências foram registradas nas últimas vinte e quatro horas.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Em Blumenau, os horários de ônibus continuam restritos.

Narração repórter 1 (Gisele Scopel):

Off 1: Em Navegantes (imagem 1 - da fachada da escola) duas escolas (imagem 2 - de uma operário colocando uma telha dentro da escola) foram incendiadas na noite desta segunda-feira (imagem 3 - de uma sala de aula queimada). Um morador fez imagens do fogo no bairro São Domingo por volta das nove e meia da noite (imagem 4 - de cinegrafista amador da escola em chamas). Mais tarde, próximo da meia noite, a cem metros dali, outra escola (imagem 5 - passeio vindo da rua para a escola) foi parcialmente destruída num incêndio (imagem 6 - de livros queimados no chão). Câmeras de monitoramento registraram dois homens entrando no local. Um deles segura um galão, joga o conteúdo em uma das salas e acende o fogo. Os suspeitos não foram identificados (imagem 7 - da câmera de monitoramento que flagrou a ação). Já em Blumenau, na manhã desta terça-feira (imagem 8 - de um ônibus queimado), mais um ônibus do transporte urbano foi incendiado (imagem 9 - de cinegrafista amador mostrando a ação dos bombeiros logo após o incêndio). Motorista e cobrados estavam no veículo, quando dois homens armados (imagem 10 - de um bombeiro próximo ao ônibus) renderam os trabalhadores, espalharam gasolina e atearam fogo no coletivo (imagem 11 - aberta mostrando o ônibus). Uma reunião durante a tarde definiu novas estratégias para garantir a segurança (imagem 12 - de funcionários entrando numa sala de reunião) de motoristas, cobradores e passageiros (imagem 13 - aberta de um terminal de ônibus).

Sonora 1 (Lairto Leite – diretor de Transportes Seterb): Os horários da noite seguem a mesma orientação da sexta-feira, ou seja, a partir das vinte horas começam a agrupar algumas viagens. Tem dezenove linhas que só aparam até as vinte e uma horas. Os terminais fecham as vinte e duas e quarenta e os últimos ônibus a rodar seriam as vinte e três horas. (imagem 14 - sonora gravada depois da reunião)

Off 2: No norte do estado, Joinville também foi alvo de um atentado (imagem 15 - foto do ônibus). Um micro-ônibus foi incendiado durante a madrugada na zona leste da cidade. De acordo com testemunhas (imagem 16 - foto do ônibus), uma moto com duas pessoas ultrapassou

o veículo e os ocupantes colocaram fogo no pneu (imagem 17 - foto do ônibus). Moradores da região conseguiram conter as chamas (imagem 18 - foto do ônibus). Uma mochila com uma garrafa de gasolina foi encontrada embaixo do ônibus (imagem 19 - foto do ônibus). No centro da cidade de Barra Sul, a polícia abordou um veículo (imagem 20 - de um veículo) com placa de Florianópolis (imagem 21 - de dentro do carro). Dentro estavam um casal de irmãos (imagem 22 - fechada em um braço) e dois menores de dezoito anos (imagem 23 - dos pés de duas pessoas com sapato). Também foram encontradas duas pistolas (imagem 24 - de uma arma sobre uma mesa e munições) com munição (imagem 25 - de uma arma sobre uma mesa e munições), lacres usados como algemas (imagem 26 - de vários lacres sobre uma mesa) e uma carta. Nela estavam ordens de uma facção criminosa de novos ataques na região (imagem 27 - da carta sobre a mesa). A mulher e o irmão dela foram encaminhados a delegacia (imagem 28 - fechada nos braços da mulher) autuados por associação criminosa (imagem 29 - de uma arma sobre uma mesa e munições), corrupção de menores (imagem 30 - fechada nos braços da mulher) e porte ilegal de arma (imagem 31 - de uma arma sobre uma mesa e munições). Os adolescentes foram entregues aos responsáveis (imagem 32 - fechada nos pés de um dos menores com sapato).

Passagem 1 (Gisele Scopel – Blumenau): Desde que começaram os atentados o pico foi do dia primeiro de outubro com dezoito ataques. Até agora o estado já registrou mais de cem ocorrências em trinta e um municípios. Noventa e quatro delas foram atentados, mas apesar disso a polícia militar diz que a situação esta sob controle. (imagem 33 - passagem gravada em um fundo neutro escuro)

Sonora 2 (Tem. Cel. Claudete Lehmkhun – Chefe Comunicação Social PMSC): Já houve uma redução nos atentados de forma efetiva, que ate merece uma avaliação se realmente ainda esta havendo a onda de atentado ou se trata de casos de vandalismo e oportunismo, no sentido de vingança contra alguém para estar aparecendo ainda esses atos que nos estamos acompanhando. (imagem 34 - sonora gravada na sede da PM)

Com a decupagem, observou-se que a reportagem foi estrutura com 34 imagens em: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Passagem 1, (corte seco) e Sonora 2. Separadamente a estrutura foi dividida em categorias que podem ser observadas a baixo, na análise interna da REPORTAGEM SETE.

Cabeça: A cabeça informa que mesmo com a redução no número de atentados ocorrências foram registradas e que em Blumenau os horários dos ônibus continuam restritos.

Off: A reportagem tem dois offs apenas. O primeiro off fala sobre as ocorrências e sobre a situação do transporte coletivo em Blumenau e o segundo off todo é sobre os atentados recentes, também.

Sonora: Duas sonoras na reportagem. A primeira é do diretor de transporte falando sobre os horários e a segunda sonora é com a chefe de comunicação social da PM que explica a atual realidade da onda de violência. Dentro das categorias de entrevista, pode-se dizer que as duas sonoras são temáticas.

Imagem: No primeiro off foram usadas imagens das ocorrências, dois vídeos amadores e uma câmera de monitoramento, cedida pela escola atacada. No off dois, fotos de um caso e imagens de uma ocorrência específica. Nesta edição optou-se pela utilização de imagens com movimentos óticos.

Passagem: A passagem gravada em Blumenau atualiza o número de ocorrências e diz que a situação está sob controle.

Som: Não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: O fundo gráfico do telejornal foi usado inclusive em partes que não precisavam ser usadas, atrás de imagens feitas pela própria emissora. Em outras partes, que poderia usar, pois eram fotos, o recurso não foi empregado. Não é possível identificar o motivo com o material disponibilizado.

Efeitos de edição: Reportagem construída toda, apenas, com corte seco.

Nota pé: Não foi usado nota pé nesta reportagem.

O grande diferencial desta reportagem foi à prática de ter como material de destaque um VT produzido por uma praça, no caso, Blumenau. A estrutura seguiu o modelo habitual desde o início da cobertura e levando em consideração as categorias de análise

comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** foi o serviço e sobre o **conteúdo** foi o policial.

A REPORTAGEM OITO a ser analisada foi exibida no dia dez de outubro de 2014, uma sexta-feira, duas semanas depois do início da quarta onda de atentados. A única emissão sobre o assunto a ser estudada em profundidade neste episódio foi uma Nota Coberta de um minuto e cinquenta e dois segundos localizada na metade do segundo bloco, produzida para atualizar as ocorrências mais recentes, e que tinha como retransmissora Nc Atentados. Observe a decupagem.

Cabeça:

Apresentador 1 (Paulo Alceu):

A terceira onda de atentados em Santa Catarina completou hoje duas semanas e o número de ataques chegou a cem. A polícia registrou uma queda nas ocorrências e afirmou que a situação está sendo controlada com ações dentro e fora do sistema prisional.

Narração 1 (Apresentadora Rafaela Arns):

Off 1: Depois de uma quinta-feira de trégua, novos ataques foram registrados no estado (imagem 1 - aberta de vários livros queimados no chão de uma escola). Criminosos invadiram esta escola em Penha, no litoral catarinense (imagem 2 - da fachada da escola), no início da madrugada (imagem 3 - fechada no nome da escola). O incêndio atingiu duas salas, uma delas ficou totalmente destruída (imagem 4 - passeio mostrando estragos em documentos que estavam na sala). Foi a quarta escola atacada essa semana (imagem 5 - do forro da escola destruído) em Santa Catarina (imagem 6 - da parede da escola toda aquinhoadada). Em Laguna, no sul do estado (imagem 7 - foto com qualidade ruim dos ônibus em chamas), bandidos incendiaram dois caminhões. Com isso já são cem atentados (imagem 8 - da emissora dos dois caminhões queimados) em duas semanas. A polícia (imagem 9 - da emissora dos dois caminhões queimados) diz que número de ocorrências vem caindo (imagem 10 - de um ônibus em chamas) a cada dia (imagem 11 - de um ônibus em chamas) graças as ações conjuntas (imagem 12 - de vários policiais marchando dentro de uma delegacia) e as prisões de 75 (imagem 13 - de presos dentro do presídio) suspeitos. Os 48 presídios de Santa Catarina vão passar por uma varredura nas próximas semanas (imagem 14 - de uma câmera de monitoramento mostrando presos dentro de um corredor ou cela). A história vai ser feita (imagem 15 - da penitenciária da Capital) com equipamentos modernos

(**imagem 16** - de uma penitenciária), *capazes de rastrear chips e celulares* (**imagem 17** - de uma penitenciária). *O foco é enfraquecer a* (**imagem 18** - de uma penitenciária) *facção criminosa que age dentro e fora* (**imagem 19** - de presos dentro de uma cela com rosto coberto) *do sistema prisional. Mais uma medida* (**imagem 20** - de presos dentro de uma cela com rosto coberto) *tomada em conjunto pelo estado e ministério da justiça para conter* (**imagem 21** - de presos dentro de uma cela com rosto coberto) *a onda de ataques. Outras ações já adotadas* (**imagem 22** - de um ônibus em chamas) *foram às transferências de presos e as* (**imagem 23** - de presos sendo transferidos pela polícia) *barreiras montadas pela* (**imagem 24** - de um carro da PRF em uma rodovia) *força nacional nas rodovias federais* (**imagem 25** - da força nacional fazendo uma abordagem em uma rodovia). *A polícia rodoviária divulgou hoje o primeiro balanço da operação* (**imagem 26** - passeio da rodovia para um posto da PRF).

Sonora 1 (Luiz Graziano – Comunicação social PRF SC, mas não tinha crédito na lauda): *Praticamente todas as barreiras são juntas com postos da polícia rodoviária federal. Quando eles flagram uma infração de trânsito eles repassam e nos fazemos, porque eles não podem fazer infração de trânsito, mas o crime eles fazem, eles conduzem para a polícia civil com o apoio dos nossos policiais. Então a força nacional veio para trabalhar conosco, esta subordinada neste momento a PRF e o trabalho esta sendo muito interessante e muito proveitoso.* (**imagem 27** - sonora gravada na frente de um posto da PRF)

Como a reportagem foi construída em formato de Nota Coberta, pode-se dizer que a estrutura se deu apenas com Off 1, (corte seco) e Sonora 1, a partir de 27 imagens. A análise da REPORTAGEM OITO segue abaixo.

Cabeça: A cabeça da reportagem, estilo nota coberta, diz que a terceira onda de atentados em Santa Catarina completou hoje duas semanas e o número de ataques chegou a cem. Na verdade é a quarta onda. Coloca ainda que a polícia registrou uma queda nas ocorrências e afirmou que a situação está sendo controlada com ações dentro e fora do sistema prisional.

Off: A reportagem tem apenas um off que atualiza os ocorrências mais recentes e na sequência faz um balanço sobre as ações que já foram feitas para combater a criminalidade.

Sonora: A única sonora da reportagem é com o chefe de comunicação da PRF que conta sobre a parceria deles com a Força Nacional, categorizada como ritual.

Imagem: No único off da reportagem as imagens usadas são das ocorrências mais novas e no mais tudo arquivo, no entanto, a matéria não disse que as imagens eram antigas. A maioria delas com movimentos óticos para dar impressão de ações fortes, visíveis no cinema, por exemplo.

Passagem: Não foi utilizada passagem na reportagem.

Som: Na construção da narrativa não foi utilizado sobre som, só áudio ambiente.

Grafismo: Sobre o grafismo, a reportagem disponibilizada pela emissora para esta análise, esta toda com as laterais com fundo gráfico do telejornal, mas não é possível afirmar se o produto foi veiculado desta forma. O fato é que se foi não havia necessidade.

Efeitos de edição: Único efeito empregado na reportagem foi o corte seco.

Nota pé: Não foi utilizada nota pé na reportagem.

Com esse mapeamento pode-se chegar a uma conclusão previa de que a Nota Coberta foi produzida como forma de acompanhamento de cobertura, sem grande investimento no assunto. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o **objetivo** pode ser uma reportagem de serviço e o **conteúdo** foi policial.

A última reportagem do RIC Notícias a ser analisada foi exibida no dia vinte e três de outubro de 2014, uma quinta-feira, e ganhou grande destaque neste episódio do telejornal, abrindo o bloco dois, estadual, com dois minutos e vinte e nove segundos de duração. A **REPORTAGEM NOVE**, retrancada como Vt Coletiva Atentados, foi à última produzida pelo telejornal noturno do grupo RIC e abordou um desmembramento dessa cobertura, o inquérito sobre os envolvidos na onda de atentados, como pode ser visto na decupagem do Vt.

Cabeça:

Apresentador 1 (Rafaela Arns):

A Polícia Civil entregou hoje ao poder judiciário um inquérito policial que indicia 80 pessoas por envolvimento na onda de atentados que, desde o mês passado, atinge boa parte do território catarinense.

Apresentador 2 (Paulo Alceu):

Eles vão responder por crime de organização criminosa. Foram mais de cem ataques em menos de um mês. Cerca de quatro por dia.

Narração repórter 1 (Iuri Grechi):

Off 1 : Todos os oitenta (imagem 1 – presos sentados no chão) indiciados pela polícia civil já tinham passagem (imagem 2 – presos sentados no chão) pelo sistema prisional (imagem 3 – presos sentados no chão). Reconhecidamente transformado (imagem 4 – fundo gráfico com presos em celas) em qualquer geral das facções criminosas do crime organizado (imagem 5 – fundo gráfico com presos em celas). A investigação prova oficialmente (imagem 6 – coletiva) que são os presos que aprisionam a sociedade (imagem 7 – fundo gráfico com presos em celas) no terror de incêndios e atentados. A polícia (imagem 8 – imagem de um ônibus em chamas) diz que um órgão de inteligência monitora das ações dos bandidos, dentro das penitenciárias (imagem 9 – coletiva), mas tem capacidade de impedir novos ataques? (imagem 10 – arquivo de ataque em uma escola)

Sonora 1 (Procópio Batista Neto – delegado de polícia): O que nós não conseguimos prever, com uma margem de erro, é quando vai começar, porque qualquer motivo pode dar início a uma nova onda de ataques. Pode ser o trabalho da PM que prendeu 300 quilos de maconha, ou pode ser a dor de barriga de um preso dentro do sistema carcerário. (imagem 11 – sonora gravada em coletiva)

Off 2: Em vinte e oito dias, os catarinenses foram assolados (imagem 12 – fundo gráfico de um carro em chamas) por 113 ataques criminosos (imagem 13 – arquivo de ataque), em 31 (imagem 14 – de um carro) municípios (imagem 15 – de um carro). A polícia diz que os mandantes (imagem 16 – ônibus em chamas) e os autores dos atentados (imagem 17 – de ônibus queimados), foram identificados, mas isso na impede (imagem 18 – de ônibus queimados) que novas ondas de violência (imagem 19 – de vidro quebrado) urbana desabem sobre o cidadão (imagem 20 – de uma prisão durante uma operação).

Sonora 2 (Procópio Batista Neto – delegado de polícia): Enquanto o problema tiver seu nascedouro, a sua origem, ele vai acabar na

segurança pública. (FADE) É sistema prisional. (pergunta de repórter na coletiva. Incompreensível. Em sua grande parte. (imagem 21 - sonora gravada em coletiva)

Off 3: A polícia reconhece que na dinâmica do crime do crime organizado pouca (imagem 22 – da coletiva) diferença faz quando o autor de um atentado é preso (imagem 23 – de uma prisão). Tem um exercito de bandidos aqui fora, (imagem 24 – de presos) disponível (imagem 25 – de facas) para substituição (imagem 26 – de uma máscara).

Sonora 3 (Procópio Batista Neto – delegado de polícia): É na natureza da organização criminosas que o mandante sequer conheça a pessoa que está cometendo o crime aqui embaixo. E se eu prender essa pessoa que está cometendo o crime aqui embaixo, imediatamente ela vai ser substituída por outra. Não existe essa previsibilidade, não existe esse controle. (imagem 27 - sonora gravada em coletiva)

Off 4: O delegado responsável pelo inquérito diz que foram aprimorados os métodos de provar (imagem 28 – da coletiva) a materialidade dos crimes (imagem 29 – transferência de presos) cometidos e o envolvimento (imagem 30 – da transferência de presos) de organizações criminosas (imagem 31 – da transferência de presos), o que resulta em uma pena maior (imagem 32 – da transferência de presos).

Sonora 4 (Procópio Batista Neto – delegado de polícia): A cada trabalho realizado pelos policiais eles aprendem como é o funcionamento dos organizações criminosas, como se apura, como se identifica, como se chega a autoria, como se chega ao mandante, como se chega a quem repassa as ordens, como se chega a prisão do cara que vai fazer a rebelião. E isso a gente faz bastante bem feito. (imagem 33 - sonora gravada em coletiva)

Desta forma pode-se concluir que a estrutura do VT se deu, a partir de 33 imagens, da seguinte maneira: Off 1, (corte seco), Sonora 1, (corte seco), Off 2, (corte seco), Sonora 2, (corte seco), Off 3, (corte seco), Sonora 3, (corte seco), Off 4, (corte seco), Sonora 4. Separadamente, observe abaixo a análise da REPORTAGEM NOVE diante das categorias empregadas para a execução dessa pesquisa.

Cabeça: A função da cabeça nessa reportagem foi para chamar a novidade sobre a onda de atentados que foi a entrega do inquérito policial sobre os envolvidos nas ocorrências.

Off: Os quatro offs da reportagem foram construídos para lembrar o que as ocorrências representaram para que influenciassem em um número tão grande de envolvidos nos casos. Novamente, como visto em outras reportagens, termos como *aprisionam a sociedade e terror de incêndios e atentados*, foram escritos e narrados pelo repórter que fechou o material.

Sonora: Todas as sonoras foram capturas durante a coletiva de imprensa realizada pelo delegado responsável pela investigação. As falas dele, nesta reportagem, servem como um desfecho da cobertura, dando a entender que o trabalho policial foi bem sucedido e executado.

Imagem: Praticamente em todos os quatro offs foram usadas imagens de arquivo com movimentos óticos, lembrando um pouco de todos os acontecimentos que fizeram da quarta onda a maior em número de ataques, mesclados com algumas cenas da coletiva grava com movimentos mecânicos, buscando um padrão estético mais formal.

Passagem: Não foi utilizado na reportagem o recurso da passagem.

Som: Não foi utilizado sobre som na reportagem, somente áudio ambiente gravado, principalmente, durante a coletiva de imprensa.

Grafismo: Nesta reportagem não foi utilizada arte, mas foi usado o recurso de fundo gráfico do telejornal nas cenas feitas por câmera de celular dentro das celas nas penitenciárias.

Efeitos de edição: O único efeito de edição empregado foi o corte seco.

Nota pé: Não foi utilizado nota pé na reportagem.

Com esse mapeamento pode-se chegar a uma conclusão previa de que na última reportagem analisada o RIC Notícias produziu esse Vt para encerrar de vez a cobertura sobre o assunto no telejornal, dando entender que essa foi a conclusão policial, lembrando os casos mais marcantes, sem voltar ao tema nas demais edições. Sendo assim, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade, sobre o

objetivo foi a denúncia e o **conteúdo** foi policial, foco de todas as reportagens estudadas nesta pesquisa, confirmando a hipótese.

Feitas essas observações sobre as análises internas dos dois telejornais estudados, parte-se agora para uma análise comparativa entre os mesmos, com alguns detalhamentos importantes sobre a cobertura como um todo.

3.3.6 Análise Interna Comparativa dos Telejornais

Como proposto, foram analisadas nove reportagens de cada um dos telejornais objeto desta pesquisa, 18 no total.

Dentro desse cenário cobertura a partir das decupagens, levando em consideração as categorias de análise comparativa, entende-se que sobre o **período** o que mais pesou foi a factualidade em todas as matérias. Os telejornais, ao tratar de atentados, pouco se preocuparam em abordar a fundo o tema de forma mais aprofundada, ou seja, as causas e as consequências desses acontecimentos. A cobertura se deu, em sua maioria, para informar a população sobre as ocorrências mais recentes, apenas citando os casos e as cidades onde aconteceram. Essa característica tem relação com o foco editorial do telejornal, que segue há anos o modelo de informar os acontecimentos que marcaram o dia, sem detalhar as informações.

Outro ponto observado nas reportagens foi o **objetivo**. Neste quesito foi percebido que a principal finalidade da cobertura foi deixar a população bem informada quanto ao serviço, ou seja, mudanças de horário dos ônibus e comércio devido aos atentados. A maior parte dos Vts foi construída para mostrar como estavam sendo feitas as negociações entre empregados, donos das empresas do transporte coletivo e prefeitura sobre a situação do serviço público.

Além do período e do objetivo, outra categoria observada para análise comparativa foi a do **conteúdo**. Apesar de voltadas para o serviço e para a factualidade, o motivador de toda a construção da cobertura foi ação policial para combater os atos criminosos que aconteceram em Santa Catarina por mais de um mês. Na maior parte das reportagens apareceram fontes oficiais da polícia falando sobre as investigações e sobre o trabalho que estavam realizando para “responsabilizar os autores” e “dar uma resposta a sociedade” sobre o que estava acontecendo. Além das sonoras, o conteúdo com linguagem policial foi percebido nos textos (offs) e nas imagens, com movimentos

óticos, que na maior parte das vezes, traziam traços mais cinematográficos aos acontecimentos.

Observando as reportagens percebe-se uma padronização nas cabeças, em ambos telejornais, pois eles seguem o formato habitual dos programas apresentados no horário, com textos curtos anunciados por dois apresentados que dividem a bancada do telejornal.

Sobre os offs, o que se notou é a diferença editorial entre as emissoras. Os textos da equipe da RBS TV preocupam-se em não emitir opinião, deixando essa responsabilidade para a fala dos entrevistados e do próprio público. Na RIC, por outro lado, usou em vários offs palavras fortes e com tom de julgamento diante dos acontecimentos, construindo um efeito de sentido em torno da “guerra” e do “terror”.

Desto deste contexto, na categoria sonora, percebe-se que o RBS Notícias, durante os ataques, demonstrou menor preocupação em dar voz ao povo e sim mais as autoridades oficiais e policiais. No primeiro dia analisado, por exemplo, a reportagem do RIC Notícias escutou o policial que acompanhou a ação e a comunidade. Enquanto isso o RBS Notícias optou em colocar somente sonoras da cúpula de segurança pública sobre os atentados. De certa forma a linguagem empregada pelo telejornal do Grupo RBS deu mais retorno sobre as estratégias planejadas pelo estado para conter a onda de violência, por outro lado o telejornal do Grupo RIC deu voz à população que está apreensiva com os acontecimentos. Talvez essa aproximação da RBS com os órgãos policiais possa ter rendido a ela a entrevista coletiva que encerrou a cobertura sobre a quarta onda de atentados.

Sobre as imagens, notou-se que as cenas feitas durante as ocorrências foram produzidas, quase na maioria das vezes, em planos médios e com movimentos óticos, fechando e abrindo o enquadramento em pontos específicos. As imagens feitas com entrevistados oficiais, no entanto foram feitas com movimentos mecânicos, geralmente fechados ou em *close* em algum detalhe do corpo da pessoa que iria falar na sequência.

Nas reportagens dos dois telejornais a passagem foi usada para contar fatos em que a emissora não teve acesso às imagens, principalmente o RIC Notícias. O RBS Notícias usou muito a passagem para transmitir a informação mais importante sobre o Vt, deixando na boca do repórter a assinatura do desmembramento da cobertura. Comparando as duas emissoras percebe-se que as passagens do RIC Notícias são mais longas e ocupam boa parte da reportagem, cerca de 30 segundos cada.

Sobre o som, assistindo as reportagens e decupando, nota-se que uma preocupação maior do RBS Notícias em explorar esse recurso de edição. Em algumas reportagens o telejornal do Grupo RBS usou sobre som para narrar algum acontecimento que transmitia informação sobre os atentados, diferente do RIC Notícias que só usou áudio ambiente. Em nenhuma reportagem se percebeu a presença de trilha musical.

Outra categoria observada nos dois telejornais foi o grafismo. Ambas as emissoras usaram o fundo gráfico do telejornal em imagens que não foram produzidas pelas mesmas, enviadas pelos telespectadores. Em alguns momentos esse fundo gráfico, no RIC Notícias, foi empregado em momentos desnecessários, segundo arquivo disponibilizado, aparecendo em cenas profissionais. Percebeu-se também que a RBS usou mais arte do que a RIC, geralmente para ilustrar em mapa as cidades em que os casos foram registrados.

Sobre os efeitos de edição notou-se que as reportagens foram construídas basicamente com corte seco, sem grandes recursos computacionais. Alguns efeitos como fusão foram observados principalmente nos Vts do RBS Notícias construídos em formato de “giro de notícias” e em sonoras para cortar partes das falas dos entrevistados, pouco visto nas reportagens da RIC.

O último elemento de edição categorizado foi a nota pé. Em nenhum dos episódios analisados o recurso foi utilizado. Na análise geral sim foi encontrado, mas na interna não. Isso demonstra que nas próprias reportagens o assunto se deu por encerrado, sem a necessidade de informações complementares.

Terminada a análise, no próximo capítulo serão apresentadas as conclusões finais dessa pesquisa, onde se pretendeu identificar e compreender as funções da edição em cada um dos telejornais estudados na cobertura dos atentados em Santa Catarina.

CONCLUSÕES

Estudar a televisão sempre foi um desafio, ainda mais neste período de intensas e velozes transformações tecnológicas, implicadas pela convergência audiovisual que vem impactando mudanças nas linguagens e nos processos produtivos. Desta forma, buscar alternativas para compreender os rumos que esta mídia está tomando, torna a reflexão sobre o assunto quase que obrigatória. Mais do que pensar a televisão sobre o aspecto de seus efeitos de recepção, ainda se faz importante e cada vez mais necessário estudar a televisão e o telejornalismo, a partir de seus processos produtivos, visto a profusão de imagens que a tecnologia permite divulgar, trocar, compartilhar, gerando um processo infinito de reconfiguração. Assim, neste início de século, a preocupação apenas com os índices de audiência não mais se efetiva como mote principal, mas como enfrentar este novo contexto que se materializa, exatamente, nos estudos em torno da produção, ou seja, nos modos de fazer.

Levando todas essas perspectivas em consideração, a pesquisa buscou estudar um dos processos de produção que mais influencia no resultado final apresentado nos telejornais, que é a edição de reportagens, a fim de responder o **problema de pesquisa** que motivou esta dissertação, portanto, saber quais seriam as funções discursivas que a edição assume no processo de construção de reportagens em coberturas telejornalísticas. Para investigar este problema, a pesquisa utilizou como **objeto empírico** as coberturas telejornalísticas de dois telejornais catarinenses sobre os atentados, principalmente, contra ônibus e delegacias de polícia entre os anos de 2012 e 2014: o RBS Notícias, produzido pela RBS TV (Rede Brasil Sul) em Santa Catarina e o RIC Notícias, produzido pela RIC TV Record (Rede Independência de Comunicação) em Santa Catarina.

Para chegar à definição do *corpus* foi mapeado o número de programas exibidos pelos dois telejornais em cinco períodos diferentes, como apontado na introdução (na primeira, na segunda, na terceira, na quarta onda de atentados e no julgamento dos envolvidos nesses atos), chegando ao número de 53 telejornais analisados de forma geral e 18 reportagens analisadas de forma interna, com o **objetivo geral** de compreender a função discursiva que a edição assume no processo de construção de coberturas telejornalísticas durante a Quarta Onda de Atentados em Santa Catarina. No que tange os **objetivos específicos**, discutiu-se os conceitos de edição no jornalismo e no telejornalismo;

rever a Teoria do Jornalismo articulada com os preceitos da Semiótica Discursiva; analisou-se e verificou-se os efeitos de sentido produzidos pela edição de reportagens em coberturas telejornalísticas.

A dissertação partiu da hipótese que a edição no telejornal, mais especificamente numa cobertura, se constituiu muito mais de escolhas e ações operacionais, do que de processos elaborados ou de decisões editoriais e ideológicas pré-estabelecidas pela empresa, pelo programa ou, até mesmo, pelos profissionais que nela atuam. No entanto, a partir da análise, identificou-se que não se pode construir algo, sem que haja um posicionamento por parte de quem constrói, como melhor será explicado nesta conclusão. Outra hipótese compreendia a edição como um processo articulador de diferentes efeitos de sentido ao longo de todo o processo de cobertura, mas cujos traços só poderiam ser reconhecidos se fosse profundamente investigados.

Assim, a metodologia empregada para verificar as hipóteses apresentadas estruturou-se na **Análise Geral, Interna e Comparativa**, pensadas exclusivamente para responder o principal objetivo da pesquisa. As categorias gerais deram conta de mapear, principalmente, a quantidade de tempo destinado ao tema dentro dos telejornais. Na **Análise Geral**, além do **tempo**, também foram elencados os Elementos Estruturantes possíveis de serem observados a partir dos espelhos que são o **bloco** e a **anúnciação**. A partir dessas categorias pôde-se chegar aos Elementos Analisáveis dentro de cada um desses elementos, nomeados respectivamente como **produção, localização e destaque editorial**. Neste contexto, reafirma-se que o tempo está ligado com a produção de conteúdo exibido sobre o assunto (reportagens, links ao vivo, notas cobertas, etc.), que o bloco está relacionado à **localização** desses assuntos dentro dos telejornais (se abria o bloco, ou estava mais no meio do telejornal) e que a anúncio ligada ao destaque editorial que também recebeu atenção por parte dos telejornais ao serem chamados nas manchetes e nas passagens de bloco.

Sobre os telejornais, vale ressaltar que entre os dias 26 de setembro de 2014 e 29 de outubro de 2014, foram exibidos 29 RBS Notícias, destes em 17 o telejornal destacou o assunto, o tempo de produção sobre o tema passou de uma hora, e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 51, conforme demonstrado na análise. No mesmo período foram exibidos 24 RIC Notícias, destes em 12 o telejornal destacou o assunto, o tempo de produção sobre o tema

passou de 55 minutos, e o número de laudas produzidas sobre os atentados foi de 30.

No entanto, comparando os dois telejornais, percebeu-se que o telejornal do Grupo RBS, apesar de ter cerca de 15 minutos menos de produção, abordou o assunto de forma mais aprofundada, investindo em mais conteúdos sobre o tema, fazendo alguns programas quase que exclusivos sobre as ocorrências, considerando os atentados a principal manchete durante alguns episódios. Acredita-se que o telejornal do Grupo RIC, observando a programação geral da emissora, não tenha dado tanta ênfase aos acontecimentos, pois outros programas da emissora com foco policial estavam cobrindo os fatos de forma mais intensa, deixando para o telejornal uma cobertura mais amena, priorizando o registro e não a problemática envolvendo o assunto.

Essas considerações foram obtidas a partir dos Elementos Estruturantes da **Análise Geral Comparativa** que ajudaram a compreender, justamente, a **relevância** e a **continuidade** do tema dentro dos telejornais, compreendidos a partir de Elementos Analisáveis compostos, respectivamente, **impacto editorial** e **permanência**.

A partir de uma somatória da duração das reportagens conseguiu-se compreender que, como pensado, a cobertura sobre os atentados foi mais intensa nos dias iniciais de cada uma das ondas. Na Quarta Onda, por exemplo, o RBS Notícias cobriu o assunto em todos os programas exibidos nas duas primeiras semanas, e o RIC Notícias deixou o tema de fora por apenas dois dias neste mesmo período. Neste contexto, identificou-se que a continuidade do tema no RBS Notícias foi mais forte, pois permaneceu em pauta por mais tempo, e conseqüentemente teve um maior impacto editorial devido a sua relevância.

Todos esses processos fazem parte de uma série de etapas fundamentais para a produção de uma reportagem, como apresentado neste trabalho, e, cada uma delas envolve uma gama de profissionais que durante a produção do conteúdo colocam características próprias e que consideram relevantes. Diante disso, foi preciso nesta dissertação ir além dos processos de produção do conteúdo. Para se chegar a uma conclusão sobre a **função discursiva da edição** foram observados Elementos Estruturantes possíveis de serem identificados na **Análise Interna**, segundo metodologia proposta, durante a edição da reportagem.

As **cabeças** apresentadas não fugiram ao padrão mais comum e tradicional e seguiram os critérios editoriais de cada uma das empresas.

Primeiro, mantiveram o objetivo de informar, de atualizar principalmente os números oficiais repassados pela Polícia Militar, produzindo textos curtos e objetivos, com menos de dez segundos para cada um dos apresentadores chamarem a reportagem, como apareceu na decupagem da cabeça da reportagem cinco do RBS Notícias, disponível na página 51, quando o apresentador Fabian Londero fala que *“O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, chegou em Florianópolis no fim da tarde. Ele veio a Santa Catarina para auxiliar a segurança pública na tentativa de conter a onda de atentados”*, e na sequência a apresentadora Fabiana do Nascimento diz que *“Ao todo já são sessenta e duas ocorrências. A última foi nesta tarde no norte do estado”*. Na cabeça da reportagem sete do RIC Notícias, disponível na página 80, esta característica também é evidenciada quando a apresentadora Rafaela Arns diz que *“mesmo com a redução na onda de ataques, novas ocorrências foram registradas nas últimas vinte e quatro horas”*, e na sequência o apresentador Paulo Alceu diz que *“Em Blumenau, os horários de ônibus continuam restritos”*. Segundo, as emissoras mantiveram as fontes oficiais como prioridade das informações que apareciam nas cabeças, bem como nas sonoras no interior das reportagens em detrimento de outras fontes igualmente envolvidos nos atentados. Além de evidenciar a priorização de fontes neste exemplo que será apresentado agora o Grupo RIC também evidencia a forte concorrência entre as emissoras quando coloca um apresentador dizendo que *“O grupo RIC recebeu há uma semana gravações feitas por facções criminosas, mas decidiu não veicular. Concluiu que o conteúdo faz apologia a essas organizações e incentiva atos de terrorismo”*, em contraponto ao conteúdo que foi exibido pelo Grupo RBS. Terceiro, a análise permitiu comprovar que as cabeças apresentadas pelas duas emissoras durante a cobertura dos atentados não se diferenciavam nem entre as emissoras e nem durante todos os outros dias de cobertura o que enfatiza a crença de um engessamento do padrão produtivo de noticiário televisivo que, neste caso, não aparece contribuir para uma melhor compreensão do contexto narrado. A semelhança entre as cabeças das emissoras é visível na apresentação da cabeça da reportagem três quando o RBS Notícias coloca que *“Além do medo, a onda de ataques em Santa Catarina mais uma vez vai mudar a rotina da volta para casa hoje na Capital. Por segurança, os ônibus do transporte coletivo não devem circular novamente esta noite”* e o RIC Notícias que *“Depois de um início de conflito entre o sindicato dos trabalhadores no transporte coletivo e a prefeitura de Florianópolis, em relação ao horário de*

circulação dos ônibus, houve um acordo hoje à tarde. Os coletivos vão parar mais cedo do que dez horas da noite, como queria a prefeitura”.

A análise do texto das cabeças e da exibição das mesmas nos telejornais também mostrou que houve erros de informação que, depois de corrigidos, não foram mais evidenciados pelas emissoras. Em vários textos a quarta onda foi anunciada como terceira, o que representa duas situações: 1) a falta de apuração por parte das emissoras bem como, 2) uma espécie de falta de contextualização e planejamento da própria polícia militar ou do governo. Nenhum editor se preocupou em questionar a informação, concordando e anunciando como verdade, sendo que meses antes já tinham realizado a cobertura sobre a terceira onda de atentados. Aqui pode aparecer outra forma de engessamento da rotina produtiva que, em razão da velocidade e do tempo, se permite ao fluxo apenas retórico dos processos sustentando a crítica daqueles que acusam o jornalismo televisivo de ser superficial e descompromissado com o objetivo da informação de qualidade para a sociedade.

Outro Elemento Estruturante analisado foi o *off*, que nesta cobertura foi usado com duas funções principais, relembrar os acontecimentos mais recentes e passar informações oficiais sobre serviço à população. Os *offs* do Grupo RBS foram construídos com cautela, evitando colocar a responsabilidade sobre as informações a emissora, colocando sempre alguém como fonte. Na reportagem três, o sexto *off* diz que *“Esta semana a justiça teve acesso a uma carta escrita por detentos do presídio de São Pedro de Alcântara, e faz um alerta em tom de ameaça: o presídio é uma bomba relógio”*, ou seja, colocou a justiça como fonte, isentando a empresa de falar que o presídio é uma bomba relógio. Já os *offs* do Grupo RIC, em muitos momentos, apresentaram opiniões, emitindo julgamento sobre os acontecimentos com palavras fortes como guerra e terror. Outro ponto evidenciado no texto dos *offs* do RIC Notícias foi a utilização da generalidade, sem dizer números específicos sobre as ocorrências, contando apenas que danos foram registrados, sem entrar em detalhes. No início do segundo *off* da primeira reportagem analisada isso fica evidente quando o texto diz que *“Foi o décimo primeiro ataque em quatro dias. De lá para cá ônibus foram incendiados, postos de combustíveis, residenciais de policiais, prédios públicos, todos foram alvo dos marginais numa série de atentados que assusta a população catarinense”*, sem informar em nenhum momento o número de ocorrências em cada um dos exemplos citados, adjetivando inclusive os acontecimentos quando usa a frase *“numa série de atentados que assusta a população catarinense”*.

A **sonora** também foi outro Elemento observado internamente. Neste ponto fica bem evidenciado as escolhas editoriais de cada uma das empresas e a função das entrevistas para ambas as emissoras. Em tempo, a RIC Record emprega um jornalismo mais opinativo e a RBS TV um jornalismo mais objetivo, sem opinião explícita. A partir das reportagens identificou-se que RBS TV tem um cuidado maior em selecionar as sonoras, pois para não se comprometer e assumir informações coloca na fala dos entrevistados o que gostaria de dizer e não pode ou não quer. A RIC utilizou as sonoras mais como complemento aos *offs*. Na primeira reportagem analisada do Grupo RIC, por exemplo, é no *off* que a emissora coloca as informações principais “*Em outra frente à polícia militar prometeu reforço do policiamento, mais barreiras e operações para manter a população em clima de tranquilidade. Haverá também auxílio às empresas do transporte coletivo da Capital*”, colada com a sonora da chegada de comunicação social da PM que diz “*Fazendo o acompanhamento dos ônibus naquelas comunidades identificadas como de maior vulnerabilidade*”, utilizada apenas como encerramento de um contexto praticamente todo anunciado no *off*.

Durante essa cobertura percebeu-se prioritariamente a utilização de sonoras nomeadas como ritual e temática, com uma grande repetição de entrevistados considerados fontes oficiais sobre os atentados. Nenhuma das emissoras usou entrevistas ocasionais (com fala povo) ou em profundidade (com especialistas que pudessem avaliar ou deter de sentido os ataques), produzindo um conteúdo com pouca análise e repercussão. Porém, é preciso ressaltar que isso não é necessariamente uma crítica negativa, visto que reforça uma característica marcante dos telejornais noturnos que é a de informar os acontecimentos que marcaram o dia, sem problematizar o mesmo.

Sobre o elemento **imagem**, a partir da decupagem, conseguiu-se identificar que mais do que ilustrar as ações criminosas, as ocorrências contra ônibus e bases policiais, ela também acrescentou as imagens tão secas dos telejornais tradicionais cores intensas, planos não convencionais e temas de difícil exibição com a predominância de dois tipos de movimentos de câmera durante a captação das cenas. Quando exibidas as cenas das ocorrências, os movimentos foram óticos, com zoom-in e zoom-out para dar um tom mais acelerado às imagens, o objetivo de evidenciar uma linguagem mais cinematográfica ao tratar dos atentados em ambos os telejornais. Na decupagem da primeira reportagem analisada de ambas as emissoras isso fica bem claro. Nestas duas primeiras cenas produzidas pelo Grupo RIC as imagens estão em

movimentos óticos, a primeira fechando em direção ao carro e a segunda abrindo para mostrar a destruição causada durante a ocorrência.



Fonte: RIC TV (2014)

Figura 5: Frames movimentos óticos RIC Notícias

Mesma situação presente nas reportagens do Grupo RBS como mostrando nas cenas abaixo durante a mesma ocorrência.



Fonte: RBS TV (2014)

Figura 6: Frames movimentos óticos RBS Notícias

Quando o texto retratava informações oficiais ou informações sobre os entrevistados, os movimentos foram mecânicos, geralmente produzidos em plano médio para passar um tom mais formal como comprovado nos frames selecionados.



Fonte: RBS TV (2014)

Figura 7: Frames movimentos mecânicos RBS Notícias



Fonte: RIC TV (2014)

Figura 8: Frames movimentos mecânicos RIC Notícias

Outro ponto que deve ser considerado sobre as imagens é a utilização de arquivo das primeiras ocorrências em reportagens mais recentes durante a cobertura, provavelmente pela falta de acompanhamento dos fatos depois das duas primeiras semanas da Quarta Onda de Atentados. Isso foi comprovado, por exemplo, nas imagens utilizadas para cobrir o *off* três da quinta reportagem observada internamente:

Off 3: Pelo menos vinte e seis cidades (imagem frisada de um bombeiro apagando chamas) espalhadas pelo estado sofreram ataques. O que revela a capacidade de articulação estadual do crime (arte mostrando em um mapa verde o número de ocorrências em cada uma das cidades). Até agora foram mais de sessenta ocorrências, vinte e cinco ônibus incendiados (imagem de cinegrafista amador de um ônibus em chamas com fundo gráfico do telejornal) e dezesseis residências (imagem de alguém segurando um projétil) de agentes de segurança (imagem de um tiro em uma parede) alvejadas (imagem de um tiro em uma parede).

As **passagens** dos repórteres também apresentaram funções diferentes durante as coberturas dos telejornais. No RIC Notícias, as aparições dos jornalistas foram mais longas e geralmente passavam mais de uma informação, geralmente atualizando o número de ocorrências e algum outro dado oficial. Observe exemplo da passagem do repórter Rodrigo Cardozo na primeira reportagem analisada que diz:

A situação do transporte público da Capital gerou reflexos também no comércio de Florianópolis. Olha só, algumas delas, já começaram a fechar as portas mais cedo em função do aviso dado pelos trabalhadores de ônibus que o transporte coletivo pararia a partir das seis e meia da tarde. Tudo isso também é reflexo de mais um dia de ataques contra a população, contra coletivos, a prédios públicos e a segurança pública do estado.

O RBS Notícias, por outro lado, preocupou-se em transmitir somente dados oficiais, com passagens mais curtas, deixando os dados numéricos para os *offs*. Em algumas reportagens as passagens foram evitadas, considerando a produção como Notas Cobertas, pois nestes dias o assunto foi tratado como registro, focando apenas nas ocorrências, como bem mostra este trecho da passagem do repórter Edivaldo Dondossola na quinta reportagem analisada:

Durante a coletiva, o governador em exercício confirmou a vinda do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo a Santa Catarina. O ministro se reúne agora à noite, com a cúpula de segurança do estado para discutir alternativas e táticas de enfrentamento a onda de violência.

No telejornal do Grupo RBS o **som** teve uma função diferenciada, pois foram utilizados muitos sobre som enviados por telespectadores e que compuseram a narrativa da reportagem, acrescentando informações relevantes e que fizeram diferença no conteúdo apresentado como evidenciado na decupagem da primeira reportagem analisada da emissora quando foi utilizada uma informação repassada pelo homem que gravou o vídeo dizendo: “*acabaram de efetuar dois disparos, olha o policial aqui embaixo*”.

A RIC por outro lado, não utilizou esse elemento estruturante, mantendo apenas o formato padrão de áudio ambiente, sob a narração do repórter, captados durante a gravação das imagens. Em nenhuma das reportagens viu-se a presença de música ou trilhas que pudessem representar um tom mais intenso à informação.

Nas reportagens do RBS Notícias o **grafismo** teve a mesma função som, utilizado em situações de materiais produzidos pelo público e enviados para a emissora, em que foi priorizado o fundo gráfico do telejornal atrás de fotos e vídeos amadores. Na RIC esse elemento

também foi utilizado da mesma forma, e em ambas as emissoras somente em duas reportagens de cada é que artes específicas (mapas) foram produzidas pelo núcleo de criação das empresas.

Conclui-se a partir da observação dos espelhos é que em nenhuma das reportagens analisadas foi utilizada **nota pé** para transmitir informações complementares, que é a sua função. Desta forma, esse elemento foi categorizado, no entanto não foi avaliado, pois não apareceu em nenhuma das emissões observadas de forma interna.

Para finalizar, o último elemento identificado para se observar a função discursiva da edição de reportagens, foram os efeitos de edição utilizados na construção das mesmas, ou seja, os tipos de corte e o que transmitiram. Nesta cobertura, em especial, a análise mostrou que devido ao formato dos telejornais, todas as reportagens foram construídas a partir de cortes secos, aqueles que juntam cenas e sequências sem que haja uma suavidade na transição de uma para outra, é apenas colocado em ordem considerando o que se acredita ser a melhor opção de narrativa.

Para não dizer que não esteve presente, o efeito de fusão foi usado em algumas reportagens do RBS Notícias quando a estrutura da reportagem foi em formato de lapada¹⁵ separando as ocorrências por cidades. A fusão em sonoras foi pouco utilizada pelas duas emissoras que priorizaram em exibir trechos de sonoras inteiras, sem cortes na construção das falas, o que demonstra que a função dos efeitos esteve mais ligada a uma estruturação funcional do que conceitual dentro das reportagens.

Na **Análise Interna Comparativa** percebe-se que as características de estruturação das reportagens foram quase sempre as mesmas com *off* de abertura, sonora, passagem no meio, sonora, *off* e sonora de encerramento. Desta forma, os resultados dos Elementos Estruturantes Comparativos também foram parecidos em ambos os telejornais. Sobre o **período** o Elemento Analisável mais evidente foi o **factual**, com reportagens que precisavam ser exibidas no mesmo dia em que foram produzidas, pois trataram as informações em formato de registro, narrando as ocorrências mais recentes, desta forma se não fossem ao ar naquela editoria perderiam sentido, tornando-as frias. A factualidade foi um dos critérios mais evidentes durante a cobertura da Quarta Onda, voltada principalmente para divulgação de notícias com

¹⁵ Estrutura desenvolvida para transmitir várias informações sobre o mesmo assunto ou não dentro de uma reportagem, com efeitos visuais e sonoros que dão sentido de transição entre os acontecimentos narrados.

cunho informativo. E, novamente, não analítico, seguindo o padrão já instituído há décadas pelos telejornais noturnos em todas as reportagens observadas.

Dentro deste contexto, quando ao **objetivo** das reportagens pode-se concluir que foram produzidas em formato, prioritariamente, de **serviço** e **denúncia**. Dentre as reportagens analisadas o RIC Notícias apresentou sete reportagens de serviço e uma de denúncia, assim como o RBS Notícias.

Desta forma, o serviço, pode-se afirmar, foi a principal característica dos VTs que foram exibidos, principalmente, durante os primeiros dias das ocorrências, pois relatavam o impasse para se chegar a um acordo sobre a situação do transporte coletivo da Capital, ameaçado por causa das ocorrências, já os ônibus foram o principal alvo dos criminosos. Outro ponto foi informar sobre o horário do comércio em Florianópolis que também atuou de forma diferenciada. No entanto, além do serviço, as reportagens também apresentaram um formato de denúncia, apontando as ações de vandalismo e buscando respostas para combater o que estava acontecendo. Tanto nos *offs*, como nas sonoras e a passagem, do RBS Notícias e do RIC Notícias, ficou evidente a revolta em que se tinha diante dos acontecimentos, podendo até ser planejada como uma estratégia editorial para aproximarem-se do público, que estava efetivamente sofrendo as consequências dos atentados. Sobre o conteúdo, conclui-se que em todas as reportagens a narrativa foi construída em cima de um tom **policial**, evidente nos elementos estruturantes internos, na cabeça, na passagem, mas principalmente, nos *offs* e nas imagens. As cenas em movimentos óticos com *zoom-in* e *zoom-out* flagrando ônibus em chamas construíram uma sensação de insegurança, pois a imagem do fogo está muito associada à destruição, a perdas, que ficaram ainda mais mortes quando são capturadas de uma forma mais acelerada, passando um tom de agressividade.

Em alguns *offs*, principalmente do RIC Notícias, a utilização de termos como “guerra”, “pânico” e “medo” sem sonoras que comprovassem esses adjetivos faz pensar que o repórter é quem delimitou esses sentimentos, por mais que as cenas fossem fortes, o ideal não seria adjetivar as ações, deixando para o público tirar as próprias conclusões. Da forma em que foi construída a narrativa da reportagem, percebe-se que a sua estrutura induz a assimilação de sensações sentidas pela equipe que produziu o material, e que não necessariamente é a mesma para todos, pois cada um tem um jeito

diferente de assimilação. Um exemplo é o primeiro *off* da quarta reportagem, analisada da emissora, um dos repórteres afirma:

É um inimigo invisível que afronta e aterroriza. Um inimigo covarde que ataca e se esconde. E essa tática terrorista de guerrilha reduz a capacidade de resposta das forças policiais.

No entanto, a necessidade de se apresentar o conteúdo sob a perspectiva de quem a constrói, ou seja, os jornalistas envolvidos, é que faz a reflexão sobre a edição se tornar um processo de alta complexidade, pois evidencia a necessidade de que haja por parte dos profissionais uma consciência da importância da isenção, presando por um formato de noticiar informativo, cuidando cada cena e palavra para deixar que o público tire suas conclusões, isso no caso, se o telejornal quiser permanecer com o mesmo formato *hard news*. Porém, se a prática de um jornalismo mais reflexivo e aprofundado começar a ser repensado como modelo para os telejornais noturnos, acredita-se que o posicionamento diante do público é uma tendência forte, pois não existe forma de fazer as pessoas refletirem sem selecionar entrevistados e fontes aptas para falarem sobre determinados temas que são convidados de dentro das redações e não nas ruas.

Apontamentos estes que deixam cada vez mais forte a ideia de que a edição é mais do que um processo operacional, a edição tem por função apresentar conteúdos que determinados profissionais acreditam como verdade, não devido ao poder que a função lhes dá, mas sim pela condição que a empresa oferece para que a reportagem seja construída.

Se a emissora tem mais estrutura, por exemplo, mais chances o telejornal tem de conseguir ouvir todas as fontes envolvidas, pois o repórter está fechando para aquele programa apenas uma reportagem, o que é impossível de se fazer se o mesmo repórter precisa em uma tarde produzir diversos conteúdos, sem tempo para refletir sobre todos os fatores que envolvem determinado assunto, e na pressa, dentro da rotina desenfreada das redações acaba escrevendo e montando o material de acordo com a sua percepção, já que não teve condições de apurar e ficar imerso em apenas um material por dia.

Desta forma, é evidente que os investimentos técnicos da emissora refletem no que é apresentado pelos telejornais. A quantidade de repórteres, de cinegrafistas, de editores de textos, editores de imagens, produtores, etc. devem ser levados em consideração ao se concluir uma análise sobre um produto audiovisual, afinal são esses os

responsáveis pela execução e finalização de reportagens. Se há menos profissionais, provavelmente cada um precisará ficar com uma demanda maior, dedicando um menor tempo para a observação do que está sendo executado.

Neste cenário percebe-se que a qualidade técnica da RBS TV se sobressai em relação a RIC Record, pois tem uma equipe maior de profissionais envolvidos no fechamento do telejornal, um núcleo de criação de arte específico, editores em diferentes etapas, e equipamentos mais modernos que possibilitam uma aproximação maior dos jornalistas envolvidos com o material a ser editado.

Na sede da emissora em Florianópolis, por exemplo, todos os editores de texto tem em seus computadores um sistema que dá acesso ao material bruto capturado pela equipe de reportagem nas ruas, permitindo decupar o material antes de editá-lo, o que facilita para a elaboração do texto, a inserção das sonoras e das passagens, colaborando com o editor que pode tomar outras decisões sobre a edição, sem que seja obrigado a aceitar o que foi imposto pelo repórter que, muitas vezes, apresenta o material decupado com as partes que acredita ser a mais importante e, não raras vezes, apenas as que lhe favorece.

A RIC Record, por sua vez, não possui este recurso de software na redação e para ter acesso ao que foi produzido pelo repórter, o editor precisa ver o material bruto nas ilhas de edição, o que atrasa e dificulta a operação, pois enquanto o editor de imagens vai cobrindo os *offs* com as cenas capturadas, o editor não tem condições de ver e escutar as falas dos entrevistados, pois é o mesmo equipamento que está sendo usado. Desta forma, a edição é feita com menos tempo, ou seja, o processo não consegue ser feito de modo simultâneo, como possível pelos profissionais da RBS TV.

Ao se refletir sobre esse equipamento percebe-se que ele também apresenta uma função importante na construção do discurso das reportagens, pois permite que se tenha uma aproximação maior com o objeto, o que de certa maneira se torna uma potente ferramenta de desenvolvimento de conteúdo por parte da emissora que a possui.

Nesta etapa de conclusão da pesquisa é importante ressaltar ainda o grande diferencial da RBS TV ao ter um setor específico de arquivo, onde estão salvas as reportagens produzidas pela empresa desde o final da década de 1980, proporcionando a atual geração de jornalistas um contato direto com o passado e que pode ser utilizado para relembrar acontecimentos importantes que marcaram a história do estado, como

por exemplo, as ondas de atentados. A RIC Record, por sua vez, por não ter o mesmo sistema, não consegue ter acesso aos materiais que produziu, interferindo diretamente na qualidade dos produtos. Para esta dissertação a ideia inicial era estudar a primeira onda de atentados, mas como o Grupo RIC não tinha mais esse material, se fez necessário buscar uma outra alternativa que foi analisar a quarta onda, cujo reportagens ainda estavam salvas nos computadores da emissora.

Desta forma, pode-se concluir que a função discursiva da edição dentro dos programas foi de demonstrar a importância do tema, produzindo muitos conteúdos sobre o assunto, fazendo com que os atentados fossem considerados uma grande cobertura, pois mostrou os acontecimentos em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, dentro das perspectivas possíveis de serem exibidas em televisão através da função jornalística, além do longo período que permaneceu na mídia, (EMERIM, 2014). Foi a partir deste contexto, que se buscou refletir sobre as etapas editoriais, do que pelas quais perpassa uma reportagem até a sua exibição dentro de um telejornal.

A primeira categoria é a **edição da pauta**, que tem como função operacional de selecionar notícias e acontecimentos considerados importantes para serem divulgados dentro do telejornal, levando em conta vários fatores que vão desde a regionalização até parcerias comerciais, podendo ou não ser agendada. Assim, a função discursiva que a edição da pauta assume está ligada com as escolhas editoriais de um programa diante dos temas a serem abordados. Desta forma, a função discursiva da pauta nesta cobertura reitera o discurso ofertado pela polícia, sem trazer o lado dos presos, sem problematizar as questões centrais dos acontecimentos, como as más condições dos presídios, que supostamente motivaram a onda de atentados.

Depois da elaboração da pauta parte-se para a **edição do pré-espelho**, que tem como função operacional organizar uma estrutura prévia de como será apresentado o telejornal, colocando em ordem a sequência dos conteúdos, para que se tenha uma noção do todo. Na cobertura analisada, esta função operacional assumiu a função discursiva de evidenciar o posicionamento das fontes oficiais, ou seja, da polícia e das autoridades políticas diretamente envolvidas com o fato. É preciso ressaltar, porém, é na **edição do espelho** que é oficializada a estrutura final do telejornal, pois o espelho tem como função operacional servir como um roteiro, no qual é possível, a partir de sua organização, compreender como será a operação do programa, com uma linguagem identificável para todos os envolvidos na produção e

execução do telejornal. Desta forma, a análise mostrou que a função discursiva que a edição do espelho assumiu nesta cobertura, foi a mesma da edição do pré-espelho: reiteração do discurso hegemônico, sem priorizar a pluralidade de vozes. É preciso observar, porém, que nem sempre pré-espelho e espelho irão combinar as suas funções discursivas, neste caso em específico, esta combinação potencializa o que se costuma chamar de discurso hegemônico superficial, sem aprofundamento e sem a devida contextualização com o fato. O que poderia ser resolvido facilmente se os programas analisados tivessem dedicado um espaço maior para a problematização dos acontecimentos a partir da ótica da minoria, qual seja, a dos presos.

Montado o espelho, é hora dos editores de texto, responsáveis por cada pauta, avaliarem se a execução da mesma foi produzida de acordo com o esperado, para assim definir em definitivo o formato em que a notícia será divulgada, podendo ou não ser uma reportagem. Neste contexto, compreendeu-se, a partir da observação do objeto que a **edição da notícia** tem uma função operacional importante que foi a de delimitar a sua estrutura com base no conteúdo capturado nas ruas, como seria apresentada efetivamente. O principal formato escolhido pelas editorais foi o da **reportagem**, seguindo a sua estrutura mais tradicional, utilizada largamente no telejornalismo brasileiro: *off*, passagem, sonora. A análise mostrou que a cobertura foi construída em reportagens que assumiram uma função discursiva mais ideológica e cujo efeito de sentido primordial foi o de criminalizar os executores das ações, desqualificando os autores e vitimizando a população. A partir da análise foi possível perceber que as reportagens não inseriam todas as fontes envolvidas, caso daquelas de tematizavam especificamente o transporte coletiva, quando eram ouvidas autoridades, população e nenhum dos presos supostamente autores dos atentados. Outra função discursiva que as reportagens assumiram nesta cobertura foi a de Direcionamento Opinativo, pois se construiu uma opinião consensual sobre a perspectiva da criminalização dos autores dos atentados, sem contextualizar de fato os motivos reais dos atos.

É preciso lembrar que não faz parte da produção e da ética do jornalismo dar voz à bandidos ou criminosos, porém, neste caso, a onda de atentados estava ligada a torturas e más condições dos presídios catarinenses e não a guerras internas de facções criminosas ou uma onda de crimes descontextualizada. Neste aspecto é que se acredita ser importante ter a voz destes sujeitos nos materiais exibidos na televisão,

pois, somente desta forma, a sociedade teria condições de compreender e construir seu próprio juízo de valor sobre os acontecimentos.

Outra categoria importante para a análise desta dissertação foi a **edição da decupagem**. É a partir dela que se consegue editar a reportagem com uma estrutura mais completa, já que se tem domínio do material. Nesta etapa percebe-se o que pode ou não ser deixado de fora, e mais, se faltou alguma informação relevante. Sendo assim, a sua função operacional da decupagem está diretamente ligada ao trabalho do editor, que consegue a partir desse processo ter acesso a material bruto, construindo a narrativa que considerar mais relevante nas próximas etapas. Por ser o processo de edição fundamental para essa dissertação a categoria de decupagem se mostrou extremamente rica com os resultados da análise, assumindo diferentes funções discursivas. Pode-se sistematizar a partir de diferentes aspectos:

- 1) Função Discursiva Ideológica: Aquela que repetia, reiterava e respaldava o discurso hegemônico da polícia e enfatizava a dicotomia do senso comum de que a polícia é boa e o bandido mau.
- 2) Função Discursiva Emocional: Aquela ligada diretamente a sequência de cenas, trechos selecionados, trilha sonora e ritmo de edição que conduzia o espectador a uma compreensão emocional dos fatos apresentados, empregando recursos da linguagem e da gramática específica da imagem e do áudio.
- 3) Função Discursiva de Valoração do Acontecimento: Aquela diretamente ligada a escolha do tema em pauta, a permanência do tema em pauta, bem como seus desdobramentos e, desta forma, conferindo importância, factualidade para além da sua valoração de certo ou errado, bom ou ruim.

Seguindo a análise nestas considerações finais, mesmo sendo função do repórter escrever o texto, é a partir do trabalho do editor de texto que a reportagem é aprovada. Desta forma, a análise mostrou que a função da **edição do texto** dentro da cobertura foi uma das etapas mais importantes. É a partir do texto que a história é contada, ela precisa descrever os acontecimentos e informar, principal função do jornalismo. Além disso, a regra produtiva prevê que deve “entrar” no texto apesar o que pode ser mostrado, levando em consideração a principal característica da televisão que é a de exibir imagens em movimento sobre os fatos e acontecimentos do mundo. A análise dos atentados mostrou que a edição de texto assumiu a função discursiva de

dramatização do acontecimento que recorria ao tom, ao ritmo da narrativa e até as palavras empregadas pelo repórter nas reportagens, com vocabulário policial, em tom mais sensacionalista, empregando palavras fortes como agressão, violência, crime e morte.

Outra categoria analisada, a **edição de imagens**, assim como o texto, deve explicar a narrativa de forma lógica e coerente, pois isso, sua função operacional está diretamente ligada à necessidade que a mídia impõe de exibir os fatos reais o mais próximo de sua ocorrência. Na análise da cobertura, foi possível identificar que as imagens apresentaram um grande diferencial e ganharam extrema importância na medida em que evidenciaram, quase em tempo real, as ações dos criminosos. Neste aspecto a proximidade entre a exibição do fato e a sua ocorrência enfatizava características que vem aparecendo ao longo desta análise, tais como a reiteração do drama, do posicionamento da polícia como salvadora, da população como oprimida e dos bandidos como causadores de danos sociais sem motivação aparente ou importante. Assim, a produção de sentido sobre esses acontecimentos recaía seguidamente na perspectiva do caos pelo caos, corroborado pelas modalidades narrativas exibidas nos telejornais analisados.

Depois de montada a reportagem o editor de textos e o editor de imagens devem conferir todo o material. A etapa aqui chamada de **edição da edição** é de suma importância, pois é nela que o material é aprovado. Neste momento observa-se se faltou, ou não, alguma informação, se as cenas estão em sincronia com os *offs* e se, realmente, a reportagem pode ser exibida. A função operacional desta etapa **edição da edição** está ligada a finalização do conteúdo, a conferência dos créditos e a avaliada da necessidade de inserção de mais algum dado complementar a reportagem ou para ser emitido em formato de nota pé. Nesta direção a função discursiva que esta etapa assume na cobertura é a de recursividade, a repetição do fato e de suas informações de forma que ele se esgote em si mesmo, ou seja, se costura vários elementos que no final dizem a mesma coisa. Não se traz novidades, pluralidade de vozes e se utiliza a retórica de um discurso entrópico, a polícia fala para a polícia, de suas ações e projeções, dentro da mídia. E a mídia por sua vez fala de si mesmo, ou seja, de como vai manter a população informada cobrindo aquilo que a polícia vai fazer.

A última categoria é a **edição da apresentação**, etapa na qual o editor de texto tem a missão de escrever aquilo que os apresentadores (âncoras), antes das reportagens serem exibidas, cujo termo técnico é definido como cabeça. A função operacional da edição da apresentação

é chamar a atenção sobre a notícia, também à de tornar atrativa e informativa com o objetivo de agradar e interessar a audiência. Neste aspecto a análise mostrou que durante a cobertura as cabeças assumiram uma função discursiva no âmbito comunicativo, voltadas para evidenciar as competências e capacidades das empresas em cobrir esses fatos, muito mais do que efetivamente atualizar, trazer informações novas, ou buscar o interesse do telespectador sobre aquele material em específico que seria exibido.

Para sistematizar os resultados acima descritos inclui-se a tabela abaixo.

Etapas editoriais	Função operacional	Função discursiva
Edição de imagens	Seleção das cenas “reais” (imagens, sonora, passagem, som, grafismo e efeitos de edição)	Dramatizar os acontecimentos
Edição da edição	Finalização do conteúdo (aprovação)	Reiterar o fato que se esgota em si mesmo
Edição da apresentação	Ênfase da produção (cabeça e nota pé)	Afirmar a posição da empresa
Edição da notícia	Delimitação do formato (reportagem ou não)	Reiterar a criminalização e a vitimização
Edição da decupagem	Observação e seleção do material bruto (imagens, sonora e passagem)	Evidenciar o discurso ideológico, hegemônico, emocional, de valorização dos acontecimentos e opinativo
Edição do texto	Descrição do acontecimento (off, sonora e passagem)	Dramatizar os acontecimentos
Edição de imagens	Seleção das cenas “reais” (imagens, sonora, passagem, som, grafismo e efeitos de edição)	Dramatizar os acontecimentos
Edição da edição	Finalização do conteúdo (aprovação)	Reiterar o fato que se esgota em si mesmo
Edição da apresentação	Ênfase da produção (cabeça e nota pé)	Afirmar a posição da empresa

Fonte: autor

Tabela 23: Sistematização dos resultados

Todas essas observações devidamente comprovadas pela análise empreendida permitem dizer que nesta cobertura a edição fundamentalmente assumiu uma função discursiva de construção do mito do herói, retoricamente colocando a população no discurso da polícia e os bandidos no apagamento discursivo, assumindo apenas o lugar do causador dos males da sociedade.

Diante de todos esses apontamentos pode-se concluir que as análises comprovaram que a edição assume diferentes funções discursivas em uma cobertura em telejornalismo. As mais importantes evidenciadas neste trabalho dão conta de uma construção narrativa em torno da mobilização do espectador para um engajamento emocional dele em relação ao tema tratado, mais do que uma perspectiva informativa da notícia em cena.

Por fim, ressalta-se que essa dissertação não esgota as possibilidades de análise e aprofundamento da edição no jornalismo, pelo contrário, abrem vários aspectos a serem discutidos e refletidos no campus do telejornalismo.

REFERÊNCIAS

BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da Informação Jornalística: Do conceito à prática.** Florianópolis: Insular, 2009.

BIBLIOTECA DIGITAL UGF. Disponível em: <http://posugf.com.br/biblioteca/?word=Engenharia+reversa>; acessado em 18 de maio de 2014.

BONNER, Willian. **Jornal Nacional.** Modo de Fazer. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárlica. **Rede nacional de telejornais universitários: uma proposta na internet.** Intercom. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza. 2012

BRASIL, Antonio C. **O ensino de telejornalismo na era digital: a cobertura dos telejornais universitários na internet.** SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.

BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárlica. **Coberturas em Telejornalismo.** Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011.

BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárlica. **Rede nacional de telejornais universitários: uma proposta na internet.** Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **El discurso de la información.** Barcelona: Gedisa, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org). **O Discurso da mídia.** Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Discurso da transição**: mudança, ruptura e permanência. Itajaí: Ed. Univali, 2000.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e narrativa dramática**: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. IN: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; MOTA, Célia Ladeira, 2011.

COUTINHO, Iluska; MEIRELLES, Allana. **A edição do telejornalismo público**: uma análise do Repórter Brasil. Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teóricos-metodológicos. Salvador (BA), 2011.

CRUZ NETO, João Elias da Cruz Neto. **Reportagem de Televisão**: Como produzir, executar e editar. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo de. **Dicionário Etimológico da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para o cinema e vídeo**: histórias, teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão**: desafios teórico-metodológicos. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

DUBOIS *et all*, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.

ECO, Humberto. **Trattato di semiótica generale**. Milano: Gruppo Editoriali Fabbri, 1985.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola: 2006.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Harcourt Brace Javanovich, Inc, 1949. Edição da língua portuguesa: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

EMERIM, Cárlica (org.). **Pesquisas em Telejornalismo**: Resultados e experiências. Novo Hamburgo, Feevale, 2011.

EMERIM, Cárlica, CAVENAGHI, Beatriz. **Cobertura ao vivo em telejornalismo**: propostas conceituais. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Paraná. 2012.

EMERIM, Cárlica, CAVENAGHI, Beatriz. **Considerações sobre telejornais locais**: o caso greve do transporte coletivo em Florianópolis. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Paraná. 2012.

EMERIM, Cárlica. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**: Discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores, 2003.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**: Como se forma el presente. Barcelona, Paidas, 1991.

GREIMAS, COURTÉS, Joseph; Algirdas Julien. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, s/d.

GREIMAS, A. J.; LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1979.

HARDING, James. **O futuro do jornalismo, na visão da BBC**. 2015. Disponível em:
http://observatoriodaimprensa.com.br/grandepequenaimprensa/_ed838_o_futuro_do_jornalismo_na_visao_da_bbc/

HERREROS, Mariano Cebrián. **Información Televisiva**: mediaciones, contenidos, expresión y programación. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

HJELMSLEV, Louis. **La notion de rection**: Essais Linguistiques. Paris: Ed. Minuit, 1971.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos demográficos**. São Paulo. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

IBRI, I. A. **Kosmos Noetos**: Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo:Perspectiva, 1992.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**: Princípios e métodos. Coimbra: Minerva, 1998.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papiurus, 1996.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Rede fuso altera a rotina dos telejornalistas em busca da factualidade** - um estudo do Jornal Hoje. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.

KOSSOY, Boris. **Os mistérios da fotografia**. Entrevista concedida a Mariana Lacerda. *Revista Continuum Itau Cultural – O olhar em fragmentos*. P. 16-23, ago. 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.

KURTH, Estela. **Representação das emissoras regionais na grade de programação das redes de televisão**. IN: Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. III N° 1 – 1º semestre de 2006. Disponível em <HTTP://posjor.ufsc.br/public/docs/75.pdf>. Acesso em 15/03/2012

LAGE, Nilson. **A reportagem**: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular/EdUFSC, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MAIA, Wander Veroni. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record**: Uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede. Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, do Departamento de Ciência da Comunicação - DCC, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Fundamentos e pertinência da abordagem do jornalismo como forma de conhecimento**. In: IV Congresso Iberoamericano dos Pesquisadores em Comunicação. Santos. 1997.

MEDISTSCH, Eduardo. **O Conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

MOURA, Nelson Rolim de. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: Insular, 2005.

NEGRINI, Michele. **A cobertura da morte no telejornalismo**. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAULINO, Jorge. **A Engenharia Reversa**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-engenharia-reversa-1308116.html>, acessado em 20 de setembro de 2014.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 2009.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEIRCE, C. S. **Écrits sur le signe**. Paris: Seuil, 1978.

PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 4. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.

PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu, CABRAL Águeda Miranda. **Telejornalismo: da edição linear a digital, algumas perspectivas**. ANAIS do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM. Curitiba (PR), 2009.

PICCININ, Fabiana. **“Tudo ao mesmo tempo e agora”**: análise da cobertura de cotidiano no TV Folha. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Telejornalismo: A nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico**. São Paulo: Editora Limiar, 1996.

PUHL, Paula Regina, DONATO, Aline Streck. **A cobertura televisiva nos programas que unem entretenimento e informação: estudo do quadro Proteste Já do CQC**. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. São Paulo: **Summus**, 2000.

ROMANCINI, Richaed; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SANTAELLA, L. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTAELLA, L. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1974.

SCHAFF, Adam. **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

SILVA, Gislene da. **Teorias do jornalismo: discussão teórico-metodológica e epistemológica do jornalismo como prática social e exercício público de entendimento do mundo**. I encontro nacional de pesquisadores em telejornalismo. Brasília. 2003.

SOUSA, Jorge Pedroso. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista de. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet**. Florianópolis, 2013.

SOUZA, Florentina das Neves e PIVET, Patricia. **A evolução tecnológica na edição do telejornalismo**. Revista Famecos. Mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 431-445, maio/agosto 2011.

SPONHOLZ, Liliam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade – Além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **O olhar do poder: A montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Porque as notícias são como são. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VEIGA, Zaclis. **Telejornalismo e violência social: A construção de uma imagem**. Paraná: Pós-Escrito, 2002.

VERON, Eliseo. “L’analogique et le contigu”, **Communications**. n 15. Paris: Seuil, 1970.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014.

ZUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. Manual de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.